



UM  
REINADO  
DE  
AÇO

LIVRO Nº 11 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

MORGAN RICE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# UM REINADO DE AÇO

(LIVRO Nº11 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice





## Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 de DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência), [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro Nº 1 da série O Anel Do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Livro Nº 1 da série Reis e Feiticeiros) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sintá-se à vontade em visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!

## Críticas aos livros de Morgan Rice

“Uma fantasia espirituosa que inclui elementos de mistérios e intriga em sua trama. *Em Busca de Heróis* mostra onde nasce a coragem e como a busca por um propósito leva ao crescimento, amadurecimento e excelência... Para aqueles que buscam aventuras, os protagonistas, acontecimentos e ação oferecem uma série de acontecimentos relacionados à evolução de Thor de uma criança sonhadora a um jovem adulto e sua busca pela sobrevivência apesar de todas as dificuldades... Este é apenas o começo de uma série de literatura juvenil épica.”

*Midwest Book Review* (D. Donovan, Crítica de E-livros)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“A fantasia épica de Rice [O ANEL DO FEITICEIRO] inclui as características clássicas do gênero - um lugar marcante, altamente inspirado pela antiga Escócia e sua história, e uma boa medida de intriga da corte.”

—*Kirkus Reviews*

“Adorei como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. A paisagem e as criaturas que vivem no lugar são bem descritas... Eu gostei de trama, curta e doce... A quantidade ideal de personagens secundários me ajudou a não ficar confusa. Há bastante aventura e momentos angustiantes, mas a ação contida no livro não é excessivamente violenta. O livro é ideal para leitores adolescentes... Há indícios de algo realmente marcante no primeiro livro da série...”

--*San Francisco Book Review*

“Neste livro recheado de ação, o primeiro da série de fantasia O Anel do Feiticeiro (que atualmente conta com 14 livros), Rice introduz os leitores ao garoto de 14 anos Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é juntar-se ao Exército Prata, os cavaleiros de elite do rei... A narrativa de Rice é sólida e intrigante.”

--*Publishers Weekly*

“[EM BUSCA DE HERÓIS] é de leitura rápida e fácil. Os finais dos capítulos fazem com que você queira ler mais e é impossível deixar o livro de lado. Há alguns erros ortográficos no livro e alguns nomes estão trocados, mas isso não interfere no andamento da história. O final do livro fez com que eu adquirisse o livro seguinte imediatamente. Todos os livros disponíveis da série O Anel do Feiticeiro podem atualmente ser adquiridos na loja da Kindle e Em Busca de Heróis está disponível gratuitamente para que você comece a ler! Se estiver à procura de algo rápido e divertido para ler nas férias, este é o livro ideal.”

--*FantasyOnline.net*







Livros de Morgan Rice

**REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

**O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UM TORNEIO DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

**MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)





THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals











**Ouçã** a série O ANEL DO FEITICEIRO em áudio livro!





Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Imagem da capa copyright Slava Gerj, usada com autorização da Shutterstock.com





## ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)  
[CAPÍTULO DOIS](#)  
[CAPÍTULO TRÊS](#)  
[CAPÍTULO QUATRO](#)  
[CAPÍTULO CINCO](#)  
[CAPÍTULO SEIS](#)  
[CAPÍTULO SETE](#)  
[CAPÍTULO OITO](#)  
[CAPÍTULO NOVE](#)  
[CAPÍTULO DEZ](#)  
[CAPÍTULO ONZE](#)  
[CAPÍTULO DOZE](#)  
[CAPÍTULO TREZE](#)  
[CAPÍTULO CATORZE](#)  
[CAPÍTULO QUINZE](#)  
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)  
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)  
[CAPÍTULO DEZOITO](#)  
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)  
[CAPÍTULO VINTE](#)  
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)  
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)  
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)  
[CAPÍTULO TRINTA](#)  
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)  
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)  
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)







“Quanto à terra, dela procede o pão, mas por baixo é revolvida como por fogo. As suas pedras são o lugar de safiras, e têm pó de ouro.”

“O cavalo ri do medo, nada o assusta; não recua diante da espada. Impaciente, ele não fica parado quando soam as trombetas. Ao sinal do clarim, diz: ‘Vamos!’”

*--O Livro de Jó*



## CAPÍTULO UM

Reece se levanta ainda segurando o punhal empalado no peito de Tirus, paralisado em um momento de choque. Todo o seu mundo parece se mover em câmera lenta, e sua visão está turva. Ele tinha acabado de matar seu pior inimigo, o homem responsável pela morte de Selese. Em função disso, Reece sente uma tremenda sensação de satisfação, de vingança e dever cumprido. Finalmente, um grande erro tinha sido consertado.

Mas, ao mesmo tempo, Reece se sente entorpecido pela estranha sensação de preparação para saudar a morte, preparando-se para o fim que certamente se seguiria. A sala está cheia dos homens de Tirus, todos parados, também paralisados pelo choque, tendo testemunhando o evento que acabara de acontecer. Reece se prepara para enfrentar a morte e, no entanto, ele não sente qualquer pesar. Ele se sente grato por ter tido a oportunidade de matar aquele homem, que tinha ousado acreditar que Reece realmente pretendia pedir desculpas a ele.

Reece sabe que sua morte seria inevitável; ele está em grande desvantagem naquela sala, e as únicas pessoas naquele grande salão que estão a seu lado são Matus e Srog. Srog, ferido, está amarrado com cordas, em cativo, e Matus está em pé ao lado dele, sob o olhar atento dos soldados de seu pai. Eles seriam de pouca ajuda contra aquele exército dos habitantes das Ilhas Superiores, todos soldados leais a Tirus.

Mas antes que Reece morra, ele quer completar sua vingança, e tirar o maior número de vidas dos habitantes das Ilhas Superior que ele conseguir.

O corpo de Tirus cai aos pés de Reece, morto, e Reece não hesita: ele extrai a adaga do peito dele e imediatamente gira e corta a garganta do general de Tirus, em pé ao lado dele; com o mesmo movimento, Reece gira o corpo mais uma vez e esfaqueia outro general no coração.

Quando as pessoas no salão começam a reagir, Reece se move rapidamente. Ele pega duas espadas das bainhas dos dois homens que havia matado, e parte para cima do grupo de soldados que começa a se aproximar dele, matando quatro deles antes que ele tivessem a chance de reagir.

Centenas de guerreiros finalmente entram em ação, se aproximando de Reece por todos os lados. Reece invoca todo o seu treinamento na Legião, todas as vezes que ele tinha sido forçado a lutar contra grupos inteiros de homens, e à medida que eles o rodeiam, ele ergue a espada com as duas mãos. Ele não está preso pelo peso de uma armadura - como aqueles outros

homens, ou por um cinto cheio de armas, ou um escudo; ele está mais leve e mais rápido do que todos eles e, furioso e encurralado, ele luta por sua vida.

Reece luta bravamente, mais rápido do que todos eles, lembrando todas as vezes que ele tinha lutado contra Thor, o maior guerreiro que ele já tinha enfrentado, lembrando o quanto suas habilidades tinha sido afiadas. Ele leva ao chão um homem após o outro, desferindo golpes de sua espada contra inúmeros outros, à medida que faíscas voam enquanto ele luta com os adversários que o atacam em todas as direções. Ele dá voltas e mais voltas até que seus braços ficam pesados, cortando uma dúzia de homens antes que eles pudessem piscar.

Mas mais e mais homens entram no salão, há simplesmente muitos deles. Para cada seis que caem, mais uma dúzia aparece, e a multidão se torna mais espessa quando eles se reúnem e pressionam sobre ele de todos os lados. Reece está respirando com dificuldade quando sente uma espada cortar seu braço e ele grita, com sangue saindo de seu bíceps. Ele se vira esfaqueia o homem nas costelas, mas o estrago já tinha sido feito. Ele agora está ferido, e ainda mais homens aparecem de todos os lados. Ele sabe que sua hora havia chegado.

Pelo menos, ele percebe - grato, ele seria capaz cair em um ato de coragem.

"REECE!"

Um grito de repente atravessa o ar, uma voz que Reece reconhece imediatamente.

A voz de uma mulher.

O corpo de Reece fica dormente quando ele percebe que quem é aquela voz. É a voz da única mulher no mundo que ainda era capaz de chamar a sua atenção, mesmo no meio daquela grande batalha, mesmo no meio de seus momentos finais:

Stara.

Reece olha para cima e a vê em pé no alto das arquibancadas de madeira que cobrem os lados da sala. Ela está muito acima da multidão, sua expressão feroz, com veias salientes em sua garganta quando ela grita para ele. Ele vê que ela empunha um arco e flecha, e percebe quando ela aponta para o alto, para um objeto no centro da sala.

Reece segue seu olhar e percebe qual é o plano dela: uma corda grossa, com vinte metros de comprimento, ancorando um imenso lustre de metal com 10 metros de diâmetro, recaindo sobre um gancho de ferro no chão de

pedra. O equipamento é tão grosso quanto o tronco de uma árvore, e carrega várias centenas de velas flamejantes.

Reece percebe: Stara planeja arrebentar a corda com uma flecha. Se ela acertar, derrubaria o lustre no chão e esmagaria metade dos homens daquele lugar. E quando Reece olha para cima, ele se dá conta de que está bem debaixo dele.

Ela o está advertindo para que ele se mova.

O coração de Reece bate acelerado pelo pânico ao mesmo tempo em que ele se vira, baixando sua espada, e corre descontroladamente na direção do grupo de atacantes, correndo para sair dali antes que o lustre despenque. Ele chuta e dá uma cotovelada atrás da outra, usando a cabeça para tirar alguns soldados para fora do seu caminho à medida que ele corre pelo meio do grupo. Reece se lembra de como Stara costumava ser uma boa atiradora enquanto criança - sempre superando os meninos, e ele sabe ela acertaria seu alvo. Mesmo enquanto ele corre com as costas expostas para os homens que o perseguem, ele confia nela, sabendo que ela não o desapontaria agora.

Um momento depois, Reece ouve o som de uma flecha atravessando o ar, o barulho quando ela acerta a corda e, finalmente, o estrondo quando a peça de ferro maciço cai no chão depois de despencar do teto a toda velocidade. Há um tremendo choque que faz toda a sala tremer, e a vibração também derruba Reece. Reece sente um vento em suas costas, e o lustre por poucos centímetros não o acerta quando ela cai no chão de pedra, apoiando-se em suas mãos e joelhos.

Reece ouve os gritos dos homens atrás dele, e ao olhar por cima do ombro ele vê o estrago que Stara tinha feito: dezenas deles jazem esmagados sob o lustre, há sangue por toda parte e os gritos dos homens presos preenche o ar. Ela havia salvado sua vida.

Reece fica em pé, olhando para Stara, e vê que ela está em perigo agora. Vários homens se aproximam dela e, enquanto ela mira com seu arco e flecha, ele sabe é praticamente impossível que ela possa dar conta de todos eles.

Ela se vira e olha ansiosamente para a porta, claramente pensando que eles poderiam escapar dessa maneira. Mas quando Reece acompanha seu olhar, seu coração cai ao ver dezenas dos homens de Tirus avançar e bloqueá-la, barrando as duas enormes portas duplas com uma viga de madeira grossa.

Eles estão presos - todas as saídas bloqueadas, e Reece sabe que é apenas uma questão de tempo até que eles morram.

Reece observa Stara procurar pelo salão, frenética, até que seus olhos repousam sobre a fila superior das arquibancadas de madeira ao longo da parede traseira.

Ela faz um gesto para Reece enquanto corre naquela direção, e ele não faz ideia do que ela tem em mente. Ele não vê qualquer saída ali, mas Stara conhece aquele castelo melhor do que ele, e talvez tenha uma rota de fuga em mente que ele ainda não consegue ver.

Reece se vira e corre, lutando pelo caminho enquanto os homens começam a se reagrupar e voltam a atacá-lo. À medida que passa no meio da multidão, ele tenta não se engajar em uma luta direta, focado apenas em abrir caminho através deles para poder chegar ao outro lado da sala.

Enquanto corre, Reece olha para Srog e Matus - determinado a ajudá-los também, e tem a feliz surpresa de ver que Matus tinha agarrado as espadas de seus captores e esfaqueado os dois; e observa quando ele rapidamente corta as cordas que mantém Srog preso, libertando-o. Srog não perde tempo; pega uma espada e mata vários soldados que se aproximam dele.

"Matus!" Reece grita.

Matus se vira, olha para ele e, vendo Stara ao longo da parede oposta, percebem para onde Reece está correndo. Matus agarra Srog e, juntos, eles se viram e se dirigem até Reece, todos finalmente correndo na mesma direção.

À medida que Reece abre caminho através da sala, ela começa a se abrir; não há tantos soldados ali naquele canto mais distante da sala, longe da saída barrada onde todos os soldados pareciam se concentrar. Reece espera apenas que Stara saiba o que está fazendo.

Stara corre ao longo das arquibancadas de madeira, saltando cada vez mais alto sobre as fileiras, chutando homens no rosto quando eles tentam agarrá-la. Enquanto Reece a observa, tentando alcançá-la, ele ainda não sabe exatamente onde ela está indo, ou qual poderia ser seu plano.

Reece chega até o canto e pula para a arquibancada, saltando para a primeira fileira e então para a próxima, subindo cada vez mais até ficar uns bons cinco metros acima da multidão, na fileira mais alta da arquibancada de madeira, encostada contra a parede. Ele se junta a Stara, e eles caminham rente à parede seguidos de Matus e Srog. Eles têm uma boa vantagem sobre os outros soldados, com exceção de um, que se aproxima de Stara por trás.

Reece salta para a frente e o apunhala no coração instantes antes que ele enfiasse um punhal nas costas de Stara.

Stara ergue o arco e atira nos dois soldados que se aproximam por trás das costas de Reece segurando espadas, matando os dois com destreza.

Os quatro se levantam, de costas para a parede no canto mais distante da sala, na parte mais alta da arquibancada, e Reece olha para fora e vê centenas de homens avançando pela sala, cercando-os rapidamente. Eles agora estão encurralados, sem ter para onde ir.

Reece não entende por que Stara os tinha levado até ali, e sem conseguir ver qualquer meio de fuga, ele tem certeza que em breve todos estariam mortos.

"Qual é o seu plano?" Ele grita para ela quando eles ficam lado a lado, lutando contra os homens. "Não há qualquer saída aqui!"

"Olhe para cima," ela responde.

Reece estica o pescoço e vê, acima deles, outro lustre de ferro com uma longa corda conduzindo todo o caminho de volta até o chão.

Reece franze testa, confuso.

"Eu não entendo," ele diz.

"A corda," ela explica. "Agarrem-na, todos vocês, e segurem firme. "

Eles fazem como ela pede, agarrando a corda com ambas as mãos e segurando com toda suas forças. De repente, Reece percebe o que Stara está prestes a fazer.

"Tem certeza que isso é uma boa idéia?" ele grita.

Mas já é tarde demais.

Quando uma dúzia de soldados se aproxima deles, Stara pega a espada de Reece, pula nos braços dele, e corta a corda que segura o lustre.

Reece de repente sente um frio no estômago quando todos eles, agarrando a corda e uns aos outros, disparam para o alto atravessando o ar a uma velocidade vertiginosa, rezando por suas vidas à medida que o lustre de ferro despenca até o chão. O lustre esmaga os homens abaixo deles e os impulsiona para o alto, pendurados na corda.

A corda finalmente para, e os quatro ficam pendurados ali, balançando no ar, uns vinte metros pés acima do salão.

Reece olha para baixo, suando, quase sem conseguir se segurar por muito mais tempo.

"Ali!" Stara grita.



Reece se vira, vê o enorme vitral diante deles, e percebe qual era o seu plano. A corda grossa corta as mãos de Reece, e ele começa a escorregar com o suor. Ele não sabe mais por quanto tempo ele poderia se segurar.

"Eu estou perdendo a força!" Srog grita, tentando o seu melhor para se segurar apesar de seus ferimentos.

"Nós precisamos balançar!" Stara grita. "Precisamos de impulso! Chutem a parede!"

Reece segue o exemplo dela, inclinando-se para a frente e colocando sua bota contra a parede para que, juntos, eles possam usar a parede para ganhar impulso, e a corda balança cada vez mais descontroladamente. Eles empurram várias vezes até que, com um pontapé final, eles balançam todo o caminho de volta, como um pêndulo. Em seguida, gritando, eles se preparam para o impacto contra a enorme janela com vitrais coloridos.

O vidro se estilhaça, caindo em torno deles, e os quatro se soltam, caindo na plataforma de pedra na base da janela.

Empoleirados vinte e cinco metros acima da sala, com o ar frio soprando atrás dele, Reece olha para baixo e de um lado, ele vê o interior do salão onde centenas de soldados olham para eles perguntando-se como fazer para alcançá-los e, do outro, o lado de fora do forte. Está chovendo lá fora, um vento forte castiga o forte, e a queda de quase quinze metros é suficiente para quebrar uma perna. Mas Reece, pelo menos, vê vários arbustos altos abaixo, e também nota que o chão está molhado e coberto por uma lama macia. Seria uma longa e dura queda, mas talvez tudo aquilo amortecesse um pouco o impacto.

De repente, Reece grita ao sentir um metal perfurando sua carne. Ele olha para baixo e, agarrando seu braço, percebe que uma flecha o tinha atingido, arrancando um pouco de sangue. É um ferimento pequeno, mas dolorido.

Reece olha para baixo e vê que dezenas dos homens de Tirus estão apontando arcos e disparando, e flechas agora passam voando por eles vindas de todas as direções.

Reece sabe que não há mais tempo a perder. Ele vê Stara em de um lado dele, Matus e Srog por outro, todos com os olhos arregalados de medo pela queda diante deles. Ele agarra a mão de Stara, sabendo que seria agora ou nunca.

Sem dizer uma palavra, todos sabendo o que precisa ser feito, eles pulam juntos, gritando enquanto atravessam o ar sob a chuva e vento ofuscantes,

debatendo-se enquanto caem. Reece não consegue deixar de se perguntar se eles teriam escapado de uma morte certa apenas para enfrentar outra.

## CAPÍTULO DOIS

Godfrey levanta seu arco com mãos trêmulas, inclina-se sobre a borda do parapeito, e mira. Ele tinha a intenção de escolher um alvo e disparar imediatamente, mas quando vê a paisagem abaixo, ele se ajoelha ali, completamente chocado. Abaixo dele milhares de soldados McCloud avançam, um exército bem treinado inundando a paisagem, todos indo direto para os portões da Corte do Rei. Dezenas deles correm para a frente com um aríete, batendo-o na grade de ferro várias vezes, sacudindo as paredes e o chão sob os pés de Godfrey.

Godfrey perde o equilíbrio e dispara, e a flecha navega inofensivamente através do ar. Ele pega outra flecha e se prepara para atirar com o coração batendo forte, sabendo com certeza que ele morreria ali hoje. Ele se inclina sobre a borda, mas antes que possa disparar, uma pedra arremessada por um estilingue voa e bate em seu capacete de ferro.

Há um ruído alto, e Godfrey cai para trás, disparando sua flecha para cima no ar. Ele tira o capacete e coça a cabeça dolorida. Ele nunca havia imaginado que uma pedrinha pudesse machucar tanto; o ferro parece reverberar dentro de seu próprio crânio.

Godfrey se pergunta aonde ele tinha se metido. É verdade que ele tinha sido um herói, e havia ajudado ao alertar toda a cidade sobre a chegada dos McCloud, ganhando-lhes um precioso tempo. Talvez ele tivesse até mesmo salvado algumas vidas com seu gesto, e certamente havia salvado sua irmã.

No entanto, ali estava ele agora, junto com algumas dezenas de soldados que tinham sido deixados ali, nenhum deles um Prata, nenhum deles cavaleiros, defendendo aquela cidade evacuada contra todo um exército McCloud. Aquela vida de soldado certamente não era para ele.

Há um tremendo estrondo, e Godfrey tropeça novamente quando a ponte levadiça é esmagada.

Pelos portões abertos da cidade milhares de homens avançam animados, claramente em busca de sangue. Sentado no parapeito, Godfrey sabe que é apenas uma questão de tempo até eles cheguem ali, até o momento em que ele teria que lutar até a morte. É isso o que significava ser um soldado? É isso que significava ser corajoso e destemido? Morrer, para que outros pudessem viver? Agora que ele está prestes a encarar a face da morte, ele não está tão certo de que aquele tinha sido uma boa ideia. Ser um soldado, ser um herói, é realmente ótimo; mas fica vivo é ainda melhor.

Na mesma hora em que Godfrey pensa em desistir, em correr para tentar se esconder em algum lugar, de repente, vários McCloud invadem os parapeitos, correndo em fila única. Godfrey observa enquanto um de seus companheiros soldados é esfaqueado e cai de joelhos, gemendo de dor.

E então, mais uma vez, algo acontece. Apesar de todo o seu pensamento racional, de toda seu senso comum contrário a ser um soldado, algo que ele não pode controlar estala dentro de Godfrey. Algo dentro dele não pode suportar a ideia de deixar que outras pessoas sofram. Por si mesmo, ele não consegue reunir a coragem; mas quando vê seu companheiro em apuros, algo toma conta dele - uma certa imprudência, algo que poderia até ser chamado de bravura.

Godfrey reage sem pensar. Ele se vê agarrando uma longa lança e correndo para a linha de McCloud que se apressa pelas escadas, correndo em fila única ao longo dos parapeitos. Ele solta um grande grito e, segurando firme a lança, bate no primeiro homem. A enorme lâmina de metal entra no peito do homem, e Godfrey corre, usando seu peso, até a sua barriga de cerveja, para empurrá-los de volta para trás.

Para sua própria surpresa, Godfrey consegue dirigir a fileira de homens de volta para baixo da escada de pedra em espiral, de volta para longe dos parapeitos, sozinho, adiando a invasão da cidade pelos soldados McCloud.

Quando ele termina, Godfrey deixa a lança cair no chão, espantado com ele mesmo, sem saber direito o que tinha acontecido. Seus companheiros soldados também parecem espantados, como se não acreditassem que ele fosse capaz daquilo.

Enquanto Godfrey se pergunta o que fazer a seguir, a decisão é tomada por ele quando ele detecta um movimento pelo canto dos olhos. Ele se vira e vê mais uma dúzia de McCloud prestes a atacar, subindo pelo outro lado dos parapeitos.

Antes que Godfrey possa armar uma defesa, o primeiro soldado chega até ele, empunhando um enorme martelo de batalha, mirando em sua cabeça. Godfrey percebe que o golpe esmagaria seu crânio.

Godfrey desvia para longe do perigo, saindo do caminho - uma das poucas coisas que ele sabia fazer bem, e o martelo passa por cima de sua cabeça. Godfrey então abaixa o ombro e parte para cima do soldado, empurrando-o para trás.

Godfrey o empurra cada vez mais para trás, até que eles passam a lutar ao longo da borda do parapeito, agarrando a garganta um do outro. O

homem é forte, mas Godfrey também tem força, um dos poucos dons com que ele tinha sido agraciado em sua vida.

Os dois homens se enfrentam, empurrando-se mutuamente até que de repente, ambos caem sobre a borda.

Os homens despencam no ar, segurando-se um no outro enquanto caem uns bons dez metros até o chão duro. Godfrey gira no ar, na esperança de pousar no topo daquele soldado, em vez do contrário. Ele sabe que o peso do homem, e de toda a sua armadura, certamente o esmagariam.

Godfrey vira no último segundo, caindo em cima do homem, e o soldado geme sob o peso de Godfrey - que o esmaga, nocauteando-o.

Mas a queda tem seus efeitos sobre Godfrey, que fica sem fôlego; ele havia batido com a cabeça, e ao rolar para fora do homem, sentindo cada osso de seu corpo dolorido, Godfrey fica parado por um segundo antes que seu mundo comece a girar e ele, deitado ao lado de seu inimigo, desmaia ao seu lado. A última coisa que ele vê ao olhar para cima, é um exército de soldados McCloud invadindo a Corte do rei e tomando-a sob seu domínio.

\*

Elden está nos campos de treinamento da Legião com as mãos nos quadris acompanhado de Conven e O'Connor, supervisionando os novos recrutas que Thorgrin havia deixado sob seus cuidados. Elden observa tudo com um olhar de especialista enquanto os garotos galopam de um lado ao outro do campo, tentando saltar sobre valas e lançar lanças nos alvos suspensos. Alguns meninos não conseguem saltar, caindo com seus cavalos; outros saltam com sucesso, mas erram os alvos.

Elden balança a cabeça, tentando lembrar como ele era quando havia começado seu treinamento na Legião, e tentando tirar encorajamento no fato de que nos últimos dias aqueles garotos já haviam demonstrado sinais de melhora. No entanto, aqueles meninos ainda estão longe dos guerreiros endurecidos ele precisa que eles sejam antes que ele possa aceitá-los como recrutas. Ele tem grandes expectativas, especialmente porque ele tem a grande responsabilidade de deixar Thorgrin e todos os outros orgulhosos; Conven e O'Connor, também, não aceitariam nada menos que a excelência.

"Senhor, trago notícias."

Elden vê um dos recrutas, Merek, o ex-ladrão, correndo até ele com os olhos arregalados. Interrompida de seus pensamentos, Elden estava agitado.

"Rapaz, eu já lhe disse para nunca mais me interrom..."

"Mas senhor, você não entende! Você deve..."

"Não, VOCÊ não entende," Elden rebate. "Quando os recrutas estão treinando, você não..."

"OLHE!" Merek grita, agarrando-o e apontando.

Elden, em um acesso de raiva, está prestes a pegar Merek e jogá-lo no chão, quando olha para o horizonte e fica paralisado. Ele não consegue entender a visão diante dele. Ali, no horizonte, há nuvens de fumaça negra cobrindo o céu, vindo da direção da Corte do Rei.

Elden pisca, sem conseguir compreender. A Corte do Rei poderia estar pegando fogo? Como?

Gritos surgem no horizonte, os gritos de um exército, juntamente com o som de uma ponte levadiça sendo destruída. O coração de Elden se aperta; os portões da Corte do Rei tinham sido invadidos. Ele sabe que aquilo só poderia significar uma coisa: um exército profissional tinha feito aquilo. Hoje, de todos os dias, no dia de peregrinação, a Corte do Rei estava sendo invadida.

Conven e O'Connor partem para a ação, gritando para os recrutas pararem o que estavam fazendo, e se reunirem.

Os recrutas se apressam, e Elden se aproxima de Conven e O'Connor enquanto todos se acalmam e ficam em posição de sentido, à espera de ordens.

"Homens," Elden anuncia. "A Corte do Rei foi atacada!"

Há um murmúrio surpreso e agitado no meio da multidão de meninos.

"Vocês ainda não estão na Legião, e certamente não são guerreiros da Prata ou guerreiros endurecidos necessários para enfrentar um exército profissional. Aqueles homens que agora invadem a Corte do Rei estão preparados para matar, e se vocês os enfrentarem é bem possível que percam as suas vidas. Conven, O'Connor, e eu temos o dever de proteger a nossa cidade, e temos de ir agora para a guerra. Eu não espero que nenhum de vocês se junte a nós; na verdade, eu até os desencorajaria. No entanto, se algum de vocês assim o quiser, dê um passo à frente agora, sabendo que você pode muito bem morrer no campo de batalha hoje."

Há alguns momentos de silêncio e, então, de repente, todos os meninos em pé diante deles se adianta, todos corajosos e nobres. O coração de Elden se enche de orgulho com a cena.

"Vocês todos se tornaram homens hoje."

Elden monta em seu cavalo e os outros o seguem, deixando escapar um grande grito ao avançarem como um só, como homens de verdade, prontos para arriscar suas vidas pelo seu povo.

\*

Elden, Conven, e O'Connor lideram o caminho, com cem recrutas atrás deles, todos galopando com armas em punho, enquanto correm em direção a Corte do Rei. Ao se aproximarem, Elden olha para fora e fica chocado ao ver vários milhares de soldados McCloud invadindo seus portões, um exército bem coordenado com a clara vantagem de atacar no Dia Peregrinação para emboscar a Corte do Rei. Eles estão em bem menor número, na proporção de dez inimigos para cada um deles.

Conven sorri, andando na frente.

"Justamente o tipo de probabilidades que eu gosto!" Ele grita, dando um grande grito e avançando na frente dos demais, querendo ser o primeiro a atacar. Conven ergue seu machado de guerra no alto, e Elden assiste com admiração e preocupação quando Conven, de forma imprudente, ataca a retaguarda do exército McCloud sozinho.

Os McCloud têm pouco tempo para reagir quando Conven golpeia com seu machado como um louco, matando dois deles de cada vez. Avançando para o meio dos soldados, ele então salta de seu cavalo e sai voando pelo ar, caindo sobre três soldados e derrubando-os de seus cavalos.

Elden e os outros estão bem atrás dele. Eles entram em confronto com o resto dos McCloud, que são muito lentos para reagir, sem esperar um ataque contra seu flanco. Elden empunha sua espada com ira e destreza, mostrando aos recrutas da Legião como aquilo deveria ser feito e usando seu grande poder para derrubar um soldado após o outro.

A batalha se intensifica e se transforma em uma luta corpo a corpo quando seu pequeno grupo força os soldados McCloud a mudarem de direção para se defender. Todos os recrutas da Legião entram na briga, galopando sem medo para a batalha e enfrentando os McCloud. Elden observa os meninos que lutam com o canto dos olhos, e fica orgulhoso ao ver quando nenhum deles hesita. Eles estão todos envolvidos na batalha, lutando como homens de verdade, em grande desvantagem numérica, e nenhum deles parece se importar. Homens McCloud caem à esquerda e à direita, completamente desprevenidos.

Mas eles logo perdem a vantagem, quando a maior parte dos homens McCloud se organiza, e a Legião encontra soldados profissionais. Alguns da Legião começam a cair. Merek e Ario levam golpes de uma espada, mas mantêm-se em seus cavalos, lutando defendendo-se e abatendo seus adversários. Mas então eles são atingidos por manguais, e caem de seus cavalos. O'Connor, cavalgando ao lado Merek, dá vários tiros com seu arco, matando vários soldados ao redor deles, antes de ser atingido com um escudo e cair de seu cavalo. Elden, completamente cercado, finalmente perde o elemento de surpresa, e leva um forte golpe de martelo nas costelas, e é ferido no antebraço pelo golpe de uma espada. Ele se vira e derruba os homens de seus cavalos - mas ao mesmo tempo, quatro outros homens aparecem. Conven, no chão, luta desesperadamente, balançando seu machado descontroladamente contra cavalos e homens que o atacam -até finalmente ser atingido por trás por um martelo e cair de cara na lama.

Mais reforços McCloud chegam, abandonando o portão para enfrentá-los. Elden vê menos de seus próprios homens, e sabe que em breve todos estariam aniquilados. Mas ele não se importa; a Corte do Rei está sob ataque, e ele desistiria de sua vida para defendê-la, para defender os garotos da Legião com quem ele tem tanto orgulho de lutar. Se eles são meninos ou homens já não importava mais - eles estão derramando seu sangue ao lado dele, e naquele dia, vivos ou mortos, todos são seus irmãos.

\*

Kendrick galopa para baixo da montanha de peregrinação, lidando mil soldados da Prata, todos galopando mais rápido do que nunca, correndo em direção à fumaça negra no horizonte. Kendrick se repreende enquanto cavalga, desejando que ele tivesse deixado os portões mais protegidos, sem esperar tal ataque em um dia como aquele e, acima de tudo, vindo dos McCloud, que ele acreditava terem sido pacificados sob o governo de Gwen. Ele faria com que todos eles pagassem pela invasão de sua cidade, por terem tirado proveito daquele dia santo.

Ao redor dele, todos os seus irmãos avançam, um grupo de mil soldados com toda a ira dos Prata, renunciando sua peregrinação sagrada, determinados a mostrar para os McCloud do que os Prata eram capazes, a fazer com que os soldados McCloud paguem de uma vez por todas. Kendrick promete a si mesmo que no momento em que eles tivessem



terminado, nenhum McCloud seria deixado vivo. O lado McCloud das Highlands nunca mais se recuperaria.

Quando Kendrick se aproxima, ele olha pra frente e vê a Legião de recrutas lutando bravamente, junto com Elden e O'Connor e Conven, todos terrivelmente em menor número, e nenhum deles recuando diante dos McCloud. Seu coração se enche de orgulho, mas ele percebe que estão todos prestes a serem derrotados.

Kendrick grita e chuta seu cavalo com ainda mais força, liderando seus homens, e todos eles avançam rapidamente pelo trecho final. Ele pega uma lança longa e quando chega perto o suficiente, ele a atira; um dos generais McCloud vira bem a tempo de ver a lança atravessar o ar e perfurar seu peito, golpe forte o suficiente para penetrar sua armadura.

Os mil cavaleiros atrás de Kendrick soltam um grande grito: a Prata havia chegado.

Os McCloud se viram e, vendo-os pela primeira vez, eles demonstram um medo real em seus olhos. Mil brilhante cavaleiros da Prata, todos montados em perfeita harmonia, descendo a montanha como uma tempestade, todos com armas em punho, todos assassinos endurecidos, e nenhum deles com qualquer sinal de hesitação em seus olhos. Os McCloud se viram para enfrentá-los, mas com evidente trepidação.

Os Prata partem para cima deles, rumo à sua cidade natal, com Kendrick liderando o ataque. Ele empunha seu machado, golpeando com destreza e derrubando vários soldados de seus cavalos; Kendrick então segura uma espada com a outra mão, e cavalgando para o meio da multidão, esfaqueia vários soldados em todos os pontos vulneráveis de suas armaduras.

Os Prata atravessam a massa de soldados como uma onda de destruição, como era o seu costume, nenhum deles à vontade até que estivessem completamente cercados por uma batalha. Para um membro da Prata, esse era o verdadeiro significado de estar em casa. Eles cortam e esfaqueiam todos os soldados McCloud em torno deles, que eram como amadores em comparação a eles, e os gritos se tornam cada vez mais altos à medida que os Prata derrubam soldados McCloud por todos os lados.

Ninguém pode vencê-los; os soldados da Prata são muito rápidos, elegantes, fortes e especialistas em suas técnicas, lutando como uma unidade, como tinham sido treinado para fazer desde que aprenderam a andar. A sua dinâmica e habilidade aterroriza os McCloud, que são como soldados comuns ao lado daqueles cavaleiros treinados à exaustão. Elden,

Conven, O'Connor e o restante da Legião, resgatados pelos reforços, voltam a ficar em pé, embora feridos, e se juntam à luta, ajudando ainda mais o ataque dos Prata.

Dentro de instantes, centenas de McCloud jazem mortos, e aqueles que ainda permanecem em pé são tomados pelo pânico. Um por um, eles começam a virar e fugir, e soldados McCloud saem pelos portões da cidade, tentando fugir da Corte do Rei.

Kendrick está determinado a impedi-los. Ele se dirige para os portões da cidade, seguido pelos seus homens, e faz questão de bloquear o caminho de todos aqueles que tentam recuar. Em um efeito de funil, os McCloud são abatidos à medida que chegam ao gargalo dos portões da cidade - os mesmos portões que haviam invadido apenas algumas horas antes.

Enquanto Kendrick empunha suas duas espadas, matando homens de ambos os lados, ele sabe que em breve, todos os McCloud estariam mortos, e a Corte do Rei seria deles mais uma vez. Ao arriscar sua vida para salvar sua terra natal, ele sabe que é esse o significado de estar vivo.

## CAPÍTULO TRÊS

As mãos de Luanda tremem enquanto ela caminha, um passo de cada vez, atravessando o vasto Canyon. A cada passo, ela sente sua vida chegando ao fim, sentindo-se deixar um mundo para trás e prestes a entrar em outro. Poucos passos antes de chegar ao outro lado, ela tem a sensação de que aqueles são seus últimos passos na terra.

Romulus está apenas alguns passos de distância dela e atrás dele, há centenas de milhares dos soldados do Império. Voando alto acima deles, com um grunhido sobrenatural, há dezenas de dragões, criaturas ferozes que Luanda nunca tinha visto antes, batendo suas asas contra a parede invisível do Escudo. Luanda sabe que, com apenas mais alguns passos, assim que ela deixasse o Anel, o Escudo seria desativado.

Luanda analisa o destino que a aguarda, considerando a morte certa que enfrentaria nas mãos de Romulus e seus homens brutos. Mas desta vez, ela não se importa mais. Tudo o que ela amava já lhe tinha sido tirado - seu marido Bronson, o homem que ela mais amava no mundo, tinha sido morto por culpa de Gwendolyn. Ela culpa Gwendolyn por tudo de mal que lhe tinha acontecido e, agora, finalmente, a hora de sua vingança havia chegado.

Luanda para diante de Romulus e os dois se encaram, olhando um para o outro sobre a linha invisível. Ele é um homem grotesco, duas vezes maior que qualquer homem jamais deveria ser, puro músculo - músculos tão fortes que seus ombros e seu pescoço mal podem ser vistos. Seu rosto tem uma mandíbula forte e olhos negros grandes como bolas de gude, e sua cabeça parece ser grande demais para seu corpo. Ele olha para ela como um dragão olhando para a sua presa, e ela não tem dúvida de que ele pretende parti-la em pedaços.

Eles se encaram em meio ao silêncio, e um sorriso cruel se forma no rosto de Romulus, assim como um olhar de surpresa.

"Eu nunca achei que a veria novamente," ele diz. Sua voz é profunda e gutural, e ecoa naquele lugar horrível.

Luanda fecha os olhos e tenta fazer Romulus desaparecer, ao mesmo tempo em que tenta desesperadamente desaparecer ela mesma.

Mas quando ela abre os olhos, ele ainda está ali.

"Minha irmã me traiu," ela responde suavemente. "E agora é minha vez de traí-la."

Luanda fecha os olhos e dá um último passo, saindo da ponte e chegando ao outro lado do Canyon.

Assim que ela faz isso, um barulho estrondoso soa atrás dela; uma névoa de repente sobe girando a partir do fundo do Canyon, como uma grande onda crescente, e com a mesma velocidade volta a descer novamente. Há um outro som, como se a terra estivesse se partindo, e Luanda sabe com certeza que o Escudo foi desativado. Agora, nada resta entre o exército de Romulus e o Reino do Anel. O Escudo havia sido destruído para sempre.

Romulus olha para Luanda, que corajosamente o encara, inflexível, olhando para ele desafiadoramente. Ela sente medo, mas se esforça para não demonstrá-lo, sem querer dar a Romulus essa satisfação. Ela gostaria que ele a matasse enquanto ela olha dentro dos olhos dele. Pelo menos isso lhe daria alguma satisfação, e ela quer apenas que ele acabe logo com isso.

Em vez disso, o sorriso de Romulus se amplia, e ele continua a olhar diretamente para ela em vez de olhar para a ponte, como ela esperava que ele faria.

"Você tem o que você queria," ela fala, intrigada. "O Escudo foi desativado. O Anel é seu. Você não vai me matar agora?"

Ele balança a cabeça.

"Você não é o que eu esperava," ele finalmente diz, analisando-a. "Pode ser que eu a deixe viver. E pode ser que eu decida torná-la minha esposa."

Luanda se revolta por dentro com essa possibilidade; esta não é a reação que ela esperava.

Ela se inclina para trás e cospe no rosto dele, esperando despertar sua ira.

Romulus estende o braço e enxuga o rosto com as costas da mão, e Luanda se prepara para o golpe por vir, esperando que ele fosse lhe dar um soco como antes, que quebrasse sua mandíbula - qualquer coisa menos ser gentil com ela. Em vez disso, ele dá um passo à frente, agarra os cabelos dela pela nuca e a puxa para ele, beijando-a com força.

Ela sente seus lábios grotescos, rachados - lábios como os de uma cobra, enquanto ele a beija com cada vez mais força, tanta força que ela mal consegue respirar.

Finalmente, ele se afasta - ao mesmo tempo em que lhe dá um tapa, tão forte que a pele de Luanda arde de dor.

Ela olha para ele, horrorizada, cheia de desgosto, sem conseguir compreendê-lo.

"Amarrem-na e a mantenham perto de mim," ele ordena. Ele mal termina de proferir as palavras quando seus homens se adiantam e amarram os braços de Luanda para trás.

Os olhos de Romulus se arregalam de prazer quando ele dá um passo à frente diante de seus homens e, preparando-se, pisa pela primeira vez na ponte.

Não há um Escudo para detê-lo, e Romulus fica ali parado, são e salvo.

Ele abre um largo sorriso e, em seguida, começa a rir segurando seus braços musculosos abertos ao mesmo tempo em que joga a cabeça para trás, caindo na gargalhada, com o triunfo, e o som ecoa por todo o Canyon.

"Ele é meu," ele grita. "Todo meu!"

Sua voz ecoa várias vezes.

"Homens," ele acrescenta. "Invadam!"

Suas tropas de repente passam correndo por ele, deixando escapar um grande grito, acompanhado pelo bater de asas do grupo de dragões que voa acima deles. Eles entram gritando, um som tão alto que preenche todo o céu e deixa bem claro que a partir de então o Reino do Anel nunca mais seria o mesmo.

## CAPÍTULO QUATRO

Alistair está nos braços de Erec na proa do enorme navio, que balança suavemente para cima e para baixo quando passam pelas enormes ondas do mar. Ela olha para cima, hipnotizada pelos milhares de estrelas vermelhas que cobrem o céu aquela noite, brilhando na distância; brisas quentes sopram ao redor dela, acariciando-a, embalando-a para dormir. Ela se sente completa. Só de estar ali, junto com Erec, todo o seu mundo se sente em paz; ali, naquela parte do mundo, no meio daquele vasto oceano, ela sente como se todos os seus problemas tivessem simplesmente desaparecido. Obstáculos intermináveis haviam mantido os dois separados e agora, finalmente, seus sonhos estavam se tornando realidade. Eles estavam juntos, e não havia ninguém e nada entre eles. Eles já haviam zarpado, já estavam a caminho de suas ilhas, de sua terra natal, e quando eles chegassem, ela se casaria com ele. Não há nada que ela mais queria no mundo.

Erec a abraça com força, e ela se inclina para mais perto dele ao mesmo tempo em que ambos olham para fora, observando o universo e apreciando a névoa suave sobre eles, e os olhos de Alistair começam a ficar pesados à medida que a noite tranquila avança.

Quando ela olha para o céu aberto, ela considera a imensidão do mundo; ela pensa em seu irmão, Thorgrin, lá fora em algum lugar, e se pergunta onde ele estaria naquele momento. Ela sabe que ele está a caminho de ver sua mãe. Será que ele vai encontrá-la? Como será que ela é? Será que ela realmente ainda está viva?

Uma parte de Alistair gostaria de se juntar a ele na viagem, para conhecer sua mãe, também; e outra parte dela já sente falta do Anel, e gostaria de estar de volta em casa em terreno familiar. Mas a maior parte dela está animada; ela está feliz com a ideia de começar uma nova vida com Erec, em um lugar novo, uma nova parte do mundo. Ela está ansiosa para conhecer o seu povo, para ver como é a terra natal dele. Quem vive nas Ilhas do Sul? ela se pergunta. Como são as pessoas de lá? Será que sua família o aceitaria? Será que eles ficariam felizes em conhecê-la, ou se sentiriam ameaçados por ela? Será que eles receberiam bem a notícia de seu casamento? Ou talvez tivessem outra pessoa em mente para Erec?

Acima de tudo, ela se preocupa com a forma como reagiriam se descobrissem seus poderes. O que eles pensariam quando descobrissem que

ela é uma druida? Será que eles a considerariam uma aberração, uma pessoa estranha, como todos os outros?

"Conte-me mais uma vez sobre seu povo," Alistair pede para Erec.

Ele olha para ela, e então volta a olhar para o céu.

"O que você gostaria de saber?"

"Conte-me sobre sua família," ela diz.

Erec reflete em silêncio durante um longo tempo. Finalmente, ele fala:

"Meu pai é um grande homem. Ele é o rei de nosso povo desde que ele tinha a minha idade. Sua morte iminente vai mudar a nossa ilha para sempre."

"E tem mais alguém em sua família?"

Erec hesita por um longo tempo e, finalmente, assente com a cabeça.

"Sim. Eu tenho uma irmã... e um irmão." Ele faz uma pausa. "Minha irmã e eu éramos muito próximos quando crianças. Mas devo avisá-la, ela é muito possessiva e bastante ciumenta. Ela tem receio de estranhos, e não gosta muito de novas pessoas em nossa família. E meu irmão..." Erec fica em silêncio.

Alistair fica curiosa.

"O que tem ele?"

"Você nunca irá conhecer um lutador melhor do que ele. Mas ele é meu irmão mais novo, e ele viveu em competição comigo. Eu sempre o via como um irmão, e ele sempre me viu como sua concorrência, como alguém que está em seu caminho. Não sei por que, mas ele sempre foi assim. Eu gostaria que pudéssemos ser mais próximos."

Alistair olha para ele, surpresa. Ela não consegue entender como alguém poderia olhar para Erec com nada exceto amor.

"E ainda é assim?" ela pergunta.

Erec dá de ombros.

"Eu não os vejo desde que eu era uma criança. É a primeira vez que retorno à minha terra natal; quase trinta ciclos de sol se passaram. Eu não sei o que esperar. Eu sou mais um produto do Anel agora. E ainda assim, se meu pai morrer... Eu sou o mais velho. Meu povo espera que eu os governe."

Alistair pensa sobre aquilo, curiosa mas sem querer se intrometer.

"E você vai fazer isso?"

Erec dá de ombros.

"Não é algo que eu procure. Mas se meu pai assim o quiser... Eu não posso dizer não."

Alistair o estuda.

"Você o ama muito."

Erec acena com a cabeça, e ela pode ver os olhos dele brilhando à luz das estrelas.

"Eu só rezo para que nosso navio chegue antes de sua morte."

Alistair considera suas palavras.

"E o que dizer de sua mãe?" pergunta ela. "Será que ela vai gostar de mim?"

Erec sorri largamente.

"Como uma filha," ele responde. "Por que ela verá o quanto eu a amo."

Eles se beijam, e Alistair se inclina para trás e olha para o céu, esticando o braço e segurando a mão de Erec.

"Basta que se lembre disso, minha senhora. Eu a amo. Você acima de tudo. Isso é tudo o que importa. Meu povo deve nos dar o maior casamento que as Ilhas do Sul já vi; eles nos cobrirão com várias festividades. E você vai ser amada e aceita por todos eles."

Alistair estuda as estrelas, segurando a mão de Erec apertado, e ela se pergunta. Ela não tem nenhuma dúvida do amor dele por ela, mas se pergunta sobre o seu povo, pessoas que ele mesmo mal conhecia. Será que eles a aceitariam como ele pensava que seria? Ela não tem tanta certeza.

De repente, Alistair ouve passos pesados. Ela olha para trás e vê um dos tripulantes do navio caminhar até a borda da grade, içar um grande peixe morto sobre a sua cabeça, e jogá-lo ao mar. Há um barulho suave abaixo, e logo um barulho maior, quando outro peixe salta para comê-lo.

Um som horrível se segue, parecido com um gemido ou grito, seguido por outro respingo.

Alistair olha para o marinheiro, uma pessoa desagradável, com a barba por fazer, vestido com trapos e quase sem dentes, quando ele se inclina sobre a borda, sorrindo como um idiota. Ele se vira e olha diretamente para ela com seu rosto grotesco sob à luz das estrelas. Alistair tem uma sensação terrível quando ele faz isso.

"O que você jogou fora?" Pergunta Erec.

"As entranhas de um peixe Simka," ele fala.

"Mas por quê?"



"É veneno," responde ele, sorrindo. "Qualquer peixe que comê-las morre na hora."

Alistair olha para ele, horrorizada.

"Mas por que você faria uma coisa dessas?"

O homem sorri abertamente.

"Eu gosto de vê-los morrer. Eu gosto de ouvi-los gritar, e eu queria vê-los flutuar, de barriga para cima. É divertido."

O homem se vira e caminha lentamente de volta para junto do resto de sua tripulação, e enquanto Alistair o observa, toda sua pele se arrepia.

"O que foi?" pergunta Erec.

Alistair desvia o olhar e balança a cabeça, tentando chacoalhar a sensação. Mas ela não consegue; tinha sido uma premonição horrível, ela só não tem certeza do que.

"Nada, meu senhor," responde ela.

Ela se acomoda em seus braços, tentando se convencer de que tudo estava bem. Mas no fundo, ela sabe que está muito longe disso.

\*

Erec acorda no meio da noite, sentindo o navio se movendo lentamente para cima e para baixo, e sabe imediatamente que algo está errado. É o guerreiro dentro dele, a parte dele que sempre o tinha avisado um instante antes que algo de ruim acontecesse. Ele sempre havia tido essa sensação, desde quando ainda era um menino.

Ele rapidamente se senta na cama, alerta, e olha à sua volta. Ele se vira e vê Alistair dormindo profundamente ao lado dele. Ainda está escuro, o barco ainda balança sobre as ondas, mas mesmo assim ele sabe que algo está errado. Ele olha ao redor, mas não vê nenhum sinal de algo errado.

Que perigo poderia haver, ele se pergunta, ali fora no meio do nada? Teria sido apenas um sonho?

Erec, confiando em seus instintos, se abaixa para pegar sua espada. Mas antes que sua mão agarre o punho, de repente ele sente uma rede pesada cobrindo seu corpo, envolvendo-o completamente. A rede parece ser feita da corda mais pesada que ele já tinha visto, quase forte o suficiente para esmagar um homem, e ela cai em cima dele de uma vez, apertando-o com força.

Antes que ele possa reagir, ele se vê sendo içado para o alto, levado pela rede como um animal, suas cordas tão apertadas em torno dele que ele não pode sequer se mover, seus ombros e braços e pulsos e pés comprimidos, todos apertados juntos. Ele é içado cada vez mais, até que ele se encontra uns bons dez metros acima do convés, oscilando como um animal preso em uma armadilha.

O coração de Erec bate em seu peito enquanto ele tenta entender o que está acontecendo. Ele olha para baixo e vê Alistair abaixo dele, acordando.

"Alistair!" Erec chama.

Lá embaixo, ela procura em todos os lugares por ele, e quando ela finalmente olha para cima e o vê, seu rosto se transforma.

"EREC!" Ela grita, confusa.

Erec observa quando vários membros da tripulação, carregando tochas, se aproximam dela. Todos carregam sorrisos grotescos, e o mal é evidente em seus olhos ao se aproximarem dela.

"Esta mais do que na hora de dividir ela conosco," diz um deles.

"Eu vou ensinar esta princesa o que significa viver com um marinheiro!" diz outro

O grupo cai na gargalhada.

"Depois de mim," fala outro.

"Não antes que eu tenha a minha vez," outro homem completa.

Erec luta para se libertar com todas as forças que tem, enquanto eles continuam a cercá-la. Mas seus esforços são em vão, seus ombros e braços estão presos com tanta força, que ele não pode sequer movê-los.

"ALISTAIR!" Ele grita, desesperado.

Ele é incapaz de fazer qualquer coisa, exceto assistir tudo enquanto balança ali em cima.

Três marinheiros de repente se lançam sobre Alistair por trás; Alistair grita quando eles a puxam para que ela fique em pé, rasgam sua camisa e puxam seus braços para trás. Eles a seguram firme enquanto vários outros marinheiros se aproximam.

Erec procura pelo navio por qualquer sinal do capitão; e então o vê no convés superior, olhando para baixo, observando tudo.

"Capitão!" Grita Erec. "Este é o seu navio. Faça alguma coisa!"

O capitão olha para ele e, em seguida, vira lentamente as costas para toda a cena, como se não quisesse vê-la.

Erec assiste, desesperado, quando um marinheiro puxa uma faca e a segura contra a garganta de Alistair, que grita.

"NÃO!" grita Erec.

É como assistir a um pesadelo se desenrolar diante dele e, pior de tudo, não poder fazer nada a respeito.



## CAPÍTULO CINCO

Thorgrin enfrenta Andronicus, os dois sozinhos no campo de batalha cercados pelos corpos dos soldados mortos ao redor deles. Ele levanta sua espada e desfere um golpe no peito de Andronicus; quando ele faz isso, Andronicus deixa suas armas caírem no chão, sorrindo abertamente, e estendeu a mão para abraçá-lo.

*Meu filho.*

Thor tenta interromper o golpe de sua espada, mas já é tarde demais. A espada atravessa o corpo de seu pai, e à medida que Andronicus é cortado em dois, Thor é tomado pela dor.

Thor pisca e se vê andando em um corredor infinitamente longo, segurando a mão de Gwen. Ele percebe que aquele é o seu cortejo de casamento. Eles caminham em direção a um sol vermelho-sangue, e quando Thor olha para ambos os lados, ele vê que todos os assentos estão vazios. Ele se vira para olhar para Gwen, e quando ela olha de volta para ele, ele fica apavorado quando sua pele se seca e ela se transforma em um esqueleto, desmanchando-se em pó bem ao alcance de suas mãos. Ela cai em uma pilha de cinzas aos seus pés.

Thor se encontra em pé diante do castelo de sua mãe. Ele tinha de alguma forma atravessado a passarela, e está diante das imensas portas duplas de ouro brilhante, três vezes mais altas do que ele. Não há uma maçaneta, e ele estende os braços e bate as palmas das mãos nelas, até que começa a sangrar. O som ecoa à sua volta, mas ninguém vem atender.

Thor joga a cabeça para trás.

"Mãe!" ele grita.

Thor cai de joelhos, e quando faz isso, a terra se transforma em lama, e Thor desliza para baixo de um penhasco, caindo sem parar, debatendo-se no ar enquanto despenca dezenas de metros até um oceano em fúria abaixo dele. Ele estende os braços para o céu, vê o castelo de sua mãe desaparecer de vista, e grita.

Thor abre os olhos, sem fôlego, o vento soprando em seu rosto, e ele olha ao redor, tentando descobrir onde está. Ele olha para baixo e vê um oceano passando por baixo dele a uma velocidade vertiginosa. Ele olha para a frente, vê que está segurando algo áspero, e ao ouvir o grande bater de asas, percebe que está segurando nas escamas de Mycoples, com as mãos frias pelo ar gélido da noite, com o rosto dormente pelas rajadas de vento do

mar. Mycoples voa com grande velocidade, as asas batendo sem parar, e quando Thor olha para a frente, percebe que tinha caído no sono em cima dela. Eles ainda estão voando, como faziam há dias, atravessando o céu noturno debaixo de um milhão de cintilantes estrelas vermelhas.

Thor suspira e passa as mãos na parte de trás de sua cabeça, que está coberta de suor. Ele havia prometido ficar alerta, mas sua jornada já durava tantos dias, voando, à procura da Terra dos Druidas. Felizmente Mycoples, conhecendo-o tão bem, sabia que ele estava dormindo e tinha voado de forma constante, certificando-se de que ele não caísse. Os dois já tinham viajado tanto juntos, que haviam se tornado como um só. Por mais que Thor sentisse falta do Anel, ele pelo menos se sente animado por estar de volta com sua velha amiga novamente, apenas os dois, viajando pelo mundo; ele poderia dizer que ela, também, estava feliz por estar com ele, ronronando de satisfação. Ele sabe que Mycoples nunca deixaria nada de ruim acontecer com ele, e sentia o mesmo por ela.

Thor olha para baixo e examina a espuma nas águas verde-luminescentes do mar; aquele é um mar estranho e exótico, que ele nunca tinha visto antes, um dos muitos que já tinha passado em sua busca. Eles continuam voando para o norte, sempre ao norte, seguindo a seta da relíquia que tinha encontrado em sua cidade natal. Thor sente que eles estão chegando mais perto de sua mãe, de sua terra, a Terra dos Druidas. Ele pode sentir isso com cada poro de seu corpo.

Thor torce para que a seta seja precisa. No fundo, ele sente que é, e pode sentir em cada fibra do seu ser que ela os está levando mais perto de sua mãe, para o seu destino.

Thor esfrega os olhos, determinado a ficar acordado. Ele acreditava que eles já teriam encontrado a Terra dos Druidas; é como se eles já tivessem atravessado metade do mundo. Por instante ele se preocupa: e se aquilo tudo fosse apenas uma fantasia? E se sua mãe não existisse? E se a Terra dos Druidas não existisse? E se ele estivesse condenado a nunca encontrá-la?

Ele tenta sacudir esses pensamentos de sua mente ao mesmo tempo em que comanda que Mycoples siga adiante.

*Mais rápido,* Thor pensa.

Mycoples ronrona e bate as asas com mais força, e quando ela coloca a cabeça para baixo, os dois mergulham na névoa, rumo a algum ponto no horizonte que, Thor sabe, poderia não existir.

\*

O dia amanhece como Thor nunca tinha visto antes, o céu não com dois, mas com três sóis - todos subindo juntos em diferentes pontos do horizonte, um vermelho, um verde e um roxo. Eles voam um pouco acima das nuvens, que estão espalhadas abaixo dele - tão perto que Thor poderia tocá-las, como um cobertor de cor. Thor se deleita com o nascer do sol mais bonito que ele já tinha visto, com as cores diferentes dos sóis atravessando as nuvens, os raios atravessando o caminho de Thor, sob ele e acima dele. Ele sente como se estivesse voando para o local de nascimento do mundo.

Thor guia Mycoples para baixo, e sente a umidade ao atravessarem as nuvens; momentaneamente, seu mundo é inundado por cores diferentes, e então ele fica cego pela luz. Ao sair das nuvens, Thor esperava ver ainda outro oceano, mais uma extensão infinita repleta de nada.

Mas desta vez, há algo mais.

O coração de Thor se acelera quando ele vê debaixo deles uma visão que ele sonhava em ver, uma visão que ocupava seus sonhos. Ali, muito abaixo deles, uma terra vem à tona. É uma ilha, envolta pela névoa nomeio daquele oceano incrível, ampla e profunda. Sua relíquia vibra, e ele olha para ela e vê a seta piscando, apontando diretamente para baixo. Mas ele nem sequer precisa olhar para saber. Ele sente, em cada fibra do seu ser que ela estava aqui - sua mãe. A mágica Terra dos Druidas existia, e ele havia chegado.

*Para baixo, meu amigo,* Thor pensa.

Mycoples vira para baixo, e quando eles se aproximam, a ilha fica cada vez mais à vista. Thor vê intermináveis campos de flores, muito semelhantes aos campos que ele tinha visto na Corte do Rei. Ele não consegue entender. A ilha lhe parece familiar, quase como se ele tivesse chegado de volta em casa. Ele esperava que a terra seria mais exótica. É estranha a sensação de familiaridade de tudo. Como aquilo poderia ser possível?

A ilha é cercada por uma vasta praia de areia vermelha brilhante, e ondas batem constantemente contra sua costa. Ao se aproximarem, Thor vê algo que o surpreende: parece haver uma entrada para a ilha; dois pilares maciços erguendo-se até o céu - os pilares mais altos que ele já tinha visto - e desaparecendo em meio às nuvens. Uma parede, com cerca de dez metros de altura, cerca toda a ilha, e passar por aqueles pilares parece ser a única maneira de entrar a pé.

Já que ele estava com Mycoples, Thor decide que não tem necessidade de atravessar dos pilares. Ele simplesmente voaria por cima do muro e aterrissaria na ilha no lugar que quisesse, afinal de contas, ele não estava à pé.

Thor guia Mycoples para voar por cima do muro, mas quando ela chega mais perto, de repente, ela o surpreende. Ela grita e se afasta bruscamente, levantando suas garras no ar até ficar quase na vertical. Ela para de repente, como se tivesse batido em um escudo invisível, e Thor se segura para salvar sua preciosa vida. Thor pede que ela continue voando, mas ela se recusa a avançar.

É então que Thor percebe: a ilha é toda cercada por uma espécie de escudo de energia, tão poderoso que até mesmo Mycoples não é capaz de atravessar. Ninguém seria capaz de voar por cima do muro; seria preciso passar através dos pilares, a pé.

Thor guia Mycoples, e eles mergulham até a praia vermelha. Eles desembarcam diante das colunas, e Thor tenta levar Mycoples a voar entre elas, através das vastas portas, para entrar com ele na Terra dos Druidas.

Mas, novamente, Mycoples recua, levantando suas garras.

*Eu não posso entrar.*

Thor sente os pensamentos de Mycoples em sua mente. Ele olha para ela, vê quando ela fecha seus enormes olhos brilhantes, piscando, e ele entende.

Ela está lhe dizendo que ele teria que entrar na Terra dos Druidas sozinho.

Thor desmonta na areia vermelha e para diante das colunas, examinando-as.

"Eu não posso deixá-la aqui, minha amiga," diz Thor. "É muito perigoso para você. Se eu devo ir sozinho, então que assim seja. Retorne para a segurança de nosso lar. Espere por mim lá."

Mycoples balança a cabeça e a abaixa até o chão, deitando ali e recusando-se a partir.

*Eu vou esperar por você até o final dos tempos.*

Thor pode ver que ela está determinada a ficar. Ele sabe que ela é teimosa, e que ela não iria embora.

Thor se inclina para frente, acaricia as escamas de Mycoples em seu longo focinho, e se inclina para beijá-la. Ela ronrona, levantando a cabeça, e a descansa em seu peito.



"Eu vou voltar para buscar você, minha amiga," diz Thor.

Thor se vira e encara os pilares de ouro maciço, brilhando sob sol e quase cegando-o, e então ele dá o primeiro passo. Ele se sente vivo de uma maneira que nunca havia pensado ser possível ao passar pelos portões e, finalmente, entrar na Terra dos Druidas.

## CAPÍTULO SEIS

Gwendolyn segue na parte de trás da carruagem, chacoalhando ao longo da estrada, enquanto guia seus súditos lentamente rumo ao oeste, afastando-se da Corte do Rei. Gwendolyn está satisfeito com a evacuação, que tinha sido bastante organizada até então, e satisfeita com o progresso que seu povo tinha feito. Ela odeia ter que deixar cidade para trás, mas está confiante que, pelo menos, tinha ganhado uma distância suficiente para o seu povo estar seguro, adiantados no caminho de sua última missão: fazer a Travessia Ocidental do Canyon, para embarcar em sua frota de navios nas margens do Tartuvian, e atravessar o grande oceano até as Ilhas Superiores. Aquela seria a única maneira, ela sabe, de manter seu povo seguro.

Enquanto avançam, com milhares das pessoas de seu reino pé ao seu redor e milhares de outras pessoas se acotovelando em suas carroças, o som dos cascos dos cavalos, o som do movimento constante de carros e da humanidade enche os ouvidos de Gwen. Gwen se vê distraída pela monotonia da caminhada, segurando Guwayne ao peito e balançando-o. Ao seu lado estão Steffen e Illepra, acompanhando-a durante todo o trajeto.

Gwendolyn olha para a estrada à sua frente e tenta se imaginar em qualquer outro lugar, exceto ali. Ela tinha trabalhado duro para reconstruir aquele reino, e agora ali estava ela, fugindo dele. Ela estava executando seu plano de evacuação em massa por causa da invasão McCloud, mas mais importante ainda, por causa de todas as antigas profecias, das dicas de Argon e por causa de seus próprios sonhos e sentimentos de perigo iminente. Mas e se ela estivesse errada? E se tudo aquilo tivesse sido apenas um sonho, apenas um devaneio noturno? E se fosse ficar bem no Anel? E se isso aquilo estivesse sendo uma reação exagerada, uma evacuação desnecessária? Afinal, ela poderia evacuar seu povo para outra cidade dentro do Anel, como a Silésia. Ela não precisava levá-los para o outro lado do oceano.

Ela gostaria de evitar isso, a menos que houvesse uma previsão concreta da destruição total e definitiva do Anel. No entanto, baseada em tudo que ela tinha lido, ouvido e sentido, essa destruição é apenas uma questão de tempo, e a evacuação seria sua única saída, ela se assegura.

Quando Gwen olha para o horizonte, ela anseia pela presença de Thor ali, ao seu lado. Ela olha para cima e vasculha os céus, se perguntando onde

ele estaria agora. Ele já teria encontrado a Terra dos Druidas? Já teria encontrado sua mãe? Será que ele voltaria para ela?

E será que eles algum dia se casariam?

Gwen olha nos olhos de Guwayne e vê Thor olhando de volta para ela, vê os olhos cinzentos de Thor, e segura seu filho mais apertado junto ao peito. Ela tenta não pensar no sacrifício que teve que fazer no Submundo. Será que tudo se tornaria realidade? Será que o destino seria tão cruel?

"Minha senhora?"

Gwen se assusta ao ouvir a voz; ela se vira e vê Steffen, virando o corpo e apontando para o céu. Ela nota que todos ao seu redor, todo o seu povo, começa a parar e de repente, sua própria carruagem para de se movimentar. Ela fica intrigada com o motivos que fariam seu cocheiro parar sem uma ordem sua.

Gwen segue o dedo de Steffen e ao longe, no horizonte, ela se surpreende ao ver três flechas incendiadas disparadas para o alto no ar, para em seguida, caírem como estrelas cadentes. Ela fica chocada: três flechas em chamas só poderia significar uma coisa: um sinal dos MacGil. As garras do falcão, usada para sinalizar uma vitória. Aquele era um sinal usado por seu pai e seu pai antes dele, um sinal usado somente pelos MacGil. Não havia dúvidas: os MacGil haviam vencido, haviam tomado de volta a Corte do Rei.

Mas como aquilo poderia ser possível? ela se pergunta. Quando eles saíram, não havia nenhuma esperança de vitória, muito menos de sobrevivência, e sua preciosa cidade estava fadada a ser invadida pelos McCloud, com ninguém para ficar de guarda.

Gwen identifica, no horizonte distante, uma bandeira sendo levantada cada vez mais alto. Ela aperta os olhos e, então tem certeza: é uma bandeira com o brasão de sua família, o que só poderia significar que Corte do Rei agora estava de volta nas mãos dos MacGil.

Por um lado, Gwen se sente eufórica, e quer voltar imediatamente. Por outro lado, quando ela olha para a estrada por onde tinham viajado, ela pensa nas previsões de Argon, nos pergaminhos que tinha lido e em suas próprias premonições. Ela sente que, no fundo, seu povo ainda precisa de ser evacuado. Talvez os MacGil tivessem retomado a Corte do Rei; mas isso não significava que o Anel estava seguro. Gwendolyn ainda tem certeza de

que algo muito pior está por vir, e que ela ainda precisa levar seu povo para longe dali, para a segurança.

"Parece que nós ganhamos," diz Steffen.

"Um motivo de celebração!" Aberthol grita, aproximando-se de sua carruagem.

"A Corte do Rei é nossa de novo!" Grita um plebeu.

Um grande grito de celebração irrompe entre seu povo.

"Temos que voltar imediatamente!" Grita outro.

Outro murmúrio de aprovação é ouvido, mas Gwen balança a cabeça com firmeza. Ela se levanta e encara seu povo, e todos os olhos se voltam para ela.

"Não vamos voltar!" Ela informa o seu povo. "Nós começamos a evacuação, e devemos cumpri-la. Eu sei que um grande perigo está diante do Anel. Devo levá-los para a segurança enquanto ainda temos tempo, enquanto ainda há uma chance."

Seu povo geme, insatisfeito, e vários plebeus se adiantam, apontando para o horizonte.

"Eu não sei sobre o resto de vocês," um deles grita, "mas a Corte do Rei é a minha casa! É tudo o que tenho e amo em minha vida! Eu não estou disposto a atravessar o mar até uma ilha estranha, enquanto a nossa cidade está intacta e nas mãos dos MacGil! Eu estou voltando para a Corte do Rei!"

Um grande grito irrompe, e quando ele parte, caminhando de volta, centenas de pessoas o seguem, virando suas carroças e se dirigindo de volta pela estrada na direção da Corte do Rei.

"Minha senhora, eu devo impedi-los?" Pergunta Steffen, em pânico, leal a ela até o fim.

"Você está ouvindo a voz do povo, minha senhora," interrompe Aberthol, chegando ao seu lado. "Seria tolice impedi-los. Além disso, você não pode, essa é a casa deles, é tudo o que eles têm. Não lute contra o seu próprio povo. Não os enfrente sem uma boa razão."

"Mas eu tenho uma boa razão," responde Gwen. "Eu sei que a destruição está chegando."

Aberthol balança a cabeça.

"E ainda assim eles não sabem disso," ele responde. "Eu não duvido de você, mas rainhas planejam com antecedência, enquanto as massas agem por instinto. E uma rainha é tão poderosa quanto as massas lhe permite ser."

Gwen fica ali, ardendo de frustração enquanto observa seu povo desafiar seu comando, migrando de volta à Corte do Rei. Aquele é a primeira vez que eles se rebelavam abertamente, desafiando um comando seu. Ela não gosta da sensação - seria um sinal de coisas ainda por vir? Seus dias como rainha estariam contados?

"Minha senhora, devo ordenar que nossos soldados os detenham?" pergunta Steffen.

Ela sente como se ele fosse o único que ainda era leal a ela. Uma parte dela gostaria de dizer que sim.

Mas enquanto ela os observa partir, Gwen sabe que seria inútil.

"Não," ela responde baixinho, com a voz quebrada, sentindo como se seu próprio filho tivesse lhe dado as costas. O que mais lhe dói é saber que aquela decisão só lhes traria sofrimento, e não poder fazer nada para detê-los. "Eu não posso impedir o que o destino reserva para eles."

\*

Gwendolyn, triste ao acompanhar seu povo no retorno à Corte do Rei, atravessa os portões traseiros da cidade e já pode ouvir os gritos distantes de celebração vindos do outro lado. Seu povo está eufórico, dançando e aplaudindo, jogando seus chapéus no ar à medida que atravessam os portões, retornando para os pátios da cidade que conheciam e amavam, a cidade que chamavam de lar. Todos correm para parabenizar a Legião, Kendrick, e os soldados vitoriosos da Prata.

Mas Gwendolyn continua com um vazio em seu estômago, dilacerada por sentimentos contraditórios. Por um lado, ela está, naturalmente, feliz por retornar e estar de volta ao seu lar - eufórica por terem vencido os McCloud, exultante ao ver que Kendrick e os outros estavam a salvo. Ela sente orgulho em ver os corpos dos soldados McCloud espalhados por todo o lugar, e muito satisfeita ao ver que seu irmão Godfrey tinha conseguido sobreviver e está sentado um pouco distante cuidado de suas feridas com a cabeça apoiada em uma das mãos.

Mas, ao mesmo tempo, Gwendolyn não consegue se livrar da constante sensação de mau presságio, uma certeza de que alguma outra calamidade terrível estava chegando que afetaria todos eles, e que a melhor coisa que seu povo poderia fazer seria evacuar antes que fosse tarde demais.

Mas todo seu povo está contaminado pela sensação da vitória. Eles se recusam em ouvir a voz da razão enquanto ela é conduzida, com milhares de outros, pela cidade que ela conhecia tão bem. Quando eles entram, Gwen fica aliviado ao ver que, pelo menos, os McCloud tinha sido mortos rapidamente, antes que tivessem a chance de fazer qualquer dano real em toda a sua cuidadosa reconstrução.

"Gwendolyn!"

Gwendolyn se vira e vê Kendrick desmontar, correr para a frente, e abraçá-la. Ela o abraça de volta, sua armadura dura e fria, ao mesmo tempo em que entrega Guwayne para Illepra, que está ao lado dela.

"Meu irmão," ela diz, olhando para ele, cujos olhos brilham animados pela vitória. "Eu estou orgulhosa de você. Você fez mais do que salvar a nossa cidade, você derrotou nossos atacantes. Você e seus companheiros da

Prata. Você é a definição do nosso código de honra. Papai ficaria orgulhoso."

Kendrick sorri e abaixa a cabeça em uma saudação.

"Sou grato pelas suas palavras, irmã. Eu não estava disposto a permitir que a sua cidade, nossa cidade, a cidade de nosso pai, fosse destruída por aqueles pagãos. Eu não estava sozinho; você deve saber que nosso irmão Godfrey foi o primeiro a oferecer resistência. Ele e um pequeno grupo de soldados, e até mesmo da Legião, todos ajudaram a conter os atacantes."

Gwen se vira e vê Godfrey caminhar até eles com um sorriso estampado em seu rosto e uma mão na lateral da cabeça, coberto de sangue ressecado.

"Você se tornou um homem hoje, meu irmão," ela fala para ele em tom sério, colocando uma mão em seu ombro. "Papai ficaria orgulhoso."

Godfrey sorri timidamente.

"Eu só queria avisá-la," comenta ele.

Ela sorri.

"Você fez muito mais do que isso."

Junto com ele vêm Elden, O'Connor, Conven, e dezenas de membros da Legião.

"Minha senhora," diz Elden. "Nossos homens lutaram bravamente hoje. No entanto, fico triste em dizer, perdemos muitos deles."

Gwen olha além dele e vê os corpos dos mortos espalhados por toda a Corte do Rei. Milhares de McCloud - mas também dezenas dos recrutas da Legião. Até mesmo um punhado de membros da Prata estão mortos. Isso traz de volta memórias dolorosas da última vez em que sua cidade tinha sido invadida. É difícil para Gwen testemunhar a cena.

Ela se vira e vê uma dúzia de soldados McCloud, cativos, ainda vivo, de cabeça baixa e com as mãos presas atrás das costas.

"E quem são estes?" Ela pergunta.

"Os generais McCloud," Kendrick responde. "Nós os deixamos vivos - eles são tudo o que resta de seu exército. O que você ordena que façamos com eles?"

Gwendolyn os observa lentamente, olhando nos olhos deles ao fazê-lo. Todos eles também olham para ela, orgulhosos, desafiadores. Seus olhares são duros, típicos McCloud, recusando-se a mostrar remorso.

Gwen suspira. Houve um tempo em que ela acreditava que a paz fosse a resposta para tudo e que, se ao menos ela pudesse ser gentil e amável com

seus vizinhos, se ela mostrasse boa vontade o suficiente, eles também seriam gentis com ela e seu povo.

Mas quanto mais tempo ela governava, mais ela via que os outros só interpretavam propostas de paz como um sinal de fraqueza, como uma oportunidade para tirar vantagem dela. Todos os seus esforços de paz tinham culminado com aquilo: um ataque surpresa, e ainda no Dia da Peregrinação - o dia mais sagrado do ano.

Gwendolyn se sente endurecer dentro. Ela não tem a mesma ingenuidade, a mesma fé no homem, que costumava ter. Cada vez mais, ela acredita em apenas uma coisa: um reinado de aço.

Com Kendrick e todos os outros olhando para ela, Gwendolyn levanta a voz:

"Matem todos eles," ela ordena.

Os olhos deles se arregalam de surpresa - e respeito. Eles claramente não esperavam isso de sua rainha, que sempre se havia esforçado para manter a paz.

"Eu ouvi corretamente, minha senhora?" Pergunta Kendrick, o choque evidente em sua voz.

Gwendolyn acena com a cabeça.

"Sim, você me ouviu," ela responde. "Quando tiverem terminado, recolham os cadáveres, e expulse-os de nossas terras."

Gwendolyn se vira e se afasta pelo pátio da Corte do Rei, e quando ela o faz, ela ouve atrás dela os gritos dos generais McCloud - e apesar de sua determinação, ela vacila.

Gwen caminha através de uma cidade repleta de cadáveres e ainda movida pelos gritos de animação, música e dança, milhares de pessoas voltando para suas casas, repovoando a cidade como se nada de ruim tivesse acontecido. Enquanto ela os observa, seu coração se enche de medo.

"A cidade é nossa novamente," Kendrick fala, chegando a seu lado.

Gwendolyn balança a cabeça.

"Apenas por pouco tempo."

Ele olha para ela com surpresa.

"O que você quer dizer?"

Ela para e olha para ele.

"Eu vi as profecias," ela diz. "Os antigos manuscritos. Eu falei com Argon, e também tive um sonho. Um ataque está vindo em nossa direção - foi um erro voltarmos pra cá. Nós todos devemos evacuar imediatamente."



Kendrick olha para ela com o rosto pálido, e Gwen suspira enquanto observa seu povo.

"Mas meu povo não vai me ouvir."

Kendrick balança a cabeça.

"E se você estiver enganada?" ele pergunta. "E se você estiver dando valor demais às profecias? Temos o melhor exército de combate do mundo. Nada pode atingir nossos portões. Os McCloud estão mortos, e não nos restam outros inimigos no Anel. O Escudo está ativo e forte. E também temos Ralibar, onde quer que ele esteja. Você não tem nada a temer - *nós não temos nada a temer.*"

Gwendolyn balança a cabeça.

"Esse é precisamente o momento em que temos mais a temer," ela responde.

Kendrick suspira.

"Minha senhora, este foi apenas um ataque anormal," ele fala. "Eles nos surpreenderam no Dia de Peregrinação. Nós nunca mais deixaremos a Corte do Rei desprotegida. Esta cidade é uma fortaleza, e resiste há milhares de anos. Não há ninguém para nos derrubar."

"Você está enganado," afirma ela.

"Bem, mesmo que eu esteja, você vê que o povo pretende partir. Minha irmã," diz Kendrick com a voz suave, implorando, "eu a amo, mas falo como seu comandante - como um comandante da Prata. Se você tentar forçar seu povo a evacuar, a fazer o que eles não querem fazer, você terá uma revolta em suas mãos. Eles não vêem qualquer perigo, e para ser honesto, eu também não."

Gwendolyn olha para o seu povo, e sabe que Kendrick está certo. Eles não iriam ouvi-la. -até mesmo seu próprio irmão não acreditava nela.

E isso parte seu coração.

\*

Gwendolyn fica sozinha nos parapeitos superiores do seu castelo, segurando Guwayne apertado e olhando para o pôr do sol, os dois sóis baixos no céu. Lá embaixo, ela ouve os gritos e comemorações distante de seu povo, todos se preparando para uma grande noite de celebração. Ao longe, ela vê as paisagens ondulantes das terras ao redor da Corte do Rei, um reino em seu auge. Por toda parte, é possível ver a abundância do verão,

campos infinitos de campos verdes, uma terra exuberante, rica e generosa. A terra parece satisfeita, reconstruída depois de tanta tragédia, e ela vê um mundo em paz consigo mesmo.

Gwendolyn franze a testa, perguntando-se como qualquer tipo de escuridão jamais poderia chegar até ali. Talvez a escuridão que ela tinha imaginado já tinha vindo sob a forma do ataque dos McCloud. Talvez o perigo já tivesse sido evitado, graças a Kendrick e aos outros. Talvez Kendrick tivesse razão, talvez ela tivesse se tornado cautelosa demais, pois ela havia se tornado rainha e tinha visto muita tragédia. Talvez ela estivesse, como Kendrick havia dito, analisando muito profundamente as coisas.

Afinal de contas, evacuar todo seu povo de suas casas, e levá-los através do Canyon, até as voláteis Ilhas Superiores, fosse um movimento drástico, uma medida melhor reservada para um momento da maior calamidade. E se ela fizesse isso, e nenhuma tragédia se abatesse sobre o Anel? Ela seria conhecida como a Rainha que entrou em pânico sem qualquer perigo à vista.

Gwendolyn suspira, embalando Guwayne enquanto ele se contorce em seus braços, e se pergunta se ela estaria perdendo a cabeça. Ela olha para cima e vasculha o céu por qualquer sinal de Thorgrin, esperando e rezando. Ao menos, ela gostaria de encontrar algum sinal de Ralibar, onde quer que ele estivesse. Mas ele também não tinha retornado.

Gwen observa um céu vazio, mais uma vez decepcionada. Mais uma vez, ela teria que confiar em si mesma. Mesmo o seu povo, que sempre a tinha apoiado, que a via como um deus, agora parecia desconfiar dela. Seu pai nunca a tinha preparado para isso. Sem o apoio de seu povo, que tipo de rainha ela seria? Uma rainha impotente.

Gwen gostaria desesperadamente de recorrer a alguém que lhe desse conforto, de quem pudesse obter respostas. Mas Thorgrin havia partido; sua mãe estava morta; aparentemente todos que ela conhecia e amava já não estavam com ela. Ela se vê em uma encruzilhada, e nunca havia se sentido tão confusa.

Gwen fecha os olhos e reza para que Deus a ajude. Ela não costumava orar muito, mas sua fé era forte, e ela tem certeza de que ele existia.

*Por favor, Deus. Estou tão confusa. Mostre-me como melhor proteger o meu povo. Mostre-me como melhor proteger Guwayne. Mostre-me como ser uma grande governante.*

"As orações são uma coisa poderosa," diz uma voz.

Gwen imediatamente se vira, aliviada instantaneamente ao ouvir aquela voz. Diante dela, a alguns metros de distância, está Argon. Ele está vestido com seu manto e capuz brancos, segurando seu cajado e olhando para o horizonte em vez de olhar para ela.

"Argon, eu preciso de respostas. Por favor, ajude-me."

"Estamos sempre em busca de respostas," ele declara. "E ainda assim elas não vêm com tanta frequência. Nossas vidas são destinadas a serem vividas. O futuro nem sempre pode nos ser revelado."

"Mas pode ser insinuado," diz Gwendolyn. "Todas as profecias que eu li, todos os pergaminhos, a história do Anel - ainda indicam que uma grande escuridão está por vir. Você tem que me dizer. Isso vai mesmo acontecer?"

Argon se vira e olha para ela com os olhos cheios de fogo, mais escuros e mais assustadores do que ela já tinha visto.

"Sim," ele responde.

A certeza de sua resposta a assusta mais do que qualquer coisa. Ele, Argon, que sempre falava em enigmas.

Gwen estremece por dentro.

"Será que ela chegara até aqui, na Corte do Rei?"

"Sim," afirma ele.

Gwen sente sua sensação de pavor se aprofundar. Ela também se sente segura em sua convicção de que tinha estado certa o tempo todo.

"E o Anel será destruído?" Ela pergunta.

Argon olha para ela e balança a cabeça lentamente.

"Há apenas mais algumas coisas que eu posso lhe dizer," ele fala. "Se você quiser, esta pode ser uma delas."

Gwen considera aquilo. Ela sabe que a sabedoria de Argon era uma coisa preciosa. No entanto, aquilo é algo que ela realmente precisa saber.

"Diga-me," ela pede.

Argon respira fundo ao se virar e examinar o horizonte pelo que parece uma eternidade.

"O Anel será destruído. Tudo o que você conhece e ama será destruído. O lugar onde você está agora não será nada, exceto brasas e cinzas flamejantes. Todo o Anel será reduzida a cinzas. Sua nação deixará de existir. A escuridão está chegando. Uma escuridão maior do que qualquer escuridão em nossa história."

Gwendolyn sente a verdade de suas palavras ecoar dentro dela, sente o profundo timbre de sua voz ressoar na essência de seu ser. Ela sabe que

cada palavra que ele diz é verdade.

"O meu povo não acredita nisso," ela fala com a voz trêmula.

Argon dá de ombros.

"Você é a rainha. Às vezes, o poder deve ser utilizado com vigor, e não somente contra nossos inimigos, mas também com nosso povo. Faça o que precisa ser feito, e deixe de buscar a aprovação constante de seu povo. A aprovação é uma coisa ardilosa. Às vezes, quando as pessoas mais te odeiam, significa que você está fazendo a melhor coisa para eles. Seu pai foi abençoado com um reino em paz. Mas você, Gwendolyn, você terá um teste muito maior: você terá um reinado de aço."

Quando Argon começa a partir, Gwendolyn se adianta e estende a mão para ele.

"Argon," ela chama.

Ele para, mas não se vira.

"Diga-me apenas mais uma coisa, eu lhe imploro. Verei Thorgrin novamente?"

Ele faz uma pausa, um silêncio longo e pesado. Nesse silêncio sombrio, ela sente seu coração se partir em dois, esperando e rezando para que ele lhe dê apenas mais uma resposta.

"Sim," ele responde.

Ela fica ali, com o coração batendo acelerado, desejando saber mais.

"Você pode me dizer algo mais?"

Ele se vira e olha para ela com tristeza em seus olhos.

"Lembre-se da escolha que você fez. Nem todo amor é feito para durar para sempre."

Acima deles, Gwen ouve o grito de um falcão e olha para o céu, pensando.

Então ela volta a olhar para trás, procurando Argon, mas ele já havia partido.

Ela segura Guwayne apertado e olha para seu reino, um último olhar - desejando lembrar dele assim, enquanto ele ainda é um reino vibrante, vivo, antes que tudo se transformasse em cinzas. Ela se pergunta com medo que grande perigo poderia estar à espreita por trás da aparente beleza. Ela estremece ao saber, sem sombra de dúvida, que todos descobririam em breve.

## CAPÍTULO SETE

Stara grita enquanto despenca pelo ar, se debatendo com Reece ao lado dela, e Matus e Srog ao lado dele, os quatro caindo do castelo em meio ao vento e chuva ofuscantes, mergulhando em direção ao chão. Ela se prepara quando vê os grandes arbustos aproximando-se deles rapidamente, e constata que a única forma de sobreviver à queda seria graças à eles.

Um momento depois, Stara sente como se todos os ossos do seu corpo estivessem quebrando ao se chocar contra um arbusto - que mal amortece sua queda - e continuar caindo até bater no chão. Ela fica sem fôlego com o impacto, e tem certeza de que quebrou um costela. Mas ao mesmo tempo, ela percebe que está afundada no solo, e que a terra está mais enlameada do que ela pensava, e havia amortecido o impacto.

Os outros também caem ao seu lado, e todos começam a escorregar quando a lama cede. Stara não havia antecipado que eles cairiam em uma encosta íngreme, e antes que ela possa evitar, ela começa a deslizar com os outros, correndo ladeira abaixo, todos misturados à lama.

Eles rolam e deslizam, e logo as corredeira os levam deslizando para baixo da montanha em velocidade máxima. Enquanto ela desliza, Stara olha por cima do ombro e vê o castelo de seu pai desaparecendo rapidamente de sua vista, e percebe que, pelo menos, eles estão sendo levados para longe de seus atacantes.

Stara olha para baixo e se esquivava tentando desviar das rochas em seu caminho, indo tão rápido que mal consegue recuperar o fôlego. A lama está incrivelmente lisa, e a chuva cai com mais força, seu mundo girando na velocidade da luz. Ela tenta diminuir a velocidade, agarrando-se à lama, mas é impossível.

Ao mesmo tempo em que Stara se pergunta se a queda um dia terminaria, ela é inundada pelo pânico ao se lembrar onde aquela encosta terminava: diretamente em um penhasco. Se eles não conseguissem parar logo, ela percebe, em breve todos estariam mortos.

Stara vê que nenhum dos outros consegue parar de escorregar, e todos estão se debatendo, gemendo, tentando o máximo que podem, porém completamente impotentes. Stara olha para frente e vê, com horror, que o penhasco se aproxima rapidamente. Com nenhuma maneira de parar por si mesmos, eles estão prestes a despencar para suas mortes.

De repente Stara vê Srog e Matus virando à esquerda, para uma pequena caverna na borda do precipício. Eles de alguma forma conseguem bater com os pés nas rochas, chegando a uma parada antes de caírem do penhasco.

Stara tenta enfiar seus saltos na lama, mas nada funciona; ela simplesmente gira e continua escorregando, e vendo o precipício se aproximando dela, ela grita, sabendo que ela chegaria ao fim em menos de um segundo.

De repente, Stara sente uma mão áspera agarrar a parte de trás de sua camisa, diminuindo sua velocidade e, em seguida, ajudando-a a parar. Ela olha para trás e vê Reece. Ele está se agarrando a uma árvore frágil, com um braço em torno dela, na beira do precipício, e o outro braço a segurando enquanto a água e a lama continuam a jorrar, empurrando-a para longe dele. Ela está perdendo terreno, quase pendurada sobre a borda do penhasco - ele havia interrompido sua queda, mas ela estava prestes a cair.

Reece não poderia continuar naquela posição, e ela sabe que se ele não a soltasse, em breve ambos morreriam juntos.

"Deixe-me ir!" Ela grita para ele.

Mas ele balança a cabeça com firmeza.

"Nunca!" Ele grita de volta com o rosto molhado pela chuva.

Reece de repente solta a árvore para poder segurar Stara com as duas mãos; ao mesmo tempo, ele envolve as pernas ao redor da árvore, segurando-se por trás. Ele a puxa para ele com toda força, suas pernas a única coisa que mantém os dois no lugar.

Com um movimento final, ele dá um grito e consegue afastar os dois da correnteza, movendo-se para o lado e empurrando Stara na direção da caverna com os outros. Reece então vai atrás dela, rolando para o lado e a ajudando a percorrer o restante do caminho.

Quando eles chegam à segurança da caverna, Stara desaba com a cara na lama, exausta, e muito grata por estar viva.

Enquanto ela fica ali, respirando com dificuldade, toda molhada, ela não se pergunta o quão perto havia chegado a morte, mas sim se Reece ainda a amava. Ela percebe que se preocupa mais com isso do que com sua própria vida.

\*

Stara se senta em torno da pequena fogueira dentro da caverna, com os outros por perto, finalmente começando a secar. Ela olha em volta e percebe que os quatro parecem sobreviventes de uma guerra, com rostos amaciados, observando as chamas os braços estendidos, tentando se proteger do frio constante. Eles ouvem o vento e a chuva - os sempre presentes elementos das Ilhas Superiores, do lado de fora da caverna, e têm a sensação de aquilo não terminaria nunca.

É noite, e eles tinham esperado durante todo o dia para acenderem aquele fogo por medo de serem vistos. Finalmente, todos tinham ficado com tanto frio, cansados e infelizes, que haviam decidido arriscar. Stara sente que tempo suficiente havia passado desde sua fuga e, além disso, não havia nenhuma maneira que aqueles homens se atrevessem a arriscar todo o caminho até aquele penhasco. O trajeto era muito íngreme e molhado, e se o fizessem, eles provavelmente morreriam tentando.

Ainda assim, os quatro estavam presos ali, como prisioneiros. Se eles pisassem do lado de fora da caverna, eventualmente, um exército de habitantes das Ilhas Superiores os encontraria e mataria todos eles sem pensar duas vezes. Seu irmão não teria piedade dela - essa não era uma possibilidade.

Ela se senta perto de um Reece distante e chocada, e pondera sobre os acontecimentos do dia. Ela havia salvado a vida de Reece na fortaleza, mas ele a tinha salvado da queda no penhasco. Ele ainda se importava com ela da mesma forma que antes? Da mesma maneira que ela ainda se importava com ele? Ou ele se sentia ressentido pelo que havia acontecido com Selese? Será que ele a culpava? Será que ele um dia a perdoaria?

Stara não pode imaginar a dor que ele estava sentindo enquanto ele fica sentado ali, a cabeça entre as mãos, olhando para o fogo como um homem que desolado. Ela se pergunta o que estaria passando pela mente dele. Ele parece um homem com nada a perder, um homem levado ao limite do sofrimento e que ainda não tinha retornado. Um homem atormentado pela culpa. Ele não se parece com o homem que ela conhecia, um homem cheio de amor e alegria, de sorriso rápido, que a tinha coberto de amor e carinho. Agora, em vez disso, é como se algo tivesse morrido dentro dele.

Stara olha pra frente, com medo de encontrar os olhos de Reece, mas com necessidade de ver seu rosto. Ela espera secretamente que ele estivesse olhando para ela, pensando nela. No entanto, quando ela olha para ele, seu coração se parte ao ver que ele não está olhando para ela. Em vez disso, ele

apenas encara as chamas, com o olhar mais solitário e triste que ela já tinha visto.

Stara não pode deixar de se perguntar pela milionésima vez se o que existia entre eles tinha sido arruinado pela morte de Selese. Pela milionésima vez, ela amaldiçoa seus irmãos - e seu pai - por colocar em ação um enredo tão tortuoso. Ela sempre quis Reece para si mesma, é claro; mas ela nunca teria aprovado o plano que levou à sua morte. Ela nunca quis que Selese morresse, ou até mesmo que se machucasse. Ela esperava que Reece lhe desse a notícia de uma forma suave e que, embora chateada, ela fosse entender - e ela certamente não esperava que ela fosse tirar a própria vida - ou destruir a de Reece.

Agora todos os planos de Stara, todo o seu futuro, havia desmoronado diante de seus olhos, graças à sua horrível família. Matus é o único membro racional que resta em sua linhagem. No entanto, Stara se pergunta o que aconteceria com ele, com todos eles. Será que eles apodreceriam e morreriam ali naquela caverna? Eventualmente, eles teriam que deixar aquele lugar. E os homens de seu irmão, ela sabe, são implacáveis. Eles não desistiriam até que tivessem matado todos eles, especialmente depois que Reece havia matado seu pai.

Stara sabe que deveria sentir algum remorso por seu pai estar morto, mas ela não sente coisa alguma. Ela sempre havia odiado seu pai, e se qualquer coisa, ela se sente aliviada - até mesmo grata a Reece pode tê-lo matado. Ele tinha sido um guerreiro e um mentiroso e sem qualquer honra durante toda a sua vida, e jamais tinha sido um pai para ela.

Stara olha para aqueles três guerreiros, todos sentados ao redor da fogueira parecendo distraídos. Eles estavam em silêncio há horas, e ela se pergunta se algum deles tinha um plano. Srog estava gravemente ferido, e Matus e Reece tinham sido feridos também, embora seus ferimentos fossem menores. Todos parecem congelados até os ossos, abatidos pelo clima daquele lugar, pelas chances de sobrevivência diante deles.

"Então, vamos todos ficar sentados nessa caverna para sempre, para morrermos aqui?" Pergunta Stara, quebrando o silêncio, incapaz de suportar a monotonia e o clima pesado.

Lentamente, Srog e Matus olham para ela. Mas Reece ainda não olha para cima para encontrar seus olhos.

"E onde você gostaria de ir?" Perguntou Srog na defensiva. "Toda a ilha está cheia dos homens do seu irmão. Que chance temos contra



eles? Especialmente agora que estão enfurecidos com a nossa fuga e pela morte de seu pai."

"Você nos meteu em uma enrascada, meu primo," diz Matus, sorrindo, colocando a mão no ombro de Reece. "Isso foi um ato corajoso de sua parte. Possivelmente, o ato mais ousado que já vi em minha vida."

Reece dá de ombros.

"Ele roubou minha noiva. Ele merecia morrer."

Stara se irrita com a palavra *noiva*. Isso parte seu coração. Sua escolha de palavras lhe diz tudo - claramente, Reece ainda estava apaixonada por Selese. Ele nem sequer encontra os olhos de Stara. Ela sente vontade de chorar.

"Não se preocupe, primo," Matus declara. "Alegro-me que meu pai esteja morto, e estou contente que você tenha sido o responsável. Eu não o culpo, chego até a admirá-lo. Mesmo que você tenha quase nos matado no processo."

Reece assente com a cabeça, claramente grato pelas palavras de Matus.

"Mas ninguém me respondeu," continua Stara. "Qual é o plano? Morremos juntos aqui?"

"Qual é o seu plano?" Reece dispara de volta para ela.

"Não tenho nenhum plano," ela responde. "Eu fiz a minha parte. Resgatei todos nós daquele lugar."

"Sim, você fez isso," Reece admite, ainda olhando para as chamas, em vez de olhar para ela. "Eu lhe devo minha vida."

Stara sente um vislumbre de esperança com as palavras de Reece, mesmo que ele ainda não tenha encontrado seus olhos. Ela se pergunta se talvez ele não a odeie tanto.

"E você salvou a minha," ela responde. "Você impediu que eu caísse do precipício -estamos quites."

Reece ainda olha fixamente para as chamas.

Ela esperava que ele dissesse alguma coisa, que dissesse que a amava - qualquer coisa. Mas ele não diz nada. Stara sente-se enrubescer.

"É isso, então?" ela fala. "Já não temos mais nada a dizer um ao outro? Está tudo acabado entre nós?"

Reece levanta a cabeça, encontrando seus olhos pela primeira vez com uma expressão confusa.

Stara não aguenta mais. Ela fica em pé e se afasta dos outros, ficando em pé na borda da caverna, de costas para todos eles. Ela observa a noite, a

chuva, o vento, e se pergunta: estaria tudo acabado entre ela e Reece? Caso estivesse, ela não acha que tenha qualquer razão para continuar vivendo.

"Nós podemos fugir para os navios," Reece diz finalmente, depois de um silêncio interminável, suas palavras cortando a noite.

Stara se vira e olha para ele.

"Fugir para os navios?" Ela pergunta.

Reece assente.

"Nossos homens estão lá em baixo, no porto. Temos que ir até eles - é o último território MacGil neste lugar."

Stara balança a cabeça.

"Um plano imprudente," afirma ela. "Os navios estarão cercados, se eles já tiverem sido destruídos. Nós teríamos que passar por todos os homens de meu irmão para chegar lá. É melhor nos escondermos em outro lugar na ilha."

Reece balança a cabeça, determinado.

"Não," ele diz. "Aqueles são *os nossos* homens. Temos que ir até eles, qualquer que seja o custo. Se eles estiverem sendo atacados, morreremos lutando com eles."

"Você parece não entender," ela responde, igualmente determinada. "Assim que o sol nascer, milhares dos homens de meu irmão descerão até as costas. Não há como passar por eles."

Reece se levanta com um brilho nos olhos.

"Então, não vamos esperar pela luz do dia," ele dispara. "Iremos agora, antes do nascer do sol."

Matus lentamente se levanta, e Reece olha para Srog.

"Srog?" Pergunta Matus. "Você pode fazer isso?"

Srog faz uma careta ao ficar em pé, apoiando-se em Matus.

"Eu apenas retardaria seus planos", diz Srog. "Sigam sem mim, eu vou ficar aqui nesta caverna."

"Você vai morrer aqui nesta caverna," declara Matus.

"Bem, então vocês não morrerão comigo," responde ele.

Reece balança a cabeça.

"*Nenhum homem será deixado para trás*," ele afirma. "Você vai se juntar a nós, não importa o que aconteça."

Reece, Matus, e Srog caminham até Stara na entrada da caverna, olhando para o vento e chuva que ainda castigam a ilha. Stara olha para os três homens, se perguntando se eles eram loucos.

"Você queria um plano," diz Reece, voltando-se para ela. "Bem, agora nós temos um."

Ela balança a cabeça lentamente.

"Imprudente," ela afirma. "Essa é a maneira dos homens. Nós provavelmente morreremos a caminho dos navios."

Reece dá de ombros.

"Todos nós morreremos um dia de qualquer maneira."

Enquanto eles continuam ali, observando os elementos, esperando pelo momento perfeito, Stara espera que Reece faça alguma coisa, qualquer coisa, que pegue a mão dela, para mostrar a ela, por menor que seja o gesto, que ele ainda gosta dela.

Mas ele não faz nada. Ele deixa suas mãos onde estão e Stara sente-se endurecer, arrasada por dentro. Ela se prepara para embarcar, sem se importar com o que o destino havia reservado para ela. Quando eles dão o primeiro passo rumo à escuridão, ela percebe, sem o amor de Reece, ela não tem mais nada a perder.



## CAPÍTULO OITO

Alistair continua no navio, aterrorizada e com seus braços ainda amarrados para trás, enquanto seu coração bate acelerado à medida que dezenas de marinheiros se aproximam dela por todos os lados com um olhar de luxúria e morte em seus olhos. Ela percebe que todos aqueles homens pretendem estuprá-la e torturá-la até a morte, e que teriam enorme prazer em fazê-lo. Ela se admira que tamanho mal exista no mundo, e por um momento se esforça para compreender a humanidade.

Durante toda a sua vida, ela sempre tinha sido conhecida, onde quer que fosse, como a garota mais bonita e, mais de uma vez, isso a tinha colocado em apuros. Ela quer apenas ser deixada em paz, e gostaria de ter uma aparência normal, como todo mundo. Ela nunca quis chamar a atenção, e certamente não queria atrair problemas.

Erec, preso na rede acima dela, grita - impotente e enfurecido.

"ALISTAIR!" Ele grita sem parar, tentando desesperadamente escapar.

Os marinheiros abaixo riem, tendo grande prazer em sua captura, e em seu desamparo.

Alistair olha para eles e sente raiva; se obrigando a ser corajosa e destemida.

"Por que vocês querem me machucar?" Ela pergunta, sua voz cheia de compaixão. "Vocês não vêem que seu comportamento só irá prejudicá-los? Somos todos parte do mesmo planeta."

Os homens dão risada na cara dela.

"Palavras extravagantes de uma garota estúpida!" um deles grita, levantando sua mão grande e pesada, preparando-se para bater nela.

Assim que ele abaixa a mãos em direção ao rosto dela, algo estranho acontece com Alistair. Uma sensação toma conta dela, diferente de tudo que ela já tinha experimentado: é como se tudo estivesse em câmera lenta, a mão do homem se move no lentamente pelo ar. Quando Alistair se concentra nela, a mão parece congelar. O mundo inteiro parece congelar. Ela vê cada partícula em detalhes nítidos, vê a própria fibra da natureza nos espíritos e almas daqueles homens.

Alistair de repente sente uma onda de energia. Ela se vê em um reino diferente, capaz de transcender tudo diante dela, capaz de ter poder sobre tudo através da empatia, amor e compaixão. Ela sente uma enorme força

crescer dentro dela, uma força que ela própria não consegue entender. É como se o poder de mil sóis estivesse correndo através de suas veias.

Alistair pisca, e o mundo volta à vida novamente em um grande flash de luz. Ela olha para a mão do homem, ainda congelada no meio do ar, e de repente ele entra em pânico ao olhar para sua própria mão, incapaz de movê-la. Ele alterna o olhar entre sua mãe e Alistair, completamente chocado.

"Uma feiticeira!" ele exclama.

Alistair fica ali, sem medo, sentindo o poder de um espírito maior dentro dela, e percebe que aqueles homens, de um plano espiritual diferente do dela, não podem tocá-la. Ela se vê controlada por um poder e força maiores do que ela.

Alistair se inclina para trás e levanta as mãos para os céus e, ao fazer isso, feixes de luz branca saem de suas palmas, subindo e iluminando a noite, atingindo o céu, e a noite negra em si.

De repente, o navio começa a balançar freneticamente de um lado para o outro. O uivo do vento aumenta, e grandes ondas sacodem todo o navio, uma corrente enorme, balançando o navio violentamente para cima e para baixo.

Todos os homens de frente para ela são atirados para o convés, e quando o navio adorna, eles começam a deslizar até baterem na lateral de madeira. O navio balança para o outro lado, e os homens deslizam de volta para a outra extremidade, batendo novamente e gemendo de dor. Alistair fica com os dois pés enraizados ao convés, e se sente como uma montanha, em equilíbrio perfeito, sentindo-se conectada à própria essência do mundo.

O navio balança de novo, e os homens deslizam para o outro lado, gritando ao baterem contra as laterais do navio, repetidas vezes, até quebrarem suas costelas.

Enquanto os homens deslizam mais uma vez, o navio quase completamente virado, eles gritam aterrorizados ao olharem para o mar: um imenso barulho é ouvido, como se as próprias entranhas do oceano estivessem subindo para a superfície, e um enorme monstro marinho surge das profundezas do oceano. Ele é duas vezes maior que uma baleia, com a cabeça chata, escamas vermelhas brilhantes e milhares de dentes afiados. Seu corpo é maior que o navio, e ele se levanta para fora das águas com grande fúria, soltando um grito tão violento que quase parte o mastro

em dois. Os homens colocam as mãos nas orelhas, tentando abafar o barulho, mas mesmo assim, muitos de seus ouvidos começam a sangrar.

A baleia se coloca inteiramente fora da água, maior do que um dragão, maior do que qualquer coisa que Alistair já tinha visto, e então mergulha de cabeça contra o navio, com suas mandíbulas abertas.

Os homens erguem os braços e gritam, mas já é tarde demais; os dentes da baleia se fecham no meio do navio, partindo-o em pedaços. O monstro engole os homens, cujo sangue escorre pelos seus dentes quando ele fecha a mandíbula e depois desaparece com a mesma rapidez, levando-os de volta para o fundo do oceano.

O navio, agora vazio, destruído, está afundando rápido, e Alistair olha para cima e vê Erec balançando para a frente e para trás em sua rede. Ela vê quando a corda se rompe e ele desaba para o convés. Erec usa seu punhal para abrir a rede e se libertar, e se levanta e corre para ela.

Eles se abraçam.

"Alistair," ele diz. "Graças a Deus você está segura."

A água invade o navio mais rápido, e em meio ao barulho do vento e das ondas é possível ouvir os gritos dos homens. Alistair se vira e vê o capitão; ele se aproxima correndo vindo das plataformas superiores, junto com dezenas de outros marinheiros da parte de trás do navio.

"Olhe!" Erec grita.

Alistair se vira e, seguindo a direção que Erec aponta, logo identifica uma pequena embarcação, um barco a remo de vinte pés com uma pequena vela, preso por cordas à lateral do navio - claramente um barco salva-vidas. Os marinheiros correm para ele, e Erec agarra a mão dela e os dois correm pelo convés, com uma boa vantagem sobre os outros.

Eles chegam ao barco salva-vidas primeiro, e Erec pega Alistair no colo e a coloca no pequeno barco enquanto o navio continuar a balançar; ela agarra a corda, tentando se firmar.

"Não toque em nosso barco!" Grita o capitão.

Erec se vira, e quando o capitão se aproxima, Erec o esfaqueia no coração com sua espada. O capitão suspira e cai de joelhos, com os olhos esbugalhados em estado de choque enquanto Erec paira sobre ele com um olhar de desgosto.

"Eu deveria ter feito isso há muito tempo," Erec dispara.

Vários outros marinheiros se aproximam, e Erec, finalmente solto, luta com sede de vingança, cortando e matando uma dúzia de marinheiros que

desajeitadamente levantam suas espadas e tentam revidar. Eles não são páreo para Erec.

"Erec, temos que ir!" Alistair grita de dentro do barco.

O navio balança violentamente, se enchendo de água, e dezenas de outros marinheiros começam a correr na direção deles. Erec se vira e pula no barco a remo ao mesmo tempo em que corta as cordas.

Alistair sente o coração na garganta quando eles caem através do ar, caindo no oceano e pondo-se a chacoalhar com o movimento das ondas.

Eles escapam bem a tempo; um momento depois, o enorme navio tomba para o lado, adernando. Os marinheiros que continuam a bordo gritam pela última vez antes de serem sugados pelo oceano junto com o navio.

Erec rema com todas as suas forças, distanciando-os do navio e, em breve, os gritos não podem mais serem ouvidos. Logo, os dois estão sozinhos, navegando através da escuridão, sob um milhão de estrelas vermelhas, dirigindo-se Deus sabe para onde.



## CAPÍTULO NOVE

Thor caminha pela Terra dos Druidas admirado com a paisagem ao seu redor, exótica e ao mesmo tempo estranhamente familiar. Ao atravessar um campo de flores, ele estende a mão, tocando-as maravilhado, tentando entender onde as tinha visto antes, onde ele tinha visto tudo aquilo antes. Quanto mais ele as examina, mais ele começa a se lembrar: ele já tinha visto aquele campo de flores antes. É o campo do lado de fora da Corte do Rei. O lugar onde ele tinha tido seu primeiro encontro com Gwendolyn. Tinha sido um lugar mágico para ele, um lugar guardado para sempre em sua memória, onde ele havia se apaixonado pela primeira vez, um lugar que ele nunca conseguiria esquecer.

Mas o que aquele campo estaria fazendo ali, do outro lado do mundo, na Terra dos Druidas? Ele tinha atravessado o mundo apenas para voltar para casa? Não fazia sentido.

Enquanto Thor continua andando pelo campo, ele se esforça para entender o que está acontecendo. Ele sente todo seu corpo formigando, e tem a sensação de que ele realmente se encontra em uma terra diferente, um lugar diferente. Uma estranha energia paira no ar, com uma brisa com peso e perfume diferentes. Pela primeira vez em sua vida, Thor tem a sensação de estar perfeitamente alinhado com a energia do lugar à sua volta, como se finalmente estivesse em casa, entre o seu povo - pessoas como ele, pessoas que o compreendiam. Ele se sente mais vivo e mais forte ali do que jamais havia se sentido em qualquer outro lugar do mundo.

No entanto, ao mesmo tempo, seus arredores também parecem diferentes e estranhos para ele. Ele pressente algum perigo - só não sabe dizer o quê é.

Thor vasculha o horizonte, esperando ver algo familiar - o castelo de seus sonhos, o palácio de sua mãe, a passarela de acesso à ele ou, pelo menos, algum caminho que o conduza até ela.

Mas ele não vê nada. Em vez disso, ao atravessar o campo de flores, seguindo um caminho de terra sinuoso, a paisagem de repente dá lugar a uma pequena aldeia cortada pelo caminho de terra, cheia de casas de pedra branca.

Thor prende a respiração, chocado, ao mesmo tempo em que os cabelos em seus braços se arrepiam: aquele é *a sua* cidade, sua aldeia natal.

Como aquilo era possível? ele se pergunta. Ele teria viajado metade do mundo apenas para voltar para casa?

Thor continua a andar com cautela pelas ruas vazias até que, um pouco à frente, ele vê uma figura distante. A pessoa está parada na lateral da estrada de terra, e quando Thor se aproxima ele fica surpreso ao ver que é uma mulher velha, debruçada sobre um caldeirão sobre uma fogueira. A mulher também lhe parece familiar.

Ela olha para ele e faz uma careta.

"Cuidado onde pisa!" ela ralha.

Thor reconhece aquela voz, e de repente ele se lembra: é a velha de sua aldeia, que vivia debruçada sobre seu guisado, sempre a gritar com ele enquanto ele corria pela redondeza perturbando suas galinhas. Ele estaria vendo coisas?

"O que você está fazendo aqui?" Ele pergunta, pasmo.

"A questão é: o que você está fazendo aqui?"

Thor pisca, confuso.

"Eu vim encontrar minha mãe."

"É mesmo? E como pretende fazer isso?"

Thor olha para sua relíquia e vê que a flecha não está mais apontando em qualquer direção - ela havia quebrado. Ele tinha chegado, e agora que estava ali, teria que seguir por conta própria. Ele não tem idéia de como encontrá-la agora.

Thor olha para a mulher.

"Eu não sei," ele finalmente responde. "Qual a extensão da Terra dos Druidas?"

A velha joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada, um som horrível que lhe dá arrepios na espinha.

Finalmente, ela diz: "Eu posso lhe dizer onde ela está."

Thor olha para ela com surpresa.

"Você pode? Mas como você sabe?"

Ela mexe o caldeirão.

"Por um preço," continua ela, "Eu posso lhe dizer qualquer coisa."

"Qual o preço?" Pergunta Thor.

"A sua pulseira."

Thor olha para o bracelete dourado que Alistair lhe dera, que agora brilha sob a luz. Ele hesita. Ele sente que o bracelete carregava um tremendo poder, e sente que era a única coisa que o protegia ali naquela terra. Ele tem o pressentimento que se o desse a ela, perderia toda a sua força.

Mas, por outro lado, Thor precisa saber onde sua mãe está.

"Foi um presente," ele responde. "Desculpe, mas não posso."

A mulher dá de ombros.

"Então eu não posso lhe ajudar."

Thor olha para admirado e ao mesmo tempo frustrado.

"Por favor," ele implora. "Eu preciso de sua ajuda."

Ela mexe o caldeirão por um longo tempo e, finalmente, ela suspira.

"Olhe em meus caldeirão. O que você vê?"

Thor olha para ela confuso, então, finalmente, olha para seu caldeirão.

Ele pisca várias vezes, pego de surpresa, e se inclina mais perto, tentando dar uma boa olhada.

Nas águas imóveis, lentamente, uma reflexão aparece. No começo parece ser seu rosto; mas, em seguida, lentamente, ele percebe que não é o seu rosto, mas o rosto de Andronicus.

Thor olha para a mulher, que o encara de volta com um olhar maléfico.

"Quem é você?" ele pergunta.

Ela sorri largamente para ele.

"Eu sou todo mundo," ela fala. "E ninguém."

Ela pula de seu caldeirão, estende a mão e pega a pulseira fora de seu pulso. Quando Thor estende a mão para pegá-la de volta, a velha subitamente se transforma diante de seus olhos em uma longa serpente branca. Thor assiste com horror e percebe que se trata de uma mortífera Cobra Branca, a mesma cobra que ele tinha visto em seu primeiro encontro com Gwendolyn. O sinal de morte.

A serpente cresce cada vez mais, e antes que Thor possa reagir, sua cauda se enrola em torno de seus tornozelos e, em seguida, em torno de sua canelas, joelhos, coxas, cintura e peito. Ela aperta seus braços, e ele fica ali, mal conseguindo respirar enquanto ela o esmaga.

A serpente então se inclina para trás e abre sua mandíbula expondo suas presas. Thor vira o rosto, sentindo a respiração quente da cobra em seu pescoço e sabendo que, em alguns momentos, ela afundaria suas presas em sua garganta.

## CAPÍTULO DEZ

Romulus marcha pela província do sul do Anel, observando com alegria enquanto suas dezenas de milhares de homens avançam para os portões de Savaria. Centenas de cidadãos do Anel correm para os portões da cidade, e os cavaleiros da guarda abaixam o enorme portão de ferro que se fecha com um estrondo assim que a última pessoa entra. Eles erguem a ponte levadiça sobre o fosso, e Romulus observa, sorrindo cada vez mais. Aqueles Savarianos realmente acreditam que poderiam impedi-lo de entrar. Eles não têm idéia dos seus planos para eles.

Romulus ouve um grito, e olha para cima para ver o seu exército de dragões voando, circulando acima dele à espera de seu comando. Ele levanta o punho e então o abaixa, e assim que ele faz isso, seus dragões mergulharam para a frente, voando na direção de Savaria.

Os dragões voam sobre os muros maciços e sobre os portões da cidade como se eles sequer existissem, e ao chegaram perto do chão, assopram um muro de fogo.

Os gritos de milhares surgem atrás dos muros da cidade, os civis indefesos são abatidos pela respiração dos dragões, queimados vivos enquanto tentam escapar, sem terem para onde ir. Ele observa através dos portões de ferro quando cavaleiros levantam suas espadas inutilmente, suas armas derretendo em suas mãos e escorrendo pelos seus pulsos, fundindo-se com suas armaduras enquanto eles também gritam ao serem queimados vivos.

Ninguém está a salvo da ira dos dragões. Os grandes muros, destinados a manter invasores do lado de fora, em vez disso mantêm as ondas de fogo dos dragões, funcionando como uma armadilha. Até mesmo um único dragão poderia ter devastado a cidade, mas dezenas deles chovem sobre ela como um apocalipse.

Romulus respira fundo e sente grande satisfação no inferno que vê diante dele. Ele sorri, andando lentamente em seu cavalo, e sentindo o calor das ondas de fogo. As chamas chamuscam as muralhas da cidade, subindo cada vez mais alto, derramando através das janelas como um enorme caldeirão escaldante que não pode ser apagado.

Os homens de Romulus param na borda do fosso, incapazes de chegar mais perto por causa do calor intenso. Eles esperam até que finalmente

Romulus levanta a mão e os dragões recuam, voltando e circulando novamente sobre suas cabeças.

As chamas finalmente cedem, e os homens de Romulus correm para a frente e abaixam uma ponte improvisada sobre o fosso. O primeiro batalhão corre sobre ela, segurando um mastro de ferro que utilizam para bater no portão ainda em chamas. Faíscas voam por toda parte à medida que eles batem no portão incessantemente, até que ele finalmente cede em meio a uma grande nuvem de chamas e faíscas, revelando uma parede de fogo atrás dele.

Todos ficam ali parados, enquanto Romulus guia seu cavalo lentamente em direção à linha de frente. Atrás dele, sentado em seu cavalo, está o seu prêmio, seu novo brinquedo - Luanda, ainda com os pulsos e mãos amarrados, a boca amordaçada, os tornozelos amarrados à sela. Ela tinha sido forçada a andar com ele. Ele poderia tê-la matado, é claro, mas preferia muito mais prolongar seu sofrimento, fazê-la testemunhar o que ele estava prestes a fazer a sua terra natal. Há algo a respeito dela, algo desafiante e mal que ele estava começando a gostar, e ele se pergunta se ela um dia poderia ser uma companheira adequada para ele.

Romulus para ao chegar à beira do fosso, em seguida, dá um aceno conciso. Centenas de seus homens, que aguardavam o seu comando, invadem a cidade com um grande grito e ao som de buzinas, e logo a cidade está tomada pelos seus homens. Ele observa com orgulho quando a bandeira do Império é hasteada acima de seus portões.

Savaria, ele sabe, é uma das grandes cidades do Anel. E agora, todas as pessoas dentro dela, em questão de minutos - todos os cavaleiros, soldados, plebeus e senhores - tinham sido mortos, e ele não tinha perdido um único soldado. Assim tinha sido durante todo o seu trajeto desde o Canyon - à medida que Romulus lenta e meticulosamente acabava com cada cidade e aldeia que encontrava, querendo que sua destruição do Anel fosse absoluta.

Claro, a Corte do Rei ainda estava livre, mas ele pretende tomar o seu tempo antes de chegar até lá. Ele quer ver tudo destruído primeiro - até que não reste um centímetro de grama intocada, como vingança por sua derrota anterior. Ele chegaria até Gwendolyn na hora certa, e acabaria com a Corte do Rei. Ele enviaria seus dragões sobre ela, e a faria pagar por tudo que havia feito - mas não sem antes ter destruído todas as cidades em seu precioso Anel.

Romulus joga a cabeça para trás e ruge com triunfo. Enquanto o feitiço durasse, ele seria invencível. E, enquanto ele vivesse, nada - nem ninguém - poderia impedi-lo de conseguir o que queria.



## CAPÍTULO ONZE

Gwendolyn monta na parte de trás Ralibar, segurando firme para não cair ao mesmo tempo em que se pergunta como tinha chegado até ali. Ralibar voa de forma irregular, ao contrário do costumava fazer, movendo-se para cima e para baixo, passando entre as nuvens como se quisesse se livrar dela.

"Ralibar, por favor, devagar!" Ela grita.

Mas Ralibar não lhe dá ouvidos. Ele age como um animal diferente, um dragão que ela não conhece. Ele ruge - um ruído aterrorizante - e mergulha através das nuvens na direção, Gwen percebe, da Corte do Rei.

"Eu não estou conseguindo me segurar!" Gwen grita, escorregando.

Mas Ralibar voa ainda mais rápido e com mais inclinação, e um momento depois, Gwen grita quando não consegue mais se segurar.

Gwen vai caindo através do ar, de cabeça para baixo, despencando na direção da Corte do Rei. E Ralibar, em vez de descer para pegá-la, se afasta, voando para longe dela.

Gwendolyn se prepara, gritando, à medida que o chão se aproxima dela.

Ela cai com força no chão de barro, sentindo uma dor alucinante em cada parte do seu corpo. No entanto, ela continua viva.

Gwen se levanta devagar, imaginando como poderia ter sobrevivido. Ela olha ao seu redor e mal reconhece a Corte do Rei. Está tudo em ruínas, e ela está no centro de tudo, a única pessoa viva.

Ela ouve o choro de um bebê e se vira, reconhecendo imediatamente o choro de seu filho. Ela vê Guwayne do outro lado da praça. Ele está ali sozinho, chorando sem parar.

Com o coração partido, Gwen tenta correr até ele, mas assim que começa, se vê tropeçando na lama.

"Guwayne!" Ela grita.

Gwen corre, tropeçando, até que finalmente chega até ele. Ela o pega no colo e o abraça com força, chorando. Ela não consegue entender como ele tinha chegado até ali, sozinho.

Gwendolyn olha para cima e vê, em pé diante dela, debaixo do portão arqueado na entrada da cidade, seu pai - o Rei MacGil. Ele está sem expressão, seu rosto duro e frio, e a encara com o semblante sério.

"Minha filha," ele diz, sua voz parecendo estar longe. "Deixe este lugar. Abandone-o de uma vez por todas."



Gwen continua segurando Guwayne, chorando e gritando em seus braços; ela está prestes a responder, prestes a perguntar ao pai o que ele estava fazendo ali - e contra o que ele a estava advertindo, quando de repente ela ouve um bater de asas. Ela estica o pescoço e olha para o céu, e finalmente vê um dragão descendo através das nuvens. No início, ela fica exultante, esperando que fosse Ralibar; mas então ela fica horrorizada ao ver que não era ele. Aquele é um dragão medonho, de cor amarela, que ela nunca tinha visto antes, com dentes longos, afiados, uma cabeça grande demais para seu corpo e asas cobertas de espinhos.

O dragão arqueia o pescoço, gritando para os céus, em seguida, abaixa a cabeça e respira fogo na direção dela. Uma parede de fogo atravessa o ar, e Gwen grita e agarra o bebê contra o peito para protegê-lo do calor. Ela se encolhe e se abaixa, mas por mais que ela ficar longe, ela sente as chamas queimando-a lentamente.

Gwen acorda gritando. Ela se senta na cama, respirando com dificuldade, procurando em todos os lugares e tentando apagar as chamas imaginárias. Ela pula da cama, e ela leva um momento para perceber que tinha sido apenas um pesadelo.

Gwen fica em seu quarto no castelo, suando e respirando com dificuldade. Lentamente, ela recupera o fôlego, olha para fora e vê o primeiro dos sóis subindo através de sua janela, iluminado o quarto em tons violeta. Ela vê Guwayne dormindo profundamente em seu berço ao lado da cama e respira fundo, percebendo que tudo estava bem.

Gwen atravessa seus aposentos e joga água no rosto, em seguida, vai até a janela e olha para fora, preparando-se para o pior depois daquele sonho.

Mas tudo está em paz em seu reino. Todo a Corte do Rei está dormindo e nada se move. Pela aparência das coisas, não há nenhuma razão para temer.

No entanto, enquanto Gwen fica ali, seu sonho paira sobre ela como um manto negro. Ela sente que as visões que ela tinha tido eram reais; sente que aquilo tinha sido um aviso, que ela tinha que sair daquele lugar e levar o seu junto com ela. Eles teriam que evacuar, e ela não quer esperar mais nenhum minuto.

Gwendolyn se veste rapidamente, atravessa seu quarto e abre a porta.

Seus guardas se viram e olham para ela, entrando em posição de sentido.

"Minha senhora," diz um deles.

Ela olhou para ele com a seriedade de uma rainha. Ela está determinada - não importa quais sejam as consequências.

"Soem os alarmes para a evacuação," ela ordena. "Agora."

Não há dúvida da autoridade em sua voz, e seus guardas olham para ela com os olhos arregalados de surpresa. Mas eles executam seu comando, e imediatamente saem correndo para fazer a sua vontade.

Gwen se vira, pega Guwayne no colo, e se prepara para reunir suas coisas mais preciosas. Ela dá um longo última olhada em seus aposentos do castelo, em seguida, vai até a janela e olha para a Corte do Rei pela última vez. Ela sabe que nunca mais voltaria a vê-la.

\*

Gwendolyn fica no centro do pátio da Corte do Rei sob o sol da manhã, cercada por milhares de seus súditos, uma multidão agitada e irritada. Ao lado dela está Steffen e Aberthol e todos os seus conselheiros, juntamente com seus irmãos, Godfrey e Kendrick. Eles ficam ao seu lado, apoiando a Rainha, enquanto a massa a encara com raiva. Em torno da Corte do Rei há centenas de seus soldados, observando com cautela, segurando suas armas, preparados, ao seu sinal, para tomar medidas contra as pessoas que se recusavam a evacuar.

Depois que os alarmes haviam soado, seu povo tinha se reunido no pátio, com seus soldados forçando-os a saírem de suas casas; agora, ali estavam eles com os olhos turvos, uma multidão enfurecida de frente para ela, exigindo respostas. Ela nunca tinha visto seu povo tão chateado com ela, e ela não gosta da sensação. Aquela não é a experiência de ser rainha que ela conhecia.

"Exigimos respostas!" Alguém grita da multidão, sendo apoiado pela multidão de seus súditos.

"Você não pode simplesmente nos forçar a sair de nossas casas dessa forma!" Grita outro.

"Por que você está exigindo a evacuação? Nós não estamos sob ataque!"

"Não vou fugir da minha casa enquanto estamos na cidade mais fortificada da do reino!"

"Queremos respostas!"

A multidão aplaude novamente. Gwendolyn os enfrenta, sentindo-se odiada por seu povo. No entanto, no fundo, por mais difícil que seja, ela sabe que está fazendo a coisa certa.

Gwen dá um passo adiante e a multidão se acalma, enquanto todos os olhos se voltam para ela em silêncio.

"Eu tive um sonho," Gwen grita para a multidão. "Um sonho de destruição, uma destruição que se aproxima de nós."

"Um sonho!" Alguém grita.

Toda a multidão ri ironicamente.

"E por acaso espera que abandonemos nossas casas, deixando nossas vidas para trás em função de seus sonhos?"

A multidão aprova, e Gwendolyn sente seu rosto corar, envergonhada.

"Gwendolyn é a sua rainha, e vocês devem tratá-la com respeito!" Steffen grita com raiva.

Gwendolyn coloca a mão em seu braço; ela aprecia o seu apoio, mas não quer que ele incite ainda mais a multidão.

"Se você quiser sair daqui com base em seus sonhos," um deles grita: "então faça como quiser! Vamos encontrar um novo governante!"

Outro grito de apoio irrompe.

"Nós não vamos evacuar!" Grita outro.

A multidão se agita, prestes a se rebelar.

Godfrey corre para o lado dela e encara a multidão, agitando os braços.

"Gwendolyn sempre foi uma rainha boa e justa para vocês!" Ele grita. "Ela ficou ao seu lado nos bons e maus momentos. Agora vocês devem retribuir o favor. Se ela tem razões para acreditar que devemos evacuar, então devemos ouvi-la!"

"Mesmo boas rainhas podem tomar decisões ruins!" Um membro da multidão dispara, para a alegria dos demais.

Gwen olha para seus rostos, e pode ver o ódio em cada um deles, determinados e talvez com medo. Nenhum deles quer se aventurar no desconhecido, ela entende isso.

"Eu entendo como vocês se sentem!" Gwendolyn grita. "Mas a minha decisão não foi baseada apenas em sonhos, baseia-se também em profecias. Profecias antigas que eu a que tive acesso, premonições que testemunhei - e as previsões de Argon. Eu não acredito que Corte do Rei vá resistir por muito mais tempo. Eu quero que todos vocês estejam em segurança antes que o pior aconteça. Eu sei que é difícil para vocês deixarem suas casas. Eu mesma não gostaria de abandonar o meu lar. Eu amo a Corte do Rei, mas peço que confiem em mim. Eu entendo que

enfrentar o desconhecido é difícil, mas estaremos mais seguros do que onde estamos agora."

"Como podemos confiar em você quando você não nos mostra nenhum perigo?" Um deles grita, para aplausos da multidão.

"Não vamos sair!" dispara outro.

À medida que a multidão grita e resiste, Gwendolyn não consegue acreditar no que vê diante dela. Seu povo seria tão inconstante? Poderiam realmente amá-la em um momento, e odiá-la no momento seguinte?

Gwen se lembra de algo que seu pai uma vez havia dito, algo que ela não tinha entendido na época. *As massas vão adorar você e as massas vão te odiar. É uma armadilha se permitir ser influenciada por qualquer uma dessas situações.*

"Sinto muito," responde Gwendolyn, "mas eu sou sua líder, e devo decidir o que é melhor. Se vocês não saírem voluntariamente, meus soldados terão que levá-los à força para fora da cidade. Esta cidade está sendo fechada e evacuada e ninguém vai ficar para trás. Não enquanto eu estiver viva."

Vaias são ouvidas, e um homem se aproxima e enfrenta Kendrick.

"É por isso que uma mulher não deveria nos governar," o homem fala. "Uma mulher se deixa influenciar por seus sonhos inconstantes. Você é filho primogênito do rei MacGil. Nós preferimos que *você* nos lidere."

A multidão aplaude atrás dele, e Gwen não consegue acreditar no que está ouvindo. Kendrick enrubesce.

"Esta é *a sua* oportunidade," continua o homem. "Assuma a regência dos MacGil. A Prata irá respeitá-lo. Nós daremos ouvidos a ela, mas respeitaremos você."

Gwendolyn olha para Kendrick desanimada, e se pergunta como ele reagiria. Ela sabe que ele não concorda com a evacuação, e aquela é verdadeiramente uma oportunidade para ele.

Um tenso silêncio recai sobre a multidão até que finalmente Kendrick fala.

"Eu estou com a minha irmã!" afirma ele. "Eu sempre servirei minha rainha honrosamente - quer eu concorde com ela ou não. Isso é o que nosso pai gostaria que eu fizesse, e é esse o nosso código de honra."

A multidão, surpresa e decepcionada, levanta seus punhos e vaia.

"PRATA!" Kendrick ordena. "Sua rainha deu uma ordem. Cumpram o seu comando! Evacuem a cidade de uma vez por todas!"

Um coro de trombetas soa, e a multidão vaia e empurra quando milhares dos soldados da Prata se aproxima deles, encurralando-os na direção dos portões. A multidão empurra, lutando contra eles. Mas os Prata estão armados, vestindo suas armaduras, e são afinal uma força de combate de elite - a multidão não é páreo para eles. Os Prata os empurram devagar e com firmeza, todo o caminho até os portões da cidade.

Lentamente, a cidade é evacuada, uma pessoa de cada vez.

Gwen fica observando tudo, e se aproxima de Kendrick, que também observa tudo.

"Obrigada, meu irmão," ela fala, colocando a mão em seu pulso. "Eu nunca esquecerei disso."

Ele se vira para ela e acena com a cabeça, mas sua expressão é grave.

"Eu espero que você saiba o que está fazendo, minha irmã," responde ele.

Gwen olha para Kendrick, sentindo-se dividida enquanto observa seu povo deixar a cidade, preparando-se para se juntar a eles.

"Eu também," ela diz.

Ela se junta a Kendrick, Godfrey, Steffen, Aberthol, e todos os seus assessores enquanto seguem as massas, saindo pelos portões da Corte do Rei - desta vez, Gwendolyn sabe, para nunca mais voltar.

## CAPÍTULO DOZE

Thor se contorce, tentando se libertar das garras da Cobra Branca - mas ela é forte demais. Seu corpo musculoso se enrola em torno dele dos tornozelos ao peito, apertando-o em um abraço mortal. Então ela o encara, sibilando ao se preparar para fechar suas presas no pescoço de Thor.

Thor tenta escapar, se debater, fazer qualquer coisa, mas ele está impotente. Tudo o que ele pode fazer é fechar os olhos e se virar enquanto se prepara para a inevitável picada da cobra em seu rosto.

Thor não compreende o que está acontecendo ali, naquele lugar. Ele sempre tinha imaginado que, quando encontrasse a Terra dos Druidas, seria bem vindo, recebido pela sua mãe. Ele esperava que fosse reconhecer instantaneamente sua terra natal. Ele simplesmente não esperava por isso.

E agora, Thor não consegue acreditar que passaria seus momentos finais ali, que morreria tão perto de reencontrar sua mãe, à mercê daquela terrível criatura.

Enquanto Thor se prepara para o inevitável, ele abre os olhos, obrigando-se a encarar de frente seus segundos finais na Terra. E, quando a cobra começa a abaixar suas presas, de repente Thor identifica um movimento com o canto do olho. Ele vê um homem, talvez na casa dos cinquenta anos, uma figura grande, com barba comprida e cabelos castanhos desgrenhados - um homem que Thor reconhece vagamente. Ele está vestindo uma armadura resplandecente - a armadura de um rei e, ao ver Thor, ele corre para a frente, estendendo a mão com sua manopla, e pega a cobra pelo pescoço, agarrando-a no ar, apenas instantes antes que ela pudesse afundar seus dentes no rosto de Thor.

Thor observa com espanto enquanto o homem aperta a cobra pelo pescoço com cada vez mais força, e seu sibilar diminui à medida que a cobra começa a ficar ofegante. Thor sente os músculos da cobra lentamente relaxarem em torno de seu corpo ao mesmo tempo em que o homem aperta a vida para fora dela.

Quando a cobra começa a afrouxar, Thor mexe um braço e, erguendo sua espada, corta seu corpo ao meio.

A metade da serpente ainda envolvida em torno de Thor cai ao chão, mas a outra metade, que o homem ainda segura, continua lutando para sobreviver. O homem a aperta com mais força até que, finalmente, os olhos

da cobra se abrem para, em seguida, se fecharem por completo, e seu corpo fica inerte na mão do homem.

O homem joga a carcaça da cobra no chão, e Thor olha para ele incrédulo. Aquele é um homem que ele reconhece; um homem que ele ama; um homem de quem ele sentia muita falta e que Thor jamais pensou que veria novamente.

O Rei MacGil.

\*

Quando o Rei MacGil deixa a cabeça da cobra cair, ele olha para Thor com um grande sorriso através de sua barba e dá um passo à frente, estendendo os braços, e dá um abraço em Thor como um pai abraçaria um filho.

"Meu rei," Thor diz por cima do ombro, e MacGil se afasta e olha para ele.

"Thorgrinson," MacGil diz, apertando a mão quente no ombro de Thor e sorrindo com aprovação. "Eu disse que nos encontraríamos novamente."

Thor está sem palavras. Ele não entende o que está acontecendo. Ele teria morrido e ido para o céu? Ou estaria enlouquecendo?

"Mas... como?" Pergunta Thor. "Como você está aqui? Você está vivo?"

O Rei MacGil sorri, colocando o braço em torno de Thor, e então se vira e começa a caminhar com ele, levando-o por uma pequena estrada.

"Você sempre tinha muitas perguntas."

"Eu morri?" Pergunta Thor.

O Rei MacGil ri em delírio, e Thor fica exultante em ouvi-lo. A risada do Rei é um som de que ele sentia falta; de fato, ele não tinha percebido até então quanta saudade eles havia sentido do rei. Em alguns aspectos, embora ele o tivesse conhecido por tão pouco tempo, o rei MacGil tinha sido como um pai para Thor, e vê-lo agora era como ter seu pai de volta.

"Não, meu menino," responde o Rei MacGil, ainda rindo, "você não morreu. Na verdade, você só começou a viver. Você está prestes a viver de verdade."

"Mas... você morreu. Como você está aqui?"

"Nenhum de nós morreu, na verdade," MacGil responde. "Eu não faço mais parte do plano físico, é verdade; mas ainda estou muito vivo. Na Terra dos Druidas, o véu entre os vivos e os mortos é mais fino, mais translúcido;

é mais fácil de atravessar. Sua mãe me enviou até aqui para encontrá-lo, para guiá-lo até ela."

Os olhos de Thor se arregalam de surpresa e emoção com a menção de sua mãe.

"Então, ela realmente *existe*," diz Thor.

MacGil sorri.

"É claro." Ele suspira. "Não se pode atravessar esta terra sem um guia, e eu serei o seu. Você deveria ter me esperado pacientemente no portão, até que fosse buscá-lo. Então você não teria se envolvido em toda essa confusão. Mas você sempre foi impaciente, Thorgrinson - e é por isso que eu te amo!" diz ele com uma risada.

Eles abrem caminho por uma trilha, e Thor pensa sobre tudo aquilo, pensando.

"Eu não entendo este lugar," Thor fala. "Ele me parece tão familiar... e ainda, tão estranho."

MacGil assente.

"A Terra dos Druidas é diferente para cada pessoa que entra nela," ele explica. "É um lugar diferente para mim do que para você. Podemos até ver duas terras diferentes. Você entende, Thorgrinson, tudo o que você vê aqui é apenas um reflexo de sua própria consciência. Suas próprias memórias, as suas próprias esperanças e necessidades e desejos e medos. Seus desejos. Você pode passar por aqui e ver a sua cidade natal; ver o seu primeiro amor; ver qualquer lugar que tenha sido importante para você; pode rever os momentos do auge de sua vida acontecerem diante de seus olhos. Você pode encontrar seus tempos mais gloriosos, suas maiores ambições, e você também pode encontrar seus demônios mais sombrios. Dessa forma, a Terra dos Druidas é o lugar mais seguro e mais agradável do planeta - e também o mais sombrio e mais perigoso. Tudo depende de você, de sua mente e de seus demônios. Depende da forma como você se vê, e de como você vê o mundo. E acima de tudo, sobre o quão profundamente você consegue controlar sua mente. Você pode se fechar para um pensamento obscuro? Você consegue em vez disso, usar sua mente de uma forma positiva?"

Thor ouve tudo, espantado, tentando entender. Ele percebe algo enquanto ouve as palavras do rei.

"Você," Thor diz: "você é um reflexo da minha mente."

MacGil acena de volta, sorrindo.



"Você me amava," ele diz. "Eu era uma pessoa importante para você. Uma espécie de mentor."

"Quando eu sair daqui, você desaparecerá," Thor fala, começando a entender, e entristecido com o pensamento.

MacGil assente.

"Quando você deixar esse lugar - se você um dia o deixar - então sim, o mundo vai voltar a ser como você se lembra. Mas, por agora, aqui estamos nós. Tão reais e tão vivos como sempre fomos Sua mente inteira, toda a sua consciência, é transmitida a partir de sua essência. Você vê, Thorgrin," ele diz, colocando um braço em torno de seu ombro, "toda esta terra é um reflexo do *você é*. É um exercício de controle da mente, Thorgrinson. Alguns de seus momentos mais felizes, algumas de suas memórias mais bonitas, aparecerão diante de você em sua jornada. Embora eu deva avisá-lo: não deixe que seus pensamentos sombrios o oprimam, mesmo por um instante. Pensamentos escuros passam pela Terra dos Druidas como tempestades ferozes. Se você não aprender a controlá-los, eles irão destruí-lo."

Thor engole em seco, nervoso, começando a entender.

"Então aquela cidade por onde eu passei," Thor percebe, "minha cidade natal. Eu criei aquilo. Minha mente a criou."

MacGil assente.

"Ela foi um lugar importante em sua vida. Era o lugar que você queria ser recebido."

Thor percebe outra coisa.

"E então esse campo de flores por onde andei," continua ele, "era realmente o campo onde conheci Gwendolyn pela primeira vez. E a cobra branca que eu vi..."

Thor se silencia, juntando as peças do quebra-cabeças. Tudo está começando a fazer sentido. Finalmente, ele entende. Aquele lugar é mais poderoso do que ele pensava. Mais surpreendente, mais promissor, do que ele jamais havia sonhado. E, no entanto, também é mais aterrorizante.

Eles caminham por um longo tempo em silêncio, até que algo ocorre a Thor.

"E minha mãe?" ele pergunta. "Ela está viva? Ela é uma pessoa de verdade? Ou apenas uma invenção, fruto da minha esperança e imaginação? Ela está aqui apenas porque ela existe em algum lugar no fundo do meu subconsciente? Só porque eu sempre quis que ela

existisse? Só porque eu precisava que ela existisse? Só porque eu sonhei em ter um parente importante? "

O Rei MacGil fica em silêncio, sem expressão, enquanto eles continuam a caminhar.

"Você procura respostas concretas," ele fala. "Na Terra dos Druidas, você vai ver que não há absolutos. As únicas respostas que você vai encontrar estão dentro de si mesmo. A mesma força que tiver dentro de si, será a força que encontrará neste mundo. Prepare-se, jovem Thorgrin e esforce-se para controlar a mais dura e mais poderosa arma de todas: Sua própria mente."

\*

Thor percorre a Terra dos Druidas por horas, com MacGil ao seu lado. Os dois estavam rindo e conversando por horas, lembrando os velhos tempos, falando sobre as caçadas que tinham feito juntos, sobre a Corte do Rei, sobre quando Thor havia conhecido a filha do rei. Eles falam sobre MacGil aceitá-lo em sua família; eles conversam sobre batalhas, cavaleiros, honra, e valor. Eles conversam sobre o assassino do rei MacGil, e a vingança que tinham sido executada. Eles também falam de política, mas principalmente, eles conversam sobre batalhas. Ambos eram, no fundo, guerreiros destemidos, e se entendiam em um nível profundo. Em alguns aspectos, Thor sente como se estivesse falando sozinho. É muito bom estar falando com o rei MacGil novamente, em tê-lo de volta ao seu lado. Thor tem uma sensação de ruptura com a realidade, como se estivesse vagando em uma terra surreal, em um sonho do qual não havia como acordar.

Eles passam por lugares que Thor reconhece com prazer, lugares que lhe parecem familiares, lugares de sua cidade natal e das redondezas da Corte do Rei. Ele se sente confortável ali. Uma parte dele pode vagamente sentir que sua mente estava criando aqueles enquanto ele caminha, e é difícil separar os dois; Thor sente como se estivesse em pé diante de um cruzamento estranho entre sua própria mente e a realidade externa do mundo. É assustador para ele perceber a profundidade da força de sua mente. Se ele pudesse criar qualquer coisa, seria possível criar os reinos mais gloriosos com o estalar de um dedo. No entanto, se ele tivesse um momento de fraqueza, em apenas alguns momentos, ele poderia criar os reinos mais sombrios - e isso o aterroriza. Como seria possível manter sua mente cheia de pensamentos positivos o tempo todo?

Eles chegam ao topo de uma colina e param, olhando para fora. Thor suspira, impressionado com a visão. Ele mal pode entender: diante dele, está a Corte do Rei. É uma réplica perfeita, tão real que Thor tem certeza que está diante da cidade de onde havia partido. Ela parece mais gloriosa do que nunca, milhares de cavaleiros de armadura brilhante estão em pé diante das muralhas de pedra antiga e diante do portão de entrada e alinhados nos parapeitos. Há mais cavaleiros do que ele jamais havia visto, gloriosos guerreiros protegendo uma cidade gloriosa.

O Rei MacGil para ao lado dele e sorri.

"Sua mente é um lugar bonito, Thorgrin," ele diz, olhando para fora e admirando a vista. "Eu nunca tive tantos cavaleiros na Corte do rei. Parece que você aprimorou meu exército!"

O Rei MacGil joga a cabeça para trás e ri.

"Na verdade, eu não acho que já tenha visto tanto cavaleiros de uma só vez," ele acrescenta. "O resplendor de suas armaduras me cega. Você realmente tem a essência de um guerreiro."

Thor tem dificuldade em acreditar que sua mente estava criando aquilo; tudo parece tão real, tão perfeito, mais real do que qualquer coisa que ele já tinha visto.

Thor pega uma trilha com MacGil, uma estrada perfeitamente limpa que segue na direção dos portões. Enquanto eles andam, mais milhares de cavaleiros aparecem na estrada e se colocam a postos, alinhados em ambos os lados da estrada. Trombetas soam à distância.

Eles atravessam a ponte, caminhando sobre o fosso, sob a ponte levadiça, e entram na Corte do Rei. Ao passarem embaixo dos portões maciços, uma única pessoa aguarda para cumprimentá-los, sorrindo com as mãos estendidas para eles.

Gwendolyn.

Thor sorri ao vê-la. Ela está mais bonita do que nunca, com seus longos cabelos loiros e olhos azuis brilhantes, usando as vestes de uma rainha, sorrindo e segurando uma das mãos estendidas para Thor.

Thor corre para ela e a abraça, e ela se inclina e o beija, envolvendo-o com força.

Em seguida, eles se viram e caminham através da Corte do Rei juntos, e o Rei MacGil anda ao lado de sua filha.

"Eu fico contente que você veja minha filha de uma maneira tão bonita," O Rei MacGil sussurra. "Eu a vejo da mesma forma."

"Thorgrinson," Gwendolyn sussurra, apertando uma mão em torno de seu braço, inclinando-se e beijando seu rosto. Ele pode sentir seu amor por ele, e se sente rejuvenescido.

"Gwendolyn," ele responde, apertando a mão dela com carinho. De repente, Thor se lembra. "Onde está Guwayne?"

Ele mal termina de pronunciar as palavras e já pode ouvir o choro de um bebê, e vê seu filho nos braços de Gwendolyn. Ela o segura gentilmente, embalando-o enquanto sorri.

Thor estende a mão e pega seu filho, que pula em seus braços maior e mais velho do que Thor se lembrava. Guwayne abraça Thor, que retribui o gesto emocionado.

"Papai," Guwayne sussurra em seu ouvido.

Aquela é a primeira vez que Thor ouve seu filho falar - é surreal.

De repente, Gwendolyn e MacGil param, e Thor se vira para ver o porquê. Assim que ele vê o que eles estão olhando, Thor também para de andar.

Em pé diante deles está um homem que significa mais para Thor do que praticamente qualquer outra pessoa: Argon. Ele está vestido com seu manto e capuz brancos, segurando seu cajado com os olhos brilhando enquanto o encara sem expressão.

"Thorgrinson," diz Argon.

Thor estende a mão e devolve Guwayne para Gwen, mas quando ele olha para baixo, vê que Guwayne tinha ido embora. Ele simplesmente desaparece.

Thor olha para Gwendolyn, mas vê que ela também se foi, assim como o Rei MacGil. Na verdade, quando ele vira, Thor vê que todos os cavaleiros, todas as pessoas que estavam na Corte do Rei apenas momentos antes haviam desaparecido.

A cidade agora está vazia, restando apenas Thor e Argon, em pé naquele lugar vazio, de frente um para o outro.

"É hora de continuarmos a sua formação," Argon declara. "Só aqui, na Terra dos Druidas, você pode começar a atingir os mais altos níveis de quem você é; você pode começar a alcançar os níveis mais profundos de seus poderes. Só aqui você pode entender o que significa ser quem você é, o que significa ser um Druida."

Thor caminha ao lado de Argon enquanto atravessam a Corte do Rei. Não há nada além de silêncio, e os uivos do vento. Finalmente, Thor

fala.

"O que significa ser um Druida?" Pergunta Thor.

"Isso significa ser tudo e nada. Para ser um druida, é preciso dominar a natureza, e dominar a si mesmo. Significa combinar a fragilidade do ser humano com o poder ilimitado da natureza. Você vê aquele leão ali, prestes a nos atacar?"

Thor se vira e vê um leão feroz correndo na direção deles. Seu coração dispara de medo quando ele se aproxima, mas Argon simplesmente estende a mão, e o leão para e salta aos seus pés, inofensivo.

Argon abaixa a palma da mão.

"O leão se opõe a você, até que você entenda a sua natureza. Há uma corrente que sustenta todas as coisas. Aqui na Terra dos Druidas, a corrente não está abaixo da superfície. A corrente é a superfície."

"Eu sinto isso," Thor diz, fechando os olhos, respirando profundamente e levantando as mãos para o vento. "Eu a sinto. É como... algo concreto no ar... uma vibração sutil, como algo zumbindo no céu."

Argon acena com a cabeça em sinal de aprovação.

"Sim. É como correr a palma da mão sobre a água corrente. Ela está em toda parte, e aqui, é mais fácil aproveitá-la e compreendê-la. E, no entanto, também é mais fácil perder o controle."

Thor se vira e vê um urso correndo na direção dele, rugindo a toda a velocidade. O primeiro impulso de Thor é virar e correr, mas ao invés disso ele estende a palma da mão, sentindo a energia do lugar, sabendo que é apenas a natureza, apenas energia - uma energia que ele pode aproveitar.

Thor estende as palmas das mãos, esperando, apesar de seu medo, obrigando-se a manter a calma; no último segundo, o urso salta, rugindo, e depois para. Ele fica ali, com as patas para o ar - agitado, e finalmente, ele se deita no chão e deita de costas.

Argon se vira, começando a se afastar, e Thor, espantado, corre para alcançá-lo.

Os dois caminha sem parar, deixando a Corte do Rei enquanto Thor se pergunta para onde estavam indo.

"Se você espera conhecer sua mãe," Argon finalmente diz, "você tem uma longa viagem pela frente. A Terra dos Druidas não é uma terra que você cruza ao seu bel prazer. Esse é um direito que você deve *merecer*. A Terra dos Druidas deve aceitar você. É uma terra que exige algo de você, que o testa a todo instante. Apenas os mais dignos podem atravessá-la. Sua

mãe está no lado mais distante desta terra. Vai ser preciso tudo o que você tem para alcançá-la. Você deve se tornar mais forte."

"Mas como?" Pergunta Thor.

"Você vai ter que aprender a livrar-se dos demônios que se escondem dentro de você. De memórias antigas e dolorosas. De qualquer um que tenha lhe maltratado. De sentimentos de raiva, ódio, vingança, mágoa e dor. Você deve aprender a superá-los, deixando-os no passado. É o teste final de um guerreiro e de um Druida."

Thor franze a testa enquanto caminham, tentando entender.

"Mas como posso fazer isso?" Ele pergunta.

Argon para, e Thor vê diante deles uma paisagem infinita de melancolia. A terra é pura lama, pontuada por árvores mortas, e nuvens escuras que se espalham sobre a paisagem. Um rio tortuoso abre caminho pela paisagem, sua água cor de lama, e Thor percebe imediatamente onde eles estão.

"O submundo," Thorgrin diz, lembrando-se do Império. "A Terra dos Mortos."

Argon assente.

"Um lugar que povoa seus sonhos mais obscuros," continua ele. "Um terreno árido, infinito e vasto existe dentro de você. A escuridão, juntamente com a luz. E você tem que atravessar esse lugar - o primeiro passo em seu percurso."

Thor olha com pavor para o terreno estéril, ouvindo o som horrível de corvos distantes, sentindo a melancolia intensa que permeia aquele lugar. Ele se vira para Argon para fazer mais perguntas, mas fica surpreso ao ver que ele já se foi.

Thor volta a olhar para a segurança da Corte do Rei, se perguntando se deveria voltar, mas ela também já desapareceu. Ele está sozinho, no centro daquela área deserta interminável, cercado pela morte, pelos cantos mais obscuros de sua mente - sem qualquer saída exceto seguir em frente.

## CAPÍTULO TREZE

Reece corre pela chuva com Stara, Matus, e Srog ao seu lado, tropeçando para baixo da encosta lamacenta na escuridão da noite. Matus corre com um braço em torno da cintura de Srog, que está mancando muito, enquanto Reece segura a mão de Stara, não por amor, mas para impedi-la de deslizar, e para que ele também não escorregue. Ele se sente culpado até mesmo por tocá-la, pensando em Selese, mas dada a situação, ele não sabe que não tem escolha.

Todos correm na lateral penhasco, escorregando na lama, avançando com cuidado para não sofrerem uma queda mortal. Reece sabe que o mar não está longe, as ondas arrebentam em algum lugar abaixo deles, e ainda assim ele mal é capaz de ouvi-las sobre o som da chuva torrencial. Com inúmeros soldados esperando por eles em algum lugar, Reece sabe que eles provavelmente estão em uma missão suicida. Ele sabe que os habitantes das Ilhas Superiores estaria esperando por eles na costa, bloqueando qualquer rota de fuga, qualquer sonho de alcançar a frota da sua irmã, que continua no mar.

Reece não se importa mais, pelo menos eles têm um plano e morreriam com honra, e não sentados como covardes escondidos em uma caverna. Uma parte dele já tinha morrido com Selese, e agora ele lutou apenas pela sobrevivência.

Reece sabe que não há muito tempo antes do amanhecer, quando os habitantes das Ilhas certamente decidiriam se vingar deles destruindo a frota de sua irmã. Mesmo que eles não alcançassem a segurança do navio, Reece sabe que eles precisam ao menos tentar avisá-los. Reece não pode permitir que todos eles morram, não conseguiria viver com mais essa culpa. Afinal, ele era o único responsável pela morte de Tirus - que inadvertidamente os tinha colocado naquela situação.

O penhasco finalmente dá lugar a uma encosta íngreme, e eles correm para tentar alcançar a costa, escorregando e apoiando-se um aos outros. Reece vê o oceano espalhar-se diante deles, e finalmente eles estão perto o suficiente para ouvir as ondas arrebentando acima do barulho da chuva.

Eles chegam a um pequeno planalto e todos fazem uma pausa, respirando com dificuldade.

"Deixe-me," Srog diz, ofegante, com a mão sobre sua ferida. "Eu não posso mais suportar."

"Ninguém fica para trás," Reece insiste.

Reece fica sem fôlego ao olhar para baixo e ver centenas dos homens de Tirus espalhados nas margens, montando guarda, à espreita, bloqueando sua fuga para os navios - e também impedindo que os navios cheguem à costa. Reece sabe que a única razão pela qual ainda não haviam morrido era por causa da escuridão, do vento e da chuva e névoa que cobrem a ilha.

"Olhem," Stara fala, apontando.

Reece segue seu dedo e vê dezenas dos homens de Tirus escondidos dentro de uma caverna na costa, protegidos do vento. Eles estão molhando longas flechas em baldes e, em seguida, envolvendo suas pontas em panos, lenta e meticulosamente, uma após a outra.

"Óleo," explica Stara. "Eles estão se preparando para lançarem flechas em chamas. Essas setas são longas, foram feitas para os navios. Eles pretendem colocar fogo na frota."

Reece observa horrorizado, e percebe que ela está certa. Ele sente um buraco no estômago ao perceber o quão perto os navios de Gwendolyn estão da destruição.

"Essas flechas nunca acertariam os navios debaixo de tanto vento e chuva," diz Matus.

"Esse não é o plano," Stara rebate. "assim que a chuva parar, elas conseguirão alcançá-los."

"Nós não temos muito tempo," Srog fala. "O que você propõe para abriremos caminho através de todos esses homens? Como podemos chegar aos navios da rainha?"

Reece vasculhas das margens, olhando para os navios, balançando nas águas agitadas, ancorados a cem metros; os marinheiros certamente não têm idéia do que tinha acontecido em terra, nenhuma idéia do que estava prestes a acontecer com eles. Ele não pode permitir que se machuquem. E ele também precisa alcançá-los para sua própria fuga. Reece observa a paisagem, se perguntando como poderiam fazer aquilo.

"Nós podemos nadar," Reece propõe.

Srog balança a cabeça.

"Eu nunca conseguiria fazer isso," ele responde.

"Nenhum de nós o faria," acrescenta Matus. "Essas águas são mais perigosas do que parecem. Você não é daqui; você não entende. As marés são ferozes no mar aberto, e todos nós morreríamos afogados. Eu prefiro morrer em terra firme do que no mar."



"E aquelas rochas?" Stara diz de repente.

Todos se viram e olham na direção que ela aponta. Quando ele olha, tirando a água de seus olhos, Reece vê um monte de pedras, projetando-se para fora do oceano a trinta metros deles.

"Se conseguirmos chegar até aquelas rochas, minhas flechas poderão alcançar," Stara explica, levantando seu arco.

"Podem alcançar o quê?" Pergunta Matus.

"O navio mais próximo," ela responde, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Reece olha para ela, confuso.

"E por que você dispararia flechas sobre nossos próprios navios?"

Stara balança a cabeça, impaciente.

"Você não entende," ela diz. "Nós podemos amarrar uma corda na flecha. Se a flecha se alojar no deck do navio, ela nos servirá de guia. Podemos nos orientar através das águas, e ela nos ajudará a nadar até o navio."

Reece olha para ela, impressionado com seu plano ousado. A idéia é maluca o suficiente para funcionar.

"E o que os homens da rainha farão quando virem uma flecha amarrada à uma corda e presa ao navio no meio da noite?" Pergunta Srog. "Eles vão cortá-la, ou então nos matarão. Como saberão que somos nós?"

Reece pensa rapidamente.

"O sinal MacGil," ele fala. "As garras do falcão. Qualquer MacGil do Anel será capaz de reconhecê-lo. Três flechas lançadas diretamente para cima, todas em chamas. Se atirmos primeiro, eles saberão que somos nós, e não o inimigo."

Srog olha para Reece com ceticismo.

"E como você pretende manter as flechas acesas com esse clima?"

"Elas não precisam durar," Reece responde. "Elas só precisam ficar acesas por alguns segundos, apenas tempo suficiente para que os marinheiros as vejam, antes que a chuva as apaguem."

Srog balança a cabeça.

"Tudo isso parece uma grande loucura para mim," ele declara.

"Você tem alguma idéia melhor?" Pergunta Reece.

Srog balança a cabeça.

"Então está resolvido," declara Reece.

"Aquela corda," Stara diz, apontando. "Aquela comprida e enrolada na praia, perto dos homens de Tirus. Ela é comprida o bastante, justamente do que precisamos. Nós podemos amarrá-la na flecha, e usá-la em nosso plano."

"E se um dos homens do seu irmão nos ver?" Pergunta Srog.

Stara dá de ombros.

"Então nós seremos mortos por nossos próprios homens."

"E aqueles dez homens, bloqueando a entrada para o cais?" Srog insiste.

Reece vê alguns soldados diante do cais. Ele se vira, pega o arco de Stara, prepara uma flecha, e dispara.

A flecha navega através do ar, voando quarenta metros, e perfura a garganta de um dos soldados. Ele cai morto.

"Eu só estou vendo nove," Reece fala, descendo a encosta em disparada.

\*

Os outros seguem Reece enquanto correm ladeira abaixo, escorregando e deslizando em direção ao mar. Os homens de Tirus levam alguns instantes para perceber que um deles havia caído; mas assim que se dão conta, todos sacam suas armas, em guarda, procurando pelo inimigo na escuridão.

Reece e os outros correm de forma imprudente para o gargalo que dá acesso ao cais, e Reece sente que, se eles forem rápido o suficiente, talvez possam matar os soldados antes que eles percebessem o que estava acontecendo. Mais importante ainda, talvez eles possam passar por eles.

"Ataquem eles, mas não importa o que aconteça, não parem de correr!" Reece grita para os outros. "Nós não estamos aqui para lutar contra todos, só precisamos passar por eles, para chegarmos ao final do píer."

A escuridão da madrugada está começando a se dissipar enquanto todos correm com suas espadas em punho. Reece luta para respirar quando seus pés tocam a areia, tropeçando e percebendo que aquela pode ser a última corrida de sua vida. O grupo de soldados bloqueando o cais não os vê imediatamente, distraídos pelo soldado que havia caído, todos se perguntando quem poderia tê-lo matado. Três dos soldados estão debruçados sobre ele, tentando reanimá-lo.

Aquele é um erro fatal; Reece e Matus saltam para a frente assim que se aproximam, Srog mancando logo atrás deles, e antes que os três soldados

percebam, eles esfaqueiam cada um deles no coração, deixando apenas mais seis.

Stara, logo atrás deles, tira sua adaga e golpeia um dos soldados, cortando sua garganta e derrubando-o no chão; em seguida, ela gira seu corpo perfeitamente e esfaqueia outro, deixando apenas mais quatro.

Reece acerta um deles com sua manopla, chutando outro, enquanto Srog cabeceia um ao mesmo tempo em que Matus se abaixa quando um atacante balança uma maça na direção de sua cabeça, em seguida, ele levanta e corta seu estômago.

Dentro de momentos, o grupo de soldados que bloqueava o caminho para o píer é aniquilado, à medida que Reece e seu grupo passa por eles como uma tempestade.

Um alarme soa, e Reece vê outros homens, centenas dos soldados de Tirus, os tinham localizado. Há uma grande grito de guerra na praia, enquanto os homens se vira e começam a correr para eles.

"A corda!" Stara grita.

Reece corre até o enorme rolo de corda nas proximidades e o coloca por cima do ombro; é mais pesado do que ele tinha imaginado. Matus corre para ajudá-lo, e juntos todos eles correm para baixo do cais, indo o mais rápido que conseguem. Stara segue atrás do grupo, em determinado momento ela para, ergue seu arco e dispara seis flechas seguidas, matando seis dos soldados mais próximos, cujos corpos se acumulam na base do cais.

Todos eles, com falta de ar, finalmente chegam à beira do cais. Ondas arrebentam em torno deles, molhando seus pés com sua espuma. Reece perde o equilíbrio por um momento, e Stara estende a mão para ajudá-lo. Ao lado deles, Srog e Matus correm para amarrar a corda na extremidade de uma das flechas de Stara.

"Dê o sinal de aviso primeiro!" Reece grita, lembrando Stara.

Stara pega três flechas em sua aljava, e as envolve com um pano embebido em óleo, preparados com antecedência, como todos os bons arqueiros faziam. Ela também remove algumas pedras sílex de sua aljava, batendo-as uma contra a outra para criar faíscas. Ela repete o gesto várias vezes, mas não tem êxito debaixo de tanta chuva. Reece se vira e vê que os homens de Tirus se aproximam. Ele sabe que não lhes resta muito tempo.

"Vamos logo!" Grita Reece.

Finalmente, o pano pega fogo, e as três flechas se iluminam.

"Atire-as para o alto!" Reece diz. "Lance as flechas para cima, mas inclinadas na direção dos navios! Esse é o sinal!"

Stara dispara três flechas em chamas em rápida sucessão, e saem próxima umas das outras, tiros perfeitos, que formam as garras do falcão, no alto do céu, o sinal antigo dos MacGil, que qualquer bom comandante observando os céus seria capaz de identificar. Reece fica aliviado ao ver que as flechas em chamas permanecem acesas por uns bons cinco segundos, até finalmente se apagarem.

"A corda!" grita Matus. "Dispare agora!"

Stara pega a corda e a flecha, apontando para o alto e para a longa distância até o navio.

"Temos apenas uma chance," Reece fala para ela. "Não a desperdice."

Ela se vira e olha para ele, que se encanta pela beleza de seu rosto sob a chuva, espantado com sua nobreza e coragem. Ele olha para ela e assente para tranquilizá-la.

"Você consegue," ele diz. "Eu confio em você."

Ela também assente.

Stara se vira e dispara, enquanto todos assistem. Reece prende a respiração enquanto a flecha atravessa o ar sabendo que, se ela não alcançasse o navio, todos estariam condenados.

Finalmente, na distância, Reece ouve com satisfação o barulho da flecha acertando a madeira do deck e, vendo a corda estendida, sabe que Stara tinha acertado: a flecha estava presa ao navio. A corda se desenrola ao atravessar o ar, restando apenas alguns metros dela para trás.

Reece se vira e vê centenas dos homens de Tirus gritando, muito mais perto agora, armados com suas espadas e arcos e se aproximando rapidamente deles.

"A água não está ficando mais quente!" Matus grita, olhando para o mar revolto.

Todos juntos, os quatro agarram-se à corda e saltam para fora das rochas e dentro do mar espumante.

Reece se surpreende com a temperatura fria da água; ele se esforça para recuperar o fôlego ao engolir um bocado de água salgada do mar, subindo e descendo no oceano em fúria. Ele segura a corda, sem querer soltá-la não importa o que acontecesse, e começa a se puxar um pouco de cada vez, indo em direção ao barco distante.

Reece puxa com força, assim como seus companheiros, e todos começam a avançar através da água, afastando-se da costa e chegando cada vez mais perto do navio.

Reece ouve os gritos abafados dos homens de Tirus na costa atrás deles, e então ele ouve um barulho o perturba - o som de flechas acertando a água ao redor deles. O barulho se repete, várias e várias vezes, e Reece vê que flechas atravessando o ar e perfurando a água em ambos os lados deles. Ele percebe que os homens de Tirus estavam atirando neles.

Reece ouve um grito em seu ouvido - Stara. Ele olha para ela vê que sua perna foi perfurada por uma flecha, que continua enfiada em sua coxa. Ao olhar para trás, ele vê várias outras flechas no ar, zunindo pela sua cabeça.

Srog grita em seguida, e Reece vê que ele também tinha sido atingido por uma flecha.

Reece sabe que precisa fazer algo rápido. Ele estende a mão e agarra Stara, colocando um braço ao redor dela enquanto ela se debate.

"Segure-se em mim," ele pede.

Ele posiciona seu corpo sobre o dela, de modo que ele fique entre ela e a costa, colocando-se na linha de tiro. Então, enquanto ela se agarra à ele, ele puxa a corda para ambos.

Reece grita de repente ao ser atingido por uma flecha na lateral da coxa. A dor é insuportável, mas ele fica feliz em saber que, se não estivesse em seu caminho, a flecha teria acertado Stara.

Mais e mais flechas passam por suas cabeças, e Reece se pergunta quanto tempo eles poderiam continuar assim, quanto tempo levaria até que uma das flechas fosse fatal. Ele se esforça ainda mais, dobrando sua velocidade. Reece sabe que sua situação é desesperadora; se eles não recebessem ajuda em breve, todos estariam mortos.

Reece ouve outro barulho, de uma flecha passando sobre a sua cabeça, mas desta vez, vinda de outra direção. Ele olha com surpresa para ver várias delas voando em direção à costa, sendo lançadas de um dos navios da Rainha. À princípio Reece se prepara, pensando que homens da rainha estavam atirando neles. Mas então, quando ele vê cada vez mais flechas voando em cima deles, e quando ele ouve os gritos dos homens de Tirus, ele percebe: os homens da rainha estavam vindo em seu auxílio.

Centenas de flechas de repente atravessam o ar, vindas do navio da Rainha e matando os homens de Tirus que disparam contra eles. Logo, as flechas vindas da costa param de cair ao seu redor.

Fora de perigo, eles puxam com ainda mais força pelo mar agitado - e em breve, Reece sente um solavanco, e percebe que está sendo puxado pelos homens da Rainha. Dezenas de marinheiros agarram as cordas e puxam com força, e logo todos estão sendo arrastados cada vez mais rápido na direção do navio.

Balançando desesperadamente nas ondas, lutando para respirar, todos feridos, eles finalmente chegam ao navio. Alguém estende a mão para Reece, e quando ele estende a sua, ele vê um dos seus homens, um MacGil do continente, pronto para ajudar.

O marinheiro olha para baixo e sorri.

"É bom ter vocês a bordo," ele diz.

## CAPÍTULO CATORZE

Romulus lidera o caminho, marchando diante de um milhão de homens do seu exército ao atingirem o topo da colina final a caminho da Corte do Rei. Quando seu cavalo chega ao topo, com Luanda amarrada atrás dele, a paisagem se desdobra diante dele e seu coração dispara de antecipação.

Mas Romulus fica intrigado com o que vê. Ele esperava ver a cidade repleta de pessoas, esperava pegar sua inimiga, Gwendolyn, despreparada. Ele esperava ver todos os seus homens, a Prata, o último bastião de resistência do Anel, convenientemente reunidos em um só lugar para que ele pudesse aniquilá-los com seus dragões. Ele estava ansioso por este momento, repassando-o várias vezes em sua cabeça, preparando-se para deleitar-se no momento do ápice de sua vitória final.

Mas Romulus fica pasmo com o que vê à sua frente. A partir dali, ele pode ver através dos portões, dentro da Corte do Rei, e ele simplesmente não consegue conciliar a cena em sua cabeça: a cidade estava vazia.

Gwendolyn havia fugido. De alguma forma, ela sabia que ele viria, ele só não sabe como. Ela o havia enganado mais uma vez.

"Não pode ser," Romulus diz em voz alta, sem entender. Onde ela poderia ter ido? Como ela poderia saber que ele viria? Romulus tinha sido meticuloso ao destruir todos em seu caminho - não havia como um mensageiro ter chegado até ela. Ele ainda tinha feito questão de manter seus dragões para trás, para que eles não pudessem ouvir seus gritos, e não vissem a devastação que havia causado.

No entanto, apesar de todos os seus preparativos, todo o seu planejamento cuidadoso, de alguma forma, Gwendolyn havia descoberto seu plano. Como ela poderia ter evacuado toda aquela cidade tão rapidamente?

Seu rosto fica vermelho de raiva. Ela havia roubado sua vitória.

E o mais confuso de tudo: onde eles poderiam ter ido? O Anel tinha um território limitado, ele sabe, e não havia muitos lugares onde eles poderiam se esconder.

Romulus, enfurecido, chuta seu cavalo com um grito, descendo pela estrada bem mantida, galopando no sentido dos portões abertos da Corte do Rei - que tinham sido deixados abertos como se para atormentá-lo. Todos os seus homens se juntam a ele, correndo atrás dele, Luanda ainda amarrada atrás dele em seu cavalo, enquanto cavalgam através da grande cidade.

Romulus mal pode conter sua raiva; seu maior momento de satisfação lhe tinha sido roubado. Ele havia sonhado em destruir aqueles portões, em assassinar todos em seu caminho, ateando fogo em tudo e desfrutando os gritos de dor.

Agora não há nada para ele fazer, exceto caminhar livremente pelo local abandonado.

Aquilo não lhe parece uma vitória de forma alguma, e sim com uma derrota. Metade da diversão de tomar a cidade consistia em infligir dor, tortura e devastação. Não, aquilo não era mesmo uma vitória.

Os homens de Romulus comemoram enquanto cavalgam pela cidade, e o som de seus gritos o irritam ainda mais; idiotas estúpidos, comemorando uma vitória que eles nem sequer haviam conquistado. Romulus não aguenta mais.

Ele pula do seu cavalo, puxando Luanda para o chão com ele, se dirige até o primeiro soldado que encontra, tira sua espada da bainha e corta a cabeça dele. Então, ele avança e arranca outra cabeça; em seguida, mais outra; e depois outra.

Finalmente, seus soldados parecem compreender. Todos param de comemorar e ficam em silêncio enquanto abrem caminho para ele. Eles fazem fila em atenção, aguardando o seu comando e tremendo de medo. O pátio da cidade, momentos antes tão cheio de alegria, agora se assemelha a um funeral.

Romulus fica no centro de seus homens, que fazem uma roda em torno dele, e troveja:

"Não há vitória para comemorar, seus tolos! Pelo contrário, vocês deveriam ter vergonha. Você foram enganados por uma *menina* rainha. Ela fugiu de nós, tirando seu povo do nosso alcance. Isso é motivo para comemorar?"

Seus homens ficam parados, sem mover um músculo, enquanto Romulus caminha para cima e para baixo das fileiras, debatendo se deveria matar mais alguns deles. Ele precisa liberar sua raiva de alguma forma. Nenhum deles se move; eles o conhecem muito bem.

Romulus, com as mãos nos quadris, e vira e examina os muros, procurando em toda parte por algum sinal de alguém, por qualquer sinal de vida. Mas não há nada. Onde eles poderiam ter ido?

Um grito estridente atravessa o ar, seguido de um bater de asas; o barulho fica mais alto, e logo acima da cabeça de Romulus, surge seu



exército de dragões. Eles circulam furiosamente, também enfurecidos, com suas grandes garras esticadas para baixo enquanto sobem e descem, circulando várias vezes como se quisessem cuspir fogo em todos eles. Romulus pode sentir sua raiva com a falta de derramamento de sangue. Aquela é uma sensação da qual ele compartilha.

Que tipo de vitória seria aquela sem qualquer morte e destruição? Que tipo de vitória seria aquele sem saber que Gwendolyn estava morta, esmagada sob seus pés, e que todo o seu povo tinha sido aniquilado?

Quando Romulus se pergunta onde Gwendolyn poderia estar, de repente uma ideia lhe ocorre. Quem mais saberia onde aquela menina astuta tinha ido, exceto alguém de seu meio?

Romulus olha para Luanda; ela está vários metros de distância dele, amordaçada, contorcendo-se contra suas cordas, seus pulsos e tornozelos ainda amarrados atrás das costas. Romulus corre até ela e levanta a faca, e os olhos de Luanda se arregalam de medo.

Mas ele estende a mão e corta suas amarras, incluindo sua mordança.

"Onde está sua irmã?" Romulus exige saber.

Luanda, livre de suas amarras, esfregando seus pulsos, olha para ele.

"E como é que eu deveria saber?" Ela diz. "Você me amarrou como um animal, seu porco imundo."

Luanda ergue o braço e bate a palma da mão em seu rosto, um tapa que ecoa na frente de todos os seus homens. O primeiro impulso de Romulus é dar um soco nela também, e bater nela com mais força do que ela havia usado. Mas ele se contém. O tapa realmente o faz sentir-se bem, sacudindo-o de seus pensamentos obscuros, e ele admira seu espírito atrevido, a maneira que ela olha para ele com ódio declarado. Ela realmente o faz sorrir: ele adora ver alguém tão cheio de raiva quanto ele mesmo.

"Diga-me onde ela está," ele repete lentamente. "Você a conhece. Você conhece este lugar. Por que ela o abandonou? Onde ela foi?"

Luanda coloca as mãos nos quadris, olhando para a Corte do Rei como se estivesse debatendo.

"E se eu soubesse," ela fala, "por que eu lhe diria?"

Romulus fica olhando para ela, e sua expressão se escurece. Mas ele sabe que precisa dela, e se obriga a usar sua voz mais sedutora.

Ele dá um passo mais perto dela e sorri, levantando uma mão e acariciando seus cabelos.

"Porque eu vou fazer de você minha rainha," ele fala suavemente com sua voz gutural. "Você vai ser a mulher mais poderosa do Império."

Ele esperava que ela fosse reagir com reverência e gratidão; mas em vez disso, ela o surpreende: ela zomba.

"Não há nada que eu seria menos," ela dispara. "Eu preferiria morrer primeiro."

Ele faz uma careta.

"Então eu lhe darei a morte," ele responde. "Ou seja lá o que você deseja. Se você não quiser ser minha rainha, então apenas diga-me o que você quer, qualquer coisa - e você a terá."

Luanda olha para ele por um longo tempo, como se o estivesse analisando, como se estivesse pensando. Finalmente, seus olhos se estreitam.

"O que eu quero," ela responde lentamente, "é ser a responsável pela morte de minha irmã. Eu quero que ela seja capturada viva. Eu quero que tragam ela até mim para que ela implore por misericórdia."

Romulus olha para Luanda de cima para baixo, chocado com a sua resposta. Ela era mais parecida com ele do que ele pensava. Pela primeira vez, ele a admira.

Romulus abre um largo sorriso. Talvez, afinal de contas, ele realmente faria dela sua rainha - quer ela quisesse ou não.

"Combinado," ele declara.

Luanda dá vários passos para a frente, de costas para ele, e esquadrinha as portas, o pátio, o chão poeirento, parecendo pensar em todas as possibilidades.

"Se eu conheço minha irmã," ela fala, "ela planejou uma rota de fuga. Ela sempre planeja com antecedência. Ela planeja para tudo. E ela é demasiado inteligente para você. Se ela quisesse salvar seu povo, ela não iria apenas para outros lugar do Anel - ela presumiria que, eventualmente, você a encontraria. Assim, onde quer que ela tenha ido, seria fora do Anel. Do outro lado do Canyon - provavelmente do outro lado do mar. Seus navios provavelmente estão prestes a zarpar nesse exato momento."

A mente de Romulus gira enquanto ele pondera aquelas palavras. No exato instante em que Luana havia pronunciado as palavras - Romulus imediatamente soube que ela estava certa. Gwendolyn realmente *faria* algo assim. Ela não evacuaria o seu povo apenas para que eles fossem encontrados dentro do Anel. Como ele tinha sido estúpido.

Ele olha para Luanda com um novo respeito - e percebe que, se ele pretendia acabar com Gwendolyn, não lhe restava muito tempo.

Romulus olha para cima e ergue suas mãos.

"DRAGÕES!" Ele grita. "PARA O CANYON!"

Os dragões gritam em uníssono assim que recebem a ordem de Romulus. Seus homens não poderiam alcançar o cruzamento de Canyon a tempo de detê-la, ou mesmo o mar - mas seus dragões facilmente o fariam. Eles poderiam voar na frente dele, um exército com asas, e eviscerar Gwendolyn antes que ele a alcançasse.

Isso o roubaria de alguma satisfação, mas seria melhor do que nada.



## CAPÍTULO QUINZE

Erec abre os olhos à medida que o movimento suave do barco o desperta de seu sono. Ele olha à sua volta, desorientado, tentando descobrir onde ele está. Em todos os seus anos como um guerreiro, ele nunca havia se permitido cair no sono, especialmente em um ambiente estranho. Aquela é um sentimento profundamente desorientador para ele, agora acordado e sem qualquer ideia de onde ele se encontra.

Erec pisca e percebe que está deitado de costas em um barco pequeno, com talvez dez metros de comprimento, com uma vela de lona ligada a um mastro. O barco balança suavemente nas enormes ondas do oceano, levando-os para cima e para baixo, como se estivesse embalando-os para dormir.

Erec olha para o céu acima deles, encantado pela sua beleza. Ele olha para cima e vê o céu aberto até onde seus olhos conseguem ver, todo o mundo despertando com o nascer do sol, iluminado em tons de violeta, rosa e roxo. Uma brisa quente assopra, e Erec respira fundo, confortado pelo ar do oceano e pelas cores suaves do universo. Aquela é a cena mais pacífica que ele já tinha visto, e Erec percebe por que havia adormecido.

Erec olha para a figura deitada em seus braços, e percebe que havia um motivo ainda maior para a sua sensação de paz: Alistair. Erec sente seu corpo antes de vê-la, e olha para seus longos cabelos loiros - que chegam até a cintura, seu belo perfil, seu rosto perfeitamente esculpido e seus olhos fechados enquanto ela dorme suavemente, como um anjo, em seu peito. Deitado de costas, com Alistair em seus braços e o universo se desdobrando diante dele, Erec nunca havia se sentido mais à vontade. É como se todo o universo tivesse sido criado apenas para os dois.

Erec relembra os eventos da noite anterior, e seu coração bate como ele se lembra de sua captura pelos mercenários, e também de que Alistair quase havia sido atacada. Ele se sente sobrecarregado com a culpa por ter sido surpreendido, por não ter sido capaz de defendê-la. Ele se lembra dos poderes de Alistair, sua invocação da tempestade, daquele monstro, e seus pensamentos mudam de medo para curiosidade. Ele olha para seu rosto angelical, sentindo a energia intensa que irradia dela, e ele sabe que ela não é inteiramente daquele mundo, ela faz parte de outro universo. Ele se pergunta quanto a intensidade dos poderes que ela possui. Ele sabe que as

habilidades dela são imensas e, no entanto, também sabe que são imprevisíveis.

Embora Erec se sinta encantado por ela, ele também tem que admitir, que talvez sinto um pouco de medo por ela. O que seus poderes significariam para seu relacionamento? Para sua vida juntos? Para os seus filhos que ainda teriam? Erec pensa em como Thorgrin era poderoso. Será que os filhos de Erec, também seriam tão poderoso? Suas filhas? E Alistair seria capaz de amar e respeitá-lo, mesmo que ele não tivesse os mesmos poderes que ela?

E o pensamento mais preocupante de todos: seus poderes de alguma forma a levariam à morte? Será que ela teria menos tempo de vida em decorrência deles?

Erec estuda seu rosto, e se sente dominado por seu amor por ela e gratidão por tê-la em sua vida, e reza para que ela viva para sempre. Ele está ansioso para apresentá-la ao seu povo, ansioso por seu casamento. Sua alegria por estar com ela, e sua emoção em apresentá-la a sua família, ofuscam até mesmo seu pesar pela morte iminente de seu pai.

Erec delicadamente remove Alistair de seu peito, ansioso para ver onde eles estavam. Ele se põe de joelhos, enquanto o barco continua balançando, em seguida, ele fica em pé, equilibrando-se para não cair. Ele fica no centro do barco e olha para o horizonte. Quando faz isso, seu coração se enche de emoção.

As Ilhas do Sul estão logo em frente, tão belas e resplandecentes quanto Erec se lembrava, os penhascos recortados que cercam as ilhas surgem do oceano como uma obra de arte, cobertos por uma névoa suave e de cor amarelada. O sol brilha diretamente sobre as ilhas, tão forte que as ilhas também eram conhecidas como as Ilhas Ensolaradas. Elas parecem estar brilhando no meio do oceano escuro, como esferas gigantes de luz no meio da escuridão.

Erec detecta um movimento ao lado dele, sente o barco balançar um pouco, e se vira para ver Alistair em pé ao lado dele, sorrindo. Ela estende a mão e segura a mão dele, e os dois olham para as ilhas juntos.

"Um dia você será rainha," ele fala. "Vamos governar essas ilhas juntos."

"Desde que estejamos juntos," Alistair responde, "eu irei com você até os confins da terra."

O coração de Erec bate acelerado de antecipação à medida que cada onda os leva cada vez mais perto das ilhas. Será que sua família estaria lá

para cumprimentá-los? O que pensariam de Alistair? Como seria voltar para aquele lugar, que ele não via desde sua infância?

Ao chegarem cada vez mais perto, ele se pergunta se aquele seria o mesmo lugar que ele havia conhecido e amado?

\*

Erec vasculha a costa cheio de alegria quando seu barco toca a areia, recebido por centenas de habitantes das Ilhas do Sul que os esperam, celebrando a sua chegada. Seu povo tinha aparecido com grande alarde, espalhando-se até onde seus olhos podiam ver, cumprimentando-os como um rei e rainha. Dezenas deles correm e agarram a borda do barco, arrastando-o para a areia, enquanto Erec salta e estende a mão para Alistair. Ela aceita sua ajuda e pisa na areia.

Há um grande grito de aprovação quando ela faz isso, e Erec olha para eles, sentindo orgulho por ser recebido com tanta alegria por seu povo, e por estar ao lado de Alistair. Uma pessoa após a outra se aproxima para abraçá-lo, e para beijar a mão de Alistair, e Erec avalia seus rostos, tentando reconhecer alguém de sua infância. Tudo é muito confuso.

Erec tinha esquecido como os habitantes das Ilhas do Sul eram calorosos e amigáveis - um povo lendário por sua cordialidade e hospitalidade que, diziam as lendas, tinham recebido suas vidas do próprio sol. Eles eram rápidos em rir, sorrir e em oferecer abraços ou tapinhas camaradas nas costas; mas sua bondade não deveria ser confundida com fraqueza, pois também eram conhecidos por serem guerreiros lendários, uma ilha de guerreiros fortes, orgulhosos e nobres, entre os mais qualificados de todos os países. Aquela era o povo de Erec.

Quando Erec retribui os abraços, lágrimas escorrem de seu rosto, e ele percebe o quanto tinha sentido falta de sua pátria, de seu povo, daquele lugar onde ele havia passado seus anos de formação, o lugar que ele povoava seus sonhos com freqüência. É muito bom estar em casa novamente, com os pés mais uma vez em solo familiar, e ele se sente bem por ser tão amado. Ele não tinha certeza se o seu povo se lembraria dele, e ali estava ele, recebido como um herói.

Vê-los dar as boas vindas a Alistair, tratando-a tão carinhosamente como se ela já fosse um deles - como se ela já fosse sua rainha - também enche o coração de Erec de alegria. Seu povo cobre Alistair com o mesmo amor e

carinho que reservavam para Erec, e ele se sente eternamente grato a eles por isso.

Durante todos os anos que Erec tinha passado no Anel, desde o dia em que seu pai lhe tinha despachado ainda menino para estudar sob a tutela do rei MacGil e dos Prata, o Anel tinha sido como um lar para Erec. O Rei MacGil tinha se tornado um pai para ele, e os Prata tinham sido como seus irmãos. Erec nunca tinha pensado muito nas Ilhas do Sul desde então, porque em sua mente, ele nunca havia imaginado que um dia voltaria ali. Em sua mente, o Anel tinha se tornado sua casa.

E, no entanto, de volta ao lar, Erec sente uma onda de sensações voltarem à tona, várias memórias e sentimentos, e percebe que aquele lugar também era sua casa. Seu verdadeiro lar, um lugar ao qual ele devia tanta lealdade quanto para o Anel. Afinal de contas, aquele era o seu povo, sangue do seu sangue. Ele tinha nascido ali, crescido ali, antes de ser enviado para o Anel para se tornar um grande guerreiro.

Ele havia conseguido o que seu pai tinha planejado que ele se tornasse - o maior guerreiro de todos eles, e ele havia deixado seu povo orgulhoso. Agora, ele percebe, ele tem uma dívida com seu pai - e com seu povo, e é hora de servi-los. O dever havia chamado, e já estava na hora não só de visitar seu pai moribundo, mas também de assumir o papel que tinha sido destinado para ele desde o seu nascimento: assumir a regência das Ilhas do Sul. Ele sabe o que seu povo exigiria, o que seu pai exigiria, quer ele gostasse ou não, e ele está preparado para servir. Com Alistair ao seu lado como rainha, ele não consegue pensar em um retorno mais adequado.

"Meu irmão," diz uma voz.

Erec se vira, emocionado ao ouvir a voz familiar, e agradavelmente surpreso ao ver em pé diante dele, seu irmão mais novo, Strom, sorrindo abertamente.

"Eu esperava o seu retorno em um navio mais glorioso do que esse!" Strom acrescenta com uma risada, enquanto se adianta para abraçá-lo.

Erec o abraça e, em seguida, se afasta para olhar seu irmão de perto. Ele fica chocado ao ver seu irmão mais novo, agora, tantos anos depois, já um homem adulto, quase tão grande quanto ele, com o corpo cheio de músculos. Ele tem o rosto de um guerreiro endurecido, um guerreiro que já tinha sido testado pela batalha. Ele agora é um homem.

"Strom," Erec diz com os olhos brilhando de aprovação. É muito bom vê-lo novamente.



Strom também olha Erec de cima embaixo, avaliando-o. Ele balança a cabeça.

"Eu tinha certeza que eu tinha crescido o suficiente para ser mais alto do que você! Filho da puta! Eu só precisava de mais alguns centímetros!" Strom ri, apertando o ombro de Erec. "Mas parece que eu sou maior que você, pelo menos."

Erec balança a cabeça. Esse era seu irmão.

"Você não mudou nem um pouco," ele diz. "Ainda está tentando me superar."

"O que você quer dizer com tentar?" responde Strom. "*Tendo êxito* em superá-lo. Vou lhe mostrar mais tarde, quando treinarmos juntos!"

Strom ri com deleite, e Erec sabe que seu irmão mais novo fala sério. Erec também ri, espantado com a rapidez com tinham recomeçado de onde tinham parado.

Erec ama seu irmão mais novo, e nunca tinha sentido qualquer competição ou ciúme em relação a ele. No entanto, Strom não compartilhava do mesmo ponto de vista. Para seu irmão mais novo, Erec sempre tinha sido o homem a vencer, uma meta a superar; Erec poderia jurar que Strom tinha dedicado sua vida a superá-lo de qualquer maneira possível.

Erec ri descontraidamente, mas para Strom aquele é um negócio sério. Erec tinha conhecido muitas pessoas em sua vida, e mesmo assim nunca tinha encontrado uma forma mais intensa de rivalidade entre irmãos, mesmo que fosse unilateral. Seu relacionamento com Strom sempre tinha sido confuso. Erec sente que Strom o ama e, ao mesmo tempo, não conseguia controlar seu desejo de derrotá-lo. Erec atribui isso à maneira competitiva com que seu pai os havia criado, sempre colocando-os uns contra os outros. Seu pai acreditava que isso os tornaria homens melhores, mas só havia criado uma divisão entre eles. Erec não acredita em promover a concorrência, e se tivesse filhos, nunca os criaria dessa forma; em vez disso, Erec acredita que é melhor criá-los para cuidar um do outro, e em promover a lealdade e abnegação. Erec acredita que essas são as verdadeiras características de um guerreiro. A competição é importante, mas não a concorrência entre irmãos - a competitividade poderia ser aprendida no campo de batalha, e habilidades poderiam ser aprimoradas de outras maneiras. Às vezes, a concorrência revela o melhor nas pessoas, é verdade - mas com maior frequência, a concorrência só promove o pior.

"E trouxe uma noiva com você?" Strom comenta, olhando para Alistair e balançando a cabeça. "Você tem que me superar nisso, também? Eu não encontrei minha noiva ainda, e agora duvido que vá encontrar alguém tão bonita quanto ela," continua Strom, aproximando-se e pegando a mão de Alistair para beijá-la.

Alistair sorri para ele.

"É um prazer conhecê-lo," ela responde. "Um irmão de Erec é um irmão para mim."

"Bem, você deve saber, antes de se casar com ele," Strom fala, "que eu sou melhor que Erec. Passe algum tempo aqui, e você pode decidir me escolher. Afinal, por que você escolheria o irmão mais fraco?"

Strom ri, e Erec balança a cabeça. Strom continua tão teimoso e sem tato quanto antes.

"Eu tenho certeza que continuarei bastante satisfeita com a minha escolha atual, obrigada," Alistair responde com um sorriso, diplomática como sempre.

Strom se afasta, enquanto a multidão abre caminho e alguém dá um passo adiante, e Erec fica surpreso ao ver de quem se trata.

Dauphine, sua irmã mais nova.

A última vez que a vira, ela atingia a sua cintura, e agora, Erec mal pode acreditar no quanto ela havia crescido; ela é quase tão alta quanto ele, com ombros largos, a postura perfeita e um sorriso deslumbrante. Ele não consegue acreditar em como ela é bonita, com seus longos cabelos ruivos e olhos verdes brilhantes.

Ela fica parada diante dele e olha para Erec com a mesma intensidade que ele se lembrava de quando eram crianças. Apenas alguns anos mais jovem, ela sempre tinha visto Erec como um herói, sempre se esforçando para chamar sua atenção, e sempre havia sido incrivelmente territorial e ciumenta com qualquer pessoa que tirasse a atenção de Erec dela. Possivelmente porque o seu pai sempre tinha sido ausente, ocupado com o governo do reino, Dauphine via Erec como uma figura paterna em sua infância solitária.

Erec percebe agora, pelo seu olhar e pela maneira que ela ignora Alistair, que mesmo depois de todos aqueles anos, ela não tinha mudado.

"Meu irmão," Dauphine fala, dando um passo à frente e abraçando-o com força, recusando-se a soltá-lo.

Erec a abraça de volta e sente as lágrimas escorrendo pelo seu rosto e pescoço. Erec percebe que tinha sentido falta de sua família, apesar de todas as suas peculiaridades, e é muito bom vê-los em um só lugar. De certa forma, ele sente como se nunca tivesse partido. É uma sensação estranha.

"Minha irmã," ele responde. "Senti sua falta."

Ela se afasta e olha para ele.

"Não tanto quanto eu a sua. Você recebeu todas as minhas cartas?"

"Cada uma delas," responde Erec.

Dauphine havia escrito para ele constantemente ao longo dos anos, com vários falcões entregando-lhe seus pergaminhos. Erec tinha respondido sempre que podia, mas não tinha sido capaz de escrever tão frequentemente ou tanto quanto ela. É evidente que ele nunca havia saído de seus pensamentos, e uma parte dele de sentia culpado por estar longe dela, como se estivesse abandonando uma filha.

"Estas ilhas não são as mesmas sem você," ela fala. "Estou triste que tenha sido necessária a morte iminente de nosso pai para trazê-lo de volta. Minha presença aqui não era o bastante?"

Erec sente uma pontada de culpa por suas palavras, e não sabe como responder.

"Sinto muito," ele finalmente diz. "Os meus deveres forçaram a minha ausência."

Erec se vira para Alistair, não querendo que ela se sentisse ignorada, esperando que Dauphine fosse gentil com ela, mas temendo o contrário. Seu estômago se contorce quando ele a apresenta.

"Dauphine, gostaria de lhe apresentar minha noiva, Alistair."

Alistair sorri graciosamente, sem agir de forma territorial, e estende a mão.

Dauphine olha para ele como se uma cobra estivesse sendo oferecida para ela. Ela faz uma cara de desgosto e olha para Erec, ignorando Alistair.

"E por que você não escolhe uma noiva entre seu próprio povo?" Pergunta Dauphine. "Você pretende ter uma estranha governando nosso povo?"

O rosto de Erec escurece, e ele se sente mortificado de vergonha diante de Alistair.

"Dauphine," ele fala com firmeza, "Alistair é a minha noiva. Eu a amo com todo meu coração. Por favor, mostre-lhe o respeito que lhe é devido. Se você me ama, você vai amá-la."

Dauphine se vira e olha para Alistair com frieza, como se estivesse olhando para uma criatura horrível que tinha aparecido na praia. Então, de repente ela vira as costas e vai embora, atravessando a multidão.

Erec enrubesce, envergonhado. Assim era sua irmã, sempre envolta em uma tempestade de emoções, principalmente de sua própria criação, e sempre imprevisível. É incrível; apesar de todos os anos que se passaram, nada havia mudado.

Erec olha para Alistair, que parece abatida.

"Eu sinto muito," ele diz com sinceridade. "Por favor, perdoe minha irmã, ela não sabe o que faz. Não é nada pessoal contra você."

Alistair balança a cabeça, abaixando os olhos, mas Erec pode ver que ela está abalada por aquela recepção, e se sente mal por isso.

Quando ele está prestes a consolá-la ainda mais, a multidão se afasta e a mãe de Erec se aproxima. Erec fica emocionado ao vê-la - é como ter de volta uma parte de si mesmo que lhe tinha sido tirada.

Sua mãe estende as duas mãos enquanto continua andando, e não abraça Erec primeiro, mas sim Alistair. Assim era a sua mãe- sempre imprevisível, sempre sabendo o que fazer na hora certa. Erec fica aliviado ao vê-la, e encantado que ela tenha dado Alistair a honra de cumprimentá-la primeiro.

"Minha futura nora," ela fala, estendendo as mãos e abraçando Alistair calorosamente.

Alistair olha para ela com um sorriso surpreso, e a mãe de Erec a abraça, segurando-a com força, como uma filha há muito perdida. Ela se afasta e olha Alistair de cima para baixo.

"Já ouvi falar de sua beleza, no entanto, não lhe fizeram justiça. Você é a pessoa mais gloriosa que já vi. Estou emocionada e encantada que Erec a tenha escolhido como esposa. Ele fez muitas boas escolhas em sua vida, mas nenhuma melhor do que esta."

Alistair sorri com os olhos brilhando, e Erec pode ver como ela está feliz. Sua mãe tinha conseguido, mais uma vez, desfazer o dano que Dauphine havia causado.

"Obrigado, minha rainha," Alistair responde. "É uma honra conhecê-la. A mãe de Erec só poderia ser gentil, e já a amo do fundo do meu coração."

Sua mãe sorri de volta.

"Em breve, você será sua esposa, e você será a rainha. Você ficará com meu título, e nada me deixaria mais feliz."

A mãe de Erec se vira para ele e o abraça com força.

"Mãe," ele diz, enquanto ela se afasta e enxuga uma lágrima de seu rosto. Ela parece muito mais velha do que ele se lembrava, e a visão o entristece. Ele havia ficado muito tempo longe e, vê-la naquele momento o faz perceber que havia perdido vários anos de sua vida. Ele vê todas as novas rugas em seu rosto, e pensa em seu pai.

"Seu pai espera por você," ela fala, como se estivesse lendo sua mente. "Ele ainda vive. No entanto, não há muito mais tempo. Ele não tem muito tempo, venha agora."

Ela toma sua mão, e também a de Alistair e, juntos, eles caminham entre a multidão aplaudindo, apressando-se enquanto Erec se prepara, ansioso para rever seu pai em seus momentos finais. Não importa o que aconteça, ele está em casa.

Ele finalmente está *em casa*.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

Gwendolyn segue em sua carruagem seguindo seu povo, avançando a sudoeste através do Canyon, como faziam desde o raiar do dia, dirigindo-se para a travessia. Gwen fica aliviada em saber que, apesar do protesto de seu povo, em breve eles teriam atravessado o Canyon e estariam muito mais perto de embarcar na frota de navios que os levaria para as Ilhas Superiores. Seu coração se agita com uma mistura de remorso e urgência, sabendo que aquela era a coisa certa a fazer, mas ainda assim odiando ter que fazê-lo.

Acima de tudo, porém, Gwen se sente mal ao olhar para o seu povo, milhares e milhares de pessoas que haviam relutantemente evacuado a Corte do Rei, ressentidos, sob os olhares de seus soldados vigilantes que cercavam seu povo por todos os lados e os mantinha marchando. É como um motim controlado; seus súditos claramente não queriam ir, e Gwen ouve mais reclamações a cada minuto. Ela não sabe quanto tempo mais poderia controlá-los; é como uma tempestade prestes a acontecer.

"Ser rainha nem sempre é fácil," diz uma voz ao seu lado.

Gwen vê Kendrick montado em seu cavalo ao lado dela com orgulho, acompanhado de Sandara, seu novo amor, que monta em seu cavalo atrás dele.

Gwen se sente confortada ao vê-lo, e dá um sorriso tenso.

"Papai sempre dizia isso," Gwen responde.

Kendrick sorri de volta.

"Você está fazendo o que acha que é melhor para o seu povo."

"Mas você não concorda," completa Gwen.

Kendrick dá de ombros.

"Isso não importa, eu admiro que você esteja fazendo isso."

"Mas ainda assim você não concorda com minhas decisões," ela pressiona.

Kendrick suspira.

"Às vezes você e Argon vêem coisas que eu não consigo enxergar. Não é algo que eu entenda muito bem, nunca fui capaz de compreender. Eu sou um cavaleiro; não há muito mais que eu queira na vida. Eu não tenho sua habilidade ou talento para interpretar as coisas; não fico confortável com outros planos espirituais, mas confio em você - e sempre confiei. Papai

confiava em você, e isso é suficiente para mim. Na verdade, o nosso amado pai escolheu você precisamente para momentos como este."

Gwendolyn olha para ele, tocada com suas palavras.

"Você é o melhor irmão que eu poderia ter," ela diz com sinceridade. "Você sempre esteve ao meu lado, mesmo quando não concordava comigo."

Kendrick sorri para ela.

"Você é minha irmã, e também minha rainha. Eu iria até os confins da terra por você, concordando com você ou não."

Há um grito, e Gwendolyn se vira para ver um grupo de pessoas enraivecidas empurrando os soldados que os empurra pela rota de evacuação. Ela sente que a ordem pouco a pouco está se esgotando, e começa a se perguntar como conseguiria levar aquelas pessoas por todo o Canyon. Na verdade, quando os gritos se intensificam, ela se pergunta se não poderia haver uma rebelião aberta contra ela.

Eles fazem uma curva e Gwendolyn prende a respiração ao ver a vastidão do Canyon espalhar-se diante dela. Ela vê todas as camadas de névoa, todas as cores diferentes no ar, uma imensidão infinita que parece alcançar o céu. E então ela vê a magnífica ponte que se estende sobre o Canyon, esperando por eles.

Quando seu povo atinge a base da travessia, de repente eles chegam a uma parada. A gritaria aumenta, e ela percebe que seus homens não seriam capazes de controlar as massas, que oscilam de um lado para o outro, como animais enjaulados. As pessoas absolutamente se recusam a dar mais um passo à frente, a pisarem na ponte. Ela pode ver que eles estão com medo de atravessá-la.

"Nós não vamos abandonar o Anel!" Grita um homem.

A multidão aplaude.

"Nossa casa é aqui! Se houver perigo em ficarmos aqui, então é aqui que morreremos," grita outro.

A multidão mais uma vez grita sua aprovação.

"Você não pode nos forçar a ir!" Grita outro.

Surge um coro de gritos de aprovação, e seu povo parece cada vez mais encorajado.

Gwendolyn sabe que precisa fazer alguma coisa. Ela fica em sua carruagem, acima das massas, e estende as mãos pedindo silêncio.

Lentamente, seu povo se aquieta, e todos os olhos se voltam para ela.

"Não," ela grita para eles, "eu não posso forçá-los a ir, vocês estão certos. Mas eu sou sua rainha, e peço isso a vocês. Eu prometo a vocês, há uma bom motivo, e lhes garanto que se ficarem aqui, certamente morrerão."

A multidão vaia, zombando dela, e as bochechas de Gwendolyn ficam coradas, percebendo como é ser uma rainha odiada. Pela primeira vez, ela deseja que não fosse a rainha.

"Para Corte do Rei!" Grita um homem.

As pessoas se viram e começam a voltar pelo caminho de onde vieram, afastando-se da ponte. Ela vê seus homens perdendo o controle, vê que eles não conseguiriam detê-los.

Enquanto Gwen fica ali parada, com o coração batendo acelerado, segurando Guwayne nos braços e se perguntando o que fazer a seguir, um grito horrível é ouvido no céu, um barulho alto o suficiente para arrepiar os cabelos da nuca de Gwen.

Seu povo para de gritar e em vez disso fica ali parado, olhando para o céu. Gwen se vira e olha para o leste, na direção do horizonte, já com uma terrível pressentimento do que poderia ser.

*Não, pensa Gwen. Não agora. Não quando estamos tão perto de escapar.*

Há outro grito, depois outro e mais outro. Ela conheceria aquele grito em qualquer lugar. É um grito primitivo, o grito mais poderoso do mundo.

O grito de um dragão.



## CAPÍTULO DEZESSETE

Reece se senta no porão do navio da rainha, com o som da chuva batendo contra a madeira enchendo o ar e as costas contra a parede, cuidando de sua perna ferida e feliz por estar vivo. Ao seu lado sentam-se Stara, Srog e Matus, bebendo cerveja e cuidando de suas feridas também, cada um deles observado por um dos curandeiros da Rainha. Reece faz uma careta quando seu curandeiro costura o corte em sua coxa esquerda depois ter retirar a flecha. Dói, mas ele fica aliviado em se livrar da flecha, e aliviado por ter tido tempo de proteger Stara.

Ao lado dele, Stara encara seus pontos com coragem, sem o menor vacilo enquanto seu curandeiro termina o último ponto e, em seguida, aplica várias pomadas. Reece sente um calafrio quando seu curandeiro coloca um pano frio com um emplastro em sua ferida; sente o gel se infiltrando lentamente em sua pele. Depois de alguns segundos, ele sente algum alívio e começa a relaxar a se sentir melhor.

Reece toma outro longo gole de sua cerveja, e o líquido quente lhe proporciona uma boa sensação naquela noite fria e chuvosa, indo direto para sua cabeça. Ele não consegue se lembrar a última vez em que tinha comido alguma coisa. Enquanto fica sentado ali, Reece se sente incrivelmente relaxado após os acontecimentos angustiantes da noite, e grato por terem chegado ao navio contra todas as probabilidades. Reece percebe como tinham tido sorte em escaparem com ferimentos relativamente pequenos. Mesmo Srog, o mais ferido deles, agora estava recebendo a cura de que precisava e, pela primeira vez, Reece vê a cor retornando para suas bochechas enquanto vários curandeiros trabalham em suas feridas, garantindo que ele ficaria bem.

Sentado na frente deles está Wolfson, o comandante da frota da Rainha, um guerreiro com uma barba grisalha manchada de cinza, um olho preguiçoso, e o rosto largo e endurecido de um guerreiro. Ele usa o uniforme de marinheiro real, ornado com todas as medalhas e honrarias condizentes com sua posição. Ele era um bom comandante, Reece sabe, e tinha servido seu pai em muitas guerras no mar. Reece fica aliviado por terem chegado a seu navio.

Assim que todos tinham embarcado, Reece tinha avisado Wolfson imediatamente sobre as flechas de fogo sendo preparadas para colocar sua frota em chamas assim que chuva parasse. Wolfson tinha partido para a

ação, levantando as âncoras de toda a sua frota e levando os navios para longe, fora do alcance de qualquer flecha lançada da costa.

Agora, todos estavam ali sentados, ancorados a quase uma milha da costa, nas águas mais agitadas do oceano, balançando nas ondas. Eles haviam narrado todos acontecimentos algumas vezes, e discutido as medidas que deveriam tomar em seguida.

"Você salvos a todos nós esta noite," afirma Wolfson. "Se não fosse por todos vocês, teríamos sido pegos de surpresa, e nossos navios teriam sido incendiados assim que a chuva parasse."

"E, no entanto ainda não estamos seguros aqui," declara Matus. "Estamos a salvo das flechas, é claro, mas não acho que os habitantes das Ilhas Superiores irão desistir. Assim que o dia amanhecer, meu irmão Karus irá convocar sua frota do lado oposto da ilha, e irá atacar o que resta de sua frota em mar aberto. Eles têm dezenas mais navios do que vocês, e vocês ficarão expostos aqui, em mar aberto."

"Também podemos atracar, com o exército esperando por você," acrescentou Srog.

Wolfson acena com a cabeça, como se já tivesse pensado sobre isso.

"Então vamos morrer lutando," ele responde.

"Por que esperar pela manhã?" Pergunta Stara. "Por que esperar que nos embosquem e nos ataquem em mar aberto? Por que não partimos agora para o Anel?"

Wolfson balança a cabeça.

"A última ordem que a Rainha MacGil me deu foi para manter nossa frota aqui nesta baía, e para manter nossas posições. Eu não tenho nenhuma ordem para fazer o contrário. Eu não vou abandonar minha posição a não ser que a rainha me dê ordem para recuar."

"Isso é loucura," diz Stara.

Srog suspira.

"Nós somos soldados," ele fala. "A Rainha MacGil ordenou que guardemos sua ilha. Nós não podemos contrariar a cadeia de comando."

"Mas ela não sabe as circunstâncias que ocorreram aqui," Stara explica. "Afinal de contas, ela não esperava seu irmão fosse matar o rei Tirus e desencadear uma revolução."

Reece vê que todos olham para ele, e enrubescer. Ele se pergunta se Stara estava deliberadamente criticando suas ações, e se ela o odiava por ter matado seu pai.

"Ele era um traidor," Reece explica, "ele merecia a morte."

"Mesmo assim, suas ações provocaram uma guerra," ela responde. "Eu acho que sua rainha entenderia se recuássemos."

Wolfson balança a cabeça.

"Sem uma ordem direta, não recuaremos."

Todos os olhos se voltam para Srog, a voz oficial da rainha na ilha. Depois de um longo tempo, ele suspira, resignado. Ele balança a cabeça.

"Eu não tenho ordens para fazer o contrário," ele diz. "Não podemos abandonar nossos postos. Nós vamos ficar e lutar."

Os homens assentem e murmuram de satisfação, todos de acordo. Eles partem para a ação, examinando suas armas e se preparando mentalmente para a luta inevitável que viria pela manhã.

Srog e Matus se juntam a Wolfson quando ele atravessa a sala, buscando mais cerveja - ambos mancando, porém andando sem a necessidade de ajuda, e Reece se encontra sozinho com Stara, sentados lado a lado, e se também saboreando um copo de cerveja. Reece deixa sua caneca e pega uma pedra em seu cinto para afiar sua espada. Ele não sabe o que dizer para Stara - ou se ela ainda queria falar com ele, então ele permanece sentado, em silêncio, o som espada sendo afiada cortando sendo carregado suavemente pelo ar.

Reece presume que Stara esteja brava com ele, provavelmente por causa de Selese, ou por ele ter matando seu pai, e ele esperava que ela fosse se levantar e atravessar a sala com os outros; ele fica surpreso que ela continua sentada ali, a alguns passos de distância. Reece não sabe o que sentir quando está perto dela; uma parte dele sente vergonha ao olhar para ela, pensando em Selese e também em como ele tinha quebrado sua promessa de voltar para ela. Ele se sente culpado até mesmo em olhar para ela, dado o seu incrível amor e tristeza pela morte de Selese, que ainda paira sobre ele como um manto. Ele sente um turbilhão de emoções, e não sabe o que pensar. Uma parte dele não quer mais vê-la em função do que havia acontecido com Selese.

No entanto, outra parte dele, ele tem que admitir, gosta de tê-la por perto. Uma parte dele quer que ela fale com ele, que as coisas voltem a ser como costumavam ser. Mas ele se sente culpado até mesmo por pensar isso.

Claramente, Reece tinha estragado tudo, de todas as formas. Stara provavelmente o odiava, e ele não poderia culpá-la.

"Obrigado por me salvar lá atrás," Stara finalmente diz, sua voz tão suave que Reece tem certeza que está imaginando coisas.

Reece se vira e olha para ela, chocado, imaginando se ela teria realmente pronunciado as palavras, ou se ele as tinha imaginado. Stara está olhando para o chão, não para ele, seus joelhos dobrados contra o peito, parecendo desamparada.

"Eu não te salvei," ele responde.

Ela olha para ele com os olhos brilhando, cheios de intensidade; ele fica espantado, como sempre, pela forma como seu olhar é hipnotizante.

"Salvou sim," ela insiste. "Você levou flechas por mim."

Reece dá de ombros.

"Eu lhe devo tanto quanto você me a mim," responde ele. "Se não mais. Você já me salvou várias vezes."

Reece volta a afiar sua espada e ela a olhar para o chão, e os dois voltam a ficar em silêncio, embora desta vez um silêncio confortável. Reece fica surpreso que ela tenha falado com ele, e que ela não parece abrigar qualquer rancor em relação a ele.

"Eu pensei que você me odiasse," continua Reece, depois de um tempo.

Ela se vira e olha para ele.

"Odiar você?" Ela pergunta, erguendo a voz de surpresa.

Reece se vira para olhar para ela.

"Afinal de contas, eu matei o seu pai."

Stara dá uma risada.

"Essa é mais uma razão para que eu goste de você," ela brinca. "Já estava mais que na hora. Estou surpresa por não tê-lo matado eu mesma."

Reece olha para ela, chocado. Aquela não era a resposta que ele estava esperando.

"Então você deve me odiar... por outras razões," insiste Reece.

Stara olha para ele, intrigada.

"E que razões seriam essas?"

Reece suspira.

"Eu prometi voltar para você," ele diz, em tom de desabafo. "Eu jurei cancelar meu casamento com Selese, e quebrei minha promessa. Eu desapontei você e, por isso, tenho vergonha."

Stara suspira.

"Fiquei desapontada, é claro. Eu pensei que nosso amor fosse verdadeiro. Fiquei desapontada ao descobrir que ele não era - que suas

palavras eram vazias."

"Mas as minhas palavras *não* eram vazias," Reece insiste.

Ela olha para ele, perplexa.

"Então por que você mudou de idéia e decidiu se casar Selese afinal?"

Reece suspira, confuso, sem saber o que dizer. Sua mente se confunde com emoções conflitantes.

"Não é que eu não a ame," ele continua. "É que eu percebi que também adorava Selese, talvez de uma maneira diferente. Talvez ainda não da forma como eu amava você, mas ainda assim era amor. E eu tinha dado a minha palavra para Selese, e enquanto eu navegava de volta, à medida que a distância entre nós aumentava, eu percebi que era uma promessa que eu tinha que manter."

Ela franze a testa.

"E o que dizer de sua promessa para mim?" ela pergunta. "E o que dizer de seu amor por mim? Será que isso não significa nada, então?"

Reece balança a cabeça, sem saber o que dizer.

"Significava muito," ele finalmente diz. "Eu sei que parti seu coração. Sinto muito."

Stara dá de ombros.

"Eu acho que é tarde demais para isso agora," ela fala. "Você fez a sua escolha. Sua futura esposa, com quem você tinha decidido passar o resto de sua vida, está morta - e tenho certeza que você me culpa por isso."

Reece considera suas palavras, se perguntando se elas eram verdadeiras. Será que ele realmente a culpa? Uma parte dele acredita que sim, mas uma parte mais profunda sabe que ele era o único culpado.

"Eu me culpo mais do que culpo você," responde ele, "muito mais. Foi minha escolha, e não uma decisão sua."

Reece suspira.

"E como você disse, nada disso importa agora," ele acrescenta. "Quando Selese morreu, uma parte de mim morreu com ela. Eu jurei nunca amar de novo. E esse é um voto que, desta vez, eu pretendo manter."

Stara olha para ele, e ele vê seu rosto se transformar, percebendo que ela volta a ficar arrasada. Ele pode ver algo em seus olhos, como uma profunda decepção. Uma resignação. Ele percebe naquele momento que ela ainda o amava, ainda esperava que eles ficassem juntos. E ele tinha, sem querer, magoado Stara mais uma vez.

Stara de repente balança a cabeça e, em seguida, se levanta e vai embora sem dizer nada.

Reece olha para baixo, afiando sua espada, odiando-se ainda mais e tentando empurrar isso tudo para fora de sua mente; mas os passos de Stara atravessando o convés ecoam em sua cabeça, e cada passo que ela dá é como um prego no caixão do seu coração.

## CAPÍTULO DEZOITO

Gwen está na base do Canyon observando o horizonte, paralisada de terror enquanto lentamente, de dentro das nuvens, surge uma série de dragões enormes, seculares, respirando fogo à medida que se aproximam deles. Seus guinchos cortam o ar, balançando o chão, tão intensos que Gwen precisa levar as mãos aos ouvidos. Observá-los se aproximando é como assistir a um pesadelo se desdobrar diante de seus olhos, e Gwen tem a experiência surreal de ver a destruição que ela tinha previsto há tantas luas se tornar realidade diante de seus olhos.

Todos ao seu redor, todo seu povo, tão relutantes em cruzar o Canyon apenas momentos antes, de repente irrompem em gritos, virando e correndo para salvar suas vidas, atravessando a ponte que instantes antes eles haviam se recusado a cruzar. Eles correm por suas vidas para ficarem o mais longe possível do Anel, tomando, ironicamente, a mesma rota que Gwen havia determinado que tomassem desde o começo da evacuação.

Mas agora, é tarde demais. As premonições de Gwen haviam se concretizado. Ela estava certa o tempo todo, mas tira pouca satisfação disso.

Os dragões mergulham no ar, chegando cada vez mais perto e respirando fogo na direção deles. Quando uma parede de fogo se aproxima, Gwen, já sentindo o calor, sabe que, em poucos momentos, ela e todos os que ela conhecia e amava, estariam mortos.

Ao lado dela estão todos os seus conselheiros e, atrás dela, seus cavaleiros, os fiéis membros da Prata que, para seu próprio crédito, não havia recuado, permanecendo em pé ao seu lado, segurando a retaguarda para proteger o seu povo. Atrás dela, na distância, ela pode ouvir os gritos de milhares de seus súditos, correndo por suas vidas. Se a tivessem escutado mais cedo, Gwen pensa, estariam todos a bordo de seus navios agora, já estariam em alto mar, em seu caminho para a segurança.

Os dragões mergulham em fúria, e Gwen sabe que mesmo com os melhores esforços de seu povo, logo todos estariam mortos - não só ela, mas todos os que estavam tentando fugir para o outro lado da ponte. Os dragões são muito rápidos, muito fortes e muito poderosos; nada no mundo poderia detê-los.

Gwen olha para cima e os vê se aproximando, criaturas belas e monstruosas, batendo suas asas e mostrando seus dentes enormes, e ela sabe que está encarando a morte de frente. Ela teria apenas um arrependimento

antes de morrer - que seu amor, Thorgrin, não estava ali, ao seu lado. Ela gostaria de poder vê-lo uma última vez.

Gwendolyn segura Guwayne com força, colocando o rosto dele em seu peito, sem querer que ele visse aquilo. Ela também gostaria que Guwayne estivesse muito longe dali - em qualquer lugar, exceto ali, desejando que ele estivesse seguro em outro mundo. Sua vida tinha sido curta demais - e muito preciosa, para terminar daquela forma.

Os dragões se aproximam com seus gritos ensurdecadores, agora tão perto que Gwendolyn pode sentir os cabelos em sua pele eriçados pelo calor. Seus homens se colocam bravamente ao lado dela, mas Gwen sabe que aquele era um esforço inútil. A parede de fogo derreteria suas espadas antes que eles sequer tivessem a chance de usá-las.

Gwendolyn fecha os olhos e se prepara para enfrentar seu destino.

*Por favor, Deus. Você pode me levar. Basta permitir que o meu povo chegue a um lugar seguro. Salve também meu bebê, por favor. Ofereço minha própria vida, mas por favor, salve-os.*

Assim que Gwen abre os olhos, ela é surpreendida ao ouvir um rugido. É um rugido distinto, diferente do rugido dos outros dragões - um som que ela conhece muito bem. Aquele é um rugido que tinha se acostumado a ouvir todos os dias, um rugido que não ouvia desde o dia em que Mycoples havia partido.

Ralibar.

Gwendolyn olha para cima para ver seu velho amigo Ralibar se aproximando rapidamente, voando sobre o Canyon vindo do oeste, correndo para enfrentar os dragões que se aproximam com uma fúria em seu rosto diferente de qualquer coisa que ela já tinha visto. Ralibar, maior do que todos eles, um dragão solitário, é uma criatura temível de se ver, ainda mais temível do que os dragões que se aproximam, e ele é destemido por enfrentar um exército sozinho.

Todos os dragões de repente param de respirar fogo, param de se concentrar em Gwen e nos outros para, e em vez disso, voltarem suas atenções para Ralibar. Eles voam mais rápido e se preparam para abatê-lo.

Há um tremendo barulho acima deles quando Ralibar se choca contra o dragão líder, suas garras para fora; Ralibar se inclina para trás e envolve suas garras em torno da garganta do dragão e, em seguida, continua voando, empurrando o dragão de volta, cada vez mais longe, como uma bala de canhão através do ar. Então Ralibar mergulha para baixo, antes que os



outros dragões possam alcançá-lo, e esmaga o dragão contra o chão, fazendo toda a terra tremer ao atingirem o solo.

Os outros dragões se viram para ajudar seu amigo.

"Temos de ir!" Kendrick grita ao lado dela, puxando a manga de seu vestido. "Agora, minha rainha!"

Gwendolyn sabe que ele está certo; esta seria a sua chance de fugir. Mas ela odeia ter que deixar Ralibar sozinho, especialmente quando todos os outros dragões se viram e mergulham na direção dele.

Ainda assim, Gwen sabe que ela não tem escolha; não há nada que ela possa fazer para ajudar a defender Ralibar. Mesmo que ela tentasse ajudá-lo, seria fútil. E esta seria sua única chance de escapar, enquanto os dragões estavam distraídos.

"Agora, minha rainha!" Kendrick implora, puxando o braço dela.

Gwen finalmente se vira, juntando-se aos seus homens, todos montados em seus cavalos e carruagens e correndo para o outro lado da ponte.

Eles logo se juntam ao seu povo, milhares deles continuando seu êxodo em massa através da ponte até, finalmente, chegarem ao outro lado do Anel. Eles chegam ao Deserto, e Gwen pensa na estrada diante deles, agradecendo a Deus por ter sua frota esperando por eles nas costas para continuarem a evacuação.

Seu povo continua correndo em pânico, e nenhum deles pausa para olhar para trás - exceto Gwendolyn. Quando ela chega ao outro lado do cruzamento, Gwen se vira para dar uma última olhada, e seu coração se parte ao ver Ralibar sendo atacado por todos os lados. Ralibar luta de forma brilhante, enfrentando um dragão após o outro, usando suas garras, cortando, lutando e usando seus grandes dentes, cravando-os em suas gargantas. Ele luta ferozmente, abatendo um dragão de cada vez.

Mas há simplesmente muitos deles, e eles o atacam de todos os lados. Um após o outro, eles mergulham em cima dele, como pássaros furiosos, agarrando-o, atirando-o, arranhando e mordendo, esmagando-o contra as rochas. Ralibar luta corajosamente, mas logo ele está sendo esmagado no chão por um dragão depois do outro.

"Gwendolyn, GO!" De repente ordena uma voz firme que ela reconhece.

Gwendolyn se surpreende ao ver Argon, e se pergunta como ele havia chegado até ali.

Argon caminha solitário e sem medo, pisando na ponte sozinho. Ele carrega uma expressão intensa, concentrando-se em Ralibar, e Gwen

observa, paralisado, quando Argon caminha para o centro da ponte, carregando o seu cajado. Ele finalmente para, estende uma de suas mãos na direção leste, em direção a Ralibar e os outros.

"Ralibar, eu o invoco," Argon grita com sua voz antiga, imponente. "Volte para mim!"

Ralibar, preso no chão, imobilizado pelos dragões, vira a cabeça e olha na direção da voz de Argon.

De repente, uma luz branca brilhante surge das palmas das mãos de Argon, atravessando a ponte até a borda do Canyon. Então, ela se transforma em uma enorme parede de luz branca, erguendo-se do chão até os céus, fixando-se à lateral do Canyon. Aparentemente Argon, sozinho, está de alguma forma criando um novo escudo de energia.

Ralibar de repente rola para fora do alcance dos outros dragões, fica em pé e bate suas grandes asas. Ele sobe para o céu, seguido pelos outros dragões, e se dirige para Argon. Ele está ferido, não voa tão rápido como de costume, e um dragão consegue alcançá-lo, mordendo sua cauda. Gwen prende a respiração enquanto teme que Ralibar não vá conseguir escapar.

Mas Ralibar se solta, batendo suas asas com cada vez mais força, e se afasta apenas por tempo suficiente para voar pela parede da luz de Argon, voltando para o outro lado do Canyon.

Os outros dragões seguem logo atrás dele, mas ao alcançarem a parede de luz, eles batem suas cabeças nela. Eles gritam em fúria, batendo na parede repetidas vezes, mas incapazes de penetrar.

Argon continua em pé com ambas as mãos estendidas, criando e mantendo o escudo de energia ativo, e seus braços começam a tremer. Gwen nunca o tinha visto sob tanta tensão; ele parece sentir dor cada vez que os dragões batem no escudo. Logo, Argon entra em colapso em função do esforço, e Gwen grita ao vê-lo cair no chão. Argon fica ali, indefeso, encolhido no chão no meio da ponte.

"Ralibar!" Gwen grita, apontando.

Ralibar se vira ao som de sua voz e olha para baixo, vendo o corpo de Argon; Ralibar solta um grito e mergulha para baixo com as garras estendidas, voando na direção de Argon. Ele mergulha, agarrando-o com força, e voa com ele, levando-o cada vez mais alto no ar.

Ele segue Gwendolyn quando ela vira, levando ele e todos os seus súditos pela estrada diante deles, através do Deserto, em direção aos seus navios - e para qualquer lugar no mundo que não fosse o Anel.



## CAPÍTULO DEZENOVE

Thorgrin caminha pelos intermináveis campos de lama na Terra dos Druidas, olhando para o horizonte e esperando ver algo, qualquer coisa; em vez disso, não há nada além de desolação, nada para quebrar a monotonia da paisagem, que parece se estender para sempre. Nuvens escuras pairam no ar, baixas o suficiente para que ele as toque, completando o quadro de melancolia.

Aquele é a imagem exata do submundo de que Thor se lembrava, quando ele havia marchado pelo deserto do Império. No entanto, Thor se força a pensar, ele não está no Império. Ele se encontra na Terra dos Druidas, ele repete para si mesmo. Tudo o que ele vê diante dele é apenas uma criação de sua mente. Ele não está andando através de uma paisagem, ele sabe, mas caminhando no labirinto de sua própria mente.

Conscientemente, Thor sabe que aquilo não é verdade, e gostaria de apagar aquilo, alterando a paisagem diante dele, forçando-se a pensar em coisas felizes; mas estranhamente, ele se vê incapaz de fazê-lo. Ele então percebe que ainda não possui poder para tal, e por mais que anseie por uma paisagem diferente, um mundo diferente, ele se vê atravessando o submundo, com seus pés atolados na lama com cada passo que ele dá, esforçando-se a todo instante e com dificuldade para respirar. Ele também carrega um estranho pressentimento - que parece se intensificar à medida que ele avança, de que seria atacado a qualquer momento. Por quê, ele ainda não sabe.

Thor estende as mãos para pegar suas armas, mas ao olhar para baixo, encontra seu cinto vazio; na verdade, ele não está sequer usando sua armadura. Ele está vestido com trapos novamente, as vestes simples do filho de um pastor que ele costumava usar. O que tinha acontecido? Como ele poderia estar vestido assim novamente? Onde estariam suas armas? Quando Thor vasculha seus bolsos, tudo que ele encontra é um estilingue simples, de sua infância, muito gasto após vários anos de uso.

Thor marcha sem parar, em guarda, e sente que aquele é um campo de treinamento, que o seu subconsciente o estava levando através dos vários estágios de sua vida. Quando ele olha para o horizonte, ele começa a ver algo surgindo em sua vista. Parece ser uma floresta de algum tipo, e quando ele se aproxima, vê que se trata de uma nova paisagem, cheia de árvores

mortas, até onde seus olhos podem ver, seus galhos pretos retorcidos. Ele está olhando para um enorme pomar de morte.

Thor segue por um caminho estreito que o leva até a floresta, passando sob os galhos retorcidos de todas as árvores, os céus tomados pelos sons de corvos, e à medida que ele avança, Thor avista algo que embrulha seu estômago: em uma árvore próxima, ele vê uma figura pendurada, vestindo uma armadura, balançando mesmo que não haja qualquer sinal de vento. Sua armadura enferrujada range quando ele balança, e quando seu capacete cai, Thor o reconhece: é Kolk, seu ex-comandante da Legião, com uma corda em volta do pescoço.

Thor quer derrubá-lo, ajudá-lo, mas quando ele se aproxima, vê seus olhos bem abertos, e percebe que ele já estava morto há muito tempo. Intrigado, Thor continua a andar, pensando. Na próxima árvore, ele avista outro corpo pendurado e balançando, com os olhos bem abertos. É Conven, seu antigo irmão da Legião.

À medida que Thor continua a andar, ele vê milhares de cavaleiros em armaduras enferrujadas pendurados nas árvores; quando ele passa, vê que cada árvore possui um corpo diferente, todos eles pessoas que ele conhecia, pessoas com quem um dia havia lutado. Há pessoas que ele sabia que haviam morrido; mas Thor fica chocado ao ver também pessoas que ainda estavam vivas: Reece, Elden, O'Connor - todos os seus irmãos da Legião. Depois vêm os membros da Prata - todos eles mortos.

"Você é o último que ainda está vivo."

Thor se vira e olha à sua volta, procurando a origem da voz, mas não consegue encontrá-la.

"Um guerreiro aprende a lutar sozinho. Seus homens estão ao seu redor, mas seu verdadeiro campo de batalha é ele mesmo."

Thor procurar em todas as direções, girando várias vezes, mas ainda assim não consegue descobrir de onde vem a voz. É a voz de Argon, ele sabe; mas ele não está à vista.

Thor se apressa em descer a trilha, passando pelos milhares de corpos pendurados, sentindo como se o mundo inteiro estivesse morto, e se perguntando se aquilo um dia acabaria. Ao mesmo tempo em que ele se faz a pergunta, de repente, a floresta desaparece, e ele se vê de volta à paisagem desolada de lama.

Thor ouve um ruído, e ao olhar para baixo percebe algo deslizando por baixo da superfície da lama, que se torna translúcida. Ele olha de perto e vê

uma cobra gigantesca logo abaixo da superfície, rastejando rapidamente. Enquanto ele estuda o chão, de repente ele vê milhares de criaturas exóticas, todas deslizando alguns centímetros abaixo da superfície da lama. De alguma forma, elas não eram capazes de perfurar a superfície, mas Thor tem a sensação de que a qualquer momento, ele poderia cair e ser engolido por um poço mortal.

Thor fecha os olhos enquanto continua sua caminhada.

*Essas criaturas não são reais, ele repete para si mesmo. Elas são criaturas que deslizam embaixo da superfície da minha consciência. Eu as criei, e posso suprimi-las. Use sua mente, Thorgrin. Use sua mente.*

Thor sentiu um tremendo calor entre seus olhos, no centro de sua testa, e se sente cada vez mais forte. Ele sente que pode controlar a trama do universo ao seu redor.

Thor abre os olhos e olha para baixo, piscando com surpresa ao ver que as criaturas tinham desaparecido. Ele agora está andando apenas sobre a lama.

Thorgrin se sente fortalecido por uma energia, começando a perceber que tem a capacidade, afinal, de invocar seus poderes para controlar o ambiente ao seu redor. Ele está começando a entender como utilizá-lo, como chegar aos níveis mais profundos de sua existência; e começa a entender que não existe distinção entre o mundo dentro de sua mente e o mundo exterior.

Ele também está começando a perceber que toda aquela terra era um campo de treinamento. Ele percebe que precisaria atingir um certo nível antes que pudesse encontrar sua mãe -antes de se tornar digno de conhecê-la.

Um espesso nevoeiro se aproxima enquanto Thor anda, cegando-o momentaneamente. Quando ele finalmente se dissipa, Thor olha para frente e vê, ao longe, um único objeto saindo para fora da lama. A névoa cai sobre ele novamente, e Thor não tem mais certeza se realmente havia visto alguma coisa, e aumenta o ritmo de sua caminhada, ansioso para descobrir o que é.

Quando Thor se aproxima, o nevoeiro some mais uma vez e ele pode ver a figura novamente. Ele para diante dela, examinando-a com curiosidade. A princípio, parece ser uma cruz gigante; mas como ele estende a mão para tocá-la, Thor percebe que é algo mais. Ela está coberta por várias camadas

de lama, e ele estende a mão, limpando-a pouco a pouco. Lentamente, um pedaço do objeto pode ser visto: é um punho brilhante, cravejado de jóias.

Thor fica ali, paralisado, com a respiração presa em sua garganta. Ele não consegue acreditar. Em pé diante dele, com a lâmina enfiada na terra, coberta por camadas de lama, esperando que ele a pegue, está a Espada do Destino.

Thor pisca várias vezes, confuso. Ela parece tão real - ele sabe que ela é real. E no entanto, ao mesmo tempo, Thor sabe que a tinha criado com sua mente, assim como tudo mais naquele lugar. É muito bom para ver sua arma novamente, ter sua velha amiga de volta, uma arma que ele tinha atravessado metade do mundo para conquistar, perdendo um amigo querido no caminho - que havia influenciado grande parte de sua jornada na vida. Empunhar a Espada do Destino significa mais para Thor do que ele seria capaz de dizer. Ele quase chora ao vê-la; percebendo o quanto tinha sentido falta dela. Na verdade, ele tinha sido assombrado por pesadelos em que ela estava sempre fora de seu alcance desde o dia em que a tinha perdido.

E agora, vendo ela ali, Thor percebe que são seus sonhos que estavam criando tudo aquilo - os níveis mais profundos do seu subconsciente.

Thor estende a mão, fechando os dedos em torno do punho da espada, e puxa, esperando extraí-la facilmente do barro.

No entanto, Thor fica chocado quando ela não se move.

Ele puxa mais forte e, em seguida, segura a espada com ambas as mãos. A espada balança para frente e para trás, mas não importa o quanto ele tente, ele é incapaz de soltá-la.

Thorgrin finalmente grita com o esforço e então, cai de joelhos, respirando com dificuldade, completamente arrasado.

Como poderia ser? Como poderia ser possível que ele não fosse mais digno de empunhar aquela espada?

"Você nunca foi tão forte quanto pensava, Thornicus," afirma uma voz sombria.

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Thor se arrepiam quando ele percebe instantaneamente de quem era aquela voz.

Ele se vira lentamente e vê o homem que mais odeia no mundo de frente para ele, com um sorriso maligno no rosto: Andronicus.

Andronicus sorri para ele, segurando um enorme machado de guerra em uma mão e uma espada na outra. Seus músculos são enormes, sua armadura

mal capaz de contê-los, enquanto ele paira sobre Thor.

"O que você está fazendo aqui?" Pergunta Thor. "Como você chegou aqui?"

Andronicus ri, um som horrível e penetrante.

"Eu vim para esta terra assim como você," ele responde. "Pesquisando. Eu estava procurando por um poder maior, meu poder mais profundo. Eu era um jovem guerreiro. E foi então que eu conheci sua mãe."

Thor o encara, chocado.

"Eu disse que voltaria a vê-lo em seus sonhos," continua Andronicus. "E aqui, nesta terra, os sonhos são reais o suficiente para que eu finalmente possa matá-lo."

Andronicus pula para a frente com seu machado e Thor se esquivava no último momento quanto o machado passa por ele, errando o alvo por alguns milímetros.

"Você não é real!" Thor grita, apontando a palma da mão para o pai, tentando reunir o seu poder para fazê-lo ir embora.

Andronicus golpeia sua espada e corta o braço de Thor.

Thor grita com a dor alucinante, enquanto o sangue jorra de sua ferida.

Andronicus olha para ele, rindo.

"Isso não é real? Quando eu enfiar minha espada através do seu coração, você vai estar morto, para sempre. Assim como eu. Você pode ter me criado, mas agora eu estou aqui, e eu sou real o suficiente para matá-lo. E é precisamente isso que farei."

Andronicus golpeia repetidas vezes, e Thor se esquivava de cada um dos golpes. A espada erra o seu alvo, mas chega cada vez mais perto. Thor olha para a Espada do Destino e deseja mais do que qualquer coisa que ele pudesse empunhá-la.

Quando Andronicus se aproxima dele mais uma vez, Thor se lembra de seu estilingue: ele se abaixa, pega uma pedra e atira.

A pedra atravessa o ar na direção da cabeça Andronicus, mas ele balança sua espada e rebate a pedra no último instante.

"Suas armas de criança não vão lhe ajudar aqui, rapaz," seu pai fala.

Thor procura desesperadamente por uma arma em todos os lugares a sua volta, mas ele não consegue encontrar nada. Ele está indefeso contra aquele monstro, e Andronicus parece determinado a matá-lo.



"Você ainda resiste," continua Andronicus. "Mas eu sou uma parte de você. Me aceite. Aceite-me, e eu desaparecerei. "

"Nunca!" Exclama Thor.

Andronicus levanta seu machado e o atira em Thor. Thor não esperava por isso, e mal tem tempo de se esquivar enquanto o machado se aproxima rapidamente dele, girando no ar e cortando seu ombro. Thor grita de dor quando o sangue começa a escorrer de seu outro braço.

Antes que ele possa reagir, Andronicus lhe dá um chute no peito com os dois pés, derrubando Thor de costas no chão.

Thor desliza dezenas de metros na lama, até finalmente parar. Ele olha para cima, mas Andronicus já está sobre ele, e ergue o machado de guerra acima de sua cabeça.

"Eu te amo, Thornicus. E é por isso que eu tenho que matá-lo."

Quando Andronicus ergue seu machado, Thor, indefeso, levanta as mãos e grita, sabendo que aquela seria uma maneira horrível de morrer.

## CAPÍTULO VINTE

Erec sobe rapidamente as escadas sem fim que levam ao topo do pico mais alto das Ilhas do Sul, olhando para cima enquanto ele avança, seu coração aquecido com a visão do forte de seu pai. Lá está ele, no ponto mais alto da ilha, da mesma forma como ele ainda se lembrava de seus tempos de criança. É uma bela estrutura, como um pequeno castelo, mas quadrado e baixo, adornado com torres e parapeitos. Ele tinha sido construído com pedras antigas extraídas séculos atrás daqueles penhascos, e sua presença é imponente. Para Erec, o forte era o seu lar; mas ao mesmo tempo também representava um lugar especial em seus sonhos, um lugar quase mágico.

Erec se aproxima das portas de cobre maciço, altas e retangulares - que brilham tanto sob o sol que ele tem que fechar um pouco os olhos, e suas enormes maçanetas esculpidas que trazem à tona diversas lembranças. Erec tinha se esquecido que as Ilhas do Sul eram também a terra do cobre, cujas minas de cobre abundantes produziam uma quantidade infinita do material, tanto que quase todas as estruturas nas Ilhas do Sul, até mesmo a casa mais pobre, tinha algum elemento de cobre. O forte de seu pai, a mais bela e elaborada estrutura do lugar, tinha tanto cobre, brilhando tão intensamente, que era capaz de ser visto de praticamente qualquer ponto nas ilhas. Ele tinha sido projetado para deixar as pessoas em reverência - tanto os amigos quanto os inimigos.

Erec respira com dificuldade, com as pernas ardendo, quando ele finalmente chega ao planalto e se aproxima do lugar - ele havia se esquecido como as Ilhas do Sul eram íngremes, como toda a ilha era basicamente uma enorme cordilheira, uma série de elevações, subindo e descendo, com seu povo constantemente sendo obrigado a subir degraus intermináveis esculpidos em pedra para chegar a qualquer lugar. O Forte de seu pai tinha sido construído no ponto mais alto, e Erec percebe que, mesmo estando em forma, ele ainda não chegava perto a forma dos habitantes dali, onde todos os homens e mulheres tinham pernas grossas, fortalecidas por vidas inteiras a subir e descer.

Quando Erec se aproxima das portas, com Alistair ao seu lado, meia dúzia de soldados, vestidos com o uniforme das Ilhas do Sul - da cabeça aos pés com uma armadura de cobre; armas e escudos, brilhando como o forte, imediatamente se afastam e abrem as portas para ele. Eles inclinam suas cabeças, dando-lhe uma recepção digna um rei. Aquilo causa em Erec uma

sensação estranha; fazendo-o perceber que em breve, seu pai estaria morto e ele seria o rei.

Erec nunca tinha sido tratado como um rei antes, e percebe que não gosta da sensação. Ele é um homem humilde de coração, toda a sua vida dedicada a ser um soldado leal, um guerreiro, um cavaleiro - e não para a política ou para a pompa. Sua vida tinha sido dedicada a servir os outros, a servir o Anel, a ser o melhor guerreiro que ele pudesse ser. Ele não se importa com muito mais do que isso.

Vendo todas aquelas pessoas nas Ilhas do Sul tratá-lo de tal forma o faz perceber que sua vida estava prestes a mudar. Ele logo estaria passando menos tempo com seu armamento, menos tempo em campo, e mais tempo sendo um rei, envolvido com questões políticas. Ele ainda não tem certeza gostaria dessa mudança. Seria essa a evolução natural de um guerreiro? ele se pergunta. Retirar-se do campo de batalha, um lugar de honra, para entrar no campo obscuro da política? Erec sente que há mais honra na batalha, e que quanto mais uma pessoa se envolvia na política e com questões do poder, mais ela estaria arriscando a própria honra. Seria a mudança de guerreiro para governante a evolução natural de suas responsabilidades? Ou seria um passo atrás na evolução, depondo contra sua honra e virtude?

Erec não sabe a resposta, e uma parte dele não quer descobrir. Ele quer viver a vida simples de um guerreiro, defendendo seu reino, vivendo entre o seu povo. Ele não quer passar a governá-los. E ainda assim ele era o primogênito de seu pai, e todos nas ilhas, incluindo seu pai, esperam exatamente isso dele.

Se havia algum benefício em ser rei daquelas ilhas, é o fato de os reis ali serem diferentes dos reis em qualquer outro lugar no mundo; ser rei ali significa não só ter o direito vindo de sua linhagem, mas também a necessidade de mostrar-se digno do título. Para ganhar a realeza, Erec teria que ser testado no campo de batalha por seu próprio povo. Um concurso seria organizado, e qualquer plebeu teria o direito de desafiá-lo. Se qualquer um deles o derrotasse, então a realeza passaria a eles. Pelo menos Erec, presumindo que ele seria o vencedor, se tornaria rei por mérito e não apenas por ser filho de seu pai.

Erec marcha pelos corredores segurando a mão de Alistair, seus passos ecoando nos pisos de cobre, com atendentes e soldados alinhados, curvando suas cabeças enquanto eles passam. Mais atendentes abrem outro conjunto de portas para eles, e eles viram em outro corredor e mais outro, até

finalmente chegarem diante das portas dos aposentos de seu pai. Um último soldado abre essa porta, e Erec se prepara, nervoso, antecipando o estado em que encontraria seu pai.

Alistair para com ele diante da porta, puxando sua mão.

"Meu senhor, eu devo entrar com você?" ela pergunta hesitante.

Erec assente.

"Você será minha esposa. É justo que você conheça o meu pai antes que ele se vá."

"No entanto, você não o vê desde a sua juventude. Talvez você queira algum tempo a sós com ele."

Erec aperta a mão dela. "Onde eu vou, você vai."

Os dois entram no quarto e a porta se fecha atrás deles, deixando apenas os dois na sala com o Rei, junto com os atendentes alinhados solenemente ao longo das paredes.

Pela primeira vez desde que era um menino, Erec coloca os olhos em seu pai, e seu coração se sobressalta. Seu pai está deitado na cama, a cabeça apoiada em almofadas de seda, com cobertas de seda até seu peito, apesar do dia quente de verão. Ele parece muito mais velho, frágil e menor do que Erec se lembrava. A visão lhe causa uma dor sem fim.

Na memória de Erec, seu pai era um homem alto, um grande guerreiro de ombros largos, um homem feroz e resistente, sábio e calculista, respeitado por todos que o conheciam. Ele era um homem que tinha conseguido agarrar o trono em sua juventude, derrotando outros que possuíam uma linhagem real apenas com sua força, determinação e habilidade de combate.

Como ele era um guerreiro e não um governante, um homem que não tinha sangue real, todos os habitantes da ilha haviam pensado que ele não seria capaz de manter-se no trono, e que não seria um bom governante. Mas seu pai havia surpreendido a todos. Ele acabou sendo não só o melhor guerreiro nas ilhas, mas também um rei de grande astúcia. Ele havia conseguido se manter no trono - fortalecendo-o - durante toda sua vida, e no processo, tinha feito das Ilhas do Sul um lugar muito mais forte. Ele tinha sido o responsável pela descoberta das minas de cobre, proporcionando a todos muita riqueza, e ajudando a construir a maioria das estruturas de cobre existentes na ilha; ele tinha sido o responsável pela extensão da frota pesqueira, havia reforçado os penhascos e tornado as ilhas prósperas e abundantes - além de ter rechaçado todos os ataques a suas ilhas. Ele havia

tido êxito todos aqueles anos, apesar das previsões, e também tinha, contra todas as probabilidades, se tornado o maior Rei que as Ilhas do Sul já haviam conhecido.

E agora ele estava morrendo, aquela montanha de homem, e Erec sabe que teria muito trabalho para se igualar à ele. Ele na verdade não tem certeza se ele, ou qualquer outra pessoa, jamais seria capaz de fazê-lo.

"Pai," Erec diz, seu coração partindo ao se aproximar e parar ao lado da cama de seu pai.

O Rei abre os olhos ligeiramente e, em seguida, ao ver Erec, os abre ainda mais. Ele inclina a cabeça para a frente, apenas um pouco, olha para Erec e estende sua mão frágil.

Erec aperta a mão do seu pai, inclinando-se para beijá-la. Ela está enrugada e velho e fria ao toque, como se já pressentisse sua morte iminente.

"Meu filho," ele diz, o amor evidente em sua voz.

Erec admira seu pai como rei e como soldado; mas tem sentimentos mistos em relação a ele como um pai. Afinal, seu pai o tinha enviado embora ainda muito jovem, mandando o jovem Erec para longe de tudo que ele conhecia e amava. Ele sabe que seu pai tinha feito isso para seu próprio bem, mas, ainda assim, uma parte de Erec sentia como se seu pai não o quisesse ali - o que estava mais interessado em ser um rei do que um pai.

Uma parte do Erec, ele não pode negar, teria gostado de ficar ali, de continuar por perto, e passar sua vida com seu pai e sua família; uma parte de Erec, ele precisa admitir, se ressentia que seu pai o tinha enviado naquele exílio forçado, escolhendo o seu destino por ele.

"Você conseguiu chegar antes da minha morte," seu pai fala.

Erec assente, seus olhos brilhando ao som da voz fraca de seu pai. Não lhe parece justo que um grande guerreiro tenha se reduzido a aquilo.

"Talvez você não morra, meu pai," ele diz.

Seu pai sacode a cabeça.

"Todos os curandeiros daqui já me viram duas vezes. Eu deveria ter morrido há meses. Eu estava esperando," ele diz, tendo um acesso de tosse, "para vê-lo."

Erec pode ver os olhos do pai brilhando, e percebe que seu pai realmente se preocupa com ele. A visão toca seu coração profundamente. Apesar de si mesmo, Erec sente uma forma lágrima se formar, e rapidamente a enxuga.

"Você provavelmente acha que eu não me importo com você, por tê-lo mantido afastado de nós todos esses anos. Mas eu fiz isso *justamente* por me preocupar com você. Eu sabia que uma vida com os MacGil lhe traria fama, reputação e reconhecimento além do que você jamais poderia ter conseguido aqui, em nossas pequenas ilhas. Como um menino, você era o melhor guerreiro que eu já tinha visto. Ouso dizer que me vi em você. É verdade, eu não queria privar os MacGil de suas habilidades; mas entre você e eu, devo dizer-lhe que também não queria privá-lo do poder que você poderia conseguir com eles."

Erec acena com a cabeça, emocionado, começando a compreender e a ver seu pai de maneira diferente.

"Eu entendo, meu pai."

Seu pai tem outro acesso de tosse, e quando ele para, olha para cima e vê Alistair. Ele acena para que ela se aproxime.

"Sua noiva," ele fala. "Eu quero conhecê-la."

Erec se vira e acena com a cabeça, e Alistair se adianta tentativamente; em seguida, ela se ajoelha ao lado de Erec, estende a mão, e beija a mão de seu pai.

"Meu soberano," ela diz baixinho.

Ele a observa com cuidado, por um longo tempo, finalmente, ele assente com satisfação.

"Você é muito mais do que apenas uma bela mulher," ele fala. "Eu posso ver isso em seus olhos. Você é uma guerreira, também. Erec escolheu bem."

Alistair acena de volta, parecendo emocionada.

"Trate-o bem," acrescenta o rei. "Você vai ser rainha aqui em breve. A rainha deve ser mais do que uma esposa devotada. Trate meu povo bem, também. As pessoas precisam de um rei, mas eles também precisam de uma rainha. Não se esqueça disso."

Alistair assente.

"Sim, meu senhor."

"Eu preciso falar com você agora," ele fala para Erec.

Erec acena para Alistair, e ela rapidamente se vira e sai do quarto, fechando a porta atrás dela.

"Todos vocês, deixem-nos," o Rei ordena.

Um por um, seu rebanho de atendentes sai correndo da sala, fechando a porta.

Erec e seu pai são deixados a sós, e o silêncio parece mais pesado. Erec aperta a mão de seu pai, permitindo que uma lágrima escorra livremente pelo seu rosto.

"Eu não quero que você morra, Pai," ele diz, tentando conter as lágrimas.

"Eu sei, meu filho. No entanto, meu tempo nesta terra chegou ao fim. Poucas coisas importam para mim agora. O que importa para mim, mais do que tudo, é você."

Ele tosse por um longo tempo, então se inclina para frente.

"Ouça-me," ele comanda, sua voz subitamente firme, demonstrando a força de que Erec se lembrava. Ele olha para cima e vê um lampejo de determinação feroz no rosto de seu pai da qual ele se recorda. "Há muito que você deve compreender, e não muito tempo para aprender. Meu povo - nosso povo - é mais complexo do que você pensa. Nunca esqueça nossas raízes. Centenas de anos atrás, as nossas ilhas eram uma mera colônia de prisioneiros, párias, exilados, escravos - todas as pessoas que o Anel não queria. Eles era enviados aqui para morrer."

"Mas nós surpreendemos a todos, e nós sobrevivemos. Nós nos tornamos um povo em nosso próprio direito. E ao longo dos séculos, nós evoluímos. Nós nos tornamos autossuficientes, e os maiores guerreiros de todo o Império. Nós nos tornamos marinheiros, pescadores e agricultores experientes, mesmo nesse lugar inóspito. Agora, séculos mais tarde, passamos de párias a uma jóia da coroa, uma nação de generosidade e lar de guerreiros.

"Nosso relacionamento com os MacGil se transformou ao longo dos anos ao ponto em que hoje, nós lhes enviamos os nossos guerreiros para serem aprendizes e eles nos enviam os deles. Os MacGil desejam os nossos guerreiros. Sempre houve uma aliança tácita entre nós. Em tempos de grande dificuldade ou perigo, eles esperam o nosso auxílio. Mas o que você deve entender é que nossas pessoas estão divididas. Alguns nos consideram em dívida para com eles, e permanecerão fiéis até a morte. Mas uma boa parte de nosso povo é isolacionista. Eles se ressentem do Anel, e não querem ajudar."

Ele olha para Erec de maneira significativa.

"Você deve entender o seu povo. Se você tentar reunir todos eles para a defesa do Anel, pode ter uma guerra civil em suas mãos. Eles são orgulhosos e teimosos. Tente levar todos eles, e vai acabar sem

nenhum. Você deve conduzir com cuidado. Você entende? É você como Rei quem deve decidir."

Seu pai tem outro ataque prolongado de tosse, e Erec continua sentado ali, tentando processar tudo. Ele está começando a perceber que o seu povo e suas políticas são muito mais complexos do que ele pensava.

"Mas Pai, a família MacGil me aceitou como um deles. O Anel é a minha segunda casa. Eu jurei ir ao seu auxílio se algum dia eles precisassem, e eu sempre mantenho minhas promessas."

Seu pai assente.

"E agora você perceberá o que significa ser um rei. É fácil dar a sua palavra e mantê-la como um guerreiro; é muito mais difícil mantê-la como um rei. Se o seu povo não o seguir, quem exatamente você estará liderando?"

Erec considera suas palavras e seu pai, de repente, fecha os olhos. Ele ergue a mão e acena para que Erec se vá. Erec gostaria de dizer adeus a ele, gostaria de abraçá-lo.

Mas esse não é o costume de seu pai - nunca tinha sido. Seu pai era um homem frio e duro, e quando ele queria ser, até mesmo bruto. E agora Erec pode ver que ele tinha terminado com ele. Erec tinha servido seu propósito.

Quando Erec se vira para sair pela porta, enquanto seu pai tosse sem parar, Erec sabe que aquela seria a última vez que o veria, e começa a pensar. Seu pai o tinha deixado como herdeiro de seu reino - mas será que ele realmente o amava como um filho? Ou será que o amava apenas como herdeiro de seus negócios?

E mais importante ainda - e a ideia atinge Erec como uma faca em seu peito: se ser rei significava comprometer a própria palavra, sua honra, para o bem das massas, isso seria algo que Erec poderia fazer? Erec tinha vivido toda a sua vida pela honra, e daria sua vida por ela, não importa qual fosse o custo. Mas como Rei, ele poderia se permitir esse luxo? Ele destruiria a si mesmo por uma questão de honra - mas seria capaz de destruir um reino?



## CAPÍTULO VINTE E UM

Gwendolyn fica à frente do navio enorme, liderando sua frota, observando o horizonte subindo e descendo à medida que o navio é impulsionado pelas ondas. Ela respira fundo, sabendo que cada minuto, cada onda do mar, aumenta a distância entre eles e o Anel.

Eles navegam contra o vento e envoltos pela névoa, com a chuva tendo finalmente oferecido uma trégua, mas as espessas nuvens sombrias se recusam a recuar. Apesar do verão, vai ficando cada vez mais frio quanto mais ao norte eles vão, e Gwen veste seu manto apertado ao redor dos ombros. Ela carrega Guwayne, segurando-o firmemente contra o peito, saboreando seu calor e embalando-o enquanto ela olha para fora e se pergunta sobre o que futuro guarda para todos deles.

Gwendolyn não se vira para olhar para trás - nenhuma vez, embora saiba que o continente do Anel agora está longe de vista. Ela teme que, se olhar para trás, verá os dragões de Romulus, que de alguma forma romperiam o escudo de Argon e voltariam a persegui-los. Recordando a visão horrível, o calor de suas chamas à medida que eles se aproximavam, ela estremece; ela não quer correr esse risco.

Ao seu redor, há apenas o oceano, água em todas as direções, uma monotonia interminável. Mas isso não importa; ela acolhe água desta vez. Ela não consegue suportar olhar para trás, na direção onde um dia havia sido sua antiga morada. É muito doloroso - tudo que ela conhecia, que ela um dia havia amado e apreciado agora tinha sido queimado até o chão; a Corte do Rei, ela se sente mal em pensar, agora estava sendo apreciada por Romulus e seus soldados, e também por seus dragões. Todas as pessoas de todo o Anel, as que não tinham tido tempo de partir com ela, certamente estavam mortas. Sua terra natal já não existia. Gwen se sente arrasada; ela sente como se de alguma forma tudo aquilo fosse culpa dela. Ela gostaria realmente que pudesse ter salvado mais pessoas de seu reino.

Tudo o que resta, toda a esperança que lhe resta no mundo, agora está diante dela. Ela olha em volta e vê as dezenas de seus navios e não consegue evitar a sensação de que eles estavam partindo como exilados, um êxodo em massa do Reino do Anel para as solitárias, inóspitas e tempestuosas Ilhas Superiores. Gwen treme ao pensar que pelo resto de seus dias, dos dias de seu povo, estavam condenados a ser vividos em tal

lugar; mas, pelo menos, ela repete para si mesma, eles estavam vivos. Eles haviam sobrevivido e, por enquanto, isso é tudo que importa.

Gwen sabe que não haverá uma festa de boas vindas esperando para cumprimentá-la; apenas a fria, se não hostil, recepção dos homens de Tirus. Seu último contato com o lugar tinha sido quando ela havia despachado Reece para se desculpar com Tirus, e ela não sabe como ele o havia recebido. Ele demonstraria misericórdia após a sua chegada? ela se pergunta. De alguma forma, ela duvida disso. Ela agora viveria em um lugar frio e estéril, presa entre um adversário e o próximo, ela e todo o seu povo seriam forçados a lutar, de uma forma ou de outra, onde quer que eles estivessem, apenas para sobreviver mais um dia.

Gwen fecha os olhos e tenta esquecer seus pensamentos sombrios; ela pensa em todas as pessoas que tinha sido obrigada a deixar para trás, espalhados por todo o Anel, todos sob seus cuidados. Ela balança a cabeça, pensando em todas as famílias que deveriam estar mortas agora, evisceradas pela mão de Romulus e o sopro dos seus dragões. Ela não entende como aquilo poderia ter acontecido. Romulus, de alguma forma, havia conseguido desativar o Escudo, e tinha conseguido de alguma forma controlar todos os dragões. Ela tinha pressentido o perigo que se aproximava, mas nunca tinha imaginado tal amplitude de destruição.

Gwen sente vontade de desistir - de jogar tudo para o alto, de tão fraca, cansado e esgotada que está, mas ela se força a ser forte. Afinal, ela é a rainha, e ainda governa, e seus súditos ainda dependem dela. Seu reinado havia se reduzido ao navio, àquela frota, e centenas de pessoas, mas ainda assim, era algo. Ela tem que seguir em frente por causa deles.

Gwen anseia por alguém com quem conversar, agora mais do que nunca. Ela pensa em Argon, e recorda como Ralibar tinha ido até eles, e depositado o corpo inerte de Argon, imóvel, no deck, onde ele ainda se encontrava; Gwendolyn e os outros tinham tentado acordá-lo, sem sucesso. Seu coração tinha partido com a visão, e ela se pergunta se Argon os tinha deixado desta vez para sempre. Ralibar havia partido, ela não sabe para onde, e também não sabe se ele voltaria para ela. Gwendolyn se sente mais sozinha do que nunca. Sem Argon, sem Ralibar, sem Thor - e com apenas uns mil homens - que esperança qualquer um deles poderia ter? Eles teriam sorte, ela sabe, em chegar até as Ilhas Superiores. Se o escudo de Argon caísse, eles estariam terminados. Eles não resistiriam a um ataque

direto de Romulus e seus dragões, e ela sabe que, eventualmente, eles certamente os seguiriam.

Gwen olha para o horizonte, para os mares tempestuosos, e deseja que agora, mais do que nunca, que Thorgrin estivesse ali, ao seu lado.

"Minha Rainha?" diz uma voz suave.

Gwendolyn se vira e vê seu irmão, Kendrick, caminhar até o seu lado, junto com seu outro irmão, Godfrey, além de Steffen e Aberthol. Ela toma conforto em sua presença, e se sente grata que ao menos eles tinham sobrevivido.

"Nós não chegaremos às Ilhas Superiores por um bom tempo, se é que chegaremos hoje. A noite se aproxima, e o vento está ficando mais forte. Você não quer se juntar a nós? Se ficar aqui poderá ficar doente, e não nos faria chegar mais rápido."

Gwendolyn balança a cabeça.

"Eu não quero chegar mais rápido. Eu quero voltar ao Anel, mas ele se foi. Destruído para sempre," ela responde desanimada. "E a culpa é toda minha."

Ela se vira e olha para eles, e Kendrick e os outros trocam um olhar grave. Gwen diz a si mesma que precisa ser forte.

"Não é culpa sua, minha senhora," responde Steffen. "Pelo contrário, você salvou todas estas pessoas que você vê aqui."

"Creio que chegaremos ao amanhecer," diz Kendrick, "e nossos homens precisam estar preparados. Eu duvido que tenhamos uma recepção calorosa. Nós interceptamos um corvo rumo ao Anel. Ela traz a notícia de que nosso irmão matou Tirus."

"O quê !?" Gwen exclama, completamente chocada.

Kendrick assente gravemente.

"Eu mandei ele pedir desculpas e ele assassina o homem?" Pergunta Gwen, tentando processar a notícia. Ela mal pode conceber o que tinha acontecido, e fica furiosa com Reece.

"O boato é que há uma revolta aberta na ilha, que nossos homens estão isolados, presos em sua pequena frota de navios. Talvez possamos alcançá-los a tempo."

Gwendolyn acena com a cabeça, determinada.

"Tirus merecia morrer," ela declara, "ainda que Reece tenha sido tolo em desafiar minhas ordens. Dito isto, não abandonaremos ninguém. Vamos

navegar o mais rápido que pudermos durante toda a noite, e se for necessário, lutaremos até a morte para resgatar nossos homens."

Ela olha para seus homens, que esperam que ela os lidere, e sua voz demonstra confiança.

"Não se preocupem," ela fala para eles. "Vamos ter de volta as Ilhas Superiores. Pelo menos nisso seremos vitoriosos. E uma vez lá, eu estabecerei um novo reduto, um novo lar para nós, os expatriados do Anel."

Todos assentem, e ela pode ver que eles tinham sido tranquilizados por suas palavras, pela sua confiança.

"E se o feitiço de Argon falhar?" Pergunta Godfrey. "E se aqueles dragões vierem até nós? Como podemos combatê-los?"

"Romulus agora tem Anel," Gwen responde. "Talvez ele se contente com isso e não nos persiga."

"E se ele não ficar satisfeito?" Aberthol pressiona.

"Então, não teremos escolha a não ser lutar contra ele e seus dragões."

Os homens parecem desanimados.

"Mas minha rainha, nunca conseguiremos vencê-los," diz Aberthol. "Estariamos lutando contra um grupo de dragões e um exército de um milhão de homens."

Gwendolyn acena com a cabeça, percebendo que ele está correto.

"Por enquanto, vamos alcançar as Ilhas, libertar nossos irmãos, e estabelecer um lar. Rezemos para que o escudo de Argon continue ativo."

"E se não ficar?" Aberthol insiste. "Não temos outras opções?"

Gwen se vira e olha para o horizonte, tão sombrio quanto seu estado de espírito, sabendo que eles não tinham outra saída.

"Sim," ela fala. "Nós podemos fazer o que sempre fizemos: lutar por nossa honra e lutar até a morte."

\*

Godfrey e Illepra sentam-se abaixo do convés quando a noite cai, com o enorme navio balançando para cima e para baixo. Godfrey encosta suas costas contra a parede enquanto Illepra cuida de suas feridas, envolvendo uma atadura em torno de seu braço várias vezes. Ao observá-la de tão perto, ele nota uma diferença na forma como ela olha para ele. Antes, ela sempre olhava para ele com um olhar de desaprovação - e agora, ele fica surpreso

ao vê-la sorrindo para ele, envolvendo seu braço lentamente e carinhosamente, cortando o curativo com ternura, cuidando de suas feridas com amor e carinho.

"Você mudou," ela diz para ele.

Godfrey olha para ela, intrigado.

"Como assim?" ele pergunta. "É engraçado, porque eu estava pensando a mesma coisa de você."

"Você não é o menino que costumava ser," ela comente. "Você é um homem agora. Você se levantou e lutou como um homem. Você arriscou sua vida pelos outros, para o bem de nossa cidade, como poucos outros fariam. Estou surpresa, pois não esperava isso de você."

Godfrey enrubesce, desviando o olhar.

"Eu não fiz isso para que você pudesse se orgulhar. Eu não estava buscando sua aprovação, ou a de qualquer pessoa - muito menos pela aprovação do meu falecido pai. Eu fiz isso por mim mesmo, e pela minha irmã."

"No entanto, mesmo assim, você fez isso. Eu sei que você não é o seu pai. Mas eu vou te dizer uma coisa: eu acho que você vai se tornar ainda maior do que o seu pai um dia conseguiu ser."

Godfrey levanta a sobrancelha, surpreso com suas palavras.

"Você está zombando de mim," ele diz.

Ela balança a cabeça, e seu rosto fica sério.

"Seu pai nasceu com posição e privilégio," ela comenta. "Ele nasceu para ser rei. Em relação a você, por outro lado, ninguém jamais teve expectativas, por ser o filho do meio. Você conquistou o respeito por seus próprios meios. Você não aceita o status quo, mas procura por si mesmo a melhor maneira de viver, e você chegou às suas próprias conclusões - não porque alguém o forçou a fazê-lo, ou porque alguém esperava isso de você. Você estava seguindo um caminho, e resolveu mudar por conta própria. Você transcendeu quem você era. É fácil tornar-se um guerreiro quando ser um guerreiro é tudo o que já se fez; é muito mais difícil, porém, quando se chega a essa posição mais tarde na vida, quando se decide por conta própria ser um."

Godfrey se sente tocado por suas palavras enquanto tenta processar tudo; aquela é a primeira vez em sua vida que alguém o cobre de elogios. Ele fica corado.

"Há muitos guerreiros que podem empunhar uma espada e uma lança melhor do que eu," ele diz humildemente. "Eu nunca serei capaz de igualar suas habilidades, não tão tarde na vida."

Illepra balança a cabeça.

"Não foi isso que eu quis dizer, e não é só por isso que alguém se torna um guerreiro," continua ela. "É preciso honra. Garra. Sacrifício. E é isso que você tem agora. Se você pode ver isso em si mesmo ou não, não importa - eu vejo isso em você."

Illepra surpreende Godfrey quando de repente ela se inclina e o beija nos lábios. Ele não oferece resistência.

E então, depois de um momento atordoado, ele a beija de volta.

Eles continuam se beijando por um longo tempo, até que finalmente, Illepra se afasta, sorrindo para ele.

"Faz muito tempo desde que eu beijei alguém," ela fala.

"Então nós devemos fazer isso de novo," Godfrey diz com um sorriso, e se inclina para beijá-la novamente. Ao se beijarem, reunindo seus lábios naquela noite fria, Godfrey logo esquece totalmente a dor em seu braço. Pela primeira vez desde que consegue se lembrar, naquele navio balançando no meio do nada, ele se sente em casa.

Talvez, ele pensa, essa história de guerreiro não seja assim tão ruim, afinal.

\*

Steffen está em pé no convés do navio castigado pela chuva e pelo vento quando a escuridão dá lugar ao amanhecer, não muito longe de Gwendolyn. Ele fica apenas longe o suficiente para lhe dar alguma privacidade enquanto ela continua olhando para o mar, como se estivesse procurando algum amigo há muito tempo perdido, segurando Guwayne nos braços. Ele tinha ficado ali por muito tempo depois que os outros haviam descido, incapaz de separar-se dela e deixá-la ali sozinha.

Ao lado dele está Arliss, que tinha ficado ao seu lado durante a maior parte da viagem, como ela fazia desde que o tinha conhecido. Steffen se sente lisonjeado que ela se preocupe com ele; ele nunca tinha experimentado nada parecido antes, e está completamente apaixonado por ela.

"Ela quer ficar sozinha," Arliss explica para Steffen. "Nós deveríamos ir lá para baixo, com os outros." Sua voz deixa evidente a intensidade de seu carinho e preocupação com ele.

É um sentimento estranho para Steffen ter ninguém se preocupando com ele; ele tem dúvidas se Arliss realmente o ama, ou se aquilo é apenas uma brincadeira cruel; temendo que ela esteja fingindo amá-lo - como todos as outras pessoas em sua vida.

Mas quanto mais tempo Steffen passa com ela, mais sinceros ele acredita serem seus sentimentos por ele. Ela realmente o ama. Essa é uma ideia difícil para ele aceitar. Ninguém em sua vida jamais o tinha amado verdadeira e incondicionalmente exatamente por quem ele era. Ele quase não sabe como reagir. Tudo o que ele sabe é que ele também sente enorme amor e gratidão por ela.

"Por favor, vá para baixo, meu amor," ele diz para ela. "Você vai ficar com frio e molhada se continuar aqui em cima. Eu mesmo não posso descer - não com Gwendolyn aqui em cima."

"Mas ela lhe disse para ir."

Ele dá de ombros.

"Eu não gosto de tê-la fora da minha vista. Pelo menos não quando Thorgrin não está aqui. Tenho uma grande dívida com ela."

Arliss assente.

"Entendo. Nossa Rainha é uma pessoa amável; ela me aceitou quase como uma irmã, e eu sinto a mesma lealdade a ela, assim como você. Mas nenhum perigo poderia alcançá-la aqui. Ela está entre seu próprio povo, em um navio, no meio de um oceano."

"Eu sei," responde Steffen. "Mas é meu dever, eu levo minhas responsabilidades muito a sério."

Arliss coloca suas mãos na borda do navio, olhando para o mar, e Steffen detecta tristeza em seu rosto.

"O que foi, meu amor?" ele pergunta.

Ela suspira.

"Quando eu penso no Anel, em tudo que deixamos para trás, fico arrasada. É difícil de conceber que tudo que conhecemos e amamos foi completamente destruído. O Anel é agora um lugar inóspito. Como isso foi acontecer?"

Steffen balança a cabeça, compreendendo seus sentimento de vazio. Não há nada que ele possa dizer. Ele pensa em sua cidade natal, em toda a sua

família, agora certamente mortos, e embora eles nunca tenham sido gentis com ele, ainda assim ele se sente triste.

"Não é difícil para você pensar nisso?" Ela pressiona. "Que a vida nunca mais será a mesma? Que nunca mais poderemos voltar para casa?"

Steffen olha para o horizonte e suspira.

"No meu caso, não há nada que eu tenha deixado para trás," ele diz. "Tudo o que deixei para trás, todas aquelas cidades do Anel, não têm nada para mim. Todas as pessoas que me interessam estão aqui. Podemos recriar nossa cidade natal. É uma chance de começar a vida novamente. Tudo com que me preocupo neste mundo é o meu dever, o que significa Gwendolyn. E agora, é claro, você," completa ele, abaixando a cabeça, enrubescido.

Arliss, claramente sensibilizada, olha para ele e sorri, em seguida, ela o beija.

Eles continuam se beijando por um longo tempo, e então ela suspira e olha para o mar.

"As pessoas com quem crescemos eram cruéis," ela fala. "Eles não merecem nossas lágrimas, mas ainda assim, uma parte de mim se sente culpada. Afinal, nós somos os únicos que escapamos. E se eu não tivesse vindo para a Corte do Rei? E se eu nunca tivesse te conhecido? Eu estaria morta agora."

Steffen olha para o horizonte e percebe que não tinha pensado nisso.

"Eu te amo," ela diz. "Eu lhe devo minha vida."

Steffen balança a cabeça.

"Você não me deve nada. Eu não te salvei, foi o destino."

"Mas o destino o trouxe para mim."

Ela se inclina para perto, e Steffen coloca o braço em torno dela, segurando-a com força e esfregando seu ombro, que está tremendo. É uma sensação incrível, segurá-la tão perto, sentir-se querido e amado. Ele sente como se sua vida fosse mais importante do que tinha antes, e se sente menos sozinho no mundo.

"Meu amor, você está tremendo," ele fala. "A névoa está ficando mais forte. Por favor, desça."

"Só se você prometer se juntar a mim."

Sentindo a necessidade de descer, finalmente, ele acena com a cabeça.

"Eu irei," ele promete. "Em breve."

Arliss lhe dá um beijo, e rapidamente desce para baixo do deck.



Steffen volta a olhar para Gwendolyn. Ela ainda está ali, sozinha, de costas para ele, olhando para o mar e segurando Guwayne. Ele se pergunta quais pensamentos estavam correndo por sua mente.

Steffen não poderia deixá-la ali, sozinha e com frio. Ele resolve ir até ela, mais uma vez, e implorar-lhe para descer. Ele sabe que ela não aceitaria, orgulhosa e teimoso como era - e com tantas coisas em sua mente. Ele sabe que Gwendolyn acredita que precisa ficar ali em cima, sacrificando-se pelo seu povo; ela sempre tinha sido assim. Steffen a ama e admira por isso, mas deseja vê-la em segurança.

Assim que Steffen começa a se aproximar dela, de repente ele vê um movimento com o canto do olho. Algo se move rapidamente na escuridão, do outro lado do deck, e seu coração se sobressalta quando ele vê uma figura usando um capuz preto. A figura misteriosa está correndo no meio da escuridão e nevoeiro, atravessando o navio direto na direção de Gwendolyn.

Steffen vê algo brilhando sob a luz da luz e percebe, com medo, que se trata de um punhal. O homem, ele percebe, era um assassino, carregando uma lâmina em suas mãos, a caminho de assassinar Gwendolyn.

"Gwendolyn!" Steffen grita.

Steffen sai correndo, apressando-se na direção dela, mas percebe que o assassino já tem uma grande vantagem sobre ele.

Gwen se vira ao ouvir seu nome e, assim que faz isso, vê o assassino correndo na direção dela. Ela segura Guwayne com força e então espera até o último minuto e se esquiva do golpe; o assassino erra seu alvo por pouco, e seu punha atravessa o ar sem causar qualquer dano.

Essa é a oportunidade que Steffen precisa. Ele corre para a frente quando o assassino dá a volta e, sem hesitar, ele desembainha sua espada, mergulhando-a no coração do assassino.

O homem grita, ofegante, com sangue borbulhante de sua boca e garganta, e cai nos braços de Steffen, como se estivessem se abraçando. Steffen dá um passo para trás e o homem cai no convés, morto.

Alarmes soam no convés, e dentro de instantes, dezenas de cavaleiros, liderados por Kendrick e Godfrey, saem correndo das entranhas do navio, correndo para Gwendolyn, que continua parada, pálida.

"Você está bem?" Pergunta Kendrick, respirando com dificuldade. Ele olha para o corpo do homem morto horrorizado, em seguida, procura em todas as direções por sinais da presença de outro atacante - mas não há mais ninguém.

Gwendolyn acena com a cabeça.

Kendrick se abaixa e empurra o assassino morto com seus pés. Ele puxa o capuz para trás e examina seu rosto com nojo.

"Um dos homens de Tirus," diz Godfrey, dando um passo à frente. "Um espião."

Kendrick ergue seu corpo no alto e o atira para fora do navio. Eles assistem quando o corpo cai no oceano e é rapidamente levado pelas ondas.

"Steffen salvou a minha vida," afirma Gwen.

Todos os olhos se voltam para Steffen, e ele enrubesce com tanta atenção, olhando para baixo.

"Você é um verdadeiro soldado," Kendrick fala para ele, colocando a mão em seu ombro em sinal de gratidão. "Nossa família está em dívida com você."

Gwendolyn olha para ele.

"Eu lhe devo minha vida, mais uma vez," ela fala. "E, desta vez, a vida do meu bebê também. Você é muito mais do que um servo. Deste dia em diante, você é um cavaleiro."

Steffen a encara em estado de choque.

"Ajoelhe-se," ela ordena.

Ele obedece, e ela toma a espada de Kendrick, encostando a ponta em cada um de seus ombros.

"Levante-se, Sir Steffen," ela declara.

Steffen se levanta lentamente, e os homens ao redor dele dão um grito de aprovação, correndo até ele para cumprimentá-lo dando tapinhas nas costas dele. O mundo de Steffen parece estar girando; ele nunca havia previsto algo assim em toda sua vida.

A tempestade aumenta, e Steffen se junta aos outros quando todos, incluindo Gwendolyn, descem abaixo do convés; e enquanto ele desce, Steffen dá uma última olhada para os oceanos em fúria, se perguntando que os outros perigos aquela jornada ainda lhes reserva.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thor está deitado na lama de costas, olhando para Andronicus, que levanta um machado de guerra para o alto com as duas mãos, preparando-se para parti-lo ao meio.

Thor sente o ódio que seu pai tem por ele, sua raiva - sabe que está prestes a ser destruído e, pior ainda, ele sabe que tudo aquilo é produto de sua própria criação. Ele sabe que tudo o que vê diante de si é apenas um reflexo de sua própria consciência, e ainda assim ele não consegue impedi-lo. Ele morreria ali, naquele lugar, e tudo por causa de seu próprio subconsciente, dos seus piores medos.

Thor fecha os olhos e se força a invocar o seu poder interior. Ele convoca todos os ensinamentos de Argon, ouvindo suas palavras soarem em seus ouvidos.

Você é mais forte do que qualquer mal no universo. Você e o universo não são duas entidades distintas. Não resista a energia ao seu redor. e, acima de tudo, não resista a si mesmo.

Tantas vezes Thor tinha ouvido as palavras de Argon, tentando compreender seu significado, treinando e tentando colocá-las em ação. Às vezes, ele tinha sido bem sucedido, e outras vezes não. Thor nunca tinha conquistado perfeito domínio sobre seus poderes - ou sobre o universo. Ao voltar a se concentrar, acessando seus sentimentos mais profundos, Thor percebe que sempre havia algo dentro dele que o impedia de prosseguir; ele nunca tinha assumido seus poderes totalmente. Ele nunca tinha realmente aceitado quem ele era, e sempre havia visto os seus poderes como algo separado dele mesmo. Agora, pela primeira vez, ele percebe que ele e seus poderes são uma só coisa, e que seus poderes e habilidades fazem parte da trama de sua verdadeira essência.

Thor sente uma onda de força ao perceber que sentia orgulho em aceitar seus poderes, orgulho de ser quem ele é.

Thor então abre os olhos, e vê que o machado continua se aproximando dele - mas desta vez é diferente. Desta vez, ele vê tudo em câmera lenta; desta vez ele vê a arma como uma parte dele, não algo distinto. E, à medida que arma se aproxima, Thor de repente assume o controle completo de sua mente. Ele rola para fora do caminho e, ao mesmo tempo, ele transforma a lama ao lado dele em água; o machado de Andronicus continua

descendo, mas não consegue acertá-lo, desaparecendo em uma poça de água em vez disso.

Andronicus tropeça para a frente quando o machado caiu, e desaba de cara na lama.

Thor fica em pé na paisagem lamacenta, e sua intuição assume o controle. Em vez de procurar uma arma, em vez de vasculhar a paisagem, Thor sente que poderia mudar a paisagem para que ela se adequasse às suas necessidades; percebendo que ele poderia controlá-la.

Thor se vira e fixa seus olhos na Espada do Destino, ainda enfiada na lama. Quando Andronicus volta a ficar em pé, Thor caminha casualmente até a espada, gentilmente coloca as duas mãos em seu punho, e fecha os olhos. Ele sente seu poder pulsando através dele, correndo em suas veias.

Eu vou empunhar essa espada. Eu vou empunhá-la, porque eu e a espada não estamos separados. Eu e a espada somos uma só entidade.

Thor, de olhos fechados, ouve o som distinto de metal, sente uma vibração em sua mão, e ao olhar para cima para vê que está segurando a lâmina no alto, brilhando acima dele. Sua velha amiga havia voltado para suas mãos.

Andronicus ataca, segurando seu machado, e Thorgrin calmamente se adianta e golpeia com sua espada, cortando o machado de Andronicus pela metade. A lâmina do machado e sai voando até cair na lama, e Andronicus golpeia inofensivamente com a outra metade.

Andronicus passa cambaleando por Thor, em seguida, recupera o equilíbrio e volta a olhar para ele. Desta vez, Andronicus encara Thor com pavor, o medo evidente em seus olhos ao ver que Thor está segurando a Espada do Destino. Thor se sente mais poderoso do que nunca, e sente que finalmente tem absoluto controle sobre seu ambiente.

"Você é meu pai," Thor diz. "Mas isso não significa que eu seja seu filho. Nós escolhemos nossos pais. Nós temos o poder de escolher, e eu não escolho você."

Thor avança e solta um poderoso grito de guerra ao trazer a Espada do Destino na direção de Andronicus, determinado a acabar com ele de uma vez por todas. Andronicus levanta o cabo do machado para se defender e Thor o corta ao meio. A lâmina atravessa o pedaço de madeira e corta o peito de Andronicus, tirando sangue.

Andronicus grita de dor com o golpe e tropeça, caindo de costas.

Enquanto Andronicus fica ali, sangrando, Thor fica em pé sobre ele, empunhando a espada. Andronicus observa quando Thor ergue a espada para dar o último golpe.

De repente, no entanto, a visão diante Thor muda, e pela primeira vez, Thor se sente incerto. Andronicus se transforma diante dos olhos de Thor. Ele começa a encolher, e seu corpo e rosto grotescos começam a se assemelhar cada vez mais a uma forma humana.

No momento em que a transformação é concluída, Andronicus parece um homem normal, um guerreiro orgulhoso e nobre, vestindo o uniforme real com o brasão da família MacGil. O irmão mais velho do rei MacGil. Ele se parece muito com o rei - mas também é estranhamente parecido com Thor.

Andronicus levanta a mão para Thorgrin.

"Aqui estou eu," ele diz. "Agora você me vê de verdade. Eu sou o homem que um dia foi seu pai, antes que me mudasse. Eu sou o homem que sua mãe conheceu e por quem se apaixonou. Sou eu, seu verdadeiro pai. Salve-me, Thorgrin. Salve-me de para todo o sempre."

Thor hesita. Ele sente que algo está errado, e ainda assim ele não pode deixar seu pai ficar ali, ferido. Então Thor estende o braço, segura em sua mão, e o ajuda a ficar em pé.

Então, seu pai segura seu braço com força suficiente para causar dor, recusando-se a soltar. Thor tenta se libertar, mas não consegue. Andronicus sorri, levanta um punhal que havia escondido em seu cinto, e esfaqueia Thor no peito.

Thor suspira quando a lâmina o perfura, sentindo uma dor maior do que jamais havia sentido antes. Ele tinha sido enganado, e percebe que ele está morrendo.

À medida que Thor sente seu mundo desaparecendo, tonto e fraco, ele se força a se concentrar. Ele sabe que poder parar tudo aquilo. Ele sabe que tem o poder de transcender o plano físico, de encontrar uma outra saída. Aquele lugar o estava forçando a se tornar maior do que ele mesmo, a usar poderes que ele nunca havia tido antes.

Thor fecha os olhos e ordena que o universo extraia a lâmina de seu peito.

De repente, a adaga salta para fora, e Andronicus recua, segurando-a com uma expressão de choque. Thor utiliza a energia do ar para curar sua ferida, para estancar o sangramento. Quando ele fecha os olhos e coloca as

mãos sobre o peito, suas mãos brilham com um poder e calor surreais, e quando ele as afasta, seu ferimento está completamente cicatrizado.

Andronicus olha para ele boquiaberto, em total estado de choque.

Thor levanta a Espada do Destino mais uma vez, e desta vez, ele é enterra no chão ao lado dele, deixando-a de lado. Pela primeira vez, ele percebe que não precisa dela; ele é mais feiticeiro do que humano - ele é um Druida, afinal. Ele detém o poder do universo inteiro em suas mãos, e é mais poderoso do que qualquer pedaço de aço.

"Eu não preciso de uma espada para matar você, pai. Eu preciso apenas do poder da minha mente. Você existe apenas nos níveis mais profundos da minha mente, e fora isso, você é impotente."

Thor então aponta uma única mão para seu pai, e quando ele faz isso, uma bola de luz dispara através dela, envolvendo-o. Andronicus grita ao ser arremessado para trás, e seu grito vai desaparecendo à medida que ele é enviado cada vez mais longe, à velocidade da luz, voando para o horizonte, antes de finalmente desaparecer por completo.

Enquanto Thor permanece ali em silêncio, de repente, a neblina ao redor dele se dissipa. As nuvens se desmancham, o sol aparece e, lentamente, a paisagem diante dele se transforma. A lama se transforma em grama - uma grama brilhante e de cor vibrante, as árvores mortas florescem, e os pássaros surgem cantando. O inverno dá lugar ao verão, e a paisagem de desolação se transforma em uma de abundância.

Quando Thor olha para o horizonte, ele não vê mais o vazio. Em vez disso, ele vê um castelo distante, empoleirado no topo de um penhasco com uma grande passarela que conduz a ele.

Ele sente seu coração batendo acelerado ao reconhecer o lugar de seus sonhos e ter a certeza - sem qualquer sombra de dúvida, que encontraria sua mãe na estrada à sua frente.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Alistair caminha de braços dados com a mãe de Erec, que sorri à medida que elas abrem caminho ao longo das passarelas revestidas de cobre na beira dos penhascos. Alistair havia ficado encantada pela forma como a mãe de Erec a tinha acolhido, tão graciosa, tomando-a nos como se ela fosse sua própria filha. Alistair nunca havia conhecido sua mãe, e sempre havia desejado uma figura materna em sua vida - e apesar do pouco tempo que conhecia a mãe de Erec, ela já havia percebido como seria bom tê-la por perto. Uma parte dela se sente completo como nunca antes.

Enquanto elas caminham, uma dúzia de atendentes as seguem, abanando a Rainha, elas chegam ao final de um platô, demarcado por uma grade alta feita de cobre, e Alistair observa a paisagem, boquiaberta com o que vê. É como se o mundo inteiro estivesse diante delas; nos vales abaixo, Alistair vê milhares de habitações, a maioria brilhando com seus telhados de cobre - como mil pontos de luz que refletem o sol. As ilhas são muito férteis, apesar de seu terreno montanhoso, com vinhas plantadas em penhascos, em colinas, pomares de fruta madura florescendo em toda parte, adicionando cor à linha do horizonte, agarrando-se à vida no terreno irregular. O perfume de suas flores pungentes pode ser sentido no ar.

"Esse é um dos pontos mais altos da ilha," a mãe de Erec diz suavemente ao seu lado, apreciando a vista também. "Daqui de cima você pode ver toda a capital, e até mesmo as aldeias próximas da costa. Você também pode ver partes da Tatrazen, onde o grande nevoeiro paira no vale."

Alistair segue seu dedo e vê, lá em baixo, belas aldeias construídas ao longo da costa, construídas sobre as areias brancas, onde pequenas ondas das águas verdes e azuis arrebatam. Uma névoa paira sobre as ilhas, e o ar é o mais fresco que Alistair já havia respirado, preenchido com o cheiro do mar e das flores de laranjeira. O sol brilha intensamente ali, e ela sente todo o seu corpo acariciado por seus raios quentes.

Alistair se sente acolhida ali, em profundo repouso naquele lugar. Ela fica surpresa, pois tinha esperado se sentir desorientada no novo terreno, e tinha achado que fosse sentir falta do Anel; mas por alguma razão, nas ilhas do sul ela se sente mais em casa do que jamais havia se sentido.

"Sua ilha é linda," diz Alistair. "Obrigada por sua graciosidade."

A mãe de Erec sorri e coloca um braço em torno do ombro de Alistair, abraçando-a.

"Você é a mulher que Erec ama," ela comenta, "o que significa que você é uma filha para mim. Eu sempre vou te amar, da mesma forma que ele a ama. Você pode conversar comigo sobre qualquer coisa."

Alistair sorri, sentindo-se bem ao ser abraçada por uma mãe pela primeira vez em sua vida. Ela se sente amada ali - e seu amor por Erec, se possível, parece ainda mais forte.

"Você está pronta para a água sagrada?" Ela pergunta.

Alistair olha para ela, intrigada.

"O que é isso?" Ela pergunta.

A mãe de Erec aponta.

Alistair se vira e vê, perto da borda do penhasco, uma grande buraco no mármore liso, onde há uma nascente de onde é possível ver o vapor saindo. Dentro dele está a irmã de Erec, Dauphine, de costas para elas, com a cabeça encostada na pedra e os braços espalhados para fora enquanto ela observa as intermináveis paisagens da ilha.

"É o costume das mulheres daqui mergulhar nas águas semanalmente. Elas são muito relaxantes, e dizem que elas contém elementos de purificação. As noivas sempre mergulham um dia antes do casamento. Acredita-se que as águas trazem boa sorte."

Alistair olha para ela com os olhos arregalados, se perguntando se ela tinha ouvido corretamente.

Sua mãe acena com a cabeça.

"É isso mesmo. Amanhã você vai se casar."

O coração de Alistair de repente começa a bater acelerado.

"Amanhã?" Alistair diz, desconcertada. "Mas eu ainda não tive tempo de... eu nem sequer preparei..."

A mãe de Erec sorri, estendendo-lhe a mão.

"Não se preocupe," ela fala. "Seus vestidos já foram preparados. Há uma grande seleção para que você escolha o que mais gosta, bem como as melhores jóias reais em nosso cofre. Nosso povo tem se preparado para isso há muitas luas. Será o casamento mais espetacular que você já viu."

Alistair está espantada. Por um lado, ela fica encantada por estar realmente prestes a se casar com Erec; mas, por outro lado, ela não tinha idéia de que isso aconteceria tão rápido, e ela ainda não tinha tido tempo para se preparar mentalmente para o dia mais importante de sua vida.

"Mas por que tão de repente?" Pergunta Alistair. "Eu não deveria ter ajudado com os preparativos?"



A mãe de Erec balança a cabeça.

"Nós aqui nas Ilhas do Sul temos superstições em torno de casamentos. Nós acreditamos que eles devem ser realizados imediatamente. É nosso costume que, quando uma noiva é pedida em casamento, a cerimônia aconteça imediatamente. Somos um povo que não se atrasa, que segue em frente instantaneamente com o que nos comprometemos a fazer. É um dos muitos costumes e peculiaridades que você virá para aprender sobre nós. Eu espero que não a tenhamos ofendido?"

Alistair sorri abertamente enquanto considera tudo aquilo. Eles são de fato um povo incomum, mas ela não se importa com seus costumes; ela acha que eles são um povo peculiar, mas ela gosta deles. E a idéia de se casar com Erec imediatamente enche seu coração de amor. Ela também se sente muito grata a eles por toda a preparação que haviam providenciado.

Alistair balança a cabeça.

"Pelo contrário," ela responde. "Eu me sentiria lisonjeada em me casar com seu filho. Mesmo que a celebração tivesse que acontecer nesse exato momento."

A rainha sorri para ela, e começa a levar Alistair para as fontes termais.

"Dauphine," ela grita de repente, com um tom de voz agressivo que Alistair não esperava. "Vire-se para nós. Levante e cumprimente sua futura cunhada."

Dauphine suspira irritada, mantendo-se de costa para elas, ainda as ignorando.

"Dauphine, você me ouviu?" Sua mãe insiste.

Gradualmente, Dauphine se levanta das águas. Ela está totalmente nua, e se vira de frente para elas, inexpressiva. Alistair enrubesce e desvia o olhar. Dauphine fica parada diante dela, olhando para Alistair com frieza.

"Considere-se cumprimentada," ela diz, e então se vira e volta a entrar na água.

Alistair se pergunta, mais uma vez, quais seriam os problemas de Dauphine; ela parece uma pessoa perturbada - ou então simplesmente odeia Alistair de verdade.

Atendentes correm e ajudam a rainha e Alistair a se despirem, dando-lhes mantos enquanto as acompanham até as fontes.

Alistair desce os degraus de pedra e mergulha seu corpo na água quente; ela se sente bem, e a água quente contendo uma loção que ela não

reconhece borbulha ao redor dela, envolvendo seus músculos e fazendo-a se sentir completamente relaxada. Alistair olha para a paisagem sem fim, privilegiada pela visão de cima daquele penhasco, acariciada pelas brisas e com a sensação de que estava flutuando no céu.

"Dauphine," diz a rainha, "seja gentil com a nossa convidada. Em apenas algumas horas, ela será sua rainha."

"Ela não será minha rainha," responde Dauphine vigorosamente.

"Vai sim," a rainha insiste. "Ela é a noiva de Erec. Se você sente qualquer amor por ele, será gentil com Alistair."

Dauphine fecha os olhos e balança a cabeça.

Alistair fica ali, sentindo-se desconfortável, sentindo-se como se ela fosse a causa de toda aquela chateação, e já não se sente tão relaxada.

"Você desonra sua família ao tratá-la de forma tão rude," sua mãe insiste. "E você não deveria estar sentada nesse lugar - essa cadeira é reservada para a noiva."

Dauphine abre os olhos, nervosa, e olha para a mãe.

"Ela tem uma língua. Ela pode falar por si mesma."

Alistair enrubesce, sem querer se envolver na discussão entre as duas, não sendo uma pessoa que aprecia aquele tipo de confronto. Alistair percebe o quanto Dauphine a odeia e que não consegue entender o porquê.

"Você pode sentar onde quiser," Alistair finalmente diz. "Não desejo ter qualquer privilégio."

"Pronto, mamãe. Já conversamos," Dauphine dispara. "Isso é o suficiente para você?"

Sua mãe balança a cabeça, furiosa.

"Seu pai teria vergonha de você."

Dauphine suspira - levantando-se abruptamente, e sai das águas termais. Ela se apressa a subir os degraus, completamente nua, e recusa o manto que os atendentes lhe oferecem, deixando o lugar.

"Dauphine, volte aqui!" Sua mãe pede.

Mas ela rapidamente desaparece de vista.

A rainha enrubesce ao olhar para Alistair.

"Por favor, perdoe sua falta de gentileza, ela não representa o nosso povo. Receio que eu não a tenha criado da forma como eu deveria."

Alistair balança a cabeça.

"Por favor, não se desculpe."

"Acredito que seja pelo fato de que ela é muito ligada à Erec. Eles sempre foram muito próximos e ela não o vê há muitos anos."

"Por favor, não peça desculpas por ela. Você tem sido uma anfitriã das mais graciosas, e tenho a honra de tê-la como sogra."

A rainha sorri com tristeza e, em seguida, elas se inclinam e fecham os olhos.

De repente, quando Alistair está começando a relaxar no silêncio, o som de sinos é ouvido por toda a ilha. O bater dos sinos é seguido por gritos de comemoração.

O barulho aumenta, cada vez mais alto, e Alistair abre os olhos alarmada.

"O que está acontecendo?" Ela pergunta, querendo saber que outros costumes estranhos aquelas pessoas tinham. Parece estar havendo uma grande celebração.

A mãe de Erec abre os olhos e sorri. Ela ri e ergue as mãos para o céu.

"Esses são os sinos da morte," ela explica. "Meu marido está morto!"

Ela ri sem parar, claramente feliz com a notícia.

Alistair olha para ela, sem compreender.

"Então, por que todos estão comemorando?" Ela pergunta. "Por que você está sorrindo?"

A rainha suspira e olha para ela.

"Nas Ilhas do Sul, a morte não é algo a ser lamentado. A passagem é um motivo de comemoração, somos proibidos de lamentar a morte aqui. Em vez disso, nós celebramos a vida. Na verdade, para nós, esse é o maior motivo para comemorar. "

Os sinos continuam tocando, e quando os aplausos se intensificam a um nível febril, Alistair percebe como aquele lugar é estranho, e o quanto ela ainda tem para aprender sobre aquela nação.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Thor para diante da passarela, prendendo a respiração quando uma rajada de vento frio acerta o seu rosto. Ao longe, na outra extremidade da trilha, ele vê grandes penhascos erguendo-se até o céu e, sentado diante deles, um antigo castelo com reluzentes portas de ouro.

O castelo de sua mãe.

O vento uiva enquanto ele continua ali, apreciando a paisagem, aquela visão que povoava seus sonhos, com uma mistura de antecipação e preocupação. A passarela é estreita, escorregadia por causa da água do mar, e coberta por uma névoa; abaixo dela, a queda até o mar em fúria e os penhascos abaixo é de várias centenas de pés. Aquela é obviamente uma queda mortal.

Thor observa a paisagem com um sentimento de admiração. Há magia no ar, e ele já pode senti-la. Aquele mundo inteiro lhe parece surreal; a paisagem dos seus sonhos havia se tornado realidade - sonhos que o assombravam desde que ele podia se lembrar. E agora, tudo havia se tornado real.

Ou será que não? Aquilo tudo seria apenas outra criação de sua mente?

Thor já não consegue ter certeza. Mas tudo o que ele vê lhe parece mais real do que qualquer coisa que ele tinha visto. Certamente mais real do que um de seus sonhos. E agora que ele estava ali, dentro de seu sonho, ele não tem certeza de como tudo terminaria.

Thor sabe que sua mãe está lá, do outro lado da passarela, naquele castelo; ele pode sentir isso. Ele se vê tremendo - excitado mais do que jamais havia estado, por finalmente estar prestes a vê-la, mas ele também se sente nervoso. Qual seria a aparência dela? Ela seria gentil e amável com ele, como tinha sido em seus sonhos? Ela ficaria feliz em vê-lo?

E então a pior ideia lhe ocorre, um pensamento que Thor tem receio de considerar: e se ela não estivesse lá afinal?

Thor sabe que ficar ali em pé, esperando, não lhe traria qualquer resultado; a hora havia chegado.

Thor se prepara e dá o primeiro passo na passarela; assim que ele faz isso, o vento sopra mais forte. Ele tropeça imediatamente no chão liso, mas logo recupera o equilíbrio. Ele dá mais vários passos, cauteloso.

O som das ondas fica mais alto e Thor olha para baixo, vendo as ondas arrebentarem contra as rochas e a neblina subindo pelo ar, carregada pelo

vento. Ele dá mais um passo, depois outro, e então, ele não consegue evitar a sensação de que estava deixando um mundo para trás e entrando em um completamente novo. Ele sente como se estivesse andando nas profundezas de seu subconsciente.

Thor ganha impulso, andando cada vez mais rápido, e logo se encontra no meio da passarela. Ele sabe que seu trajeto não poderia ser tão fácil, e começa a se perguntar que outros testes estariam diante dele, o que mais seu subconsciente poderia criar.

Ele mal termina de pensar isso, quando aparece diante dele uma figura solitária. Thor pisca várias vezes antes ele perceber que se trata de pai adotivo, o homem que o havia criado em sua aldeia natal, o homem que tinha sido tão cruel com ele. Atrás dele, aparecem de repente os três irmãos adotivos de Thor.

Thor percebe que sua mente o estava levando de volta à sua infância, para seus primeiros anos, criando um obstáculo para ele. Ele estava criando, ele percebe, todas as pessoas em sua vida que sempre haviam tentado desmotivá-lo, os últimos obstáculos para que pudesse chegar onde queria.

"Você não passará por mim," diz seu pai adotivo. "Você não é digno, e somente os dignos podem atravessar essa ponte."

"Quem é você para me dizer que eu não sou digno?" Thor responde, finalmente, desafiando aquele homem, como nunca havia feito em toda a sua vida. A incapacidade de Thor em se defender, em se expressar com clareza e dizer à figura de seu pai como ele realmente se sentia, tinha sido uma de suas principais fontes de decepção em toda a sua vida. Agora, finalmente, ele havia reunido coragem o suficiente para fazê-lo.

Os três irmãos de Thor fazem uma careta atrás dele enquanto o pai de Thor fica parado ali com as mãos nos quadris, desafiando-o.

"Se você deseja realmente cruzar essa passarela, Thorgrin, terá que passar por mim primeiro."

Seu pai parte para cima dele, e é mais rápido do que Thor havia previsto. Thor se prepara para pegar a Espada do Destino, e fica horrorizado ao perceber que ela havia desaparecido.

Thor, sem defesa contra o ataque de seu pai e reagindo tarde demais, se vê acuado por ele, sendo levado ao chão. Os dois começam a deslizar pela passarela estreita.

Thor começa deslizar para o lado direito da borda, quando de repente ele se vira e joga o seu pai sobre os ombros, resistindo enquanto os dois rolam

para um lado e para o outro.

Thor finalmente cai em cima de seu pai, prendendo-o no chão e começando a sufocá-lo, ao mesmo tempo em que seu pai faz o mesmo com ele. Thor ouve seus três irmãos se aproximando dele, ouve quando cada um dele saca sua espada, determinados a atacar Thor pelas costas.

Thor fecha os olhos.

Vocês não são reais. Vocês na verdade não existem. Isso é apenas o meu subconsciente. Vocês representam as minhas dúvidas e medos. Tudo o que vejo ao meu redor, tudo que vejo, é apenas fruto da minha mente. Sou eu quem lhes dá poder. E agora, vou parar de fazer isso.

Thor invoca a parte mais profunda de si mesmo e se força a ficar mais forte, a lutar sem confrontos, a fazer uma guerra sem armas. Já é tempo, ele percebe, de permitir que sua mente seja mais forte do que seu corpo.

Thor sente uma onda de calor tomar conta dele, sentindo seu mundo se tornar um branco ofuscante, e quando ele abre os olhos, ele se vê agarrando não o pescoço de seu pai, mas a sujeira no chão diante dele. Seu pai havia desaparecido.

Thor se vira e vê que seus irmãos também haviam desaparecido. Tudo o que resta é o uivo do vento, o barulho das ondas, e a neblina que se aproxima.

Thor respira aliviado e depois, lentamente, volta a ficar em pé. Ele continua caminhando ao longo da passarela, esforçando-se para manter sua mente forte. Ele estava se tornando, ele percebe, o seu pior inimigo. Toda sua jornada pela Terra dos Druidas tinha sido uma longa batalha para dominar sua mente, e Thor está começando a perceber que seria também a batalha mais difícil de toda a sua vida. Thor preferiria enfrentar um exército inteiro sozinho. Sua mente poderia levá-lo aos lugares mais profundos e mais escuros de forma inesperada, e ele ainda não tem o controle de que ele precisa para resistir. Como ele poderia conquistar esse controle? ele se pergunta, sabendo que seria preciso continuar treinando até que pudesse dominar seus pensamentos.

Enquanto Thor anda, as rajadas de vento tiram seu equilíbrio, e ele decide que poderia usar o poder da sua mente para diminuir o poder do vento. Ele está começando a perceber sua sintonia com a natureza, com o universo e com tudo ao seu redor. O vento se acalma, e ele fica mais ereto, caminhando com mais orgulho ao continuar atravessando a passarela. Ele sente o universo convergindo em torno dele, seu equilíbrio cada vez certo.

Thor fica surpreso ao perceber que está se aproximando do final da passarela. Quando ele fica a apenas alguns metros do fim, do penhasco onde fica o castelo de sua mãe, de repente, mais uma figura surge diante dele, bloqueando seu caminho.

Thor pisca várias vezes, tentando processar quem ele vê diante de si. Não faz sentido - diante dele, está um adversário formidável, vestindo uma armadura diferente de qualquer outra que Thor já tinha visto.

Em pé, de frente para ele, está ele mesmo.

Thorgrin.

Thor olha para a réplica exata de si mesmo, um guerreiro feroz e formidável, que fica ali, se preparando para a batalha e segurando a Espada do Destino ao seu lado. Ele examina aquele guerreiro e tenta entender se ele era real, ou apenas mais uma criação de sua mente. Como poderia haver outro Thorgrin no universo?

"Por que você me impede de chegar até minha mãe?" Pergunta Thor.

"Porque você não é digno," é a resposta.

"Não sou digno de conhecer a minha própria mãe?" Thor insiste.

O guerreiro olha para ele sem expressão, inflexível.

"Este é um castelo para os iniciados," ele responde. "Só os mais poderosos podem entrar. Eu sou o guardião do castelo, e você terá que passar por mim."

Thor olha para seu adversário, intrigado.

"Mas você sou eu," diz Thor.

"É você mesmo que você ainda não conquistou," vem a resposta.

O guerreiro de repente ataca, erguendo a Espada do Destino e trazendo ela para baixo na direção da cabeça de Thor.

Thor sente algo na palma da mão, e percebe com alegria que ele também está empunhando a mesma Espada do Destino.

Thor a ergue no alto e ataca a si mesmo.

As duas espadas se encontram no meio do caminho, perfeitamente alinhadas, e faíscas voam por toda parte. Thor ataca, golpeando para esquerda e direita, e o guerreiro reflete cada golpe exatamente, movimento por movimento. O que quer que Thor faça, o guerreiro fez exatamente igual, e Thor percebe rapidamente que aquilo seria inútil; não havia nenhuma maneira que ele pudesse ganhar. Aquele guerreiro sabe que ele sabe; antecipa todos os seus movimentos, e não havia uma maneira de derrotá-lo.

Para frente e para trás eles continuam, Thor respirando com dificuldade, seus braços e ombros cansados, até que de repente, quando Thor dá um golpe com sua espada, o guerreiro faz algo que ele não esperava: ele se inclina para trás e chuta Thor no peito.

Thor sai voando, deslizando de costas ao longo da passarela, todo o caminho até a borda. Ele continua deslizando em sua armadura escorregadia, incapaz de conter-se, temendo que ele deslizaria para fora da passarela.

Thor entra em pânico ao atravessar a borda, e começa a cair.

De repente, o guerreiro se aproxima, agarrando o tornozelo de Thor e impedindo que ele caia. Thor olha por cima do ombro e vê o mar furioso embaixo dele. Ele então volta a olhar para cima e vê seu reflexo olhando para ele, como se estivesse debatendo se devia ou não ajudá-lo.

"Ajude-me," implora Thor, esticando o braço de cabeça para baixo.

"E por que eu deveria?"

"Eu tenho que ver minha mãe," Thorgrin responde. "Eu não vim até aqui para morrer tão perto."

"Mesmo assim você perdeu a batalha," responde o guerreiro.

"Mas eu perdi para mim mesmo."

Ele balança a cabeça.

"Eu sinto muito," o guerreiro fala. "Você ainda não é forte o suficiente."

De repente, o guerreiro solta o tornozelo de Thor, que grita ao perceber que está caindo. Seus gritos ecoam pelo canyon à medida que ele despenca na direção do mar, das rochas, e da morte certa.



## CAPÍTULO VINTE E CINCO

O dia amanhece surpreendentemente calmo nas Ilhas Superiores, onde Reece, Stara, Matus, e Srog, a bordo do navio voltado para o leste, acompanham os primeiros raios do sol surgirem no horizonte e saudarem o dia. Atrás deles está o Comandante Wolfson e suas dezenas de homens, todos no convés, todos com armas na mão e olhando para o horizonte. O dia está frio, mas surpreendentemente sem nuvens, o céu riscado de âmbar, e quando a escuridão da madrugada começa a desvanecer e o sol começa a iluminar o céu, Reece se pergunta o que todos eles certamente estavam se perguntando: quando seria o ataque dos habitantes das Ilhas Superiores?

A tensão é palpável, Reece pode senti-la no ar. Agora que o dia havia amanhecido, agora que a noite de tempestade estava atrás deles, Reece tem certeza de que seria apenas uma questão de tempo até que os navios de Tirus atingissem o mar aberto e os cercassem. Todos haviam decidido resistir, e Reece sabe que sua causa era uma causa perdida. Com apenas uma dúzia de navios restantes da frota de Gwendolyn, não havia qualquer maneira que eles pudessem derrotar o que certamente seria um ataque de dezenas de navios, aprisionando-os naquele porto.

Reece examina a costa, e vê as silhuetas de centenas de soldados de Tirus alinhados, flechas preparadas, prontos para colocam fogo na frota assim que estivessem ao alcance deles. Eles estão cercados.

Srog se adianta com as mãos nos quadris, olhando para o céu. Ele se vira e olha para trás por cima do ombro, para o mar aberto, na direção de onde os navios de Tirus certamente viriam.

"Temos que manter a nossa posição," afirma Srog. "E, no entanto, ao mesmo tempo, se ficarmos aqui parados, certamente morreremos."

Srog se levanta, pensando, e Reece se adianta e vasculha as costas, pensando. Ele sabe que Srog está certo; ele sabe que algo precisa ser feito.

"O que você acha que sua irmã gostaria que fizéssemos?" Srog pergunta para Reece.

Reece fecha os olhos, pensando.

"Ela não gostaria que esperássemos para sermos mortos," ele responde. "Ela certamente gostaria que atacássemos, da mesma forma que meu pai ordenaria se estivesse vivo. Ele sempre gostou do elemento surpresa. Uma força menor atacando uma maior: isso é algo que ninguém seria capaz de antecipar. Se estamos todos prestes a morrer, devemos fazê-

lo com ousadia, atacando, com espadas em punho - e não aqui sentados, esperando para sermos destruídos."

Reece abre os olhos e examina mais uma vez a costa.

"E uma vez que não podemos navegar para o mar, o meu pai decidiria atacar a costa."

Srog observa a costa, perplexo.

"Mas quando estivermos ao alcance deles, suas flechas irão colocar nossos navios em chamas," ele protesta.

Reece assente.

"Mas se movermos rápido o suficiente, eles podem não conseguir atingir todos nós."

"E se virarmos e navegarmos em direção ao mar aberto?" Srog propõe. "Nós poderíamos enfrentar a frota de Tirus."

Matus se adiante e sacode a cabeça.

"Não," ele diz. "A frota do meu irmão é muito superior à nossa. Eles estão bem armados e bem treinados - seria um massacre."

"Parece que vai ser um massacre de qualquer forma," Srog observa.

Reece analisa suas opções, pensando muito até chegar à uma conclusão.

"É melhor morrer em terra do que no mar," declara Reece.

Enquanto ele ficam ali, debatendo, de repente, um marinheiro no alto do mastro chama com urgência.

"Meu Senhor! Eles chegaram!"

Todas as cabeças se viram, e eles correm para o lado oposto do navio e olham para fora: o horizonte está preenchido com a silhueta de navios, todos navegando na direção deles. É a frota da Tirus, a caminho de acuá-los no porto, aprisionando-os entre seus navios e a costa.

Wolfson acena com a cabeça, decidido.

"Naveguem para a costa!" Ele ordena. "É hora de atacar!"

\*

Reece se abaixa quando uma flecha em chamas passa por cima de sua cabeça, seu coração batendo acelerado ao perceber que por pouco ela não o tinha acertado. À sua volta, gritos de pânico preenchem os navios à medida que a frota se aproxima da praia, indo na direção do exército de flechas flamejantes que chove sobre suas cabeças. Para acelerar o ataque, dezenas

de homens remam com toda força, tentando levar os navios mais rápido para a praia.

É um esforço extenuante e lento, apesar das ondas que arrebatam e da ajuda da maré que os impulsionam para a frente, e em torno de Reece, o ar é pontuado pelos gritos de seus homens à medida que são alvejados pelas flechas incendiadas, que também acabam por acertar as velas e os decks de madeira dos navios.

Reece e os homens se apressam, alternadamente correndo para apagar as chamas quando novas flechas atingem o navio e atirando contra seus agressores. Reece olha para os outros navios, e vê que alguns deles já estão em chamas, suas velas tendo sido atingidas por flechas fora do alcance dos marinheiros, incendiando os navios. Reece olha a sua volta, assustado ao perceber que vários dos seus navios já estão pegando fogo - uma flotilha em chamas que se aproxima da praia. Reece se pergunta o quanto da sua frota resistiria o suficiente para alcançar as margens, se é que qualquer um de seus navios o faria.

Reece se vira e olha para o mar, na direção de sua rota de fuga, e vê a frota de Tirus se aproximando; ele sabe que precisa atingir a costa. Eles precisam percorrer apenas uma centena de metros, mas seria um trajeto sangrento.

Ao lado de Reece, Stara luta bravamente, sem sequer esquivar-se ao subir na borda do navio e disparar flecha após flecha para o litoral, matando homens à esquerda e à direita. Quando uma flecha em chamas passa zunindo pela cabeça de Reece, ele larga a remo e se levanta, e então pega um arco e se junta a ela, disparando de volta. Ele dá um tiro perfeito, de quase uma centena de metros, e ouve o grito distante de um dos homens de Tirus, vendo quando ele cai morto na praia.

Uma flecha para a alguns metros de Reece, acertando uma das velas, e a chama começa a se espalhar pelo convés; Reece pega um balde de água e apagando o fogo imediatamente. Reece, mais uma vez, consegue controlar o incêndio, embora não saiba quantas vezes mais ainda teria a mesma sorte.

"Abaixem as velas!" O capitão ordeno.

Marinheiros correm para executar seu comando, ao mesmo tempo em que uma flecha em chamas acerta uma delas; eles puxam ainda mais rápido, Reece correndo e se juntando a eles, e quando a vela é abaixada, Matus corre e bate nas chamas para apagá-las com suas próprias mãos. Eles

conseguem apagar o fogo antes que a vela se incendiasse completamente; deixando um buraco grande e preto no centro.

Reece sente a velocidade de seu navio diminuir, e Srog olha para as velas abaixadas com preocupação.

"Isso vai tirar toda nossa velocidade!" Ele grita para o capitão.

"Eu não me importo!" O capitão grita de volta. "É o meu navio! E não vou permitir que ele seja incendiado!"

Reece também se preocupa com o ritmo lento - ainda que ele perceba que aquela era uma jogada inteligente, com o ataque de flechas flamejantes se intensificando à medida que eles se aproximam, e mais navios se incendiando como resultado disso, as velas os deixariam ainda mais vulneráveis.

"ABAIXEM SUAS VELAS! AVISEM OS DEMAIS!" Grita o capitão do navio ao lado deles, e os seus marinheiros repetem sua ordem para o próximo navio, e assim por diante. Uma de cada vez, todas as velas em sua frota começam a serem baixadas. Um dos navios não consegue fazê-lo a tempo, e Reece se encolhe ao ouvir o som terrível de seus homens quando o navio é incendiado uma grande bola de fogo.

Quando eles se aproximaram, agora cerca de setenta metros da costa, as correntes começam a ficar mais fortes, puxando-os para o meio da arrebentação, e eles ganham um merecido impulso. Eles passam pelo quebramar à direita, e Reece avista um grupo de soldados escondido no meio das rochas, que de repente se levantam e se preparam para atirar neles.

Reece percebe que Stara está na linha de fogo, e que ela não tem ideia do ataque iminente, estando de costas a atirar em direção à costa; ele se vira e corre para ela.

"Stara!" Ele grita.

Reece corre pelo convés e salta, derrubando-a no convés. Eles caem na plataforma dura, e Stara grita ao bater no chão de madeira. No entanto, assim que eles caem, uma flecha acerta exatamente o local onde Stara havia estado, perfurando o ombro de Reece, que grita de dor.

Reece fica ali, gemendo e olhando para Stara, que também olha para ele, com os olhos igualmente arregalados. Reece pode dizer pela sua expressão que ela sabe que ele tinha acabado de salvar sua vida.

Ele gostaria de falar com ela, mas está sentindo com muita dor; a flecha ainda está acesa em seu ombro, e Stara - horrorizada, ela tenta apagar o fogo. A cada tentativa, Reece sente ainda mais dor.

"Fique quieto!" Ela grita. "Eu tenho que tirar isso!"

Reece olha para a flecha, e vê que a ponta não entrou completamente, apenas alguns centímetros. Mas ainda assim, ele sente como ela tivesse penetrado em todo seu corpo.

"Eu não sei se você deveria-" ele começa.

Mas antes que ele possa terminar de pronunciar as palavras, Stara estende a mão e arranca a flecha com toda sua força.

Reece grita, e sangue jorra de sua ferida. É a coisa mais dolorosa que ele já tinha experimentado; Stara rapidamente estende o braço e estanca o sangue com a palma da mão. Ela então usa seus dentes para arrancar uma tira de pano de sua camisa, e a envolve em torno do ombro de Reece várias vezes. Mais flechas passam voando acima deles, e ambos se abaixam para desviar delas.

Reece olha para baixo, sua ferida latejando, e vê que ainda sangra apesar da atadura. Stara rasga outra tira de pano e amarra seu ombro mais uma vez.

"Desculpe," Stara diz, quando Reece se encolhe. "Não tenho exatamente o que eu chamaria de um toque suave."

Há um grande grito e um barulho a bordo, e Reece vê com surpresa que vários dos homens de Tirus saltam a bordo quando eles navegavam mais perto da costa, ao lado do quebra-mar. Reece olha para cima e vê que eles agora estão a quase trinta metros da costa, e os homens de Tirus estão alinhados, pulando para o navio. Vários deles batem na grade e caem, gritando, dentro do mar; outros conseguem chegar ao navio, mas são derrubados pelos homens de Reece. No entanto, um número suficiente deles consegue saltar a bordo, e se preparam para o ataque. Eles estão invadindo o navio.

Reece fica em pé, juntamente com Stara, ergue sua espada com o braço que não foi ferido, e corre para os invasores. Ele esfaqueia dois deles antes que eles possam chegar ao deck e os envia de volta para dentro do mar. Um terceiro homem, porém, aterrissa ao lado dele e ergue sua espada, apontando para o pescoço exposto de Reece. Reece sabe não conseguirá virar a tempo de bloqueá-lo, e se prepara para o golpe.

Stara salta para a frente, empunhando uma lança longa, e esfaqueia o soldado no peito antes que ele possa completar o seu ataque. O homem grita quando ela o empurra por cima da grade do navio e cai nas águas.

Reece olha para ela, atordoado, e muito grato.

"Parece que estamos quites," afirma ele.

Ela sorri de volta, mas não para. Ela passa correndo por ele, usando sua lança em uma exibição deslumbrante, surpreendendo Reece ao girar a lança de 3 metros nas mãos e derrubando mais quatro dos homens de Tirus quando eles estavam prestes a entrar no navio.

Ele caminha para o lado dela, apreciando o resultado do ataque - todos os corpos flutuando na água - e ambos ficam ali, respirando com dificuldade, lado a lado.

"Onde você aprendeu a manejar uma lança dessa forma?" Ele pergunta, impressionado.

Ela dá de ombros.

"As mulheres das Ilhas Superiores não estão autorizadas a usar espadas, então eu tive que aprender a usar cajados. Você nem sempre precisa de uma lâmina para matar um homem. "

Várias outras flechas passam por cima de suas cabeças, e Reece olha para fora e vê como eles estão perto da praia agora. As ondas arrebentam em torno deles, e o navio sobe e desce à medida que a corrente os leva a toda a velocidade agora, atravessando as ondas. Eles estão agora a apenas vinte metros da costa, e centenas dos homens de Tirus, empunhando espadas e disparando flechas, correm para cumprimentá-los, entrando na água. Seus homens, que também estão atirando, estão sendo rapidamente abatidos - é como enfrentar uma parede de fogo.

Reece sabe que algo precisa ser feito rápido - se eles continuarem assim, logo todos estarão mortos antes de chegarem a costa.

Reece tem uma idéia; é um plano corajoso e arriscado, mas louco o suficiente para que talvez dê certo. Ele se vira para o capitão.

"Você poderia incendiá-lo?" Reece grita.

O capitão, apenas alguns passos de distância, se vira e olha para Reece como se ele fosse louco. Ele claramente não entende.

"O nosso navio!" Reece grita. "As velas! Coloque fogo nelas! Incendeie todas elas!"

"Você está louco?" O capitão grita de volta. "Fazer isso para que possamos morrer todos queimados?"

Reece balança a cabeça, chegando perto do capitão e agarrando seu braço com urgência enquanto flechas continuam voando acima deles.

"Vamos organizar barris de petróleo ao redor das chamas. Conforme nos aproximamos, vamos deixar que seus homens subam no navio. Assim que eles fizerem isso, vamos saltar na água pela parte de trás do navio, e quando

estivermos seguros nas águas, vamos disparar nossas flechas em chamar e queimar nosso navio com os homens de Tirus a bordo!"

Srog, que está por perto, observa o capitão, que olha interrogativamente para ele, ambos sem saber ao certo se Reece era louco ou um comandante brilhante. Finalmente, com uma chuva de flechas caindo em cima deles, ambos parecem decidir que eles não têm muito a perder, visto que uma morte certa os aguarda na praia.

O capitão balança a cabeça e começa a disparar ordens. Seus homens correm para seguir o seu comando, colocando vários barris de petróleo ao redor do mastro e umedecendo as velas menores com óleo.

Reece leva os outros para pegarem suas flechas, envolvendo suas pontas em trapos e embebendo-as em óleo, preparando-as para as chamas. Todos eles, ao seu comando, abandonam suas posições e correm para a parte de trás do navio, deixando que os Tirus subam no navio sem qualquer resistência.

Eles ficam amontoados no fundo, esperando enquanto a maré os leva cada vez mais perto da costa. Reece observa quando os homens de Tirus começam a embarcar; como formigas, eles começam a rastejar sobre os degraus da proa e saltar para o convés, um após o outro.

Todos os seus homens esperam abaixados, todos inquieto e ansiosos para pular fora do navio.

"Ainda não!" Reece ordena

Mais e mais homens de Tirus entram no navio, enchendo o convés, centenas de homens. Eles começam a correr pelo navio quando avistam Reece e seus companheiros, um exército correndo com a intenção de matá-los.

"Ainda não!" Reece ordena. Ele quer que o navio seja invadido pelo maior número possível deles.

Eles chegam cada vez mais perto, quase alcançando-os, erguendo suas espadas e soltando gritos de guerra, presumindo que os homens de Reece estavam com medo.

Finalmente, quando o soldado mais próximo está a metros de distância deles, Reece grita: "Fogo!"

Juntos, os homens da rainha disparam, lançando dezenas de flechas em chamas na direção das velas e dos barris de petróleo abaixo delas. Eles nem sequer esperam que as flechas atinjam o alvo; eles seguem o exemplo de

Reece e imediatamente se viram e saltam pela parte de trás do navio, caindo no mar.

Quando Reece sai voando sobre a borda, ele agarra Stara, e os dois caem na água juntos. A água está congelando, especialmente quando Reece mergulha de corpo inteiro, mas ele segura a mão de Stara, e ela a dele, e enquanto eles continuam debaixo d'água, há uma tremenda explosão que quase arranca suas orelhas.

Os pés de Reece tocam o fundo do mar - felizmente eles estão em águas rasas, e ele pega um impulso e vem à tona para assistir um espetáculo que ele tem certeza que jamais veria de novo. O navio que eles acabavam de abandonar continua a explodir, completamente em chamas, quando um barril após o outro é incendiado. A explosão coloca fogo no mastro e nas velas e em todo o deck, e tudo acontece tão rápido que os homens de Tirus não têm tempo para reagir.

Eles passam a ouvir os gritos de centenas de homens incendiados, que saltam do navio em chamas, mas para a maioria deles já é tarde demais.

Reece observa a cena com um grande senso de satisfação. Ele tinha acabado com centenas dos homens de Tirus e salvado todos os seus homens a bordo do navio. Eles estavam prestes a encarar a morte certa, e agora teriam uma chance de lutar.

Reece, boiando nas ondas, se vira e olha para o litoral. Segurando a mão de Stara, ele e todos os outros nadam até a água ficar na altura de seus peitos; em seguida, eles começam a abrir caminho até as partes mais rasas, avançando em direção à praia.

Ainda assim, eles não estão seguros. Centenas de outros homens de Tirus, mais reforços, aparecem na costa e, com suas espadas erguidas, correm na direção de Reece de seus amigos, aproximando-se da água para enfrentá-los.

Reece, encharcado e com o ombro latejando, com frio e água na altura dos joelhos, ergue sua espada com o outro braço e sai correndo ao encontro de seu primeiro inimigo. Ele bloqueia o primeiro golpe com um grunhido; o homem tem o dobro do seu tamanho e se inclina para cima de Reece, que dá um passo para o lado; o homem dá um passo à frente dentro da água, e Reece gira e corta a cabeça dele.

Ao redor dele, os homens se enfrentam em uma luta corpo a corpo, soldado contra soldado, lutando por sua sobrevivência e também para abrir caminho até a praia. Eles lutam sem medo, lutando por suas vidas, e o ar se



enche com o som estridente de metal e dos gritos dos homens. Homens caem em ambos os lados, e logo as águas do mar são tingidas de vermelho de sangue.

Ainda mais soldados de Tirus aparecem na costa, um fluxo interminável de homens. A cada passo que Reece dá, com cada homem que ele mata, outro homem aparece.

Um alarme soa ao longe, e Reece se vira para ver flotilha de Falus cair sobre eles, dezenas e dezenas de grandes navios de guerra, aproximando-se rápido. Eles estão presos, cercados entre dois inimigos.

Reece sabia que morreria naquele dia; mas, pelo menos, ele encontra conforto no fato de que morreria em pé, como um soldado, de espada na mão, e não pararia de lutar até que não pudesse mais levantar os braços. Ele poderia morrer, mas ele levaria quantos homens pudesse junto com ele.



## CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ao amanhecer, Gwendolyn vai para a proa do seu navio, segurando Guwayne, e olha com temor através do oceano sombrio para as Ilhas Superiores. Finalmente, a terra tinha estava a vista - embora não fosse isso que chamava a sua atenção naquele momento.

Em vez de se sentir aliviada por avistar terra firme, aliviada por ter conseguido chegar até ali, os olhos de Gwen se fixam em uma visão muito mais perturbadora: ela vê dezenas de navios de guerra, ostentando as bandeiras de Tirus, de costas para eles e navegando rumo a baía, como se estivessem prestes a atacar sua própria ilha.

A princípio, Gwen fica confusa - aquilo não fazia sentido. Por que eles lançariam um ataque contra o seu próprio povo?

Kendrick, Godfrey, Steffen, e todos os seus assessores estão ao seu lado no sol da manhã, e todos observam a mesma visão alarmante. E quando eles navegam mais perto, quando Gwen olha para o horizonte, tudo começa a fazer sentido. Ali, presos na baía, há cerca de uma dúzia de navios da sua frota, muitos deles pegando fogo, com colunas de fumaça preta subindo para o horizonte. Os gritos de homens morrendo podem ser ouvidos até mesmo de onde eles se encontram. Seus homens estavam presos entre a frota de Tirus no mar, e os seus homens em terra.

Gwen percebe então o que estava acontecendo: os homens de Tirus estavam travando uma guerra total contra o restante de sua frota -e seus homens, os poucos que ainda resistiam, estavam sendo abatidos.

Quando Gwen olha para fora, ela tem certeza de que seu irmão Reece está em um dos navios, juntamente com Srog e todos os seus homens. Gwen imediatamente se sente culpada. Claramente, eles haviam permanecido ali para manterem suas posições, honrando o seu comando. Ela sente como se de alguma forma ela os tivesse decepcionado, expondo-os para morrer nas mãos dos habitantes das Ilhas.

Gwendolyn é tomada por uma onda de pânico, e sabe que não poderia permitir que aquilo acontecesse - ela não poderia permitir que seus homens morressem com tamanha derrota. Seja qual for a causa de tudo aquilo, mesmo que Reece tenha desafiado seu comando, mesmo que ele tenha cometido um erro ao assassinar Tirus, ele ainda é seu irmão, e aqueles ainda são seus homens. Os habitantes das Ilhas Superiores não tinham autorização

para atacá-los. Eles com certeza sabiam o que aconteceria ao desafiarem a Rainha, os Prata, a família MacGil; eles precisam sentir a ira do Anel.

No entanto, Gwendolyn navega em uma posição vulnerável, em número bem menor que as dezenas de navios de grande porte bem armados das Ilhas Superiores. Enquanto a força de combate de Gwendolyn certamente é superior, claramente não haveria uma maneira de derrotá-los no mar em um confronto direto.

"Não é exatamente o que você esperava de boas-vindas, não é, irmã?" Pergunta Kendrick, olhando para ela com a expressão de um guerreiro, mantendo-se calmo enquanto estudava a cena com olhos de um combatente profissional.

"Eu disse a você que Tirus não era para uma pessoa confiável," acrescenta Godfrey.

Gwen balança a cabeça.

"Nada disso importa agora," ela responde. "Criamos nossas próprias recepções neste mundo."

Sua voz é fria, endurecida - a voz de seu pai, e todos os seus homens olham para ela com óbvio respeito.

"Mas, com certeza, minha senhora," Aberthol diz, "nós não podemos simplesmente atacar esta vasta frota."

"Nós temos a vantagem do elemento surpresa," continua Gwendolyn. "Eles não estão esperando um ataque por trás, vindo do mar aberto. Eles não estarão à nossa espera. Quando finalmente reagirem, é possível que já tenhamos liquidado boa parte de sua frota."

"E depois?" Aberthol insiste. "Assim que perceberem, quando se voltarem contra nós e nos enfrentarem, eles certamente nos destruirão."

Gwendolyn percebe que ele está certo. Ela precisa de um plano, um plano astuto, algo a ser executado às pressas. Ela não poderia arriscar um confronto direto.

Ela vasculha o horizonte, estudando a topografia, os quebra-mares que se projetam para fora do mar, a bacia em forma de U onde seu irmão estava preso; ela tenta recordar toda a sua leitura da história, de estratégias militares e táticas, de toda o seu conhecimento de mil batalhas históricas e, de repente, ela tem uma ideia.

Seus olhos se iluminam com emoção ao perceber que seu plano é maluco o suficiente para dar certo. O que foi que seu pai havia dito a ela? Para um

comandante ganhar, seu plano deve ser composto de dois terços de lógica e um terço de loucura.

"Eles estão prendendo nossos homens em uma baía estreita, em uma passagem em forma de U, entre aqueles quebra-mares," diz Gwendolyn. "No entanto, isso também pode ser usado contra eles. Quando se prende alguém em uma armadilha, você também prende a si mesmo."

Todos olham para ela, confusos.

Godfrey franze a testa.

"Eu não entendo, minha senhora."

Gwen aponta para os quebra-mares.

"Nós podemos prendê-los," ela acrescenta

Seus homens piscam, ainda sem compreender.

"As cordas," ela fala apressadamente, voltando-se para Kendrick. "As cordas guarnecidas de pregos, que estão no porão. Qual é o comprimento delas?"

"As cordas que usamos para confrontos no porto?" Pergunta Kendrick. "Pelo menos cem metros, minha senhora."

Ela assente com a cabeça quando recorda as cordas que tinha visto seu pai usar uma vez, infinitamente longas e com pregos presos a cada poucos centímetros, afiados como a espada. Ela tinha visto seu pai espalhar as cordas em um porto, e tinha visto quando os navios inimigos navegaram sobre elas, desintegrando-se em pedaços.

"Exatamente," afirma ela. "Aqueles cordas".

Kendrick balança a cabeça.

"É uma boa idéia para uma frota em espaços restritos," diz Kendrick. "Mas isso nunca funcionaria aqui. Estamos em mar aberto, e não em águas rasas. Lembre-se, nós vamos atacá-los a partir do mar. A água não vai ser rasa suficiente para danificar os porões dos navios. Essas cordas costumam ser colocadas em locais mais rasos."

Gwen balança a cabeça, enquanto seu plano toma forma em sua mente.

"Você não entende," ela continua. "Aqueles cordas também podem ser utilizadas de outras formas. Não precisamos soltar as cordas sobre o chão do oceano - podemos navegar mais perto e deixar as cordas esticadas na água, e como eles nos perseguirem, ela irá destruí-los."

Kendrick olha para ela, intrigado.

"Mas como, minha senhora? Como você vai deixar as cordas tão esticadas?"

"Vamos atacar sua retaguarda e atear fogo em toda a frota deles," ela explica. "Quando eles se voltarem para enfrentar isso, já teremos as cordas no lugar. Vamos lançar pequenos barcos primeiro, um em cada extremidade do porto, um liderado por você, o outro por Godfrey. Cada um vai levar uma ponta da corda, e amarrá-las nas rochas, a uma extremidade de cada quebra-mar. Vocês irão deixá-las esticadas, e mantê-las logo abaixo da superfície da água. Os homens de Tirus estarão concentrados em nós quando eles atacarem - e não abaixo da superfície à procura de qualquer armadilha na água. Eles vão navegar diretamente para nossas cordas!"

Kendrick olha para o horizonte, estudando a topografia com as mãos nos quadris. Lentamente, ele acena com a cabeça.

"É um plano ousado," ele conclui.

"É uma loucura!" afirma Aberthol. "Consigo pensar em uma centena de coisas que poderiam dar errado!"

Gwendolyn dá um passo adiante e sorri, uma comandante destemida em seu auge:

"E é exatamente por isso que planejamos ir em frente," ela declara.

\*

Gwen fica na proa do navio, com o coração acelerado, olhando para fora enquanto meia dúzia de seus navios navega ao lado dela, todos sob seu comando, tão silenciosos quanto possível. Nem um som pode ser ouvido exceto o uivo do vento e os gritos distantes de seus homens, de Reece e dos outros, presos na baía, lutando por suas vidas.

Gwendolyn observa com satisfação quando os dois barcos pequenos, cada um segurando uma dúzia de homens, um liderado por Kendrick e outro por Godfrey, remam rapidamente segurando uma das pontas da corda. Dentro de seus barcos estão os guerreiros mais audazes que haviam se oferecido para a arriscada missão, entre eles, vários membros da Legião - Elden, O'Connor e Conven, juntamente com vários dos novos recrutas. Steffen quis se oferecer, mas Gwendolyn egoisticamente o tinha mantido ali, ao seu lado.

Sua frota avança rapidamente, suas velas impulsionadas pelo vento, ganhando força à medida que se aproximam da retaguarda da frota de Tirus. Gwen prende a respiração, torcendo para que nenhum deles os veja naquele momento.

Gwen espera impacientemente, segurando Guwayne nos braços enquanto observa seus barcos se posicionando. Eles remam tão rápido e tão silenciosamente quanto possível, movendo seus remos na água até que finalmente, os barcos de Kendrick e Godfrey de barcos assumem suas posições ao lado de cada um dos quebra-mares, apenas alguns metros de distância dos navios inimigos. Imediatamente, eles começam a amarrar cada extremidade da corda nas enormes pedras no final de cada molhe. Ao fazerem isso, a corda é esticada, ficando brevemente acima da superfície, até que eles a soltam um pouco para permitir que ela fique escondida.

"Arcos, preparem-se!" Gwen ordena aos seus homens a bordo.

Uma série de seus homens levantam seus arcos com suas flechas flamejantes preparadas, aguardando seu comando.

"Apontem para os melhores velas!" Ela grita. "O mais alto que puderem!"

Eles chegam mais perto, e mais perto, a tensão tão palpável que seria possível cortá-la com uma faca. Ela teria apenas uma oportunidade, e ela quer que tudo seja perfeito.

Eles estão a apenas cinquenta metros atrás da frota de Tirus quando, finalmente, ela se sente pronta.

"FOGO!" Ela grita.

Mil flechas de repente preenchem partindo da frota de Gwen, todas em chamas, formando um arco perfeito no ar. Gwen segura a respiração enquanto as observa iluminando o céu.

Um momento depois eles desembarcam, cobrindo a frota de Tirus.

"FOGO!" Ela grita novamente.

Seus homens disparam sem parar, e suas flechas em chamas atravessam o céu como uma praga de gafanhotos, caindo diretamente sobre os navios de Tirus.

Gritos de confusão e dor começam a ser ouvidos, quando alguns dos navios de Tirus de repente pegam fogo. Meia dúzia de navios, na parte de trás de sua frota, são atingidos tantas vezes que rapidamente são consumidos pelas chamas, enquanto seus homens tentam freneticamente contê-las, mas sem êxito. Eles saltam, em chamas, para dentro do oceano.

Mas o restante da frota - dezenas de navios - está fora do alcance das flechas, ou conseguem apagar as chamas rápido o suficiente para que nenhum dano real seja feito. Todos lentamente se viram para enfrentar

Gwendolyn, um exército muito maior do que o dela. Eles desistem da perseguição no porto, e voltam suas atenções para os navios de Gwen.

Eles são intimidantes, uma frota bem coordenada de navios de guerra se aproxima deles, e Gwen sabe que se suas cordas não funcionarem, ela e seus homens estariam mortos dentro de minutos.

Gwendolyn levanta a mão e a abaixa rapidamente, dando o sinal que eles haviam combinado. Assim que ela faz isso, Gwen vê Kendrick e seus homens puxarem a corda pesado uma das extremidades, enquanto Godfrey e os seus homens puxam pelo outro. A corda sobe um pouco acima da superfície da água, esticada por cem metros, e eles rapidamente as envolvem em torno das rochas, prendendo-a várias vezes.

Eles haviam esperado até o último momento, quando a frota de Tirus já está muito perto para ver os pontos salientes da água. Os homens de Tirus finalmente percebem a presença da corda, mas é tarde demais.

A frota inimiga, desavisada, navega direto para a armadilha. O som de madeira se estilhaçando corta o ar, e Kendrick, Godfrey e todos os recrutas assumem suas posições sem medo, segurando as cordas com as próprias mãos, para se certificar de que elas não se soltariam. Eles seguram com toda força, gemendo contra o peso dos navios.

A frota de Tirus continua a avançar para cima da armadilha, um navio depois do outro, tarde demais para recuar, todos alinhados lado a lado no porto estreito, apressando-se para destruir Gwendolyn. Dentro de instantes, os navios começam a adernar e, em seguida, a afundar. As proas começam a mergulhar na água quando os navios se desfazem em milhões de pedaços.

Os homens de Tirus gritam de terror, caindo dos navios ao perderem o equilíbrio e sendo sugados pelas fortes correntes. Dentro de instantes, a frota inimiga - que ate então navegava de forma tão orgulhosa, sentindo-se indomável, é completamente dizimada.

Os homens de Gwendolyn dão um grande grito em comemoração pela vitória quando toda a frota de Tirus é afundada para as profundezas do mar.

"ATAQUEM!" ordena Gwen.

Os homens de Gwendolyn içam a vela, e seus navios começam a avançar a velocidade máxima direto para o porto, para ajudar Reece e o que restava de sua frota. Ao se aproximarem, ela já pode ver Reece e os outros no meio das ondas, com água até os joelhos lutando corpo a corpo, em grande desvantagem numérica em relação aos homens de Tirus.



Mas a situação está prestes a mudar. Um coro de trombetas soa, marcando a chegada da frota de Gwen, e os soldados de Tirus em terra começa a parar a luta e olhar para os navios que se aproximam, claramente com medo.

"MIREM ALTO E ATIREM!" Gwen ordena.

Seus homens disparam mais centenas de flechas em um arco alto, que atravessam o ar passando por cima das cabeças de Reece e seus homens, e acertam os soldados de em terra. Gritos preenchem o ar, quando um após outro soldado cai na areia, alvejados quando o céu escurece com a chuva de flechas. Disparos repetidos continuam a atravessar o céu e, logo, quase todos os soldados na praia, exceto os homens de Gwen, estão mortos. Os poucos que sobrevivem recuam e começam a fugir.

Gwen está perto o suficiente para ver o rosto de Reece quando ele e os outros se viram e olham para ela em estado de choque e gratidão.

Eles haviam sobrevivido. A vitória tinha sido deles.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

Romulus fica parado no começo da travessia do Canyon com milhares de homens do seu exército atrás dele, e olhou para frente fervendo de raiva. Acima deles, seus dragões ao se atirarem, repetidamente, contra o escudo invisível de Argon que bloqueia o Canyon, enfurecidos por serem incapazes de atravessar. Romulus olha para cima, observando, e se pergunta o que poderia ter acontecido, querendo saber que tipo de força seria forte o suficiente para resistir a todos aqueles dragões.

Romulus sabe que havia destruído o Escudo de uma vez por todas, e tinha sido informado por vários feiticeiros que o Escudo não seria reativado; que o Anel seria seu para sempre; e que nenhuma força na terra poderia detê-lo.

O Anel é realmente de Romulus agora - seus homens ocupam todos os cantos do reino, em ambos os lados das Highlands. Eles haviam destruído cada cidade, reduzindo-as a escombros - a pilhas de cinzas, e não resta uma única construção intocada. O Anel pertence a ele agora, fazendo parte do território do Império.

E ainda assim, ali estava Romulus, incapaz de deixar o Anel, preso dentro daquele escudo invisível que de alguma forma tinha sido criado por Argon. Ao olhar além da ponte, Romulus se pergunta o que teria acontecido ali, e como poderia destruí-lo. E acima de tudo: para onde Gwendolyn teria ido?

Romulus se vira para Luanda, que ainda está ao seu lado.

"Onde foi sua irmã?" ele pergunta.

Luanda está livre das amarras, finalmente leal, sem interesse em correr a parte alguma. Romulus sente satisfação em vê-la, uma mulher que ele achava que nunca seria capaz de domar, antes tão intensamente independente, agora subserviente à sua vontade, como todos os outros. As surras de Romulus haviam tido o efeito desejado; agora ela é como qualquer outro escravo, pronta para fazer a sua vontade. Um dia, ele poderia até se casar com Luanda - e quando ele tivesse se divertido o suficiente com ela, ele a mataria sem pensar duas vezes. Obviamente, ela não sabia de nada disso ainda, e teria uma desagradável surpresa ao descobrir suas intenções.

Luanda olha para o horizonte, e parece estar pensando.

"Ela não tentaria fazer se estabelecer no Deserto," ela responde. "Gwen sabe que aquele não é um lugar para ela lá. Ela deve estar levando seu povo

até seus navios; ela deve ter ordenado que tudo fosse preparado. Há apenas um lugar perto o suficiente para que ela tenha levado seu povo, um território amigo, um lugar onde ela provavelmente não acredita que você se arriscaria a ir. Um lugar escondido nos tempestuosos mares do norte: As Ilhas Superiores."

Romulus examina o cruzamento, vê milhares de pegadas nele e começa a pensar. Se ele pudesse atravessar o escudo, ele levaria metade dos homens de seu exército até seus navios, e partiria para as Ilhas Superiores. Ele então cercaria cada uma das ilhas e as reduziria a cinzas.

Primeiro, porém, ele enviaria o seu exército de dragões através do oceano, ordenando que eles colocassem fogo em tudo antes de sua chegada. Ele chegaria em uma ilha arrasada pela devastação, e não seria preciso erguer uma única arma.

Os dragões continuam gritando, e Romulus sabe que precisa derrubar aquele novo Escudo, para desfazer a obra de Argon. Romulus joga a cabeça para trás, erguendo seus braços bem abertos com as palmas das mãos estendidas, e olha para o céu, invocando todo o seu recém-descoberto poder, mais determinado do que nunca. Se ele era capaz de invocar dragões, ele poderia invocar também as energias mais obscuras do inferno para fazer a sua vontade.

Há um grande estrondo, a terra treme e feixes de luz negra surgem dos céus, descendo na direção das palmas das mãos de Romulus. Suas mãos brilham e vibram ao quando aquela energia passa por elas, descendo ao solo embaixo de Romulus.

"Poderes antigos, eu os invoco!" Romulus grita. "Quebrem este escudo!"

Romulus abre os olhos, apontando as suas palmas para a frente e, com um grande grito, guia a luz negra para o escudo invisível diante dele.

O escudo de Argon é de repente coberto pela luz negra, que se espalha sobre ele, cada vez mais vibrante, até que finalmente o escudo começa a rachar.

De repente, ouve-se uma explosão enorme.

O escudo invisível explode em um milhão de pedaços pequenos, caindo como neve ao redor deles. Romulus olha para cima, espantado, sentindo os fragmentos minúsculos chovendo ao seu redor e caindo como poeira, nas palmas de suas mãos abertas.

Os dragões comemoram a vitória com um grito ao perceberem que já não encostam em uma parede invisível, e voam em frente, mergulhando

através do ar em direção ao Canyon, rumo ao Deserto.

Romulus joga a cabeça para trás e ri de alegria, sabendo que em breve os dragões cruzariam os Desertos, atravessariam o oceano, e desceriam sobre Gwendolyn e seus homens para destruir cada um deles.

E ele estaria logo atrás deles..

"Voem, meus dragões," ele se deleita. "Voem."

## CAPÍTULO VINTE E OITO

Erec está em um platô sobre os penhascos, assistindo o concurso sendo realizado e ouvindo os gritos de animação das centenas de homens que duelam nos campos de batalha diante dele. Dez metros abaixo dele, há um amplo platô com cinquenta metros de diâmetro, em forma de um círculo perfeito e com uma queda acentuada em todo o seu contorno. Uma grade de cobre maciço foi erguida em torno de seu perímetro, tendo uns bons cinco metros de altura e garantindo que nenhum dos guerreiros caia sobre a borda e que nenhum daqueles duelos termine em morte.

Apesar disso, o duelo é um acontecimento bastante sério. Os vencedores daqueles confrontos teriam a oportunidade de contestar o direito de Erec ao trono após a morte de seu pai, conforme dita o costume das Ilhas do Sul. Todos aqueles nobres guerreiros, irmãos de armas, todos da mesma nação e da mesma ilha, não estão ali para matar uns aos outros. As armas não estão afiadas hoje, e as armaduras estão protegidas com uma cobertura extra. Mas todos querem ser rei, e todos querem provar suas habilidades no campo de batalha.

Enquanto Erec os observa, admirando suas habilidades, sua mente fervilha com um milhão de pensamentos. Ele ainda está processando as últimas palavras de seu pai, tudo o que ele tinha dito sobre governar uma nação. Erec se pergunta se ele realmente estaria à altura da tarefa. Ele olha para todos aqueles guerreiros experientes, para as milhares de pessoas ao longo das falésias observando tudo - todos tão nobres, e se pergunta por que ele deveria ser o único a governá-los.

Acima de tudo, Erec se espanta com o fato de que seu pai tinha acabado de morrer, e todas aquelas pessoas estavam ali, celebrando, como se nada tivesse acontecido. Erec fervilha com diversos sentimentos conflitantes; uma parte dele pode compreender as tradições de seu povo, de celebrar a vida de seu pai, em vez de lamentar sua perda - afinal de contas, o luto não o traria de volta. No entanto, outra parte dele gostaria de ter tempo e espaço para chorar a perda do homem que ele mal conhecia.

"Muitos vão lutar com você, meu irmão," Strom fala sorrindo, chegando ao lado dele e dando alguns tapas nas costas de Erec. "E eu vou ser o primeiro entre eles."

Erec se vira e vê a família real ao seu lado - Strom, Dauphine, sua mãe e Alistair, todos eles olhando para baixo para assistir os duelos. Abaixo deles,

ouve-se o barulho de metal quando centenas de grandes guerreiros se enfrentaram entre si, sendo eliminados um após o outro. Eles estavam lutando assim há horas, determinados a fazerem parte dos doze vencedores que teriam a oportunidade de enfrentar Erec pelo direito ao trono.

Como mandava a tradição, os doze vencedores representariam as doze províncias das Ilhas, e cada um deles teria uma chance de enfrentar Erec. Isso permitiria que cada província fosse representada, já que cada província lutaria até encontrar seu próprio vencedor individual. Isso daria cada habitante da ilha uma chance de lutar pelo trono, da mesma forma que seus antepassados faziam há séculos. Os doze vencedores representariam o melhor que o povo tinha para oferecer e, embora Erec ficaria cansado após lutar contra os doze homens, aquele era o teste de um verdadeiro guerreiro. Se ele pudesse derrotar todos eles, sozinho, seu povo ficaria satisfeito em reconhecê-lo como rei.

Strom riu mais uma vez.

"Você ficou muito tempo longe dessas ilhas," ele acrescenta, "e eu venho treinando para isso há anos. Não fique muito triste quando eu bater em você!"

Strom dá mais um tapinha nas costas de Erec e cai na gargalhada, muito satisfeito consigo mesmo. Erec olha seu irmão de cima para baixo e vê que ele seria de fato um adversário formidável. Ele não tem qualquer dúvida de que ele é um bom guerreiro, com a melhor armadura, e treinado pelos melhores guerreiros de seu pai. E ele não tem dúvida de que seu irmão quer muito sentar-se ao trono e, acima de tudo, deseja muito derrotá-lo.

"Não se preocupe, meu irmão," responde Erec. "Você terá uma chance de lutar comigo, juntamente com todos os outros."

Strom sorri.

"Não fique desapontado se você for forçado a me chamar de rei antes que o dia termine."

Strom ri, e Erec sorri para si mesmo. Seu irmão é ousado e confiante, e sempre tinha sido assim. Mas isso, é claro, também poderia ser a ruína de um guerreiro.

Erec volta sua atenção para a luta, estudando seus possíveis adversários com olhos de um guerreiro. As partidas continuam acontecendo, e o ar é preenchido pelos gritos e gemidos dos homens, e com o som de metal batendo contra metal. Guerreiros atacam uns aos outros sob seus cavalos, empunhando suas lanças em justas. O costume dos habitantes das Ilhas do

Sul, Erec sabe, é que o vencedor deveria ganhar tanto à cavalo quanto à pé - então os homens eram desmontados, as batalhas sempre se transformavam em um combate corpo a corpo. Os guerreiros ali, afinal, seriam testados mais intensamente do que em qualquer outro lugar do mundo.

À medida que as horas passam e o sol atravessa o céu, a última das províncias declara seu vencedor; finalmente, um coro de trombetas soa e o povo grita sua aprovação.

Os doze vencedores do dia formam uma fila; todos eles guerreiros ferozes, prontos para enfrentar Erec pelo direito de se tornarem o rei.

"Parece que é a nossa vez, meu irmão!" Strom diz, vestindo o capacete e se apressando em descer os degraus de pedra.

Erec pega sua armadura, beija Alistair, e segue seu irmão pela escada de pedra. Quando Erec se aproxima da arena, o barulho dos gritos de milhares de habitantes da ilha se intensifica, todos felizes em recebê-lo e vê-lo lutar contra os outros pretendentes ao trono.

Erec nota Strom se preparando para duelar, e fica confuso.

"Mas você será o último que enfrentarei," diz Erec, aproximando-se a ele. "É essa a tradição."

Strom balança a cabeça.

"Não é mais assim," ele responde. "Eu mudei as regras. Você vai lutar comigo primeiro. Eu devo derrotá-lo imediatamente, para que eu possa, então, derrotar todos os outros. Afinal de contas, uma vez que eu me tornar rei, terei provado a todas essas pessoas que eu sou um lutador melhor do que você. Isto é, a menos que você tenha medo de lutar comigo primeiro."

Erec não consegue entender a confiança de seu irmão mais novo.

"Eu não recuo frente a um desafio," responde Erec.

"Não se preocupe," Strom diz. "Tentarei não te machucar no processo!"

Strom ri de sua própria piada, divertindo-se consigo mesmo, e corre para montar em seu cavalo, pegando sua lança e se dirigindo para a arena de justas.

Erec monta no lindo cavalo separado para ele, olha para baixo, e analisa as três lanças que lhe são oferecidas. Ele pesa cada uma delas nas mãos e, finalmente, escolhe uma delas, mais curta do que as outras - e também mais leve, com um cabo de cobre. Ele mal a pega nas mãos quando seu irmão dispara para cima dele.

Erec também ataca, e agora que ele se encontra em modo de combate, algo estala dentro dele. Ele se transforma em um soldado profissional, e já

não vê o homem avançando em direção a ele como seu irmão; agora ele era seu adversário.

Tudo a sua volta sai de foco quando ele se concentra com clareza absoluta em seu adversário. Como sempre havia sido em toda a sua vida, algo muda dentro dele quando que ele abaixa seu visor e avança, algo que ele não pode controlar. Ele se torna uma máquina, com a única intenção de derrotar qualquer pessoa que ficar em seu caminho, irmão ou não.

Erec deixa de lado todas as emoções, todos os sentimentos de competição ou ciúme ou inveja. Ele sabe que esses sentimentos só ficariam em seu caminho. Para um guerreiro profissional, não pode haver espaço para ser assombrado pelas emoções.

Em vez disso, quando ele abaixa a lança, quando ouve o som de sua própria respiração em seus ouvidos, Erec se concentra em cada movimento de seu irmão - o movimento de sua armadura e como ele carrega sua lança. Seu irmão se mostra confiante, e ele pode ver isso pela maneira como ele anda. Ele também pode ver que esse seria seu ponto fraco.

Ao se aproximarem, no último momento, Erec faz um pequeno ajuste; ele ergue sua lança um pouco mais, movimenta seu corpo para a direita, e bate com a lança no peito de seu irmão.

Há um grande barulho de metal quando seu irmão sai voando de cima de seu cavalo e cai de costas, sob os aplausos da multidão.

Erec dá a volta, vendo seu irmão deitado no chão, gemendo, rolando para se levantar. Ele desmonta e fica ali, esperando, dando tempo para seu irmão. Ele se sente mal; afinal aquele é o seu irmão.

Strom rapidamente se levanta, tira o capacete com o rosto vermelho de fúria, e grita para o seu escudeiro: "CLAVA!"

Erec fica de frente para ele, calmo e frio, tirando seu capacete e aceitando a clava que seu escudeiro lhe entregue oferece. Ambas são grandes clavas de madeira, com pregos embotados de modo a não matar - ainda assim, seu impacto causaria dor.

"Um golpe de sorte!" Strom grita. "Você não terá outra chance!"

Strom avança e grita, balançando sua arma descontroladamente. Seus golpes são poderosos, mas desfocados pela emoção. Erec, concentrado, é capaz de desviar com facilidade de todos eles.

Strom faz uma pausa, respirando com dificuldade, e o encara.

"Eu vou lhe dar uma chance de render agora!" Strom grita. "Renda-se, e me proclame o rei!"



Erec balança a cabeça para a confiança de seu irmão. Embora seu irmão esteja falando sério, Erec não consegue deixar de sorrir.

"É gracioso da sua parte me oferecer essa oportunidade," Erec responde. "Mas é muita gentileza, uma oportunidade que eu não posso aceitar. Eu não escolhi ser rei e não desejo ser rei, mas eu nunca me rendo em um combate - para homem nenhum, nem mesmo para o meu irmão."

Strom grita e o ataca como um louco, erguendo sua clava com a intenção de dar um golpe forte na cabeça de Erec.

Erec coloca sua clava de lado, erguendo-a no alto, e bloqueia o golpe. Em seguida, ele se inclina para frente e chuta seu irmão no peito, fazendo-o voar para trás, caindo de bunda no chão.

Erec então avança sobre ele girando sua clava, e quando Strom ergue sua arma para bloquear o golpe, Erec abaixa a clava e dá um golpe perfeito na arma de Strom, que sai voando da mão dele. A clava de Strom atravessa o ar e passa voando sobre a grade de cobre, caindo de cima do penhasco.

Erec paira sobre seu irmão indefeso com a clava apontada para sua garganta.

Strom o encara de olhos arregalados, claramente sem esperar por aquele resultado.

"Eu te amo, meu irmão," Erec diz. "Eu não desejo machucá-lo. Acabe com isso agora, e nosso confronto terminará sem hematomas ou arranhões."

Mas Strom olha para ele com raiva.

"Outro golpe de sorte," Strom dispara. "Você realmente acha que eu cederia à um oponente inferior?"

Strom de repente se levanta e parte para cima de Erec, disposto a derrubá-lo.

Erec vê quando ele se aproxima e se esquiva, deixando seu irmão rolar para frente. Assim que Strom passa por ele, Erec estende a perna e o empurra com o pé, fazendo-o cair de cara no chão de terra.

Strom fica em pé mais uma vez, seu rosto cheio de ódio, enquanto a multidão ri abertamente dele.

"Espada!" Strom grita para seu escudeiro. "Uma espada DE VERDADE!"

A multidão se silencia quando seu escudeiro corre para a frente com a espada nas mãos e olha para Erec buscando sua aprovação.

Erec olha para Strom, sem acreditar no que estava vendo, decepcionado com ele.

"Meu irmão, esta é uma competição amigável," ele fala calmamente. "Armas afiadas não devem ser usadas."

"Eu exijo uma espada de verdade!" Ele grita, desesperado. "A menos que você tenha medo de me enfrentar no campo de batalha!"

Erec suspira, vendo que não conseguiria impedir seu irmão, e que seria forçado a lhe ensinar uma lição.

Erec acena para o atendente, que entrega a espada para Strom enquanto Erec permanece ali, de frente para ele.

"E onde está sua espada?" Strom pergunta, de frente para ele.

Erec balança a cabeça.

"Eu não preciso de uma espada de verdade. Na verdade, eu não preciso disso também."

Erec deixa sua clava cair no chão, e a multidão prende a respiração. Ele fica ali indefeso, de frente para o irmão.

"Devo matar um homem desarmado?" Strom pergunta.

"Um verdadeiro cavaleiro nunca fica indefeso, apenas aqueles que se deixam influenciar pela emoção."

Strom o encara, confuso; ele está claramente relutante, se perguntando se deveria atacar um homem desarmado. Mas, finalmente, sua ambição tem o melhor dele; seu rosto se transforma pela raiva e, com um grito, ele ergue a espada e ataca Erec.

Erec espera pelo momento certo - medindo a força de seu irmão, então, no último momento, ele se esquiva e a lâmina passa rente à sua orelha, errando por uma fração de centímetro. Erec fica desapontado, percebendo que seu irmão realmente tinha a intenção de matá-lo.

Com o mesmo movimento, sem perder tempo, Erec vira o corpo e dá uma cotovelada em seu irmão na parte inferior de suas costas, onde ele não tinha nenhuma armadura. Strom grita quando Erec atinge o ponto de pressão que queria, bem em cima de seu rim, e cai de joelhos, soltando a espada.

Erec gira mais uma vez, chutando o seu traseiro e fazendo Strom cair com o rosto no chão; então ele pisa em seu pescoço, forçando-o a permanecer ali. Ele pisa com mais firmeza do que antes, deixando seu irmão saber que já tinha tido o bastante.

"Você perdeu, irmão," afirma Erec. "Minhas esporas são mais afiadas do que a lâmina da sua espada. Se você se mover mas de meia polegada, elas

irão cortar cada artéria em sua garganta. Você realmente quer que nossa luta continue?"

A multidão fica em silêncio, todos atentos enquanto observam os dois irmãos.

Finalmente, Strom, respirando com dificuldade, balança a cabeça ligeiramente.

"Então diga," ordena Erec. "Renda-se!"

Strom fica por alguns instantes em silêncio, ninguém ousando se mover, até que finalmente ele grita: "EU ME RENDO!"

Há um grande rugido de aprovação, e Erec levanta o pé da garganta de seu irmão. Strom, ileso, fica em pé e se afasta violentamente, de costas para Erec, sem sequer olhar para trás uma vez, com o rosto coberto de lama.

Um alarme soa, seguido por mais um grito de aprovação.

"E agora, os doze vencedores!"

Erec se vira e vê os vencedores das doze províncias, alinhados em sinal de respeito, e aguardando sua vez de lutar contra ele.

Ele sabe que aquela seria realmente um longo dia.

\*

Erec duela por horas, com um cavaleiro após o outro, seus ombros cansados e seus olhos ardendo com o suor. No final da tarde, até sua espada lhe parece pesado ao toque.

Erec luta contra um vencedor de cada vez, cada um de uma província, todos guerreiros ferozes. E no entanto, nenhum deles é páreo para ele. Um após o outro, ele derrota todos durante a justa e, em seguida, no combate corpo a corpo.

Mas quanto mais ele luta, mais ferozes e mais experientes são os guerreiros que ele enfrenta - e mais cansado ele fica. Aquele é realmente um teste digno de um rei: para ganhar, o candidato precisa ser não apenas o melhor lutador, mas também ter a maior resistência para lutar contra todos os doze dos melhores homens que aquelas ilhas tinham para oferecer. Uma coisa é ganhar de um adversário durante a primeira luta do dia, mas vencê-lo após doze confrontos é outra coisa completamente diferente.

E no entanto, Erec persevera. Ele convoca todos os seus anos de formação e de batalha, seus longos períodos de luta contra um homem após o outro, recordando os dias em que os soldados da Prata tinham sido

desafiados além dos extremos, sendo obrigados a lutar não apenas contra uma dúzia de homens, mas com duas dezenas, três dúzias - e até mesmo com mais de cem homens em um único dia. Eles lutavam até que seus braços estivessem cansados demais para sequer levantar uma espada, e ainda assim precisavam encontrar alguma maneira de ganhar. Essa era a formação que o Rei MacGil havia exigido.

Agora, tudo aquilo está sendo útil para ele. Erec invoca sua habilidade e seus instintos, e mesmo exausto, ele luta melhor do que todos aqueles grandes homens, os maiores guerreiros em um reino conhecido por ter os melhores guerreiros. Erec ofusca todos eles, e com uma exibição deslumbrante de virtuosismo, derrota um após o outro. Uma trombeta e um grito de satisfação do seu povo pontuam cada vitória, e seu povo claramente parece ter certeza de que eles teriam, em seu futuro rei, o maior guerreiro que as ilhas tinham para oferecer.

Quando Erec derrota o décimo primeiro desafiante com um golpe de sua clava de madeira nas costelas do homem, ele se rende, o décimo primeiro alarme soa, e a multidão vai à loucura.

Erec fica ali, respirando com dificuldade, e estende o braço para ajudar o guerreiro a se levantar.

"Foi uma boa luta," diz o guerreiro, um homem com o dobro do seu tamanho.

"Você lutou bravamente," responde Erec. "Eu te farei comandante de uma das minhas legiões."

O homem aperta o braço de Erec em sinal de respeito, e se vira para voltar para junto de seu povo, orgulhoso e nobre mesmo após sua derrota.

A multidão aplaude animadamente, e Erec se vira para encarar a décima segunda e última luta. O homem monta em seu cavalo do outro lado da arena e o encara. A multidão não para de aplaudir, sabendo que, após aquela batalha, eles finalmente conheceriam o seu futuro rei.

Erec monta em seu cavalo, respirando com dificuldade, e bebe um copo de água trazido a ele por um de seus escudeiros; em seguida, ele despeja o resto da água fria em cima de sua cabeça. Erec, então, ergue seu capacete e o coloca novamente na cabeça, enxugando o suor da testa enquanto pega uma nova lança.

Erec examina o cavaleiro diante dele. Ele é duas vezes maior que os outros, e usa uma armadura de cobre com três listras pretas. O estômago de Erec se contrai com a visão; aquelas marcas eram usadas por uma pequena

tribo, os Alzacas, habitantes do sul da ilha, uma tribo separatista que tinha sido uma pedra no caminho de seu pai durante vários anos. Eles eram os guerreiros mais ferozes da ilha, e um deles tinha sido rei antes de seu pai. Seu pai havia derrotado uma Alzaca a fim de tomar o trono, há tantos anos.

"Eu sou Bowyer, dos Alzacas!" O cavaleiro grita para Erec. "Seu pai tomou o trono de meu pai há quarenta ciclos do sol. Agora vingarei meu pai e assumirei o trono novamente. Prepare-se para ajoelhar-se diante do seu novo rei!"

A cabeça de Bowyer é careca, e ele tem uma barba marrom curta e dura. Ele se senta perfeitamente ereto em seu cavalo, com um rosto desafiante e o nariz achatado de um guerreiro que já tinha visto muitas batalhas.

Erec sabe que os Alzacas eram ferozes e valentes - além de traiçoeiros. Ele não fica surpreso que aquele seja seu último oponente, o campeão dentre os vencedores. Erec sabe que não seria fácil e que aquele adversário não deveria ser subestimado.

Erec se concentra assim que um a buzina soa, os visores de seus capacetes são abaixados e os dois oponentes galopam de encontro um ao outro.

Eles avançam e, quando suas lanças encontram, Erec fica surpreso ao sentir o impacto da lança de Bowyer em seu peito pela primeira vez naquele dia; ao mesmo tempo, a lança de Erec também acerta o peito de seu adversário. Bowyer havia inesperadamente se movido no último segundo, e Erec percebe que Bowyer era de fato um lutador mais experiente do que qualquer outro que ele já havia enfrentado. O golpe não é forte o suficiente para derrubar Erec de seu cavalo, mas o faz escorregar um pouco para trás, sua confiança abalada.

Bowyer também permanece em seu cavalo, e eles dão a volta na arena para se enfrentarem novamente, sob os aplausos da multidão. Bowyer também parece surpreso que Erec o tinha acertado, e ambos voltam a se atacar com um novo senso de respeito.

Desta vez, quando eles se aproximam, Erec consegue prever melhor os ritmos de Bowyer. Esse, na verdade, é um dos pontos fortes de Erec: ser capaz de avaliar seu inimigo e se ajustar rapidamente. Desta vez, Erec espera até o último instante, então ele abaixa sua lança apenas um pouco,

um movimento que Bowyer não poderia ter previsto, e ao mesmo tempo aponta a lança para a caixa torácica de Bowyer.

É uma batida perfeita, e Erec consegue derrubar Bowyer de seu cavalo; ele cai com força no chão, e o som metálico da armadura ecoa pela arena.

A multidão aplaude freneticamente enquanto Erec volta a circular a arena, desmonta e remove seu capacete.

Bowyer rola e fica em pé, com o rosto vermelho de raiva e um olhar assassino nos seus olhos diferente de qualquer outro que Erec já tinha visto naquele dia. Os outros obviamente queriam ganhar - mas Bowyer, Erec percebe, tem sede de sangue.

"Se você é um homem de verdade," troveja Bowyer, alto o suficiente para que todos possam ouvi-lo, "e você está aspirando a ser um verdadeiro rei, vamos lutar com armas de verdade! Eu exijo usar espadas reais nesse combate! E eu exijo que os portões sejam baixados."

A multidão se silencia ao ouvir as palavras de Bowyer.

Erec olha para os portões de cobre em torno do perímetro da arena, a única coisa que os separa dos penhascos. Ele sabe o significaria baixá-los: aquela seria uma luta até a morte.

"Você deseja um confronto até a morte?" Pergunta Erec.

"É isso mesmo!" Bowyer confirma. "É isso que eu exijo!"

A multidão permanece calada. Erec fica ali, pensando; ele não quer matar aquele homem, mas não poderia recuar.

Bowyer troveja: "A menos que você esteja com medo!"

Erec enrubesce.

"Eu não temo homem algum," ele grita, "e não recuso nenhum desafio em combate. Se esse é o seu desejo, então que os portões sejam abaixados."

As bancadas continuam caladas, e uma trombeta soa; lentamente, vários atendentes começam a girar manivelas maciças. Um ruído preenche o ar e, centímetro por centímetro, os portões de cobre que cercam a arena são baixados. Um vento assopra, e agora não há mais nada que impeça os guerreiros de chegarem até a borda, e despencarem para a morte. Agora, não resta margem para erros. Erec tinha assistido partidas com os portões baixados em sua juventude - e todos eles sempre haviam terminado com a morte de um dos guerreiros.

Bowyer, sem perder tempo, pega uma espada de verdade com seu escudeiro e parte para o ataque, e Erec se apressa para pegar a

sua. Enquanto se aproxima de Erec, Bowyer golpeia a espada com ambas as mãos na direção da cabeça de Erec, um golpe mortal, mas Erec ergue sua espada para bloqueá-lo, e faíscas voam quando as lâminas se encontram.

Erec também dá um golpe, e é a vez de Bowyer bloqueá-lo, aproveitando para dar mais um golpe.

Eles continuam se alternando, atacando e se defendendo, golpeando e bloqueando enquanto faíscas voam e o som das espadas corta o ar, enfrentando-se golpe por golpe. Erec está exausto após todas as batalhas do dia, e Bowyer é um oponente formidável, lutando como se sua vida dependesse daquilo.

Os dois não param enquanto eles continuam a avançar e a recuar, aproximando-se da borda do precipício para então voltarem a recuar, indo e vindo à medida que tentam ganhar terreno e conquistar uma vantagem na luta.

Finalmente, Erec consegue encaixar um golpe perfeitamente, golpeando para os lados e atirando a espada de Bowyer de sua mão. Bowyer pisca, confuso, em seguida, corre para buscá-la, mergulhando no chão de terra.

Erec fica em cima dele e ergue a viseira.

"Renda-se!" Erec diz, com Bowyer ali, deitado de bruços.

Bowyer, porém, pega um punhado de terra e, antes que Erec perceba o que ele está prestes a fazer, a joga no rosto de Erec.

Erec grita, temporariamente cego, e leva as mãos aos seus olhos - que ardem, deixando sua espada cair no chão. Bowyer não hesita; ele ataca, empurrando Erec todo o trajeto até o outro lado da arena, direto para a beira do precipício, e o derruba no chão.

A multidão se silencia enquanto Erec fica deitado de costas, com Bowyer em cima dele e sua cabeça além dos limites da arena. Erec se vira e olha para baixo, sabendo que, se ele se movesse apenas alguns centímetros, despencaria para a morte.

Erec olha para cima e vê Bowyer olhando para ele com uma expressão de ódio, um brilho mortal em seus olhos. Bowyer começa a abaixar seus polegares para arrancar os olhos de Erec.

Erec estende a mão e agarra os pulsos de Bowyer, e é como se ele estivesse segurando cobras vivas. Os dedos de Bowyer são fortes, e Erec precisa usar toda a força que tem apenas para manter os pulsos de Bowyer longe de seus olhos.

Gemendo, os dois ficam travados em uma luta, sem recuar um centímetro, e Erec sabe que precisa fazer algo rapidamente. Ele sabe que havia atingido seu limite, e que se resistisse por muito mais tempo, perderia o pouco de força que ainda lhe resta.

Em vez disso, Erec decide fazer algo corajoso, um movimento contra-intuitivo: em vez de tentar se inclinar para a frente e ficar longe da borda, ele deixa de resistir.

Assim que Erec faz isso, todo o peso de Bowyer vai para a frente; Erec puxa Bowyer em direção a ele, diretamente para baixo, e Bowyer vira de cabeça para baixo sobre a borda do penhasco, com os pés passando sobre sua cabeça enquanto Erec segura seus pulsos. Erec vira de barriga para abaixo, segurando as mãos de Bowyer e, em seguida, olha para baixo. Bowyer está pendurado sobre a borda do penhasco, nada entre ele e a morte exceto Erec, que continua a segurá-lo. A multidão assiste tudo em absoluto silêncio.

Erec tinha virado o jogo, e agora Bowyer geme e se debate.

"Não me solte," Bowyer implora. "Eu vou morrer se você fizer isso."

"Mas foi você mesmo quem ordenou que os portões fossem baixados," Erec observa. "Por que eu não deveria lhe dar o mesmo fim você desejava para mim?"

Bowyer olha para ele, o pânico em seu rosto quando Erec solta uma das mãos. Bowyer caiu alguns centímetros, e Erec agora o segura apenas com uma mão.

"Eu me rendo a você!" Bowyer grita. "Eu me rendo!" Ele repete.

A multidão aplaude enquanto Erec permanece, segurando seu oponente e pensando.

Finalmente, Erec decide poupar Bowyer da morte. Ele estende a mão, agarrando-o pela parte de trás da camisa, e o puxa para cima em segurança.

A multidão aplaude enlouquecida, e ao mesmo tempo em que doze trombetas soam, todos correm para perto de Erec, abraçando-o. Ele fica ali, exausto, sem um pingo de energia, e aliviado e feliz por ser abraçado daquele forma, sentindo-se amado por seu povo. Alistair atravessa a multidão, e ele a abraça.

Ele havia ganhado. Finalmente, Erec seria o rei.





## CAPÍTULO VINTE E NOVE

Gwendolyn está no antigo forte de Tirus observando o corpo de seu filho, Falus, que havia sido enforcado no antigo pátio. Ele ainda está pendurado por uma corda em seu pescoço no centro da cidade, cercado por dezenas de habitantes das ilhas - cidadãos que não haviam protestado contra a rebelião, e que agora observam seu corpo com um olhar de espanto, boquiabertos. Gwen fica feliz que eles estejam testemunhando a cena; ela quer dar um recado a todos eles.

Falus era o último dos descendentes rebeldes da família de Tirus, a última das pessoas que Gwen havia ordenado que fossem executadas quando todos os rebeldes sobreviventes tinham sido reunidos nas Ilhas Superiores. Enquanto ela observa seu corpo balançar, ela percebe que deveria ter feito isso há muito tempo - especialmente Tirus. Ela tinha sido uma governante jovem e ingênua, ela percebe, apostando todas as suas fichas na esperança pela paz, dando a Tirus - e seus seguidores - várias chances de se redimir. Ela tinha tentado evitar o conflito a todo custo, mas ao fazê-lo, ela percebe, ela só havia gerado mais atrito. Ela deveria ter agido com ousadia e sem piedade desde o início.

Enquanto ela observa o balanço do corpo em meio à névoa fria e nuvens escuras das Ilhas Superiores, ela pensa no quanto aquela cena a teria chateado no passado; agora, porém, desde que Thor a tinha deixado, desde que ela havia tido um filho e aprendido a sobreviver como Rainha, algo dentro dela tinha endurecido, e ela observa o balanço do corpo sem a menor emoção. Isso a assusta. Ela teria perdido a essência de quem ela verdadeiramente era? O que ela estava se tornando?

"Minha senhora?" Pergunta Kendrick, em pé ao seu lado.

Ela se vira e olha para ele, saindo de seu devaneio.

"Devemos remover o corpo?"

Gwen olha e vê todo seu povo à sua volta no grande salão - seu povo que, após sua vitória corajosa e de suas decisões destemidas face à adversidade, depois que ela os tinha salvado das mãos de Romulus, agora olham para ela como uma grande líder e Rainha. Kendrick, Aberthol, Steffen, Elden, O'Connor e Conven - todos bravos homens que haviam lutado com ela para conquistar de volta aquele lugar estão presentes. E entre eles, o coração de Gwen se aquece ao ver Reece, com Stara ao seu lado. Ele havia sido ferido,

mas estava vivo, e enquanto no passado a visão dele a tinha irritado, agora ela apenas se sente grata que ele esteja vivo.

Gwen volta a olhar para a janela, percebendo que todos eles estão esperando sua decisão. Ela observa o balanço do corpo, o último deles, o único que ainda não havia sido retirado. Do outro lado do pátio, ela vê com satisfação que a antiga bandeira das Ilhas Superiores tinha sido baixada, sendo substituída pela bandeira dos MacGil. Aquele era seu território agora.

"Não," responde Gwen, sua voz fria e firme. "Deixe-o pendurado até que o sol se ponha. Deixe que os habitantes das ilhas saibam quem governa esta ilha agora."

"Sim, minha senhora," ele responde. "E o que dizer do restante dos soldados de Tirus? Nós temos quase cem deles em cativeiro."

Assim que eles tinham tomado as ilhas, Gwen havia ordenado que seus homens sistematicamente cercassem todos os soldados das Ilhas Superiores que haviam sobrevivido, qualquer pessoa que pudesse ser leal a Tirus. Ela não se arriscaria desta vez.

Ela se vira e olha para ele, pronunciando com dureza:

"Mate todos eles," ela ordena

Kendrick olha para seus homens, que olham para ele com cautela.

"Minha senhora, não podemos demonstrar compaixão?" Pergunta Aberthol.

Gwen olha para ele, seu olhar frio e duro.

"Compaixão?" Ela repete. "E por acaso eles tiveram compaixão ao nos trair, ao matar nossos homens?"

Aberthol não diz nada.

"Eu tenho tentado demonstrar compaixão. Muitas vezes. Mas eu aprendi que há pouco espaço para compaixão quando se está em guerra. Eu gostaria que fosse de outra forma."

Ela se vira para Kendrick.

"Os únicos que serão deixados vivos serão aqueles que nunca levantaram uma arma contra nós. Os cidadãos. Eu não tenho recursos para manter prisioneiros, e nem a vontade de fazê-lo. E além disso, não confio neles. Mate-os de uma vez."

"Sim, minha senhora," responde Kendrick.

Gwendolyn observa seus rostos, e percebe que a olham com um novo respeito. Ela sente orgulho por tudo o que tinham feito, e por estarem todos vivos naquele dia.

"Eu quero que todos saibam como estou orgulhosa de todos vocês," ela diz. "Vocês conquistaram esta ilha em uma batalha gloriosa. Todos vocês lutaram destemidamente, e nós temos um novo lar agora, graças a todos vocês. Vocês enfrentaram a morte, saíram vitoriosos."

Os homens assentem com gratidão, e Reece se adianta e abaixa a cabeça.

"Minha Rainha," ele fala. Ela pode ouvir em seu tom que ele finalmente estava falando com ela como sua rainha, e não como uma irmã. "Eu devo lhe pedir desculpas por ter começado tudo isso. Eu não peço desculpas por matar Tirus, mas peço desculpas pelas vidas perdidas de nossos homens."

Ela olha para ele, fria e dura.

"Não desafie meu comando novamente," ela diz.

Reece assente com a cabeça, em sinal de humildade.

"Sim, minha senhora."

Ela pode ver que ele está arrependido, e sua expressão se suaviza.

"Mas devo dizer, você não estava completamente errado em matar Tirus," admite ela. "Ele merecia isso há muito tempo. Na verdade, eu é que devo pedir desculpas por não tê-lo matado antes."

Reece olha para ela, balançando a cabeça com uma nova compreensão e respeito.

Gritos de aprovação de repente irrompem lá de baixo, e Gwen olha pela janela e vê milhares de seus súditos, aqueles a quem ela havia evacuado do Anel, enchendo os pátios, entrando nas casas e tabernas desertas, tomando-as para si mesmos.

"Nosso povo parece feliz em estar aqui," declara Godfrey.

"Eles estão felizes por estarem vivos," corrige Gwen. "A vida aqui é melhor do que nenhuma vida, afinal."

"Você deve sentir orgulho, minha irmã," Kendrick fala. "Você os salvou."

Gwen assente, suspirando, com o coração pesado ao ponderar tudo o que eles haviam deixado para trás - e todos os perigos iminentes.

"Este pode ser um novo lar para todos nós," afirma Godfrey.

Gwen balança a cabeça.

"Eu gostaria de acreditar nisso," ela fala. "Mas nós estaremos seguros aqui enquanto o escudo de Argon resistir. Mas se o feitiço de Argon falhar, então tudo que você vê aqui será passageiro. Então não haverá nada no mundo que possa impedir a devastação virá."

"Mas certamente Romulus vai se contentar com o que tem," diz Godfrey. "Afinal de contas, ele tem o Anel agora. Ele tem tudo o que ele

queria."

Gwendolyn balança a cabeça, conhecendo Romulus muito bem.

"O Anel nunca foi o que ele queria," ela declara. "O que ele quer, o que ele sempre quis, é a nossa destruição completa. E ele nos seguirá até os confins da terra para consegui-lo."

"E quais são as chances do escudo de Argon resistir?" Pergunta Kendrick.

"Somente Argon pode responder isso," afirma Gwen.

"Você o conhece bem," diz Reece. "Será que ele vai acordar?"

Gwendolyn se vira para ele.

"Só há uma maneira de descobrir," ela diz, determinada a acabar com esse mistério.

\*

Reece e Stara estão no topo dos penhascos mais altos das Ilhas Superiores após terem caminhado juntos e em silêncio até ali. Com tudo agora em paz nas Ilhas Superiores, há pouco a fazer senão se estabelecer, e talvez esperar pela invasão por vir. O sentimento no ar é pacífico - e sombrio, e quando Stara havia perguntado a Reece se ele queria dar um passeio, ele tinha sido rápido em aceitar. Ele precisava de algo para distraí-lo dos possíveis futuros acontecimentos - e, no fundo, uma parte dele, ele tem que admitir, deseja ficar com ela. Ele se culpa por isso, e ainda assim ele tem que admitir que é verdade, eles já tinham passado por muita coisa juntos para que fosse de outra forma.

No entanto, nenhum deles tinha dito uma palavra desde então. Eles haviam caminhado por quase uma hora, e estava claro para ambos que, embora eles se sentissem confortáveis na companhia do outro, aquele não era um passeio romântico. Aquela era uma caminhada soturna, uma caminhada de reflexão e compreensão.

Reece olha em volta e acha irônico que a mesma ilha onde haviam caminhado algumas luas atrás, na época transbordando com a abundância do verão, agora é castigada por um vento frio sombrio, coberta por um céu cinza escuro, com nuvens carregadas. Ele se pergunta como a vida poderia mudar assim, tão rapidamente. Seria possível que as coisas fossem mais duradouras?

Reece começa a se sentir desconfortável em meio ao pesado silêncio; ele não sabe o que dizer a ela. Ela aparentemente não tinha nada a dizer a ele também, e ele começa a se perguntar por que ela o tinha convidado para acompanhá-la naquela caminhada. Ele havia concordado em ir com ela para ficar longe de toda a morte que o cercava, para clarear sua mente.

Quando eles chegam ao planalto mais alto dos penhascos, eles finalmente param ao lado de um pequeno lago, de onde corre um pequeno riacho que escoar pela montanha.

Reece observa, perplexo, quando Stara se ajoelha, enfia a mão em um saco e tira uma grande flor preta em forma de tigela, com uma pequena vela no meio. Ele se pergunta o que ela estaria fazendo.

"Isso é uma vela de luto?" ele pergunta.

Stara assente.

"Eu sei que as coisas entre nós nunca voltarão a ser como eram," ela diz suavemente, sua voz sombria. "Não é por isso que eu o convidei para vir até aqui. eu o convidei para lhe dizer que eu sinto muito por tudo o que aconteceu com Selese. Acima de tudo, eu quero dizer a Selese que sinto muito, também. Onde quer que ela esteja."

Reece olha para baixo envergonhado, enquanto seus olhos se enchem de lágrimas.

"Eu nunca quis que nada de ruim acontecesse com ela," continua Stara. "Você tem que acreditar em mim. Eu preciso que você acredite em mim. "

Reece assente.

"Eu acredito," ele diz. "Eu também nunca quis que nada de ruim acontecesse, a qualquer um de nós," ele responde, enquanto enxuga uma lágrima de seu rosto.

"E, no entanto, eu fui egoísta," ela fala, "egoísta por tentar roubar você. Minhas ações foram egoístas - e erradas."

Ela suspira.

"Dizem que se você acender uma vela de luto aqui, neste lago, e a corrente levá-la para baixo, pelo Riacho das Lágrimas, significa algum consolo e alívio para os mortos," ela completa. "É por isso que eu o trouxe até aqui."

Stara pega duas pedras de sílex e acende a vela com a faísca. Ela brilha no meio da flor preta, estranha e surreal.

Ela estende a flor para Reece.

"Você quer colocá-la no lago?", Ela pergunta.

Reece pega delicadamente a flor da mão dela, a vela acesa dentro, e seus dedos se encostam momentaneamente. Em seguida, ele se ajoelha e gentilmente a coloca no pequeno lago. As águas estão geladas quando ele encosta suas mãos nelas.

Reece fica ao lado de Stara e observa enquanto a flor flutua pelo lago. Ela não vai a parte alguma, pois não há qualquer brisa naquele local abrigado.

"Selese," Reece diz, abaixando a cabeça. "Eu amo você. Por favor me perdoe."

"Por favor, perdoe-nos," corrige Stara.

A flor começa a flutuar para fora, apenas um pouco mais longe, mas ainda sem ser levada pela corrente.

"Eu sei que nós nunca poderemos ficar juntos," Stara fala para Reece. "Não depois de tudo isso. Mas pelo menos podemos compartilhar juntos nosso luto por Selese."

Stara estende uma mão, e Reece a pega entre as suas. Eles ficam ali, lado a lado, olhando para a vela, e então abaixam a cabeça e fecham os olhos.

Reece reza, pedindo a bênção de Selese e, acima de tudo, seu perdão.

Reece abre os olhos de repente quando um vento assopra, e observa com surpresa quando a flor de repente se mexe, atravessando para o outro lado da lagoa antes de ser levada pela correnteza.

Reece vê com espanto que a corrente a leva para o Riacho das Lágrimas. A flor abre caminho pela montanha, girando e descendo.

Reece a acompanha e vê quando a correnteza a leva para baixo a montanha, até finalmente ficar longe de vista.

Reece se vira para olhar para Stara, e ela também se vira e olha para ele. Eles continuam de mãos dadas - e por alguma razão, apesar de seus melhores esforços, nenhum deles parece capaz de soltar.

\*

Gwendolyn atravessa rapidamente o pátio de sua nova corte, ladeado por vários de seus homens. Ela passa através dos portões de pedra antigos, saindo do pátio, e caminha por trilhas sinuosas e rochosas em direção aos campos, protegendo-se do vento e da chuva. Mas nada a faria parar - ela

está determinada a visitar Argon e, mais uma vez, ver se seria capaz de despertá-lo.

O caminho finalmente a leva até uma pequena colina, e quando Gwendolyn olha para cima, ela é tranquilizada ao avistar Ralibar. Ele finalmente havia voltado, depositando o corpo inerte de Argon ali, e ficado de guarda sobre ele desde então.

Gwendolyn alcança o topo da colina, uma rajada de vento frio chicoteando seu rosto, e olha para Ralibar. Ele fica sentado ali, com as asas estendidas, olhando para ela enquanto guarda o corpo de Argon, que está deitado a seus pés, imóvel.

Gwendolyn olha nos olhos penetrante de Ralibar.

"Onde você esteve, meu amigo?" Ela pergunta. "Nós poderíamos ter usado sua ajuda no mar."

Ralibar ronrona, batendo as asas delicadamente, e movimenta seu focinho para cima e para baixo. Ela pode sentir que ele está passando por um momento difícil, uma tempestade emocional. Ela sabe que ele está perturbado por algo, mas Gwen não consegue entender o que ele está tentando lhe dizer.

"Você vai ficar, meu amigo?" Ela pergunta. "Ou vai nos deixar novamente?"

Ele abaixa a cabeça e esfrega o nariz em sua mão enquanto ela a deixa estendida, piscando lentamente e fazendo um estranho barulho ao ronronar. Ela não consegue entendê-lo - jamais havia conseguido, e sabe que jamais aprenderia como. Ela nunca tinha sido capaz de prever quando ele poderia desaparecer, ou quando ele viria em seu auxílio, apesar da proximidade dos dois, e conclui que o comportamento dos dragões são simplesmente inescrutáveis para ela.

Ela acaricia as escamas de Ralibar e seu longo focinho, e a princípio ele parece contente com o carinho. Mas, então, ele a surpreende ao bater suas grandes asas de repente, gritando e se levantando no ar, quase acertando a cabeça dela com suas garras.

Ela se vira e observa Ralibar se afastar voando em direção ao horizonte. Gwen se pergunta onde estaria indo, e se um dia ele iria voltar. Ralibar continua sendo um mistério para ela, que talvez ela nunca fosse entender.

Gwendolyn volta sua atenção para o corpo inerte de Argon. Ela se ajoelha ao lado dele e acaricia seu rosto. Ele está gelado, frio ao toque.



"Argon," ela diz. "Você pode me ouvir?"

Ele não se move.

Gwendolyn se vira, vê seus homens em pé atrás dela, e levanta a mão. Ela sente que Argon precisa ficar sozinho com ela.

"Por favor," ela diz. "Deixem-nos a sós."

Seus homens fazem o que ela ordena, e Gwen logo se vê ajoelhada sozinho naquele planalto, ao lado de Argon, acompanhada apenas pelo uivo do vento. Ela estende a mão e empurra o capuz dele para trás, examinando seu rosto.

"Por favor, Argon," ela pede. "Volte para mim."

Nada acontece.

Gwen sente uma lágrima rolar pelo seu rosto, tomada por uma sensação de catástrofe iminente e se sentindo impotente e mais sozinha do que nunca naquele lugar estranho.

"Eu preciso de você, Argon," ela implora. "Agora, mais do que nunca."

Há um longo silêncio, uma rajada de vento frio toca suas bochechas e então, finalmente, a chuva para. Assim que isso acontece, Gwen olha para baixo e seu coração dispara ao ver as pálpebras de Argon se mexendo ligeiramente.

Então, lentamente, seus olhos se abrem.

O coração de Gwen se sobressalta quando ele olha para ela. Seus olhos brilham com tamanha intensidade, que ela quase precisa desviar o olhar. Ela olha para ele com espanto.

"Argon," ela diz, rindo de alívio, contente por ele estar vivo.

Ela estende o braço e segura as mãos deles entre as suas.

"Você está bem?" ela pergunta.

Ele balança a cabeça suavemente, e ela fica confusa.

"Onde está você, Argon? Você está aqui comigo?"

"Apenas um pouco," ele responde.

Ela percebe que seu tempo juntos é curto, e que ela poderia perdê-lo novamente. Ela sente um desejo ardente de ter suas perguntas respondidas.

"Argon, o seu escudo," ela diz, "você precisa me dizer: será que vai resistir? Por favor, apenas me responda. Ele que vai durar?"

Há um longo silêncio, e Gwen começa a suspeitar que ele nunca responderia.

E então, finalmente, Argon balança a cabeça suavemente.

Quando ele faz isso, o coração de Gwen se parte.

"Não," ele declara. "Mesmo agora, ele já foi destruído."

O coração de Gwen se sobressalta enquanto ela pondera as consequências daquilo. Sua resposta significa que tudo seria destruído: aquela ilha, seu povo - tudo; toda a sua vida e todas as pessoas que ela amava.

Sua respiração fica presa na garganta, e suas mãos começam a tremer.

"Existe alguma maneira de restaurá-lo?" Ela pergunta. "Existe alguma maneira de proteger este lugar?"

Argon balança a cabeça fracamente.

"Meu escudo- e o Anel - foram destruídos para sempre."

O sangue de Gwen gela. Ela mal sabe o que dizer.

"Nesse exato momento, os dragões de Romulus se aproximam," Argon acrescenta. "E um milhão de seus homens."

O coração de Gwen bate acelerado, e ela sente suas mãos suando frio.

"Como podemos impedi-los?" Ela pergunta.

Argon balança a cabeça.

"Você não pode," ele responde. "Em breve, muito em breve, esta ilha será destruída."

Gwen começa a chorar.

"E onde está Thorgrin?" ela pergunta entre lágrimas. "Será que ele vai voltar para nós? Ele vai ajudar a nos salvar?"

Argon espera um longo tempo, e então finalmente balança a cabeça.

"Sinto muito," ele responde. "Thorgrinson tem o seu próprio destino."

Gwendolyn chora ainda mais, enxugando as lágrimas que insistem em escorrer pelo seu rosto apesar de seus melhores esforços.

"E o que será de meu filho?" Ela pergunta. "O que vai acontecer com Guwayne?"

Argon permanece em silêncio, sem expressão, e então ele fecha os olhos. O coração de Gwen bate ainda mais forte, enquanto ela se pergunta se o teria perdido para sempre.

"Argon," Gwen implora, segurando seu braço, "responda-me, por favor. Eu lhe imploro."

Argon abre os olhos de novo e olha diretamente para ela.

"Você fez uma escolha," ele diz. "No submundo. Desculpe-me, mas toda promessa tem um preço."

Gwen chora, incapaz de conter as lágrimas.

"Você foi uma rainha maravilhosa," continua ele. "Seu povo viveu muito mais tempo do que estavam destinados a viver. Mas, mesmo a melhor das rainhas tem a sua hora. Nem sempre é possível fugir destino."

Finalmente, Gwen, devastada, se recompõe.

"Não há nada a fazer então, a não ser nos prepararmos para morrer?"  
Pergunta ela, desesperada.

Argon fica em silêncio um longo tempo, até que, finalmente, ele acena com a cabeça.

"Sinto muito," ele responde. "Mas, às vezes, isso é tudo o que temos."

## CAPÍTULO TRINTA

Luanda está no navio de Romulus, não muito longe dele, observando suas costas enquanto ele observa o mar com as mãos nos quadris, sorrindo vitorioso. Luanda ouve gritos incessantes e, ao olhar para cima, vê o exército de dragões no horizonte liderando o caminho, desaparecendo ao se dirigir ao norte em direção às Ilhas Superiores a caminho de destruir a sua irmã e todos o seu povo.

Romulus ri sem parar enquanto guia sua frota de navios - milhares deles, que cobrem o mar como um cardume de peixes, afastando-se progressivamente do Anel rumo às Ilhas Superiores. Luanda olha para o horizonte e sabe que deveria estar sentindo algum tipo de satisfação - afinal, ela tinha finalmente conseguido o que queria. O Anel tinha sido destruído; ela havia se vingado, por Bronson, e também por seu exílio da Corte do Rei; vingada por nunca ter sido tratada da forma como que ela merecia ser tratada; vingada por ter sido colocada de lado em benefício de sua irmã mais nova. Ela havia se vingado de todos que haviam duvidado dela, de todos que a tinham deixado de lado, julgando-a insignificante.

Mas Luanda fica surpresa ao perceber que não se sente triunfante; ela nem sequer se sentir satisfeita. Em vez disso, enquanto observa o desenrolar dos acontecimentos diante dela, ela sente vazia - e com um profundo sentimento de pesar. Agora que os planos dela haviam se tornado realidade, ela não pode deixar de admitir que uma parte dela ainda ama o seu povo, uma parte que ainda deseja ser amada e aceita por eles. Essa parte ainda os quer vivos, e quer que as coisas sejam do jeito que costumavam ser.

Ela acreditava que toda essa destruição a faria feliz. Mas agora que não resta mais nada, por alguma razão, ela se sente triste, e não consegue entender por quê. Talvez seja porque com o seu povo e terra destruídos, não resta mais nada que a faça lembrar sua vida naquela terra; nada que ainda lhe seja familiar no mundo. Tudo o que resta agora é Romulus e seu império - todas aquelas criaturas terríveis.

Enquanto Luanda olha para as costas largas e cheias de músculos de Romulus, um comandante no auge de seu poder, pronto para conquistar cada centímetro do mundo, um enorme ódio por ele começa a crescer dentro dela. Ele era o culpado por tudo aquilo. Ela odeia a forma como ele a trata, como se ela fosse uma de suas propriedades. Ela odeia a forma como

ela tinha sido forçado a se tornar subserviente a ele. Enfim, ela despreza tudo o que diz respeito a ele.

Os soldados de Romulus estão todos ocupados no convés, e Romulus está sozinho na proa do barco, de costas para todos. Luanda é a única pessoa autorizada a chegar perto dele, ficando a quase 3 metros de distância. Ela olha ao redor uma última vez para se certificar de que ninguém está olhando e, então, secretamente, ela aperta sua mão em torno da adaga ela guarda escondida em seu cinto. Ela aperta com tanta força, que pode sentir as juntas de seus dedos ficando brancas, enquanto se imagina enforcando Romulus.

Luanda dá um passo adiante, em direção às costas expostas de Romulus, ao mesmo tempo em que uma rajada de vento frio e a água do oceano acerta seu rosto.

Em seguida, ela dá outro passo e então, mais outro.

Luanda não poderia corrigir as injustiças, não seria capaz de mudar o que ela já tinha feito, os erros que já tinha cometido. Ela não poderia trazer de volta a sua terra natal, e seria impossível restaurar o Escudo.

Mas ainda há uma coisa que ela pode fazer, tempo suficiente para um último ato de redenção antes de sua morte. Ela poderia matar um bárbaro. Ela poderia assassinar Romulus. Ela teria vingança, pelo menos, por si mesma, e vingança também em nome de todo o seu povo. Se ela não pudesse ter o que queria na vida, pelo menos ela teria isso.

Luanda aperta sua mão ao mesmo tempo em que retira a adaga do bolso e dá mais um passo. Ela está apenas a dois passos dele, a segundos de matar aquele monstro. Ela sabe que ela mesma seria capturado e morta pouco tempo depois - mas ela não se importa, contanto que consiga fazer aquilo.

Lá está ele, tão presunçoso, tão arrogante. Ele a tinha subestimado, como todos os outros. Ele a tinha visto como sua propriedade, como alguém que não deveria ser temida. Luanda tinha sido subestimada durante toda a sua vida, e agora ela está determinada a fazer com que ele - e todos os outros homens em sua vida - paguem. Com apenas um golpe da lâmina, sua vida finalmente faria sentido.

Luanda dá o último passo, levantando a adaga acima de sua cabeça, e antecipa a sensação gratificante de ver sua lâmina perfurar a pele dele, dando um fim à vida daquela criatura de uma vez por todas. Ela já pode ver a cena acontecendo - pode vê-lo caindo de joelhos, de cara no chão, morto.

Luanda mergulha a lâmina para baixo com toda sua força e então, a coisa mais estranha acontece. A lâmina para de repente assim que a ponta toca nas costas dele. É como bater em aço - a adaga não consegue perfurar a pele de Romulus. Ela fica parada no meio do ar, e não importa quanta força ela faça para empurrá-la para baixo, a lâmina não machuca a pele dele. É como se Romulus estivesse sendo protegido por um escudo mágico.

Romulus se vira lentamente e com calma, um sorriso em seu rosto enquanto ele balança a cabeça e olha para ela - que ainda segura a lâmina no ar, sem lhe causar qualquer dano. Luanda olha para a lâmina, se perguntando o que teria acontecido.

Romulus balança a cabeça.

"Foi uma boa tentativa," ele fala. "Em qualquer outra situação, você teria me matado. Mas você vê," ele diz, inclinando-se para perto, seu hálito pungente em seu rosto, "enquanto esta lua durar, eu serei invencível; para cada homem e cada lâmina, para tudo nessa terra - incluindo você e seu punhal."

Romulus joga a cabeça para trás e ri, em seguida, ele estende a mão e calmamente pega a lâmina da mão de Luanda, que não é capaz de detê-lo. Ele a ergue no alto, faz uma careta e, de repente, dá um passo adiante e a mergulha no coração dela.

Luanda engasga ao sentir o metal frio entrando em seu coração. Ela sente seu coração parar, sente toda a vida e ar deixando seu corpo, e percebe seu corpo ficando mole e dormente até cair no deck de madeira do navio. Ela olha para cima e vê o rosto sorridente de Romulus diante de seus olhos, que se fecham pela última vez, e percebe que nada no mundo seria capaz de impedir Romulus. Nada.

Seus pensamentos finais, antes que toda a vida abandone seu corpo, são, estranhamente, de seu pai.

Pai, ela pensa, eu nunca quis te decepcionar. Me perdoe.

## CAPÍTULO TRINTA E UM

Thorgrin cai pelo ar, gritando e se debatendo, sentindo a o ar frio passar por ele a uma velocidade de tirar o fôlego enquanto ele despenca para o oceano e penhascos abaixo. Ele cai centenas de metros, vendo toda a sua vida passar diante dele. Ele sabe que em momentos ele estaria morto, que tudo estaria acabado, ali, naquelas rochas, naquele oceano, tão perto de encontrar sua mãe ali, na Terra dos Druidas, na terra dos sonhos. Ele se pergunta como aquilo poderia estar acontecendo, como era possível que ele pudesse lutar por algo durante toda a sua vida apenas para perdê-lo justo quanto ele estava prestes a alcançá-lo.

De alguma forma, ele havia falhado. Ele tinha se tornado o maior guerreiro que ele poderia ser no campo de batalha; e ainda assim, ele não tinha sido capaz de conquistar os sentimentos mais profundos de sua própria psique. O único oponente que restava no mundo e que ele não poderia derrotar tinha sido ele mesmo.

Ele tinha sido derrotado por si mesmo. O que significaria isso? Ele tenta entender, enquanto cai na velocidade da luz. Para ele, isso significa que deve haver alguma parte dele mesmo que é mais forte do que a outra. Uma peça que poderia derrotar a si mesmo; uma parte tão forte, que poderia superar qualquer coisa. Ele pensa que deve haver uma grande força dentro dele.

Thor de repente tem uma súbita realização: essa grande força, mesmo que ela fosse destrutiva, ainda fazia uma parte dele, ainda era uma força que poderia ser aproveitada. O que significa que ele poderia achar essa parte obscura dentro de si mesmo, e aproveitá-la para o bem. Energia é apenas energia - ela precisa apenas ser redirecionada. Talvez ele pudesse conseguir que essa parte de si mesmo trabalhasse para ele, em vez de agir contra ele. Se Thor tinha sido capaz de usar esse poder para derrotar a si mesmo, talvez ele pudesse usá-lo para se salvar.

Thor fecha os olhos enquanto cai pelo ar, e tenta invocar seu poder interior, o poder de sua mente. Ele havia confiado demais em seu lado físico durante toda a sua vida, ele percebe. Mas agora, ele está começando a perceber que sua mente é tão poderosa quanto seu corpo - se não mais. Ele poderia usar sua mente para fazer coisas maravilhosas e milagrosas - coisas que seu corpo nunca seria capaz de fazer.

Thorgrin se concentra e, assim que faz isso, usa o poder da sua mente para retardar o tempo, interferindo com o próprio ar em torno dele.

Thorgrin sente o mundo ficar lento, em seguida, o tempo para completamente. Ele se sente flutuando no ar, congelado no tecido do tempo e do espaço. Ele pode sentir a parte de si mesmo que está criando o tempo e o espaço à sua volta, e sente o poder infinito dentro dele, um poder unido ao universo. Ele acessa a corrente infinita de energia que flui através do universo, como Argon tantas vezes havia lhe ensinado, e ele se sente bem no centro dela.

Thor estende as mãos com as palmas voltadas para cima, e sente as pontas de seus dedos e as palmas de suas mãos tocarem o próprio tecido do mundo. Ele tem a sensação de que elas estão em chamas, queimando com toda aquela energia.

Thor vai ainda mais fundo, até chegar ao lugar em sua mente onde ele começa a ver que não há separação entre a sua mente e o universo, entre a energia que flui para dentro dele a partir do universo, e a energia que flui de dentro para fora. Ele começa a ver que ele pode controlar aquilo, que é capaz de controlar seu ambiente. Ele também percebe que pode criar tudo em torno dele, e vê que poderia criar suas circunstâncias - e que sua mente e sua energia são mais poderosas do que a situação em que ele se encontra.

Thor ordena a si mesmo, a parte de si mesmo que ele não pode controlar - a parte mais obscura de si mesmo - que pare de criar aquela circunstância, e que mude tudo ao seu redor. E no processo, ele se obriga a parar de resistir, para permitir que o universo seja o que é, e para que ele também possa ser quem ele realmente é. Quando ele sente sua completa aceitação do universo, a completa aceitação de si mesmo, uma paz recai sobre ele diferente de tudo que ele já havia sentido antes.

Thor abre os olhos devagar e, antes mesmo de ver qualquer coisa, sabe que o universo em torno dele havia mudado. Ele para de cair e, em vez disso, ele agora começa a flutuar para cima, delicadamente, cada vez mais para o alto, ficando na posição vertical até que chegar ao topo do penhasco. Ele aterrissa suavemente, e vê que está diante do castelo de sua mãe.

Não há mais qualquer perigo, ele não sente mais medo. Ele tinha ido até as profundezas de sua existência, e havia ressurgido a partir dela. Ali estava ele, sozinho, de frente para a entrada do castelo de sua mãe. Ele havia



atravessado a passarela, o lugar que ele nunca tinha conseguido atravessar em seus sonhos. Ele finalmente havia conseguido chegar ao outro lado.

Thor examina o castelo, impressionado com o que vê. Diante dele, há duas enormes portas arqueadas de ouro, cinco vezes mais altas que ele, e cinco vezes mais largas. Elas brilham tão intensamente que quase o deixam cego, e ambas possuem enormes alças esculpidas na forma de um falcão.

Thor intuitivamente sabe que agarrar aquelas alças e tentar abrir as portas não daria certo. Ele sabe que aquela é uma porta mágica - a porta mais poderosa do mundo, e que a única maneira de entrar seria se as portas se abrissem para ele.

Thor espera que elas se abram, mas nada acontece.

"Eu exijo que me deixem entrar!" Thor grita.

"Você não é digno de entrar aqui," troveja uma voz obscura e masculina. Thor se mantém firme, determinado.

"Eu sou digno!" Thor grita de volta, sentindo-se digno pela primeira vez.

"E por que você acha que é digno?" pergunta a voz.

"Eu sou Thorgrin. Filho de minha mãe, a rainha da Terra dos Druidas. Filho de Andronicus, o Rei do Império. Eu sou digno. Eu, e nenhum outro. Eu não sou digno por causa dos meus poderes, ou por causa das minhas habilidades. Eu sou digno por causa de quem eu sou. Eu mereço passar por estas portas. Por nenhuma outra razão que não pelo fato de ser quem eu sou."

Thor sente seu corpo inteiro vibrar ao pronunciar essas palavras. Ele sente que havia finalmente alcançado a verdade mais profunda daquele treinamento - a aceitação de si mesmo.

Ele começa a ver que tudo o que se manifesta no universo é apenas um resultado de como ele se sente consigo mesmo. Todas as forças das trevas eram reais e, ainda assim, elas também eram fragmentos dele mesmo que ele tinha que superar. Seu maior e mais profundo inimigo, o mais difícil de superar era a forma como ele se sentia a respeito de si mesmo.

Thor tinha visto a si mesmo, durante toda a sua vida, como alguém sem valor, ele percebe agora. Ele de certa forma, ele ainda se via assim. Quando ele deixasse esse sentimento para trás, quando ele se aceitasse totalmente e completamente, apenas por quem ele é, então todas as portas do universo se abririam para ele. Esse seria o passo final para conquistar a si mesmo.

Thor sente uma profunda sensação de paz quando se dá conta de tudo isso, à medida em que passa a aceitar a si mesmo.

Ele abre os olhos lentamente, e ao olhar para cima vê que as portas brilham com mais intensidade do que antes, e se abrem lentamente, cada vez mais, o som mais bonito do mundo quando as dobradiças se abrem sem esforço. Uma luz inunda Thor, uma luz dourada, que derrama para fora de dentro do castelo, tomando conta de tudo com uma energia mais quente e mais forte do que ele poderia imaginar.

Ele dá o primeiro passo. Em seguida, outro.

Thor se sente cada vez mais aquecido, e sabe que com mais alguns passos, ele estaria dentro do castelo, com sua mãe. Finalmente, o seu destino estaria completo. Em apenas alguns passos mais, tudo seria revelado. E sua vida nunca mais seria a mesma



## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Alistair se vê voando, olhando o Anel abaixo dela, e ela não sabe como. Ela não tinha asas, e também não está montada em nenhum dragão, mas ainda assim ela flutua, subindo acima da paisagem de sua terra natal, observando tudo do céu.

Quando ela olha para baixo, ela se sente confusa. No lugar da abundância do verão que ela tinha deixado para trás, em vez de campos férteis e pomares intermináveis à que ela havia se acostumado, há uma terra incendiada abaixo dela, destruída pelo fogo dos dragões. Nada havia sido deixado em pé - nem mesmo uma única cidade, vila ou mesmo uma aldeia. Todas as estruturas do lugar tinham sido reduzidas a cinzas.

As árvores, antes tão exuberantes e antigas, são apenas troncos queimados, e não há mais qualquer construção para marcar a paisagem. Não resta mais nada, exceto escombros e devastação.

Alistair fica horrorizada. Ela voa baixo, sobrevoando todo o Anel, e se vê voando sobre o Canyon, acima da grande travessia. Ela vê Romulus, liderando um exército com milhões de soldados que se estende até onde seus olhos podem ver. O Império agora ocupa a sua terra natal.

Alistair percebe, então, que sua terra natal tinha sido destruída para sempre, e que o Escudo também havia sido destruído. O anel estava ocupado, e agora é mais uma propriedade do Império. O que antes havia ali, jamais existiria seria novamente.

Alistair pisca e se vê em pé diante do castelo de sua mãe, de costas para ele, diante de uma grande passarela, que se contorce e vira por milhas até chegar ao continente abaixo. É um caminho longo e tortuoso, onde ela vê uma única figura caminhando. Ele chega mais perto, e ela percebe que é seu irmão, Thorgrin, que tinha ido até ali para ver sua mãe.

Thor olha para Alistair, e ela fica aliviada ao ver seu irmão, a última pessoa viva em um mundo de desolação. Ela sente que em poucos instantes ela encontraria sua mãe, os três juntos pela primeira vez.

Thor chega mais perto e sorri enquanto estende a mão para ela. Alistair também estende a mão para ele.

De repente, a passarela embaixo deles começa a desmoronar e Thor cai, despencando pelo ar até as rochas e oceano abaixo.

Alistair olha para baixo e assiste impotente enquanto seu coração se parte; sem pensar, ela mergulha para baixo, sobre o penhasco, para salvá-lo.

"Thorgrin!" Ela grita.

Alistair aterrissa não no oceano, mas sim em uma paisagem totalmente nova, sobre um planalto, olhando milhares de pessoas das Ilhas do Sul. Ela se vira e vê Erec em pé ao seu lado, segurando sua mão, ambos vestidos com seus trajes de casamento, feitos de seda luxuosa.

Mas algo está errado com Erec - quando ele sorri, sangue escorre para fora de sua boca. Ele então parece desmaiar, caindo de cara para fora da borda do penhasco, com os braços estendidos para o lado e deixando uma trilha de sangue, ao mesmo tempo em que seu povo estende os braços para pegá-lo. Alistair ergue as mãos, cobertas de sangue, e se vê ali em pé, sozinha enquanto seu noivo mergulha, morto, para as massas abaixo deles.

"Erec!" Ela grita.

Alistair acorda gritando e respirando com dificuldade, e olha ao seu redor no quarto iluminado pela luz da madrugada. Ela enxuga o suor da testa e salta para fora da cama, procurando sangue nas mãos.

Mas não há nada.

Alistair, confusa, tentou recuperar o fôlego enquanto anda pelo quarto, esfregando o rosto e tentando entender onde ela está. Ela precisa de alguns momentos para perceber que tudo tinha sido um sonho. Ela está segura. Erec está seguro. Está tudo bem com Thorgrin. Ela não está no ringue, mas sim em casa, em segurança nas Ilhas do Sul.

Alistair respira fundo, aquele tinha sido o pior sonho que ela já havia sonhado. Ela tem a sensação de que aquilo tinha sido mais do que um sonho, como se aquilo fosse na verdade uma mensagem; como uma versão distorcida do futuro - que lhe parece muito sombrio.

Alistair tenta esquecer o sonho, caminhando em seu quarto. Qual poderia ser o significado daquilo? Ela tenta se assegurar que aquilo tinha sido apenas um episódio de pânico noturno, mas no fundo, em seu íntimo, ela não pode deixar de sentir que tinha sido algo mais. Sua terra natal tinha realmente sido destruída? Seu irmão estava prestes a morrer?

Seu noivo?

Certamente, tanta desgraça não poderia acontecer com ela de uma só vez; certamente, tudo aquilo não significava nada.

Alistair atravessa o quarto e joga água fria no rosto várias vezes. Ela vai até a janela aberta, deixando entrar a brisa suave do oceano, e examina as Ilhas do Sul à luz da madrugada. Aqueça ainda é a mais bela paisagem que ela já tinha visto, o cheiro de flores de laranjeira ajudam a despertá-la e o ar

úmido a acalma. Aquele é certamente o ar mais puro que ela já tinha respirado.

Alistair olha para a paisagem perfeita, vê todas as pessoas já se preparando para o grande casamento daquele dia, e tem certeza de que em um lugar como aquele, certamente nenhum mal poderia acontecer a eles.

Alistair suspira, balança a cabeça, e censura seus pensamentos. São apenas devaneios noturnos, ela diz para si mesma. Apenas devaneios noturnos.

\*

O primeiro sol da manhã brilha no céu, e Alistair está sentada em sua câmara nupcial, cercada por uma dúzia de atendentes que riem sem parar, todos exultantes enquanto a ajudam a se preparar. Assim que um deles termina de fazer o último ajuste no vestido, Alistair se adianta quando os outros trazem um enorme espelho. Ela fica ali, com o coração batendo acelerado pela emoção, e vê seu reflexo.

Alistair fica sem fôlego; ela nunca tinha ficado tão deslumbrante. Ela está usando o vestido mais bonito que já tinha visto, todo branco e feito de rendas que a cobrem do pescoço aos pés, e um véu que combina com suas longas luvas brancas. Ela nunca tinha se considerado bonita, apesar de como os homens em sua vida costumavam reagiam a ela, mas agora, olhando para si mesma assim, ela sente que não é tão feia como pensava.

"É o vestido que eu usei no meu casamento," diz a mãe de Erec, sorrindo ao chegar ao seu lado e colocando a mão suavemente em seu ombro. "Em você ele fica ainda mais bonito. É assim que ele foi concebido para ser usado."

A mãe de Erec a abraça, e Alistair nunca se sentiu tão feliz. Ela mal pode esperar para a cerimônia.

A mãe de Erec a leva até a porta e a abre, apontando para uma passagem de cobre.

"O caminho leva você até os aposentos de seu noivo," ela faz. "Vá até ele. Ele espera por você. Ele deve levá-la para a cerimônia."

Alistair olha para ela, emocionada.

"Eu não sei como lhe agradecer," ela fala, mais grata do que seria capaz de expressar.

A mãe de Erec volta a abraçá-la.

"Eu terei sorte em ter uma filha como você."

Alistair se volta para a passarela de cobre sozinha, abrindo seu caminho na curta caminhada em direção a uma linda e pequena casa de mármore, arejada e cercada de colunas por todos os lados, onde ela sabe que Erec a aguarda.

Quando ela chega na entrada, ela olha para dentro e vê Erec mais imponente do que ela jamais o tinha visto, vestindo uma cota de malha coberta por um manto de seda branca e com uma coroa de ouro na cabeça. Ele parece nervoso, claramente à espera dela, e ela tem certeza que ele está ansioso, considerando quanto tempo ela havia precisado para ficar pronta.

Ela pensa em correr para ele, mas então decide surpreendê-lo; ela gostaria de ver o olhar em seu rosto quando ela entrasse pela porta.

"Meu senhor!" Ela grita em tom de brincadeira, se escondendo atrás de uma coluna. "Feche os olhos e conte até cinco! Eu quero fazer uma surpresa!"

Ele ri.

"Para você, qualquer coisa," ele responde. "Eu mal posso esperar para vê-la!"

Ela pode ouvir a emoção em sua voz, como um garotinho.

"Lentamente, meu amor!" Ela grita de volta.

"Um," ele começa, lentamente. "Dois, três..."

Alistair faz um ajuste final em seu véu e, em seguida, começa a entrar na sala.

"Quatro!" Ele grita.

Ela entra e olha para ele, de olhos fechados e sorrindo - e de repente, o sorriso dela se desfaz. Ela vê algo que ela não consegue entender. É como algo saído de um pesadelo: correndo para o quarto, vindo do lado de trás do quarto ao ar livre, há uma única figura, correndo a toda velocidade com uma espada na mão. Um assassino.

Ele corre diretamente para Erec, que continua de costas, sorrindo de olhos fechados, desavisado enquanto a espera.

Tudo está acontecendo tão rápido, e Alistair está tão chocada, tão despreparada para aquela visão, que ela mal consegue pronunciar as palavras para avisá-lo. Elas ficam presas em sua garganta, que de repente fica seca.

"Erec!" Ela finalmente consegue gritar, em pânico, ao mesmo tempo em que o homem o alcança.

Erec de repente abre os olhos e olha para ela com uma expressão preocupada em seu rosto.

Mas então, é tarde demais. A figura - que Alistair agora reconhece ser Bowyer, o guerreiro Alzaca que Erec havia derrotado na disputa - já alcançou Erec. Ele ergue a espada atrás dele, e com um grito gutural, a abaixa para golpear Erec pelas costas.

Erec grita, e Alistair grita mais alto. Ele cai de joelhos, com sangue jorrando de sua boca ao mesmo tempo em que Bowyer deixa a espada nas costas de Erec e sai correndo mais rápido que ele havia entrado.

"Meu amor!" Erec grita, esticando a mão para Alistair enquanto cai.

"NÃO!" Alistair grita, perdendo todo o senso de si mesma, como se ela estivesse assistindo o pesadelo de outra pessoa se desdobrando à sua frente.

Alistair corre para o lado de Erec e cai ao lado dele, embalando-o enquanto seu sangue escorre por todo seu vestido.

"Alistair, meu amor," ele fala com voz fraca.

Ela sente Erec morrendo seus braços, sente a sua vida se esvaindo enquanto ela chora, gritos angustiantes que enchem a sala e além, erguendo-se para o céu. Ela sabe que é tarde demais, e sente que tinha sido tudo culpa dela, ela o tinha distraído com seu jogo estúpido. Erec certamente teria visto o homem se aproximar se não tivesse fechado os olhos e esperado por ela. Ela tinha inadvertidamente ajudado a matar o homem por quem ela seria capaz de morrer. O homem que ela ama acima de todas as coisas no mundo em breve morreria.

Seu dia do casamento havia chegado - e o amor de sua vida estava morto.



## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Gwendolyn está nas muralhas superiores do forte de Tirus olhando para o horizonte, como fazia há horas, olhando para o mar. Sua expressão é sombria enquanto ela segura Guwayne em seus braços, com as palavras de Argon ecoando em sua mente. Será que tudo que Argon havia dito estava certo? Ou aquelas teriam sido apenas as palavras de um moribundo - um homem delirante?

Gwen gostaria de acreditar na segunda opção, mas não pode deixar de temer que suas palavras tenham sido verdadeiras.

Quando ela olha para fora, enquanto ela observa e espera, um vento frio acariciando seu rosto, ela tem a sensação de que seu tempo ali na terra tinha chegado ao fim. Ela sente uma inevitabilidade para sua vida agora, como se ela tivesse chegado ao seu lugar de descanso final ali naquelas ilhas desoladas. Ela deseja, mais do que qualquer coisa, que Thorgrin estivesse ali, que ele voltasse e ficasse ao lado dela. Com ele ao seu lado, ela sente que poderia enfrentar qualquer coisa.

Mas de alguma forma ela sabe que ele não viria. Ela reza por sua segurança, orando para que, onde quer que ele estivesse, que ele ficasse bem - que ele se lembrasse dela, que se lembrasse de Guwayne.

Quando Gwen piscou, observando as nuvens, de repente, no horizonte mais distante, algo vem à tona. No início, a visão é muito fraca: é apenas um movimento, um movimento nas nuvens escuras. Então ela vê as asas, um par e depois mais outro. Um dragão entra em seu campo de visão. Em seguida, outro; e então, mais outro.

O coração de Gwen se sobressalta quando seus piores pesadelos se concretizam: uma série de dragões preenchem o horizonte distante, gritando com raiva e batendo as grandes asas. Aquela é a morte, ela sabe, chegando para todos eles.

"Soe os alarmes," diz Gwendolyn calmamente para Steffen, que está esperando pacientemente nas proximidades.

Steffen se vira e sai correndo, e acima e abaixo das muralhas sinos tocam, advertindo seu povo do perigo que se aproxima. Lá embaixo, gritos são ouvidos enquanto seu povo corre à procura de abrigo, correndo para dentro de cavernas e passagens subterrâneas, como Gwen os havia treinado - qualquer lugar onde fosse possível escapar do fogo dos dragões.

No fundo, Gwen sabe que aquele seria um esforço inútil. Nada poderia escapar de um dragão em fúria, e muito menos da ira de uma série de dragões. Ela sabe que aqueles que os dragões não matassem, os homens de Romulus riam matar.

Momentos depois, Gwendolyn vê o oceano se encher de preto. Há navios negros - navios do Império - até onde seus olhos podem ver. É uma quantidade inestimável de navios; ela nem sabia que tantos navios existiam no mundo. Ela se admira que todos eles estivessem prestes a atacar uma ilha tão pequena; que todos eles estivessem vindo atrás dela.

Gwen de repente ouve um grito acima dela, muito perto, e olhou para cima, perguntando-se o que poderia ser, e ao mesmo tempo preparando-se para o inevitável. Ela fica chocada ao ver Ralibar, que tinha aparecido de algum lugar na ilha, gritando, batendo suas grandes asas, e estendendo suas garras. Ela presume que ele estava voando para longe, longe da destruição que vinha na direção deles, e que ele procuraria salvar a si mesmo.

Mas para sua surpresa, Ralibar voa para a frente, voando sozinho para saudar o exército que se aproxima. Ele voa com toda a força, e não desacelera ao voar para enfrentá-los com coragem. O coração de Gwen se anima frente a coragem de Ralibar. Ele sabe que morreria ao enfrentá-los, e ainda assim ele não vacila diante da batalha. Aquele dragão, tão ousado, tão orgulhoso, estava voando para sacrificar sua vida, para morrer no campo de batalha em defesa de Gwendolyn e todo seu povo - matando tantos dragões quanto pudesse.

Gwendolyn segura Guwayne mais apertado, dando as costas para as muralhas, e desce correndo as escadas de pedra em espiral. A hora havia chegado.

\*

Gwendolyn caminha rapidamente e deliberadamente ao longo da costa rochosa à beira do oceano, segurando Guwayne, os dois sozinhos. Ao longe, ela pode ouvir os dragões gritando, e ela sabe que eles estão muito próximos; não lhe resta muito tempo agora.

Gwen ouve o som das ondas batendo suavemente na costa daquela baía suave na parte de trás da ilha, sua corrente tão forte quando a maré na direção do mar. Ela caminha até um pequeno barco, um barco que ela havia preparado justamente para aquela situação, com oito pés de comprimento,

com um mastro de igual altura e uma pequena vela. O barco é grande o suficiente para uma criança.

Uma única criança.

Gwen chora enquanto segura Guwayne apertado uma última vez, e então se inclina e o beija. Ela beija Guwayne o máximo que pode, até que ele começa a chorar.

Assim que Gwen começa a baixá-lo, ele agarra seu cabelo e puxa. Ela continua abaixando seu filho até colocá-lo em segurança em seu berço dentro do barco, embrulhado em cobertores e vestindo seu gorro de lã.

Gwendolyn soluça, ajoelhando-se ao seu lado, enquanto Guwayne continua a chorar.

Gwen olha para o oceano, observando o horizonte, e seu coração se parte em dois. Ela não pode suportar a ideia de enviar seu filho para o desconhecido. No entanto, ela sabe que seria egoísta da parte dela mantê-lo ali com ela. Ficar aqui significaria uma morte instantânea e cruel. Lá fora, ele provavelmente também morreria, mas pelo menos ele teria uma chance. É realmente uma chance em um milhão, flutuando para algum lugar distante, no mar aberto, mas quem sabe onde a maré e o destino poderiam levá-lo. Ela reza para que ele seja levado para um lugar seguro, para uma mãe e um pai que o amem. Talvez ele possa ser criado por outra pessoa, e se torne um grande guerreiro, vivendo a vida que ele estava destinado a viver. Talvez, apenas talvez, aquela criança teria uma chance, e poderia viver por eles. Ela gostaria, mais do que tudo, de poder fazer isso por ele; mas ela sabe que isso não seria possível.

"Eu te amo, meu filho," ela diz, sentindo cada palavra no fundo de seu coração, incapaz de conter as lágrimas.

E com essas palavras finais, ela se ajoelha, segura o barco e o empurra.

É um barco pequeno, e ele balança quando ela o empurra em águas calmas. A corrente lenta e suavemente o leva para o mar. Os gritos de Guwayne, em vez de se silenciarem, ficam mais e mais altos à medida que a corrente o leva, sozinho, para o meio do mar cinzento.

Gwendolyn observa o barco com seu filho se afastando, piscando seus olhos da cor do mar para tentar conter as lágrimas até que ela não consegue mais suportar a visão; ela então fecha os olhos e reza com toda a fé que possui:

*Por favor, Deus. Acompanhe meu filho.*





**AGORA DISPONÍVEL!**



[UMA TERRA DE FOGO](#)

(Livro nº. 12 da série O Anel do Feiticeiro)

Em UMA TERRA DE FOGO (LIVRO Nº. 12 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO), Gwendolyn e seu povo se encontram cercados nas Ilhas Superiores, sitiados pelos dragões de Romulus e seu exército de um milhão de homens. Tudo parece perdido, quando a salvação surge de uma fonte improvável.

Gwendolyn está determinada a encontrar seu bebê, perdido no mar, e a levar sua nação do exílio para um novo lar. Ela viaja através dos mares estrangeiros e exóticos, enfrentando perigos inimagináveis, rebelião e fome, enquanto navega em direção ao sonho de um porto seguro.

Thorgrin finalmente encontra sua mãe na Terra dos Druidas, e seu encontro vai mudar sua vida para sempre, tornando-o mais forte do que nunca. Com uma nova missão, ele embarca, determinado a resgatar Gwendolyn, a encontrar seu bebê e cumprir seu destino. Em uma batalha épica entre dragões e homens, Thor vai ser testado em todos os sentidos; enquanto ele luta contra monstros e dá a vida por seus irmãos, ele vai ainda mais fundo para se tornar o grande guerreiro que sempre esteve destinado a ser.

Nas Ilhas do Sul, Erec está morrendo, e Alistair, acusada de seu assassinato, deve fazer o que pode para salvar Erec e absolver-se da culpa. Uma guerra civil irrompe em uma luta pela conquista do

trono, e Alistair se vê presa no meio, com o seu destino - e o de Erec, pendurado na balança.

Romulus permanece firme na intenção de destruir Gwendolyn, Thorgrin, e o que ainda resta do Anel; mas o ciclo da lua está chegando ao fim, e seu poder será severamente testado.

Enquanto isso, na província do Norte do Império, um novo herói está para surgir: Darius, um guerreiro de 15 anos, está determinado a romper as correntes da escravidão e a se levantar entre seu povo. Mas o Capitólio do Norte é comandado por Volusia, uma jovem garota de 18 anos, famosa por sua beleza - e também por sua crueldade bárbara.

Será que Gwen e seu povo sobreviverão? Será que Guwayne vai ser encontrado? Romulus conseguirá esmagar o Anel? Erec irá sobreviver? Thorgrin conseguirá retornar a tempo?

Com sua sofisticada construção de mundo e caracterização, UMA TERRA DE FOGO é um conto épico de amigos e amantes, de rivais e pretendentes, de cavaleiros e dragões, de intrigas e maquinações políticas, do processo de se tornar adulto, de corações quebrados, de mentiras, ambição e traição. É um conto de honra e coragem, de sorte e destino e de magia. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca seremos capazes de esquecer, interessante para todas as idades e sexos.



### **UMA TERRA DE FOGO**

(Livro nº. 12 da série O Anel do Feiticeiro)







THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals









**Ouçá** a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!





Livros de Morgan Rice

**REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

**O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UM TORNEIO DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

**MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)







## Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 de DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência), [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro Nº 1 da série O Anel Do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Livro Nº 1 da série Reis e Feiticeiros) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!